

LÚDICO E MUSICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Prof.^a Fabiana Carbonera Malinverni de Melo



2011



Copyright © UNIASSELVI 2011

Elaboração:

Prof.^a Fabiana Carbonera Malinverni de Melo

Revisão, Diagramação e Produção:

Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI

Ficha catalográfica elaborada na fonte pela Biblioteca Dante Alighieri

UNIASSELVI – Indaial.

372.87

M528l

Melo, Fabiana Carbonera Malinverni.

Lúdico e musicalização na educação infantil / Fabiana Carbonera Malinverni. Indaial : Uniasselvi, 2011.

272 p. il.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7830-435-5

1. Educação musical.

I. Centro Universitário Leonardo da Vinci

APRESENTAÇÃO

Caro acadêmico, iniciaremos nossa jornada de estudos da disciplina “Lúdico e Musicalização na Educação Infantil”. Este Caderno de Estudos foi desenvolvido para auxiliá-lo na reflexão e construção do seu conhecimento sobre atividades lúdicas e musicais que podem ser desenvolvidas com as crianças no cotidiano das atividades escolares.

O principal objetivo dessa disciplina é refletir sobre a ação pedagógica e as contribuições das atividades lúdicas no desenvolvimento do pensamento crítico e criativo da criança, resgatando e ressignificando a musicalização como importante recurso educacional e agente socializador na Educação Infantil. Além disso, há intenção de mostrar alternativas de trabalho lúdico e musical aplicáveis no dia a dia da sala de aula.

O caderno está dividido em três unidades: na Unidade 1 você encontrará informações sobre a história do lúdico, com suas características sociais e educacionais; também terá a oportunidade de refletir sobre a evolução do jogo na criança e os recursos pedagógicos que as brincadeiras e os jogos podem proporcionar como aliados à aprendizagem. Estudará ainda a importância do papel do professor e a relação da afetividade com a ludicidade no desenvolvimento da criança.

Na Unidade 2 você poderá refletir sobre o papel lúdico da musicalização e como ele interage com a construção do conhecimento na Educação Infantil.

Na Unidade 3 você poderá refletir sobre as brincadeiras lúdicas de musicalização que podem ser desenvolvidas na sala de aula.

Tenha um ótimo estudo e uma excelente aprendizagem!

Prof.^a Fabiana Carbonera Malinverni de Melo



Você já me conhece das outras disciplinas? Não? É calouro? Enfim, tanto para você que está chegando agora à UNIASSELVI quanto para você que já é veterano, há novidades em nosso material.

Na Educação a Distância, o livro impresso, entregue a todos os acadêmicos desde 2005, é o material base da disciplina. A partir de 2017, nossos livros estão de visual novo, com um formato mais prático, que cabe na bolsa e facilita a leitura.

O conteúdo continua na íntegra, mas a estrutura interna foi aperfeiçoada com nova diagramação no texto, aproveitando ao máximo o espaço da página, o que também contribui para diminuir a extração de árvores para produção de folhas de papel, por exemplo.

Assim, a UNIASSELVI, preocupando-se com o impacto de nossas ações sobre o ambiente, apresenta também este livro no formato digital. Assim, você, acadêmico, tem a possibilidade de estudá-lo com versatilidade nas telas do celular, *tablet* ou computador.

Eu mesmo, UNI, ganhei um novo *layout*, você me verá frequentemente e surgirei para apresentar dicas de vídeos e outras fontes de conhecimento que complementam o assunto em questão.

Todos esses ajustes foram pensados a partir de relatos que recebemos nas pesquisas institucionais sobre os materiais impressos, para que você, nossa maior prioridade, possa continuar seus estudos com um material de qualidade.

Aproveito o momento para convidá-lo para um bate-papo sobre o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes – ENADE.

Bons estudos!



BATE SOBRE O PAPO ENADE!



Olá, acadêmico!

Você já ouviu falar sobre o **ENADE**?

Se ainda não ouviu falar nada sobre o ENADE, agora você receberá algumas informações sobre o tema.

Ouviu falar? Ótimo, este informativo reforçará o que você já sabe e poderá lhe trazer novidades.



Vamos lá!

Qual é o significado da expressão ENADE?

EXAME NACIONAL DE DESEMPENHO DOS ESTUDANTES

Em algum momento de sua vida acadêmica você precisará fazer a prova ENADE.



Que prova é essa?

É **obrigatória**, organizada pelo INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

Quem determina que esta prova é obrigatória... O **MEC – Ministério da Educação**.

O objetivo do MEC com esta prova é o de avaliar seu desempenho acadêmico assim como a qualidade do seu curso.



Fique atento! Quem não participa da prova fica impedido de se formar e não pode retirar o diploma de conclusão do curso até regularizar sua situação junto ao MEC.

Não se preocupe porque a partir de hoje nós estaremos auxiliando você nesta caminhada.

Você receberá outros informativos como este, complementando as orientações e esclarecendo suas dúvidas.



Você tem uma trilha de aprendizagem do ENADE, receberá e-mails, SMS, seu tutor e os profissionais do polo também estarão orientados.

Participará de webconferências entre outras tantas atividades para que esteja preparado para #mandar bem na prova ENADE.

Nós aqui no NEAD e também a equipe no polo estamos com você para vencermos este desafio.

Conte sempre com a gente, para juntos mandarmos bem no ENADE!



SUMÁRIO

UNIDADE 1 – LÚDICO E EDUCAÇÃO INFANTIL	1
TÓPICO 1 – APRENDER BRINCANDO: A HISTÓRIA DO LÚDICO	3
1 INTRODUÇÃO.....	3
2 A HISTÓRIA DO LÚDICO E SUA INFLUÊNCIA NA APRENDIZAGEM	4
LEITURA COMPLEMENTAR.....	18
RESUMO DO TÓPICO 1.....	22
AUTOATIVIDADE	23
TÓPICO 2 – AS ATIVIDADES LÚDICAS NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA	25
1 INTRODUÇÃO.....	25
2 A EVOLUÇÃO DO JOGO NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA	26
2.1 JOGO DO EXERCÍCIO SENSORIO-MOTOR	27
2.2 JOGO SIMBÓLICO	31
2.3 JOGO DE REGRAS	36
3 O JOGO E A BRINCADEIRA COMO RECURSO PEDAGÓGICO	43
LEITURA COMPLEMENTAR.....	49
RESUMO DO TÓPICO 2.....	52
AUTOATIVIDADE	53
TÓPICO 3 – O PAPEL DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO DA LUDICIDADE	55
1 INTRODUÇÃO.....	55
2 O PAPEL DO PROFESSOR E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A APRENDIZAGEM	56
AUTOATIVIDADE	66
LEITURA COMPLEMENTAR.....	67
RESUMO DO TÓPICO 3.....	69
AUTOATIVIDADE	70
TÓPICO 4 – A LUDICIDADE E SUA RELAÇÃO COM A AFETIVIDADE	71
1 INTRODUÇÃO.....	71
2 LUDICIDADE E AFETIVIDADE: ALIADAS NO PROCESSO	
ENSINO-APRENDIZAGEM	72
LEITURA COMPLEMENTAR.....	83
RESUMO DO TÓPICO 4.....	87
AUTOATIVIDADE	88
UNIDADE 2 – O CANTAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	89
TÓPICO 1 – A MUSICALIZAÇÃO COMO FORMA LÚDICA DE APRENDIZAGEM	91
1 INTRODUÇÃO.....	91
2 MUSICALIZAÇÃO E LUDICIDADE.....	92
3 O QUE É MÚSICA?	101
4 AS MÚSICAS FAZEM PARTE DA NOSSA HISTÓRIA	109
5 O PROCESSO DE MUSICALIZAÇÃO	115

6 A VOZ COMO INSTRUMENTO MUSICAL NA PRÁTICA DA SALA DE AULA.....	123
LEITURA COMPLEMENTAR.....	126
RESUMO DO TÓPICO 1.....	129
AUTOATIVIDADE	130
TÓPICO 2 – A MUSICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	131
1 INTRODUÇÃO	131
2 MUSICALIZAÇÃO E PSICOMOTRICIDADE	131
3 FAZENDO MÚSICA	140
LEITURA COMPLEMENTAR.....	146
RESUMO DO TÓPICO 2.....	148
AUTOATIVIDADE	149
TÓPICO 3 – O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE MUSICALIZAÇÃO.....	151
1 INTRODUÇÃO	151
2 O PAPEL DO PROFESSOR.....	152
RESUMO DO TÓPICO 3.....	160
AUTOATIVIDADE	161
TÓPICO 4 – INTELIGÊNCIA MUSICAL	163
1 INTRODUÇÃO	163
2 O QUE É INTELIGÊNCIA MUSICAL.....	164
3 DESENVOLVENDO A INTELIGÊNCIA MUSICAL	168
LEITURA COMPLEMENTAR.....	174
RESUMO DO TÓPICO 4.....	175
AUTOATIVIDADE	176
UNIDADE 3 – A MUSICALIZAÇÃO E O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	177
TÓPICO 1 – QUE ESPAÇO É ESSE?	179
1 INTRODUÇÃO	179
2 BRINQUEDOTECA.....	179
3 OFICINAS LUDOPEDAGÓGICAS E ESPAÇOS LÚDICOS	185
LEITURA COMPLEMENTAR.....	198
RESUMO DO TÓPICO 1.....	200
AUTOATIVIDADE	201
TÓPICO 2 – QUEM CANTA SEUS MALES ESPANTA!.....	203
1 INTRODUÇÃO	203
2 CANTIGAS	203
2.1 CANTIGAS DE RODA.....	204
2.2 CANTIGAS DE NINAR.....	227
3 PARLENDAS E TRAVA-LÍNGUAS	233
3.1 PARLENDAS.....	234
3.2 TRAVA-LÍNGUAS	236
LEITURA COMPLEMENTAR.....	238
RESUMO DO TÓPICO 2.....	243
AUTOATIVIDADE	244

TÓPICO 3 – BRINCADEIRAS ANTIGAS.....	245
1 INTRODUÇÃO.....	245
2 DIVERSÃO DE ANTIGAMENTE QUE AINDA HOJE ENCANTA	246
LEITURA COMPLEMENTAR.....	262
RESUMO DO TÓPICO 3.....	264
AUTOATIVIDADE	265
REFERÊNCIAS	267

LÚDICO E EDUCAÇÃO INFANTIL

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir desta unidade, você será capaz de:

- conceituar atividades lúdicas e resgatar sua identidade histórico-social;
- conhecer a origem dos jogos, brinquedos e brincadeiras e sua influência no desenvolvimento infantil;
- perceber e refletir sobre a relação existente entre lúdico e afetividade;
- despertar o interesse sobre o trabalho lúdico educacional na Educação Infantil;
- analisar o papel da escola e do professor no desenvolvimento das relações lúdico-afetivas, auxiliando no processo cognitivo da educação;
- compreender e refletir sobre a importância da afetividade no trabalho do lúdico no contexto da Educação Infantil;
- conhecer os efeitos que as atividades lúdicas produzem no desenvolvimento da criança;
- perceber que ludicidade e afetividade são aliadas no processo ensino-aprendizagem na Educação Infantil.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em quatro tópicos. Ao final de cada um deles você encontrará atividades que o(a) ajudarão a fixar os conhecimentos adquiridos.

TÓPICO 1 – APRENDER BRINCANDO: A HISTÓRIA DO LÚDICO

TÓPICO 2 – ATIVIDADES LÚDICAS NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

TÓPICO 3 – O PAPEL DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO DA LUDICIDADE

TÓPICO 4 – A LUDICIDADE E SUA RELAÇÃO COM A AFETIVIDADE

APRENDER BRINCANDO: A HISTÓRIA DO LÚDICO

1 INTRODUÇÃO

Você sabe o que significa “lúdico”?

O lúdico tem sua origem na palavra latina *ludus*, que quer dizer “jogo”. Caso ficasse restrito ao seu significado puro e simples, o termo lúdico estaria se referindo apenas ao jogar, ao brincar, ao movimento espontâneo. Mas, de acordo com Almeida (2006), o lúdico passou a ser reconhecido como uma das formas utilizadas para o estudo do comportamento humano. Assim a definição deixou de ser um simples sinônimo de jogo, porque as implicações da necessidade lúdica extrapolaram as demarcações do brincar espontâneo.

A ludicidade é assunto que tem conquistado espaço no panorama nacional, principalmente na educação infantil, por ser o brinquedo uma essência da infância e seu uso permitir um trabalho pedagógico que possibilita a produção do conhecimento, da aprendizagem e do desenvolvimento.

Independentemente de época, cultura e classe social, os jogos e brinquedos fazem parte da vida da criança, pois elas vivem em um mundo de fantasia, de encantamento, de alegria, de sonhos onde a realidade e o faz de conta se confundem. A partir de agora mergulharemos na história do lúdico e suas implicações para o desenvolvimento infantil.

FIGURA 1 – PERALTICE NA GANGORRA – OBRA EM BRONZE DA ARTISTA PLÁSTICA SANDRA GUINLE (2003)



FONTE: Disponível em: <<http://www.sandraguinle.com.br/brincadeiras.php?sessao=Brincadeiras>>. Acesso em: 6 jan. 2011.

2 A HISTÓRIA DO LÚDICO E SUA INFLUÊNCIA NA APRENDIZAGEM

O lúdico faz parte das atividades essenciais da dinâmica humana, passando a ser necessidade básica da personalidade, do corpo e da mente. Podemos afirmar que a ludicidade está presente na vida do ser humano há milhares de anos, basta analisarmos um pouco a história da humanidade.

Kishimoto (1993, p. 7) afirma: “Cada tempo histórico possui uma hierarquia de valores que oferece uma organicidade a essa heterogeneidade. São esses valores que orientam a elaboração de um banco de imagens culturais que se refletem nas concepções de criança e seu brincar.”

FIGURA 2 – CRIANÇAS E SEUS BRINQUEDOS



FONTE: Disponível em: <[http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=article&op=viewFile&path\[\]=316&path\[\]=347](http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=article&op=viewFile&path[]=316&path[]=347)>. Acesso em: 6 jan. 2011.

Os homens primitivos, mesmo de maneira rude e peculiar, já demonstravam curiosidade e envolvimento com as atividades lúdicas ao iniciar uma forma de comunicação por desenhos, símbolos e formas representativas. Com certeza, não tinham ideia da influência e da importância dos traços e sinais deixados nas pedras, utilizados como uma forma de expressão lúdica de comunicação. Ao analisarmos essas marcas, percebemos que foi um primeiro passo para o aprimoramento, ordenação e para o início de um processo de significação da atividade escrita, que começou através de brincadeiras e mensagens deixadas em cavernas, tornando-se, posteriormente, uma forma convencional e universal de comunicação, por meio dos signos e símbolos linguísticos. Percebemos então que, dotado de um instinto lúdico natural, o ser humano criou mecanismos de linguagem para comunicar-se. Isso reforça a ideia de que a ludicidade é uma forma simples e natural de expressão pela qual todos os seres humanos, independentemente da época e do local onde vivem, são capazes de estabelecer e criar situações de aprendizagem por meio de brincadeiras e jogos.

Segundo Riedel (apud ALMEIDA, 2000, p. 78):

Ao longo da história, o prestígio dos jogos sofreu oscilações. Platão, por exemplo, os colocava em igualdade de importância com a instrução formal na transmissão de valores educativos e morais. Entre os gregos, os romanos e os maias, os jogos eram utilizados pelos mais velhos para transmitir às novas gerações: valores, conhecimentos e normas sociais. Com a ascensão do Cristianismo, as atividades lúdicas, como os jogos, caíram em descrédito e passaram a ser vistas como profanas, imorais e destituídas de qualquer significado.

Perceba que a palavra “jogo” foi utilizada aqui para caracterizar o significado histórico e social do lúdico, podemos perceber, portanto, a ligação estreita entre ambas.

No mundo todo, durante a Idade Média, o sentimento de infância não existia. As crianças, que sobreviviam ao alto índice de mortalidade infantil, à falta de recursos financeiros e aos problemas decorrentes da escassez de saneamento, passavam a fazer parte do cotidiano dos mais velhos e eram tratadas como “adultos em miniatura”, participando da vida coletiva, dos jogos e do trabalho, sem nenhum tipo de expressão social. Apesar de discriminadas e consideradas inadequadas, ou ainda sem importância, as atividades lúdicas infantis não deixaram de existir neste período. É bom salientar que antigamente a ludicidade não era inexistente, o que ocorria era uma desvalorização da ação lúdica infantil. Os adultos não conseguiam perceber e conceber que a criança aprendia e se desenvolvia cognitivamente e fisicamente com suas brincadeiras. O que ocorreu foi uma camuflagem, ou seja, como elas eram vistas pelos adultos: uma forma de desobediência e de travessuras infantis. Geralmente elas aconteciam longe do olhar dos adultos e na maioria dos casos eles nem ficavam sabendo, pois, se soubessem, as crianças eram castigadas.

FIGURA 3 – CRIANÇAS E SEUS BRINQUEDOS



FONTE: Disponível em: <<http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=article&op=view>>. Acesso em: 6 jan. 2011.

Você consegue imaginar como as crianças que viveram sua infância no período medieval, ou em outro período da evolução histórica, desenvolviam atividades lúdicas? Elas tinham espaço físico, social e emocional para desenvolver estas atividades? Que tipo de orientação as crianças recebiam?

Se partirmos do princípio que toda criança cria e vive momentos lúdicos, independentemente do local onde esteja e das condições físicas e econômicas de que disponha, podemos, sim, ter certeza de que no período medieval ou em qualquer outro período da sociedade humana a ludicidade sempre fez parte do desenvolvimento infantil. Ao contrário do que pensam muitas pessoas, o lúdico não é um tema desconhecido, muito menos novo. Atualmente percebe-se uma evidência maior sobre o assunto, devido a novas pesquisas e à busca de padrões educacionais mais condizentes com a realidade infantil.

Os primeiros sinais de valorização da atividade lúdica tiveram início no século XVI, sendo resgatados pelos humanistas, que perceberam o valor educativo das atividades lúdicas, mas ainda referenciados como uma forma de “bajulação” ou “paparicação”, isto é, uma maneira de agradar ou recompensar por boas atitudes e interesse pelos estudos.

FIGURA 4 – CIRANDA MÁGICA – OBRA EM BRONZE DA ARTISTA PLÁSTICA SANDRA GUINLE (2003)



FONTE: Disponível em: <<http://www.sandraguinle.com.br/brincadeiras.php?sessao=Brincadeiras>>. Acesso em: 6 jan. 2011.

A história da infância e seus reflexos na socialização e na aprendizagem das crianças revelam que sempre existiram jogos, brinquedos e brincadeiras como, por exemplo: bolas de gude, pernas de pau, subir em árvores, brincadeiras de pega-pega, empilhar pipas, empilhar objetos, jogar pedrinhas e gravetos na maior distância, pular corda, pular tábua, brincar de esconde-esconde, entre outras. Muitas dessas brincadeiras, brinquedos e jogos já foram utilizadas por nossos antepassados, que, por viverem num período onde os brinquedos eram caros, escassos e com poucos recursos tecnológicos, valorizavam todas as formas lúdicas de inventar e reinventar as brincadeiras. Qualquer objeto transformava-se num brinquedo: uma pequena árvore no quintal da casa poderia se transformar num castelo em pequena fração de segundos e a imaginação “corria solta”. As brincadeiras de faz de conta, assim como hoje, apresentavam temáticas da realidade e do cotidiano, retratando o sistema social e econômico existente da época.

FIGURA 5 – PULANDO FOGUINHO – DE SANDRA GUINLE (2003)



FONTE: Disponível em: <<http://www.sandraguinle.com.br/brincadeiras.php?sessao=Brincadeiras>>. Acesso em: 6 jan. 2011.

É importante ressaltar que, para um melhor entendimento do sentido do lúdico, é necessário ter claro que existe uma forte influência cultural de cada região, povoado etc., isto é, a compreensão do lúdico depende do modo de vida de cada agrupamento humano, diferente nos tempos do engenho, no período colonial, criança negra ou branca, criança rica ou pobre, criança de rua ou de palácio, cada uma em seu tempo e espaço. Daí a importância da valorização dos costumes, brincadeiras e o modo de vida das crianças independentemente das questões socioculturais. Para compreendermos melhor essa afirmação, vejamos a seguir um exemplo de como a cultura interfere diretamente nas atitudes e na forma lúdica da vida de um povo, através de uma breve análise da educação da criança indígena.

Nas sociedades indígenas, a maioria dos momentos lúdicos sempre fez parte do cotidiano das aldeias, nas atividades de pesca e caça realizadas com seus arcos e flechas, nos banhos de rio, nas aventuras em cima das árvores para apanhar frutos, nas lavouras e nos rituais, isto é, o lúdico no contexto indígena está intimamente relacionado ao aprendizado das práticas socioculturais de seu povo.

De acordo com Kishimoto (1993, p. 63-64):

O pai e o avô talham arco com flechas para crianças a partir de dois ou três anos. Com arsenal ainda inofensivo, a criança inicia seu treinamento, geralmente com galinhas e cachorros, suas vítimas. Mais tarde, as armas ficam mais aperfeiçoadas e aparecem novos instrumentos apontados para passarinhos e borboletas. Já aos dez anos, elas acompanham seus pais à caça e pesca e trazem orgulhosas seus troféus para casa, contando peripécias.

FIGURA 6 – LUDICIDADE EM SOCIEDADE INDÍGENA



FONTE: Disponível em: <<http://portal.mj.gov.br/data/Pages>>. Acesso em: 15 dez. 2010.

Baldus (1979), um dos grandes estudiosos da cultura indígena, reforça, em suas pesquisas, a intrínseca relação que ocorre na natureza para se divertir e ao mesmo tempo aprender, quando se trata de comunidades indígenas

tradicionais. “Com isso, o mundo da criança está ligado com o mundo do adulto, apenas separado pelo viés da diversão, isto é, o lúdico influencia no aprendizado das regras sociais, que acontece de maneira não forçada e sim num contexto de naturalidade e simplicidade”. (BALDUS, 1979, p. 5).

Segundo Kishimoto (1993, p. 64):

As meninas, desde muito pequenas, auxiliam suas mães. Acordam muito cedo, antes da saída do sol, e acompanham suas mães ao trabalho, à plantação, frequentemente muito distante, para trazer legumes. Já desde o quarto ou quinto ano elas tornam-se verdadeiras auxiliares em todos os serviços domésticos, como ralar mandioca, preparar a farinha, cozer as tortas de mandioca etc.

FIGURA 7 – CRIANÇAS INDÍGENAS



FONTE: Disponível em: <<http://amazoniaexposta.blogspot.com/2010/08/prova-semelhante-ao-nem-para-os-indios.html>>. Acesso em: 15 dez. 2010.

A forma de criação das meninas indígenas, que distingue bem os afazeres femininos dos masculinos, demonstra como os costumes de um povo interferem diretamente na sua maneira de ser, agir, pensar e ver o mundo em sua volta. Já os meninos precisam demonstrar bravura, força e determinação como demonstração de poder e liderança.

As atividades corriqueiras das aldeias demonstram uma tendência em misturar suas vidas à dos animais. Veja o que diz Kishimoto (1993, p. 61-62):

Um forte elemento folclórico de origem indígena são as danças totêmicas nas quais dançarinos imitam animais demoníacos em rituais mágicos. Os animais, presentes na cultura indígena, misturam-se em seus contos, em seus rituais e perduram na memória social infantil [...]. Seus diabos têm cabeça de bicho e são assim representados nas máscaras de dança. Suas cantorias imitam vozes de animais. Suas danças imitam o movimento dos animais, suas cuias e potes têm as mesmas formas e seus jogos representam os movimentos e características dos animais.

Vejamos algumas atividades lúdicas apreciadas pelas comunidades indígenas, segundo Grünberg (apud KISHIMOTO, 1993, p. 68-69):

- JOGO DE GAVIÃO – consiste em colocar meninos e meninas em fila grande, um atrás do outro, cada um agarrando o corpo do da frente. O menino maior representa o gavião. Este se coloca diante da fila e grita: “piu”, a chamada da ave de rapina que quer dizer: “tenho fome”. Logo, o primeiro dos meninos estende diante uma perna e, depois, a outra, e pergunta: “Quer isto?” Ele contesta: “Não”. E assim segue com os outros, até o fim da fila. Ao último menino da fila o gavião diz: “Sim”, e, então, trata de pegar o menino correndo para a direita e esquerda, ao longo da fila. Os demais procuram impedir, voltando à fila rapidamente de um lado a outro, momento em que os menores acabam caindo ao chão no meio do alvoroço. Se o gavião não consegue nada, tem que voltar ao seu posto para tentar de novo. Quando consegue, leva triunfantemente o cativo para o lugar que é seu ninho, e prossegue o jogo até que o último tenha sido pego.

- JOGO DO PEIXE PACU – a princípio é como o anterior. Um menino representa o pescador. Os que tomam parte da cadeia, ao serpentear a fila, cantam *waitá ma-ge lé ta-pe-wai* (“este é um pacu”). O pescador trata de correr ao longo da fila e tocar o último menino com um pedaço de cana ou de madeira, que representa a flecha.

- JOGO DO CASAMENTO – muito alegre e divertido. Frente a uma fila de meninas se encontra uma fila de meninos. A primeira menina pergunta ao primeiro menino, indicando sua vizinha: “queres casar com esta?” Ela responde: “Não, ela é feia”. Assim passa por toda fila de meninas até chegar à última. Frente a este menino responde: “Sim”, e muda de lugar com ela. Depois se repete a cena. Há muitas cenas engraçadas e risadas.

A prática de jogos lúdicos entre os índios brasileiros ainda é uma atividade viva e exerce um importante papel na socialização dos membros das tribos. Mas é importante ressaltar que a inserção de objetos industrializados nas aldeias e o contato com as outras comunidades têm colocado em risco esse rico acervo lúdico existente no universo da criança indígena, à medida que as novas tecnologias presentes nos brinquedos começam a ocupar o espaço da natureza.

FIGURA 8 – JOGO LÚDICO ENTRE ÍNDIOS



FONTE: Disponível em: <<http://www.ecodesenvolvimento.org.br/noticias/amazonas-realiza-primeiro-vestibular-para>>. Acesso em: 15 dez. 2010.

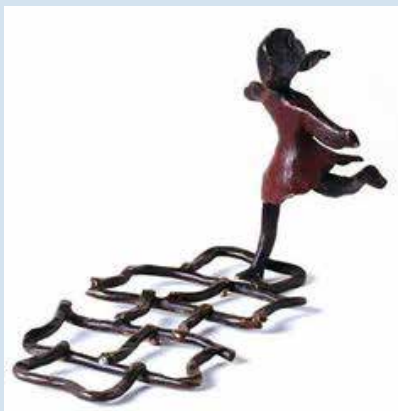
É possível perceber que, no Brasil, a origem dos jogos, brinquedos e brincadeiras teve várias influências, sendo a indígena apenas uma delas, afinal, vivemos num país com uma grande e variada riqueza cultural, ampliada pela miscigenação de povos, culturas e raças.

Outra influência a destacar é a portuguesa, até mesmo pelo fato de ser uma das responsáveis pela colonização do Brasil e da qual, de fato, herdamos inúmeras atividades lúdicas como as parlendas, adivinhas, versos, contos e jogos populares do folclore português, passados de geração em geração por meio da oralidade.

De acordo com Cascudo (apud KISHIMOTO, 1993, p. 21), a tradição portuguesa trazida pelos primeiros colonizadores refere-se a: “Lobisomem [...] as andanças de Malazarte Fura-Vida, todo acervo de estórias de bruxas, fadas, assombrações, gigantes, príncipes, castelos, tesouro enterrado, sonho de aviso, oração forte, medo de escuro, entre outras”.

Kishimoto (2002, p. 28) diz que os jogos são criados e recriados pelo homem. “A criança é um ser em pleno processo de apropriação da cultura, precisando participar dos jogos de uma forma espontânea e criativa”. Sendo assim, ela desenvolve a curiosidade, a criticidade, a confiança e a participação na resolução de problemas relacionados ao conhecimento necessário para a apropriação do mundo da cultura.

Podemos exemplificar a afirmação de Kishimoto, apontando alguns jogos e brincadeiras que há muitas gerações fazem parte do universo da criança e que ainda estão presentes no cotidiano infantil. Observe que as imagens que ilustram as atividades são esculturas em bronze e a descrição das brincadeiras é o resultado de pesquisas realizadas pela artista plástica Sandra Guinle.



AMARELINHA

Número de participantes: 2 a 10

Faixa etária: até 10 anos

Material: instrumento para riscar o chão (giz, lápis de cera, pedaço de pau se for chão de areia), uma pedra ou similar para arremessar

Espaço físico: externo ou interno

Tempo de duração: aproximadamente 20 minutos

Curiosidades:

A amarelinha foi uma das brincadeiras introduzidas pelos portugueses junto com seus contos, lendas, histórias e festas. A amarelinha é um jogo muito

antigo e presente em quase todas as regiões do Brasil. Em Minas Gerais é conhecida como maré, no Rio Grande do Norte como avião. Na Bahia dizem pular macaco. Em Portugal: jogo da macaca. Na França é *marelle*, de onde provém a nossa amarelinha ou maré. A amarelinha tem relações com mitos sobre labirintos que compõem os caminhos dos espíritos para o céu, após a morte. Originalmente seria uma maneira de a criança se relacionar ludicamente com o sobrenatural. Há vários modelos de desenho, e estes devem ser desenhados em proporção ao tamanho dos participantes

Descrição:

Forma-se uma fila para pular na ordem e joga-se uma pedra no quadrado 1 e pula-se para o quadrado 2, continuando até o quadrado 10. Vira-se e volta-se e recolhe-se a pedra sem pisar no quadrado 1, pula-se por cima deste e continua-se na sequência, atirando a pedra no quadrado 2. Pisa-se em cada quadrado com um pé. Naqueles números que estiverem num quadrado isolado, a criança deverá se equilibrar num só pé; naqueles em que o quadrado estiver em dupla, a criança deverá apoiar-se com um pé em cada quadrado. Ganha quem conseguir fazer toda a sequência de pulos até atirar a pedra no número 10. O jogador perde a vez quando: atira a pedra fora do quadrado correspondente; pisa em alguma risca; perde o equilíbrio ou pisa no quadrado onde está a pedra. Quando chega novamente sua vez, recomeça do número onde errou. O jogo acaba quando tiverem completado a sequência de saltos, havendo segundo colocado, terceiro colocado, e assim por diante.

Varição 1: Com céu e inferno

Quando o desenho tem inferno, joga-se a pedra posicionando-se do lado do mesmo e quem pisar nele perde a vez. Quando o desenho tem céu, pula-se nele da forma que se quiser, quando se chega ao número 10.

Varição 2: Com equilíbrio de pedra

Finda a sequência de pulos simples, pode-se continuar com: pedra no braço, na perna, na cabeça, no pé, no ombro, no dorso da mão e finalmente sem pedra, mas com os olhos fechados. No caso da pedra na perna, deve-se pular num pé só em todos os quadrados, já que fica se segurando a pedra na parte posterior do joelho, com uma perna dobrada. Nos outros casos não se pula: anda-se. No caso da pedra no pé, vai-se empurrando a pedra com o pé direito, tendo-se, nesse caso, permissão para passar por cima das riscas.

A IMAGEM QUE ILUSTRA A BRINCADEIRA AMARELINHA É UMA ESCULTURA DE BRONZE DA ARTISTA PLÁSTICA SANDRA GUINLE, INTITULADA: AMARELINHA – 2006



BALANÇO DE CORDA

Número de participantes: 2 a 10

Faixa etária: até 10 anos

Espaço físico: proporcional ao comprimento da corda

Tempo de duração: proporcional ao número de crianças

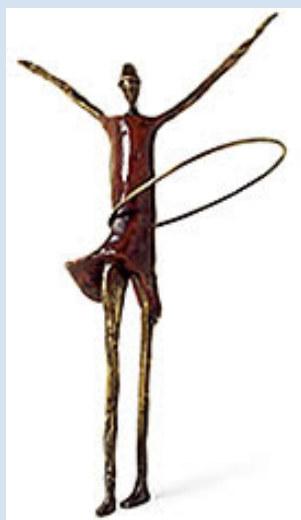
Curiosidades:

É difícil determinar a origem deste saudável divertimento, contudo o encontramos em quase todas as praças, *playgrounds* e locais para crianças brincarem. É uma atividade extremamente lúdica podendo ser realizada individualmente ou compartilhada com outras crianças que estejam em outros balanços. As crianças muitas vezes competem para ver quem consegue balançar mais alto. Outras vezes simplesmente se deixam embalar pelo prazer do movimento e cantam diversas músicas para se distraírem.

Descrição:

Amarram-se os dois extremos da corda num galho grosso da árvore. As crianças sentam-se na corda e balançam-se. Pode-se colocar uma tábua ou pneu, para que as crianças fiquem mais confortáveis.

A IMAGEM QUE ILUSTRA A BRINCADEIRA BALANÇO DE CORDA É UMA ESCULTURA DE BRONZE DA ARTISTA PLÁSTICA SANDRA GUINLE, INTITULADA: BALANÇO – 2003



BAMBOLÊ

Número de participantes: indeterminado

Faixa etária: a partir de 3 anos

Tempo de duração: proporcional ao número de crianças

Espaço físico: pequeno ou médio

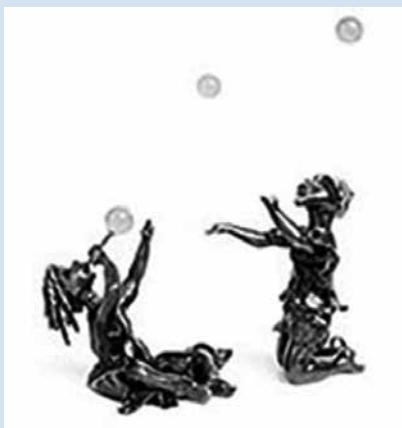
Curiosidades:

Muitas brincadeiras foram criadas em centros urbanos muito antigos e foram difundidas aos poucos para outras regiões, países e continentes através da história. Um exemplo é o bambolê, um brinquedo usado desde o Egito Antigo. Feito originalmente de madeira ou vime, nos anos 50 foi um dos primeiros brinquedos do mundo a ser confeccionado em plástico, um material totalmente inovador dentro da indústria dos brinquedos e que por isso se transformou num fenômeno de massa sendo vendidos aos milhões em todo mundo. Algumas brincadeiras mesmo ganhando roupagens novas, embalagens industriais, entrando, às vezes, para o universo da televisão não abandonam o imaginário coletivo do homem.

Descrição:

O grande desafio desta brincadeira é fazer com que o bambolê gire em volta de partes do corpo sem desequilibrá-lo, o que acarretaria a sua queda ao chão. A brincadeira consiste justamente em propor o desafio de quanto tempo cada um consegue equilibrar o bambolê. Você pode balançá-lo pelo pescoço, pela cintura, pulso, braço, tornozelo etc.

A IMAGEM QUE ILUSTRA A BRINCADEIRA BAMBOLÊ É UMA ESCULTURA DE BRONZE DA ARTISTA PLÁSTICA SANDRA GUINLE, INTITULADA: BAMBOLEANDO – 2005



BOLINHA DE SABÃO

Número de participantes: individual ou coletivo

Faixa etária: todas

Material: um copo, canudo, sabão e arame.

Espaço físico: médio, de preferência ao ar livre

Tempo de duração: indeterminado

Curiosidades:

É muito difícil precisar a origem desta brincadeira simples e extremamente lúdica e poética. Sabemos que em quase todas as regiões no Brasil é comum encontrarmos crianças se divertindo com a efemeridade das bolinhas de sabão se dissolvendo no ar.

Descrição:

Coloca-se água em um copo ou em outro recipiente e acrescenta-se o sabão (barra ou pó), bate-se bem até formar bastante espuma. Caso esteja utilizando um canudo (são ótimos canudos de mamão, de abóbora, de bambu ou papel), pode-se soprar o canudo para aumentar a espuma. É possível inventar várias formas de bolhas utilizando armações de arame revestidas de barbante em formatos diferentes que podem ser mergulhadas numa bacia grande com sabão. Assim cria-se uma infinidade de possibilidades na realização desta brincadeira.

A IMAGEM QUE ILUSTRA A BRINCADEIRA BOLINHA DE SABÃO É UMA ESCULTURA DE BRONZE DA ARTISTA PLÁSTICA SANDRA GUINLE, INTITULADA: BOLINHAS DE SABÃO – 2003



BALÃO

Número de participantes: indeterminado

Faixa etária: todas

Material: balões de látex e gás hélio (opcional)

Espaço físico: exterior, amplo

Tempo de duração: indeterminado

Curiosidades:

Além de serem extremamente belos e decorativos os balões fascinam as crianças porque desafiam a lei da gravidade; instintivamente a criança se encanta com a quebra de uma qualidade inerente a quase todos os objetos que é sua queda natural ao solo. Os balões flutuam no ar e estão sempre propensos a alçar voo e fugir ao nosso controle. Ao mesmo tempo cada criança ao ganhar um balão apropria-se desse objeto como continuidade e extensão de seu corpo. Os balões representam a superação de nossos limites físicos e poeticamente levam nossos pedidos e mensagens, mais secretos, ao céu.

Descrição:

Não existem regras fixas para o uso de balões de gás. São objetos lúdicos utilizados em grande escala na decoração de aniversários e festas infantis e em festas, comemorações e solenidades públicas.

A IMAGEM QUE ILUSTRA A BRINCADEIRA É UMA ESCULTURA DE BRONZE DA ARTISTA PLÁSTICA SANDRA GUINLE, INTITULADA: BALÕES MÁGICOS – 2003

**PULAR CORDA**

Número de participantes: 1

Faixa etária: a partir de 6 anos

Material: 1 corda de 1,20 m

Tempo de duração: indeterminado

Curiosidades:

Esta brincadeira assim como a brincadeira de corda em grupo pode ser acompanhada de vários versinhos e desafios dependendo da região em que é praticada. Quando se brinca de corda, trabalhamos a coordenação dos movimentos amplos, o equilíbrio, o ritmo e a memória.

Descrição:

A criança segura as duas pontas da corda, uma em cada mão. Pode-se “pular para frente”, girando a corda de trás pra frente ou, ao contrário, de frente para trás “pular para trás”. Pular corda é uma brincadeira de autossuperação, a cada vez tenta-se aprimorar a habilidade de pular mais alto, pular rápido ou pular mais tempo.

A IMAGEM QUE ILUSTRA A BRINCADEIRA PULAR CORDA É UMA ESCULTURA DE BRONZE DA ARTISTA PLÁSTICA SANDRA GUINLE, INTITULADA: PULANDO CORDA – 2003



CARRINHO DE ROLIMÃ

Número de participantes: indeterminado

Faixa etária: a partir de 9 anos

Material: 4 rolimãs, 1 tábua de 80 x 40 cm, 2 cabos de vassoura ou ripas grossas, pregos grandes e ferramentas (martelo e serrote)

Espaço físico: médio de preferência com ladeiras

Tempo de duração: indeterminado

Curiosidades:

Os carrinhos de rolimã provavelmente surgiram como uma das brincadeiras inventadas pela criatividade das crianças que habitam os centros urbanos. Nada mais é do que a junção de uma prancha com bolinhas de aço para desencadear o seu deslocamento e movimento. Até hoje encontramos crianças em cidades de todo o Brasil praticando esta modalidade de brincadeira, apreciada principalmente pelos meninos pelo seu conteúdo de desafio e competitividade. Geralmente na sua fabricação são usados materiais reciclados e madeiras de demolição.

Descrição:

A brincadeira consiste basicamente na construção de carrinhos que sejam mais velozes e deslizem com mais facilidade para que sejam feitas as apostas e corridas.

A IMAGEM QUE ILUSTRA A BRINCADEIRA CARRINHO DE ROLIMÃ É UMA ESCULTURA DE BRONZE DA ARTISTA PLÁSTICA SANDRA GUINLE, INTITULADA: CARRINHO DE ROLIMÃ – 2003

FONTE: GUINLE, S. Disponível em: <<http://www.sandraguinle.com.br/brincadeiras.php?sessao=Brincadeiras>>. Acesso em: 7 jan. 2010.

LEITURA COMPLEMENTAR**O BRINCAR ATRAVÉS DOS TEMPOS**

Lidiane Lurdes Friederichs

Quem é que nunca brincou e que não gosta de brincar, seja lá qual for a brincadeira ou o brinquedo? Quem não se lembra do seu brinquedo favorito, da sua brincadeira predileta? Desde a época de nossos avós, de nossos pais, e desde muito antes, as brincadeiras são transmitidas de geração em geração, onde as crianças ou praticam novamente as brincadeiras, ou criam um novo jeito de brincar, baseando-se no que ouviram, mas aperfeiçoando-as ao contexto atual, à sua forma de brincar.

Minha avó conta que gostava muito de brincar com as bonecas de pano e colocando caranguejos, no lugar dos cavalos, para puxarem carrocinhas feitas de madeira. Minha mãe adorava brincar com bichinhos e andar de bicicleta. Eu também aprendi a gostar de bichinhos, e tinha grande preferência pelas brincadeiras de casinha, com bonecas. Mas gostava também de muitas outras brincadeiras que aprendi com meus pais, como esconde-esconde, empinar pipa, andar de balanço, diversas cantigas de roda.

Também há as brincadeiras com soldadinhos de chumbo, pião, peteca, bilboquê, pular amarelinha, cabra-cega, bolinhas de gude, tiro ao alvo, carrinhos de rolimã, recitar parlendas, trava-línguas, entre tantas outras brincadeiras tradicionais que nos foram ensinadas pelos nossos pais, avós, irmãos mais velhos.

Ainda que muitas vezes uma brincadeira seja característica de um determinado povo, peculiar a uma determinada cultura, certas formas de brincar são reconhecidamente universais, como a boneca e o pião. Transmitidas de geração em geração, de país para país, recebem muitas vezes modificações que ora respeitam as características fundamentais, ora, por um processo de criatividade que é inerente ao ser humano, dão origem a outros brinquedos. A tradicionalidade e universalidade das brincadeiras ocorrem porque muitas, ainda hoje, ocorrem fundamentalmente da mesma maneira de quando foram criadas. Por exemplo, a amarelinha que é jogada, basicamente, seguindo o mesmo ritual de quando foi criada antigamente, na Grécia, sendo utilizada por diversos povos do mundo. (KISHIMOTO, 1993).

Os tipos de brincadeiras utilizados retratam a cultura de diversas sociedades e diferentes momentos históricos, demonstrando o tipo de relações sociais, a forma educacional, a importância que se dedica à infância e o papel das crianças em determinadas épocas. Vemos na década de 50 a criação de muitos brinquedos espaciais, como aviões, astronautas, foguetes, representando a época da chegada do homem à lua. Na década de 80, com a revolução tecnológica, temos a criação dos *video games*, do supergênio, das bonecas que falam, dos carrinhos de controle remoto etc.

As brincadeiras, além de diversão, proporcionam o desenvolvimento da criança, auxiliando na estruturação de pensamento, na construção do simbólico, estimulando a linguagem, a coordenação motora etc. Ao brincar, principalmente quando se utiliza o faz de conta, a criança expressa a compreensão da realidade vivenciada, reconstruindo o seu significado, flutuando entre o real e um mundo de fantasia, de imaginação, onde poderá interagir com seus medos, suas angústias. Freud (apud SANTOS e KOLLER, 2003) relata que as crianças simbolizam seus problemas por meio da brincadeira, resolvendo-os em um outro contexto, e trazem para um mesmo momento o presente, o passado e o futuro.

Autores como Brougère (1198), Uldwin e Shmukler (1981) e Vygotsky (1984) afirmam que ao brincar as crianças reproduzem aspectos de uma sociedade e do mundo adulto, como uma forma de compreender, por meio da simulação, a moral dominante do meio, na qual estão inseridas (apud SANTOS e KOLLER, 2003).

Acredita-se que o brincar existe desde o surgimento do homem, pois com qualquer objeto pode-se inventar uma brincadeira, pode-se criar um brinquedo, desde um simples cabo de madeira, que se pode fazer de cavalo, como uma folha, uma pedrinha de que se podem inventar diferentes brinquedos, dependendo da imaginação de cada um.

Há referências de que durante a Antiguidade, há mais de 2500 anos, a garotada se divertia com bigas de brinquedo (carros puxados por dois cavalos), que eram justamente os veículos que iriam usar quando crescessem. As bonecas são outro exemplo de brinquedo antigo, sendo que inicialmente eram de pano ou de barro, aperfeiçoando-se com o passar do tempo e surgimento da tecnologia, sendo que hoje se podem encontrar bonecas que falam. De certa forma, as bonecas surgiram para ensinar as meninas a cuidar dos bebês, o que era útil para quando se tornassem mães.

Referências ao pião são abundantes na literatura histórica e antropológica. Apesar de o pião ter chegado ao Brasil com os portugueses, sua origem remota está entre os gregos e romanos, sendo citado antes do ano de 579 a.C. por Pittacus. Calímaco, cinco séculos antes de Cristo, refere-se ao pião como brinquedo infantil popular na época. (KISHIMOTO, 1993). Philippe Ariès (1978) comenta que o arco aparece no fim da Idade Média. Este brinquedo não era monopólio das crianças ou apenas das crianças pequenas, os adolescentes também brincavam com ele. O arco permitia acrobacias, mantendo o movimento com uma varinha, saltando através deles. A partir do século XVII, nas cidades o arco parece ter sido deixado somente para as crianças.

A perna de pau foi utilizada pelos romanos para atravessar terrenos alagados, e tornou-se, a partir da Idade Média, um divertimento popular, incluído nas artes circenses. A pipa, introduzida no Maranhão pelos portugueses no século XVI, parece ter procedência oriental. Originárias de longínquos tempos, foram usadas primitivamente pelos adultos, com fins práticos, em estratégias militares e, com o passar dos séculos, transformou-se em brinquedo infantil.

(KISHIMOTO, 1993). No entanto vemos referências antigas à pipa em vários países do Extremo Oriente, como Japão, Índias Orientais, Nova Zelândia. Este fato revela a universalidade de determinados brinquedos. No Brasil a pipa possui diferentes nomes, como papagaio, pipa, pandorga, arraia, mas é feita da mesma forma e tem as mesmas condutas durante a brincadeira.

Em 1283, a obra do Rei de Castille Allphonse X foi o primeiro livro sobre jogos na literatura europeia de que se tem conhecimento. Ele faz referência a diversos jogos presentes até os tempos atuais, como o pião, a amarelinha, o jogo de saquinhos, o xadrez, tiro ao alvo, jogos de trilha, gamão etc. (KISHIMOTO, 1993).

Grunfeld (apud KISHIMOTO, 1993) refere-se à peteca como um jogo que se pratica na China, Japão e Coreia há mais de 2000 anos. Era usado antigamente para treinamento militar, pois se pensava que tal tipo de jogo melhorava as habilidades físicas dos soldados. Na Coreia os mercadores ambulantes jogavam as petecas para se aquecerem do frio. No entanto, alguns especialistas apontam a peteca como de origem estritamente brasileira, proveniente de tribos tupis.

Para sabermos qual a origem de certas brincadeiras brasileiras, precisamos observar a cultura dos povos que colonizaram estas terras. Estudos determinam a influência de três raças nos primeiros séculos de colonização, a vermelha, a branca e a negra, representadas pelos índios, europeus (principalmente portugueses) e africanos. (KISHIMOTO, 1993). Como houve grande heterogeneidade na formação do povo brasileiro, e a cultura das brincadeiras foi transmitida basicamente de forma oral, é difícil saber claramente qual foi a cultura lúdica que cada povo trouxe, transmitida às demais gerações.

No entanto, podemos considerar como legado cultural indígena o gosto por brinquedos representando figuras de animais, a domesticação destes, o uso do bodoque e do alçapão para pegar passarinhos, as brincadeiras de imitar animais como pássaros e cobras, nadar em rios, subir em árvores etc. Sabe-se que nos séculos XVI e XVII os meninos indígenas brincavam com arco, flechas, tacapes, propulsores, sendo que o seu divertimento era imitar gente grande, caçando pequenos animais, tentando pescar. Um dos primeiros brinquedos que a criança indígena recebia era um chocalho de casca de frutas ou unhas de veado que se amarava a uma boneca. Utilizam, também, a matraca, o pião, a peteca, os jogos do enigma, do casamento e do fio ou cama de gato, o rodar argolas com um pedaço de pau.

Entre os indígenas eram comuns brinquedos de barro cozido, representando a figura de animais e de pessoas, que as índias faziam para seus filhos. Essas estatuetas não eram simples brinquedos, mas elementos de religiosidade. A tradição indígena das bonecas de barro não se transfere à cultura brasileira, prevalecendo a boneca de pano, de origem talvez africana. Os africanos introduziram aqui as lendas do papão, as cabras-cabriolas, o boitatá, os negros velhos, o saci-pererê, entre outros. Muitas das canções, das histórias e lendas contadas pelas amas de leite e pelos

negros, velhos contadores de histórias, ainda são encontradas atualmente. O menino africano sofreu influência de Paris e Londres, pelo seu contato com o europeu. Lá, havia brinquedos universais, como a bola, armas de simular caçadas e pescarias, ossos imitando animais, danças de roda, domesticação de animais, corridas, lutas, saltos de altura e de distância, que trouxe para o Brasil, além das brincadeiras tradicionalmente africanas como o jogo de caça ao tesouro, pegador, cavalo de pau etc.

As relações de dominação, presentes na estrutura social escravocrata, também eram representadas pelas crianças, onde era comum nas casas-grandes colocar um ou mais moleques (filhos de escravos) à disposição dos meninos brancos como companheiros para as brincadeiras, no entanto estes desempenhavam a função de leva-pancada do sinhozinho. Temos a influência portuguesa principalmente através dos versos, adivinhas, parlendas, de personagens como a mula sem cabeça, o papão, mas também no jogo de bolinha de gude, de saquinhos e de botão, em brincadeiras de pique ou de pegar, na amarelinha, também no pião etc. Brincando, a criança aprimora seu desenvolvimento, exercita o faz de conta, recria situações do cotidiano, projeta suas emoções, expressa suas dificuldades, adquirindo elementos que contribuirão para a formação de sua personalidade.

É através das crianças que se perpetuam as brincadeiras tradicionais, sendo estas preservadas e recriadas a cada nova geração. Portanto, resgatar a tradição das brincadeiras é uma forma de ampliar o universo lúdico e cultural das crianças, além de promover uma interação com outras gerações. Assim como nossos pais e avós, com certeza temos uma história para contar sobre nossos brinquedos prediletos e uma brincadeira a ensinar.

FONTE: Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/tramse/tridi/2006/08/o-brn-car-atravs-dos-tempos.html>>. Acesso em: 15 dez. 2010.



RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico você aprendeu que:

- Independentemente da época e do local vivido, a ludicidade aparece no ser humano de forma natural e espontânea.
- Através das atividades lúdicas, como as brincadeiras e os jogos, as crianças sempre experimentam novos desafios que, transformados em conhecimento, fazem parte do seu cotidiano.
- A história da infância nos revela que sempre existiram jogos, brinquedos e brincadeiras, mesmo que involuntariamente.
- A origem dos jogos, brinquedos e brincadeiras no Brasil sofreu várias influências.
- Nas comunidades indígenas, a maioria dos momentos lúdicos faz parte do cotidiano das aldeias e segue viva até hoje.
- Os primeiros sentimentos de infância e valorização da atividade lúdica tiveram início a partir do século XVI, sendo resgatados pelos humanistas.



- 1 Procure lembrar-se das conversas que você teve com pessoas mais velhas, como seus avós, pais, conhecidos etc. Com certeza, em algumas dessas conversas, eles relataram como eram os momentos de lazer na sua infância, onde brincavam, o que faziam para divertir-se, as traquinagens que aprontavam e como os adultos da época percebiam estas aventuras infantis. Com base nisso responda:
 - a) O que mudou daquela época para hoje?
 - b) Quais os pontos positivos e negativos destas mudanças?
 - c) Analise a questão e as possíveis implicações socioculturais e históricas que marcaram as antigas gerações.
- 2 Depois de analisar o conteúdo da história do lúdico, escreva o que você entende por ludicidade e como você a percebe no dia a dia da criança.

AS ATIVIDADES LÚDICAS NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

1 INTRODUÇÃO

Os primeiros anos de vida dos seres humanos são marcados por descobertas, experiências e aprendizagens, que se dão, principalmente, por meio das interações com o meio e com o outro. Por isso, cuidar, orientar e educar são ações que se complementam para promover um crescimento saudável, e com esta visão a escola recebe um papel importantíssimo no desenvolvimento cognitivo e social infantil.

O desenvolvimento das crianças da Educação Infantil depende das oportunidades de aprendizagem oferecidas pela escola. É na brincadeira que ela expressa suas emoções, seus desejos, seus sentimentos e age de forma natural no espaço. Os jogos, brinquedos e as brincadeiras proporcionam uma variedade de experiências lúdicas fundamentais para o desenvolvimento cognitivo, motor, emocional e social das crianças.

A partir de agora, exploraremos a evolução do jogo no desenvolvimento da criança, percebendo que ele ocorre em cada fase do desenvolvimento infantil, e refletindo sobre o jogo e a brincadeira como recurso pedagógico. Vamos em frente!!!

FIGURA 9 – PINTANDO O SETE



FONTE: Disponível em: <<http://www.escolagatoadrez.com.br/galeria>>. Acesso em: 11 dez. 2010.

2 A EVOLUÇÃO DO JOGO NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

*A criança tem uma vida própria: sua vida.
Essa vida, ela tem o direito de vivê-la, e vivê-la feliz.
Claparède*

De acordo com Rizzi e Haydt (2001), o jogo pode ser considerado um impulso natural da criança, e neste sentido satisfaz uma necessidade interior, pois o ser humano apresenta tendência lúdica.

É importante salientar que sempre que empregarmos as palavras “jogo” e “brincadeira” elas devem ser entendidas como sinônimos, isto é, quando falamos de jogo ou brincadeiras queremos dizer “divertimento”. É importante salientar que elas têm caráter cultural, isto é, podem variar de uma região para outra de acordo com os costumes do povo, mas sempre serão encaradas como uma atividade prazerosa.

Na criança o jogo manifesta, inicialmente, atitudes egocêntricas e espontâneas, pois ela acredita que tudo acontece por causa dela, e se considera o centro das atenções: o mundo existe em função dela. Ou seja, não percebe a importância e a necessidade do outro, apenas ela existe e todo o restante, tudo que a cerca, é para satisfazê-la, imagina-se como o centro do universo.

FIGURA 10 – MANIPULAÇÃO DE DIFERENTES MATERIAIS



FONTE: Disponível em: <<http://www.revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/4-a-6anos>>.
Acesso em: 11 dez. 2010.

De acordo com Almeida (2000), os jogos tornam-se mais significativos à medida que a criança se desenvolve, pois, a partir da manipulação de vários e diferentes materiais que a rodeiam e que servem de estímulo, ela passa a reconstruir suas ações, reinventando as coisas, o que exige uma adaptação mais completa. Essa adaptação, que é realizada na infância, consiste numa síntese progressiva da assimilação com a acomodação, o que leva ao desenvolvimento intelectual.

De acordo com Rizzi e Haydt (2001), em estudo realizado por Jean Piaget sobre a evolução do jogo na criança, o estudioso percebeu e dividiu a estrutura do jogo infantil em três categorias que veremos a seguir: o jogo do exercício sensório-motor, o jogo simbólico e o jogo de regras.

2.1 JOGO DO EXERCÍCIO SENSÓRIO-MOTOR

Nos primeiros meses de vida, a criança já demonstra um impulso lúdico, o que foi chamado por Piaget do “jogo de exercício sensório-motor”, que consiste no surgimento do reflexo através da repetição de gestos e movimentos simples, e pelo prazer que sente em esticar e encolher as pernas, observar as mãos em movimento, chupar o dedo do pé, manipular e tocar em objetos pequenos, isto é, exercitar inúmeras vezes seus movimentos para aprimorá-los. São atividades que relacionam o som e o gesto. A criança pode fazer gestos para produzir sons e expressar-se corporalmente para representar o que ouve ou canta. Estes movimentos favorecem o desenvolvimento e o domínio da motricidade.

Segundo Almeida (2000, p. 42):

Nesta fase a criança desenvolve seus sentidos, seu movimentos, seus músculos, sua percepção e seu cérebro. Olhando, pegando, ouvindo, apalpando, mexendo em tudo que encontra a seu redor, ela se diverte e conquista novas realidades. Em sua origem sensório-motora, o jogo para ela é pura assimilação do real ao ‘eu’ e caracteriza as manifestações de seu desenvolvimento. O bebê brinca com o corpo, executa movimentos como estender e recolher braços, as pernas, os dedos, os músculos.

FIGURA 11 – EXERCÍCIO SENSÓRIO-MOTOR



FONTE: Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/4-a-6-anos/jogos-criancas-aprendem-ganhar-perder-faz-parte-vida-613001.shtml>>. Acesso em: 6 jan. 2011.

Nesta fase do desenvolvimento, o estímulo dos pais e dos professores da Educação Infantil é fundamental para a vivência de novas descobertas. É importante apresentar para a criança o máximo possível de experiências, para que ela possa aguçar todos os seus sentidos em diferentes atividades e oportunidades de ação. Cabe ao adulto, principalmente o professor da Educação Infantil, enriquecer ao máximo o universo das crianças através de materiais diversos, explorando-os nas brincadeiras, sons, texturas, cheiros, objetos visuais etc. Esses materiais podem ser extraídos de um universo extremamente simples, do nosso dia a dia, como: uma caixa vazia de leite, que o professor pode lavar e dar para a criança brincar, empilhar, bater, ou ainda potes vazios de margarina, onde a criança poderá explorar de diferentes formas, como abrir, fechar, guardar um objeto menor dentro, portanto, materiais muito simples que poderão proporcionar à criança uma riqueza de vivências fundamental para este período.

Almeida (2000, p. 43) afirma que:

Os jogos de exercícios, que à primeira vista parecem ser apenas a repetição mecânica de gestos automáticos, caracterizam para os bebês os efeitos esperados, isto é, a criança age para ver o que a sua ação vai produzir, sem que por isso se trate de uma ação exploratória. O efeito é buscado pelo efeito naquilo que ele tem justamente de comum: a criança toca e empurra, desloca e amontoa, justapõe e superpõe para ver no que vai dar. Portanto, desde o início introduz na atividade lúdica da criança uma dimensão de risco e de gratuidade em que o prazer da surpresa opõe-se à curiosidade satisfeita.

FIGURA 12 – EXERCÍCIO SENSORIO-MOTOR



FONTE: Disponível em: <<http://www.colegiobrasilia.com.br/cursos/infantil/index.html>>. Acesso em: 11 dez. 2010.

Vejamos um exemplo de um material simples, fácil de encontrar e que pode ser transformado numa rica fonte de estímulos: o PAPEL CELOFANE COLORIDO, aquele papel transparente, que existe em diversas cores, muitas vezes utilizados para embalar cestas e outros presentes que precisam ficar aparentes no pacote. Pois é, esse papel simples e inofensivo pode transformar o ambiente escolar numa divertida e produtiva brincadeira. Quando o professor entrega às crianças uma folha inteira de papel celofane, deixando-as brincar livremente, o papel pode se transformar em diversas fontes de aprendizagem e brincadeiras. Cada criança irá explorá-lo e partilhá-lo com seus colegas. Quando amassado, pode fazer sons diferentes, ou ainda, quando é livremente puxado o som do atrito do ar com o papel é novo e estimulante, isto é, o som mudará dependendo de como ele será manipulado. Isso desperta o interesse da criança. Esta atividade pode trabalhar com vários conceitos, entre eles é possível citar: “esconder” e “transformar”, como esconder um objeto embaixo do papel, transformar o papel num cobertor, esconder a própria criança que, quando olha por baixo do papel, percebe que tudo ao seu redor muda de cor – imagine que experiência sensorial para uma criança ver as coisas de outra cor – enfim, a criança age sobre o objeto, determinando a ação, tendo a oportunidade de participar de uma experiência enriquecedora e única.

FIGURA 13 – EXERCÍCIO SENSORIO-MOTOR



FONTE: Disponível em: <<http://www.colegiobrasilia.com.br/cursos/infantil/index.html>>. Acesso em: 11 dez. 2010.

A seguir você encontrará algumas sugestões de jogos e exercícios sensorio-motores, que você, professor(a), pode explorar com seus alunos:

- passar água ou areia de um recipiente (pode ser um balde de brinquedo ou outro recipiente semelhante) para outro, utilizando copos ou colheres;
- saltar no mesmo lugar com os dois pés juntos;

- transformar uma caixa de papelão em diferentes objetos, com os quais a criança irá interagir livremente e de diferentes maneiras (ela pode entrar na caixa que pode se transformar num carro, numa casa, num escorregador);
- lançar a bola na parede e tornar a pegá-la;
- andar sobre diferentes tipos de traçados no chão;
- lançar uma bola de meia, dentro de uma caixa de papelão;
- andar livremente batendo palmas;
- manipular objetos que provocam ruídos, batendo, sacudindo, apertando;
- procurar objetos escondidos na sala de aula ou no pátio da escola;
- empurrar brinquedos com rodas (como carros de brinquedo).

Portanto, a criança precisa explorar o seu mundo para conhecê-lo e, principalmente, para se conhecer; portanto, professor(a), você pode criar inúmeras atividades divertidas e que sejam enriquecedoras para seus alunos.

FIGURA 14 – EXERCÍCIO SENSÓRIO-MOTOR



FONTE: Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/0-a-3-anos/criancas-muito-aprender-creche-educacao-infantil-aprendizagem-brincadeiras-linguagem-546791.shtml?page=6>>. Acesso em: 6 jan. 2011.

Leia agora uma sugestão de atividade para as crianças.

GRANDES TALENTOS

Suzel Tunes

Nos primeiros anos de vida, as crianças estão imersas no universo das imagens. Começam a perceber que podem agir sobre papéis ou telas provocando mudanças e produzindo algo para ser visto – experiência que já é estética. Oferecer diferentes materiais aos pequenos é uma maneira de ampliar a capacidade de expressão deles e o conhecimento que têm do mundo. A vivência artística da criança será mais rica se ela tiver acesso a tintas, pincéis, lápis e canetas.

- **IDADE:** 1 a 2 anos
- **TEMPO:** de 10 a 15 minutos
- **ESPAÇO:** sala de atividades
- **MATERIAL:** um vidro grosso (janela, porta de vidro ou outra superfície transparente, desde que bem fixa, para garantir segurança), tinta guache, rolinho, pincel, esponja ou as mãos.
- **OBJETIVOS:** explorar e reconhecer o corpo como produtor de marcas; perceber e reconhecer as características do vidro (transparência, movimentos, formas e cores) por meio da luz que atravessa o vidro.

Antes de começar a pintura, estimule as crianças a observar a superfície e suas características (lisa, fria, transparente...). Brinque de fazer caretas do outro lado do vidro, de pôr a mão atrás dele para a criança tentar pegar e de amassar o rosto contra ele. Depois as crianças podem espalhar a tinta e observar que onde está pintado não há mais transparência. Proponha que elas pintem com o dedo e observem que a transparência volta por onde o dedo passa. Forme uma roda de conversa para retomar as experiências vividas no processo.

FONTE: TUNES, S. Grandes talentos. *Revista Nova Escola*, São Paulo, n. 9, p. 22-23, abr. 2006. Edição especial.

2.2 JOGO SIMBÓLICO

Do segundo ao sexto ano de vida, Piaget define a fase como “jogo simbólico”. Neste estágio a criança se desenvolve a partir da assimilação do real, isto é, através da representação, da imaginação, do mundo do faz de conta. É comum nesta fase crianças utilizarem objetos, como, por exemplo, um cabo de vassoura, para transformá-lo num cavalo e ela por sua vez no cavaleiro, ou ainda ao amarrar um pedaço de pano no pescoço ela é capaz de transformar-se em um super-herói.

É interessante observar crianças brincando nesta fase, pois elas demonstram através das brincadeiras a forma como elas vivem. Um exemplo disso é quando brincam de escolinha e a criança, que representa o papel de professor(a), demonstra agressividade, autoritarismo, grita com os alunos. Provavelmente ela está reproduzindo o seu dia a dia. As atitudes são um reflexo do que ela vive: se ela é tratada com carinho e afeto, ela deixará transparecer esse modelo nas brincadeiras, assim como, se ela for tratada com gritos e ofensas, essas atitudes serão comuns nas brincadeiras.

Almeida (2000, p. 47) afirma:

É a fase em que, sob a forma de exercícios psicomotores e simbolismo, a criança transforma o real em função das múltiplas necessidades do seu 'eu'. [...] Os jogos de que as crianças mais gostam são aqueles em que seu corpo está em movimento; elas ficam contentes quando podem movimentar-se, e é essa movimentação do corpo que torna seu crescimento físico natural e saudável. [...] É a fase em que a criança imita tudo e tudo quer saber (fase do porquê).

É comum neste estágio as crianças não conseguirem seguir regras, por mais simples que elas pareçam e, é bom enfatizar, elas não fazem isso por desobediência. Segundo Chaparède (1956), o que acontece na maioria dos casos é que elas apenas não conseguem lembrar de todas as regras. Para elas não importa ganhar ou perder, geralmente elas jogam/brincam pelo prazer que isso lhes proporciona.

De acordo com Almeida (2000, p. 48), “Nesta fase, a criança reúne-se com outras crianças para brincar, mas ainda age sem observar regras. No jogo todas ganham e todas perdem.”

FIGURA 15 – JOGOS SIMBÓLICOS



FONTE: <<http://www.colegiobrasilia.com.br/cursos/infantil/index.html>>. Acesso em: 11 dez. 2010.

É comum as crianças optarem por atividades repetitivas. Um exemplo que podemos citar aqui é a incessante vontade de assistirem, repetidas vezes, aos mesmos filmes infantis. Muitas vezes, elas assistem tanto que já antecipam a fala do personagem do filme e dizem o texto junto com o personagem (geralmente o que mais chamou sua atenção) como se elas fizessem parte do filme. Elas sentem imenso prazer em ver, ouvir e rever as mesmas histórias e, muitas vezes, quando estão diante da TV, é muito difícil conseguir distraí-las com outra atividade, pois elas precisam, mais uma vez, ouvir e ver o que o personagem faz. Daí a importância e a atenção dos professores em procurar programas de TV ou vídeos educativos que transmitam mensagens que as crianças poderão levar para sempre como experiência de vida.

Utilizar as tecnologias disponíveis como recurso pedagógico é importante, mas levar a criança a entender as imagens que foram registradas na sua memória, percebendo o certo e o errado, é papel dos professores. Discutir sobre o que está vendo, perguntar o que entendeu, por que a história aconteceu de uma maneira e não de outra, que consequências positivas e negativas a criança pode perceber na história, fazer registros das histórias através de desenhos e trabalhos escolares variados, enfim, utilizar essas imagens e conteúdos tecnológicos como forma de aprendizagem, contribuindo para o desenvolvimento e entendimento de emoções e superação de conflitos.

Os professores fascinantes transformam a informação em conhecimento e o conhecimento em experiência. Sabem que apenas a experiência é registrada de maneira privilegiada nos solos da memória, e somente ela cria avenidas na memória capazes de transformar a personalidade. Por isso, estão sempre trazendo as informações que transmitem para a experiência de vida. (CURY, 2003, p. 57).

Ter consciência da importância das atividades, das histórias, dos filmes, brincadeiras etc. que você, professor(a), escolherá para trabalhar com seus alunos é fundamental. Para auxiliá-lo(a) veja algumas atividades que seguem como sugestão de jogos e exercícios simbólicos que você pode explorar com seus alunos:

- brincadeiras de roda (cantando e se movimentado ao mesmo tempo);
- telefone sem fio (duas crianças conversam uma com a outra num telefone imaginário – qualquer objeto pode servir como telefone), dois copos de iogurte vazios podem ser os fones, ligados com um barbante que representa o cabo/fio;
- modelagem: utilizando argila ou massa de modelar;
- pintura: a dedo, com giz de cera, giz (principalmente em espaços abertos como o pátio da escola), pincéis de espessuras diferentes, lápis de cor comum etc.;
- dobraduras utilizando vários tipos de papel e diversos modelos, percebendo as diferentes texturas, formas etc.;

- ordenar copos contendo diferentes quantidades de terra, grãos de milho, feijão etc., de acordo com o critério do mais cheio para o mais vazio e vice-versa ou ainda do mais pesado para o mais leve e vice-versa;
- agrupar e contar figuras semelhantes no flanelógrafo (quadro de isopor coberto com papel camurça ou feltro – muito utilizado nas salas de aula): por exemplo, juntar as figuras de abelhas de um lado e do outro colocar as libélulas.

FIGURA 16 – JOGOS SIMBÓLICOS



FONTE: Disponível em: <<http://www.colegiobrasilia.com.br/cursos/infantil/index.html>>. Acesso em: 11 dez. 2010.

Professor(a)! Explore esse universo do faz de conta que a criança vive nesta fase do desenvolvimento. Você pode pesquisar, buscar novidades e criar inúmeras atividades divertidas e enriquecedoras para seus alunos. Veja, por exemplo, o que fez uma professora no texto que segue.

TUDO É BRINQUEDO

Rodrigo Ratier, de Ariquemes, RO

Objetos do dia a dia e sucata servem de estímulo para o faz de conta nas salas de até 3 anos. A imaginação dos pequenos cria o resto.

Uma linha completa de móveis adaptados ao tamanho da turma de 2 anos compõe um dos cantos da sala da professora Dilse Lopes Monteiro, do CMEI Criança Feliz, em Ariquemes, a 199 quilômetros de Porto Velho. As graciosas peças, todas de sucata, foram produzidas na própria escola. “Utilizamos garrafas descartáveis, caixas e papel colorido para construir armários, cadeiras, pia e fogão. Em um fim de semana, fizemos material para o ano todo”, conta ela.

Além de usar matéria-prima barata, a divertida mobília tem uma vantagem extra: é bastante simples de ser reaproveitada. “Algumas tampas de refrigerante e papéis coloridos transformam um armário numa televisão”, exemplifica Dilse.

Numa tarde em que NOVA ESCOLA acompanhou o trabalho da turma, os pequenos eram mesmo os donos da festa. Eles mudaram a arrumação proposta pela professora, arrastando os móveis da sala e criando uma tendinha menor, mais acolhedora. Também deram novo significado a alguns itens: o forminho, por exemplo, virou dormitório para os bichos de pelúcia.

Isso acontece porque, para as crianças, tudo é brinquedo. Objetos simples passam a ter significados que nós, adultos, nem sonhamos. “A mesa da classe pode virar um navio pirata. Basta colocá-la virada ao contrário no chão e amarrar um cabo de vassoura a um dos pés para fazer as vezes de mastro. Ignoramos essas relações que a garotada estabelece e oferecemos apenas brinquedos industrializados, esquecendo a riqueza potencial de outros materiais”, diz a consultora de Educação Infantil Klisys.

Durante os cursos de formação que ministra, Adriana ilustra a incrível capacidade imaginativa com a seguinte cena: duas crianças estavam sentadas num enorme banco de madeira e intrigavam a professora. O comportamento delas era no mínimo curioso. Os pequenos colocavam um fogãozinho em cima do banco, sussurravam alguma coisa um para o outro e o recolocavam no chão. Repetiam o procedimento várias e várias vezes. Resistindo ao ímpeto de perguntar logo de cara do que estavam brincando, a professora se aproximou. Observou um pouco e entendeu: a dupla estava fazendo um carreto. Aos olhos infantis, aquele fogãozinho tinha se transformado na carga e o banco, no caminhão.

Virando “gente grande”

De fato, o mundo representativo e simbólico é típico dessa faixa etária. Na creche e na pré-escola, dos 2 aos 5 anos, jogos e brincadeiras são a principal atividade no desenvolvimento do psiquismo infantil. O assunto foi bem estudado pelo psicólogo russo Alexei Leontiev (1903-1979), um dos mais próximos colaboradores de Lev Vygotsky (1896-1934), pioneiro em relacionar a evolução intelectual às interações sociais. No livro *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*, Leontiev explica que é por meio das brincadeiras que a criança toma posse do mundo concreto dos adultos. No plano da imaginação, os pequenos realizam as tarefas de “gente grande” que veem no dia a dia. Assim, dão conta de coisas que, na vida real, ainda não conseguem fazer.

A escola pode e deve alimentar esse saudável apetite de faz de conta infantil. Cabe aos professores usar a criatividade para oferecer diferentes contextos e oportunidades de ampliar a fantasia. Nesse sentido, brincadeira se ensina, ao contrário do que muitos pensam.

A professora dos “caminhoneiros”, por exemplo, aproveitou a observação cuidadosa para embarcar na viagem dos pequenos. Surgiu com folhas de jornal, uma caixa de papelão e retalhos de madeira na mão e sugeriu: “Gente, vamos embalar as mercadorias para que elas não se quebrem?” Assim, expandiu as possibilidades imaginativas da turma e, por um breve momento, experimentou a alegria de voltar a ser criança.

FONTE: RATIER, R. Tudo é brinquedo. *Revista Nova Escola*, São Paulo, n. 214, p. 48-49, ago. 2008.

FIGURA 17 – JOGOS SIMBÓLICOS



FONTE: Disponível em: <<http://www.colegiobrasilia.com.br/cursos/infantil/index.html>>. Acesso em: 11 dez. 2010.

2.3 JOGO DE REGRAS

A terceira categoria da estrutura do jogo, de acordo com Piaget, é a fase do “jogo de regras”, que começa se manifestar dos sete aos doze anos. O que caracteriza este jogo é o que o próprio nome diz: o fato de ser regulamentado e pressupõe a existência de parceiros. O fato de ganhar ou perder toma proporções bem definidas, por isso é necessário despertar nas crianças o espírito de cooperação, criar mecanismos de preparação para a competição sadia, na qual impera o respeito ao outro, a participação e orientação dos professores e pais é fundamental. Ainda segundo os estudos de Piaget (1973), é nesta fase que a criança deixa de lado o egocentrismo, percebido nos mais novos, para adquirir um espírito de relações interindividuais e de cooperação.

Segundo Almeida (2000, p. 51):

Nesta idade a criança começa a pensar inteligentemente, com certa lógica. Começa a entender o mundo mais objetivamente e a ter consciência de suas ações, discernindo o certo do errado. Nesta fase os jogos transformam-se em construções adaptadas, exigindo sempre mais o trabalho efetivo e participativo do processo de aprendizagem, que começa a sistematizar o conhecimento existente. O sentido de trabalho-jogo se define como algo inerente, e os trabalhos escolares passam a ter seriedade quando as crianças aprendem a ler e escrever, a calcular, porque é por meio da atividade-jogo que a criança preserva o esforço de se dar por inteiro na atividade que realiza.

Nesta fase, é importante oferecer atividades que envolvam a música, a corporeidade, a dramatização, evidenciando o trabalho em grupo e a sua organização. As danças populares e pequenas peças teatrais são bem-vindas nesta fase do desenvolvimento, como estímulo ao conhecimento e como forma de socialização e de expressão corporal. A criança precisa escutar a si mesma e aos outros, esperando sua vez de cantar, dançar, dramatizar ou tocar. Essas atividades ajudam no desenvolvimento do sentido de organização e disciplina.

Almeida (2000, p. 52) afirma que “[...] a partir dessa idade, as brincadeiras, a prática esportiva, os jogos – sejam construtivos, descobertas, agrupamentos, comunicativos, musicais –, bem como os brinquedos, aparecem sempre sob a forma de interação social, munidos de regras”.

Participar de atividades escolares que integrem a criança de forma lúdica é uma maneira de valorizá-la e ao mesmo tempo um estímulo para novas conquistas. Podemos citar como exemplo: as escolinhas de futebol, natação, voleibol, basquete, dança, teatro e música. Geralmente, nas escolas, existem profissionais capacitados e espaços internos adequados ou adaptados, para oferecer esse diferencial aos seus alunos, explorando seu potencial e revelando talentos. Quando as escolas não dispõem destas oportunidades, na grande maioria dos municípios existem as Fundações Culturais, que geralmente oferecem uma diversidade de atividades para a comunidade, aguçando as relações interpessoais, como forma de contribuir para enriquecer a dinâmica das relações sociais dentro e fora do ambiente escolar.

FIGURA 18 – JOGOS DE REGRAS



FONTE: Disponível em: <<http://www.corneliodigital.com/index.php?s=noticia&cat=cidade&id=3345#ixzz17nu7zVkw>>. Acesso em: 10 dez. 2010.

Buscar espaços adequados e técnicas de trabalho variadas para desenvolver aprendizagem é consequência do comprometimento que você, professor(a), demonstra com seus alunos. Como sugestão, relacionei algumas atividades de jogos e exercícios de regras que você pode desenvolver em sala de aula:

- corrida de bastão;
- bingo de operações ou palavras (as crianças podem inclusive confeccionar o material durante a aula);
- corrida do saco;
- pega-pega aos pares (a brincadeira segue a mesma regra do pega-pega individual, com a diferença que os participantes não podem soltar as mãos – o par que não permanecer de mãos dadas durante todo o jogo é considerado apanhado e passa a ser o perseguidor);
- gincanas inteligentes (com atividades recreativas e também que envolvam raciocínio lógico, linguagem, movimento espacial, conteúdos de várias disciplinas escolares);
- corrida com obstáculos ou circuito de dificuldades (com diversos materiais como: pneus, bolas, cordas etc.);
- Macaco Simão – Simão é um macaco que dá ordens, sempre que o responsável pelo comando (geralmente o professor) falar/cantar o comando “Macaco Simão disse:” batam as mãos (a escolha do pedido é aleatória e feita pelo comandante da brincadeira), as crianças devem executar, aquele que descumprir a ordem sai do jogo;
- dança das cadeiras (a quantidade de cadeiras deve sempre ser uma a menos que a quantidade de participantes).

FIGURA 19 – JOGOS DE REGRAS



FONTE: Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/0-a-3-anos/importancia-rolar-pular-dancar-movimento-creche-educacao-infantil-bebes-criancas-conteudos-cuidados-535429.shtml>>. Acesso em: 6 jan. 2011.

BRINCANDO COM REGRAS

Thais Gurgel

Ao impor desafios, o dominó e o jogo do varal ensinam turma de pré-escola de Curitiba a encarar vitórias e derrotas com naturalidade

Viver em sociedade significa lidar com regras o tempo todo e na escola não é diferente. Mas será que desde pequeno é preciso conviver com normas? Quando se avaliam os benefícios desse trabalho, a resposta fica clara: sim, os jogos de regras, aqueles que se jogam em grupo, podem representar desafios divertidos, eles desenvolvem questões importantes, como a adequação a limites, a cooperação e a competição. A professora Cinthia Dolgan Oliveira, da CEMEI Colombo, em Curitiba, trabalha com vários deles em sua sala de 5 e 6 anos. Ela ressalta a importância de uma boa preparação antes de iniciar as partidas. “A classe só se concentra quando entende a lógica do jogo”, diz. É por isso que a atividade com o dominó tem duas etapas. Primeiro, ela apresenta peças gigantes. Cada criança recebe uma e, em sua vez, tem de encaixá-la numa das pontas. Quando todos entendem a dinâmica, Cinthia divide a garotada em grupos de quatro. Cada um recebe sete peças e a partida começa. O principal ponto, no início, é que as regras sejam compreendidas e que todos se adaptem a elas. Esperar a vez é uma das determinações mais difíceis de cumprir. Assim, não é aconselhável formar grupos grandes. A primeira satisfação da criança é se sentir ativa e participante. Isso determina seu interesse pela atividade.

Ganhar e perder

Os pequenos jogam uns contra os outros, mas nem sempre têm consciência da competição. “Ainda não é claro que, para um ganhar, outro deve perder”, explica a psicopedagoga Lia Leme Zaia, de Campinas. “É normal, portanto, que o grupo diga que ganhou no final. “A percepção de que existe um vencedor vem aos poucos, e o professor deve intervir apenas questionando sobre o objetivo do jogo e se todos chegaram a ele. Quando a criança passa a identificar a vitória e a derrota, outras questões se colocam. É natural que ela queira ganhar e, para que isso aconteça, fatores como sorte, habilidades específicas e estratégia entram em cena. Introduzir jogos que demandem diferentes capacidades (domínio do raciocínio matemático, conhecimento do alfabeto, desenvolvimento motor etc.) é importante, pois os pequenos notam que há aqueles em que vencem com mais facilidade e outros que não dominam tão bem. Ao perceber a condição de ganhador e perdedor como transitória, fica mais fácil aceitar a derrota e, no caso de vitória, não desrespeitar quem perdeu. “Muitos professores da Educação Infantil têm receio de propor jogos de regras por temer o sentimento de fracasso e frustração”, ressalta a pedagoga Maria Carolina Villas Bôas, de São Paulo. “Mas o ganhar e o perder ainda não carregam nessa fase o mesmo valor que têm para os adultos.” Outro ponto é a importância de respeitar as regras, o que não é difícil: os próprios colegas

se encarregam de cobrar o uso delas. “Os combinados são aceitos pelo prazer de estar junto com os outros”, explica Maria Carolina. “O que não se submete tem dificuldade de encontrar parceiros.” Na Educação Infantil, a garotada está mais voltada para a própria jogada, ainda não antecipa a do colega e nem prevê os próximos passos. À medida que se familiariza com as regras, a criança desenvolve uma visão mais geral e percebe que isso ajuda a dominar os truques e jogar melhor.

Hora de cooperar

Ganhar é gostoso, mas você, professor, deve encontrar maneiras para que a competição não seja sempre a tônica. A alternância entre jogos cooperativos – em que não há adversários e o único objetivo é cumprir as regras propostas – e competitivos é uma boa maneira de trabalhar a noção de que jogar é o mais divertido. A professora Cinthia costuma propor o jogo do varal – feito pela própria garotada com cartolinas coloridas –, em que cada um tem sua vez para pendurar uma figura de roupa em uma corda estendida na sala. São lançados três dados, um com o tipo, outro com a cor e um terceiro com o tamanho da peça, e é necessário encontrar em um montinho uma figura que corresponda às características sorteadas. A professora estimula todos a se ajudar, o que faz com que assistam ao lance dos colegas e se sintam envolvidos. A cooperação não pode acontecer apenas quando não há competição, e Cinthia percebe que a dinâmica do jogo do varal incentiva os que têm mais facilidade a dar dicas aos amiguinhos em outros momentos, até mesmo quando jogam dominó, por exemplo. Essa atitude é positiva, mas cabe ao professor garantir que todos joguem por si e não deleguem sua participação aos outros, mesmo que demorem mais ou precisem de ajuda num ponto. Assim, o interesse se mantém e barreiras são superadas. Com o tempo, a classe ganha experiência e muitas vezes chega a propor outras regras aos jogos conhecidos. Por mais complicadas que elas sejam, é interessante experimentar o novo regulamento. “Isso significa que a garotada refletiu sobre a atividade ou que quer compartilhar outra versão”, diz Maria Carolina. Esse envolvimento pode ser um ponto de partida para discutir as regras. Afinal, quem disse que no uso de normas não há espaço para a criatividade?

OUTRAS OPÇÕES PARA A PRÉ-ESCOLA

JOGO DA MEMÓRIA: com o objetivo de levar os pequenos a identificar figuras iguais, desenvolve a localização espacial e a quantificação das cartas tanto por meio da contagem como da comparação do tamanho dos montes.

GATO E RATO: o gato tem de furar o círculo que os colegas fazem com as mãos dadas para proteger o rato, que fica no centro. Trabalha tanto a cooperação visando a um objetivo como a questão motora.

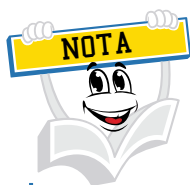
JOGOS DE PERCURSO: em um tabuleiro, os participantes lançam dados que determinam quantas casas o peão deve percorrer. Como envolve sorte, iguala participantes com diferentes habilidades e desenvolve o conhecimento numérico.

BOLICHE: o número e a posição das garrafas é indiferente. Nesse jogo, é preciso contar e registrar os pontos e afinar a habilidade com a bola.

Participar de jogos de regras:

- Desenvolve a criação de estratégias.
- Trabalha limites para viver em grupo.
- Estimula a cooperação e a competição positiva.

FONTE: GURGEL, T. Brincando com regras. *Revista Nova Escola*, São Paulo, ano XXI, n.198, p. 72-73, ago. 2006.



É importante salientar que a duração das atividades pode variar conforme a idade da criança, dependendo da atenção e interesse. Além disso, é preciso respeitar a forma de expressão de cada um, mesmo que, aos olhos do professor, possa parecer repetitivo ou sem sentido. Cabe ao professor despertar a imaginação dos alunos para que a brincadeira leve ao conhecimento próprio e ao desenvolvimento integral da criança.

É importante que a criança tenha liberdade para se expressar e criar. O jogo, no processo ensino-aprendizagem, não precisa acontecer de forma dissociada dos conteúdos escolares. Isto significa que uma famosa e velha frase comumente utilizada por muitos professores “agora é hora de estudar e não de brincar” pode ser substituída por “vamos aprender brincando”, ou ainda, “é brincando que se aprende”.

FIGURA 20 – BRINCADEIRAS



FONTE: Acervo particular da autora

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 28):

A brincadeira é uma linguagem infantil que mantém um vínculo essencial com aquilo que é o “não brincar”. Se a brincadeira é uma ação que ocorre no plano da imaginação isto implica que aquele que brinca tenha o domínio da linguagem simbólica. Isto quer dizer que é preciso haver consciência da diferença existente entre a brincadeira e a realidade imediata que lhe forneceu conteúdo para realizar-se. Nesse sentido, para brincar é preciso apropriar-se de elementos da realidade imediata de tal forma a atribuir-lhes novos significados. Essa peculiaridade da brincadeira ocorre por meio da articulação entre a imaginação e a imitação da realidade. Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das ideias, de uma realidade anteriormente vivenciada. Isso significa que uma criança que, por exemplo, bate ritmicamente com os pés no chão e imagina-se cavalgando um cavalo, está orientando sua ação pelo significado da situação e por uma atitude mental e não somente pela percepção imediata dos objetos e situações.

Usando o jogo/brincadeira no cotidiano da sala de aula, podemos perceber uma relação de interação social, em que a criança aprende naturalmente, despertando o interesse pelos conteúdos estudados e contribuindo na formação de atitudes solidárias, que demonstrem a importância e a valorização da cidadania.

Alguns dos grandes educadores do passado já reconheciam o valor pedagógico do jogo, e tentavam aproveitá-lo como agente educativo. Joaquim (1963, p. 7) diz que: “[...] o jogo é para a criança a coisa mais importante da vida. O jogo é, nas mãos do educador, um excelente meio de formar a criança. Por essas duas razões, todo educador – pai ou mãe, professor, dirigente de movimento educativo – deve não só fazer jogar como utilizar a força educativa do jogo”.

FIGURA 21 – BRINCADEIRAS



FONTE: Acervo particular da autora

Através do jogo a criança expressa, assimila e constrói a sua realidade. É através dos jogos e das brincadeiras que ela consegue resolver seus conflitos e problemas do cotidiano, aprendendo a conviver socialmente, respeitando regras e refletindo sobre seu papel social. Nas atividades lúdicas, as crianças aprendem a refletir sobre suas ações e entender melhor o mundo dos adultos, provam situações antes não vividas e buscam soluções para os desafios enfrentados no seu cotidiano. Lima (1992) afirma que o brincar é a forma de atividade humana que tem grande predomínio na infância e sua utilização promove o desenvolvimento dos processos psíquicos, dos movimentos físicos, acarretando o conhecimento do próprio corpo, da linguagem, da socialização e a aprendizagem de conteúdos de áreas específicas.

O jogo vai além da atividade física e mental, ele estimula o pensamento e desperta um envolvimento afetivo. Rizzi e Haydt (2001, p. 14) enfatizam: “O ser que brinca e joga é, também, o ser que age, sente, pensa, aprende e se desenvolve.”

3 O JOGO E A BRINCADEIRA COMO RECURSO PEDAGÓGICO

Os jogos e as brincadeiras não são as únicas formas lúdicas de se trabalhar um conteúdo escolar. Podemos destacar as cantigas, as aulas-passeio, as experiências científicas vivenciadas na sala de aula, os filmes, as histórias etc., mas, é possível afirmar, que jogos e as brincadeiras são as atividades preferidas dos alunos, pois ao mesmo tempo em que estudam, também se divertem e, na maioria das vezes, aprendem sem perceber e sem encontrar nenhum tipo de dificuldade. Cabe a nós, professores(as), perceber os benefícios e aplicar esse recurso em sala de aula, tornando os conteúdos mais acessíveis, não só no ambiente escolar, mas no cotidiano de nossos alunos, fazendo uma ponte entre o saber e o fazer, o abstrato e o concreto.

FIGURA 22 – BRINCADEIRAS



FONTE: Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/0-a-3-anos/importancia-rolar-pular-dancar-movimento-creche-educacao-infantil-bebes-criancas-conteudos-cuidados-535429.shtml?page=2>>. Acesso em: 6 jan. 2011.

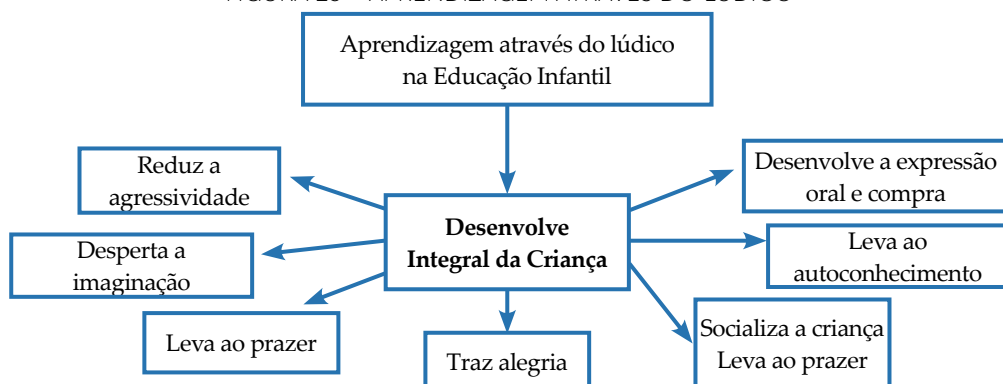
A ludicidade estimula uma aprendizagem com enriquecimento de experiências, pois possibilita um trabalho interdisciplinar em que se desenvolvem habilidades de reflexão, cooperação, enfatizando valores e conhecimentos, através de brincadeiras produtivas, estimulando o imaginário do aluno.

Desta forma, o lúdico torna o momento de ensino algo agradável, prazeroso, divertido e ao mesmo tempo rico em conhecimentos. De acordo com Kishimoto (2002, p. 146), “[...] por ser uma ação iniciada e mantida pela criança, a brincadeira possibilita a busca de meios, pela exploração ainda que desordenada, e exerce papel fundamental na construção de saber fazer”.

Para um melhor entendimento da afirmação de Kishimoto, vamos analisar o esquema a seguir, que demonstra como a aprendizagem através do lúdico na Educação Infantil pode ser considerada uma forma integral de desenvolvimento da criança, isto é, uma aprendizagem completa que contempla os fatores sociais, educacionais e psicológicos.

Vejamos:

FIGURA 23 – APRENDIZAGEM ATRAVÉS DO LÚDICO



FONTE: Adaptado de: <<http://www.jogonaeducacaoinfantil.blogspot.com>>. Acesso em: 10 dez. 2010.

O esquema acima nos permite perceber que a aprendizagem de forma lúdica na Educação Infantil, utilizando jogos e brincadeiras, pode levar a criança ao desenvolvimento integral, pois insere a criança no meio social, desperta a imaginação, traz momentos de alegria, aprimora a sociabilidade, faz com que a criança exercite habilidades e potencialidades, desenvolve a expressão oral e corporal, traz alegria e reduz a agressividade na criança.

A ludicidade é um mundo em que a criança está em constante exercício. É o mundo da fantasia, da imaginação, do faz de conta, do jogo e da brincadeira. É possível afirmar que o lúdico é um grande laboratório que merece toda atenção dos pais e educadores, pois é através dele que ocorrem experiências inteligentes

e reflexivas, praticadas com emoção, prazer e seriedade. Através do jogo e das brincadeiras ocorre a descoberta de si mesmo e do outro, isto é, aprende-se. É no brincar que a criança tem a liberdade para criar e é pela criatividade, que aflora durante a brincadeira, que descobre seu eu.

AUTOATIVIDADE



Provavelmente você já leu a respeito ou ouviu falar que “brincando se aprende”, mas você já comprovou essa afirmação? Experimente brincar por alguns instantes com uma criança, pode ser seu(sua) filho(a), sobrinho(a), filho(a) de um(a) amigo(a) ou até mesmo aluno(a). Durante a brincadeira, crie alguns desafios que envolvam uma atividade de aprendizagem (como: cores, tamanhos, formas), perceba as reações da criança e questione sobre o que vocês fizeram. Reflita sobre esta brincadeira e suas implicações. Escreva um pequeno relatório descrevendo a brincadeira, o recurso utilizado, as reações da criança e tire suas conclusões.

Não é difícil comprovar que se aprende brincando, quando estamos em contato direto com a Educação Infantil. É neste ambiente de aprendizagem que percebemos o quanto é eficiente e ao mesmo tempo desafiador o uso de atividades lúdicas como aliados do desenvolvimento cognitivo, físico e emocional das crianças. Isso acontece porque as experiências lúdicas podem transformar a aprendizagem em momentos prazerosos e significativos. A criança em idade pré-escolar dedica grande parte de seu tempo ao brincar, e desta forma ela desenvolve sua linguagem e narrativa, sua percepção e passa a ter melhor compreensão de si própria e do outro em suas relações recíprocas. Brincando ela aprende e elabora mentalmente as normas sociais de comportamento, os hábitos determinados pela cultura e conhece os eventos e fenômenos que ocorrem à sua volta.

FIGURA 24 – APRENDIZAGEM ATRAVÉS DO LÚDICO



FONTE: Disponível em: <<http://www.revistaesola.abril.com.br/educacao-infantil/4-a-6-anos/cantigas-roda-pre-escola>>. Acesso em: 11 dez. 2010.

Por isso, é interessante conhecermos os efeitos que as atividades lúdicas produzem no desenvolvimento da criança, para entendermos melhor como o brincar, que é uma fonte de lazer, pode transformar-se em fonte de conhecimento e parte integrante da atividade educativa.

A pré-escola tem uma função na promoção da construção de conhecimentos, pois é considerada o primeiro momento educacional formal que a criança experimenta. Apesar de esforçar-se para não parecer diferente, e por estar cercada de normas de comportamento e conduta social e disciplinar necessárias para uma convivência de respeito e harmonia na ocupação de espaços, ela tem o objetivo de proporcionar ao aluno a aproximação e aquisição do conhecimento científico e a elevação do desenvolvimento do raciocínio. Brincar na escola não é exatamente igual ao brincar em outros locais, pois deve ter uma característica de intencionalidade educacional. De acordo com Lima (1999, p. 29),

[...] a utilização do brincar como recurso pedagógico tem de ser vista, primeiramente, com cautela e clareza. Brincar é uma atividade essencialmente lúdica; se deixar de sê-lo, descaracterizar-se-á como jogo ou brincadeira. Como atividade infantil, na qual há construção de conceitos, eles podem e devem ser utilizados na escola [...].

Portanto, incluir o jogo e a brincadeira na escola, como forma de aprendizagem, tem como pressuposto fornecer subsídios para o desenvolvimento da criança, enquanto indivíduo, e para a construção do conhecimento.

Brincar é uma forma de atividade complexa, que combina o faz de conta com a realidade, pois brincando a criança trabalha com informações e situações de sua vivência e obtém uma melhor percepção da realidade de forma lúdica. Ainda é importante salientar que brincar inclui sempre a experiência de quem brinca. Desta forma, as crianças imitam o que veem e reproduzem estas ações percebidas em seu meio. À medida que crescem vão incorporando a representação que fazem da vida real, os conhecimentos adquiridos, bem como os desejos e sentimentos.

FIGURA 25 – APRENDIZAGEM ATRAVÉS DO LÚDICO



FONTE: Disponível em: <<http://www.aril.com.br/blog/nosso-trabalho/programa-de-habilitacao-e-realidade/iniciacao-ao-processo-de-aprendizagem-infantil-bem-me-quer>>. Acesso em: 11 dez. 2010.

Na pré-escola, o jogo e a brincadeira têm fundamental importância para a descoberta do próprio corpo, criando uma relação direta com a motricidade, pois a criança precisa movimentar-se de acordo com as regras de cada brincadeira, tendo a necessidade de controlar os movimentos de forma precisa, ágil e coerente com a atividade desenvolvida. Percebe-se também, nesta fase, o desenvolvimento de processos psíquicos, relacionados tanto direta como indiretamente às atividades infantis. Delas fazem parte a imaginação, a linguagem, o pensamento e a memória.



Existem inúmeros autores que afirmam os benefícios da realização de atividades lúdicas para o desenvolvimento da criança. Se você quiser buscar mais informações a esse respeito, eis alguns autores que podem ajudá-lo:

- KISHIMOTO, Tizuco Morchida (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- BROUGERE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

Você lembra as brincadeiras e jogos da sua infância? Quais delas foram mais significativas? O tempo de brincar sempre traz consigo imagens da nossa casa, da nossa família, do local onde passamos a nossa infância, dos momentos de alegria incondicional, dos amigos que muitas vezes já não vemos mais, enfim, um momento de entrega total ao prazer de brincar e a descoberta do conhecimento. A brincadeira é a protagonista da nossa infância, ela expressa a forma como vemos e sentimos o mundo.

FIGURA 26 – APRENDIZAGEM ATRAVÉS DO LÚDICO



FONTE: Acervo particular da autora

AUTOATIVIDADE



Vamos fazer um exercício de memória! Relembre alguns momentos de ludicidade vividos na sua infância. As brincadeiras mais simples, as que lhe proporcionavam maior prazer, as mais divertidas, as mais perigosas. Agora que você já lembrou: identifique e registre algumas características (qualidades, falhas, cooperação, competição, momentos agradáveis etc.) que foram desenvolvidas em você pelas atividades lúdicas vividas na infância. Produza um pequeno texto sobre o assunto e compartilhe-o com os colegas no encontro presencial.

A criança necessita brincar da mesma maneira que precisamos respirar, faz parte do seu “eu”. Quando falo em brincar, não estou valorizando o fato de existir um brinquedo propriamente dito, a criança brinca sem necessariamente usar um brinquedo, é muito mais que isso, ela usa sua imaginação, ela pode brincar a qualquer hora, dentro ou fora de casa, sozinha, com crianças grandes, pequenas, ou adultos, ela cria situações de brincadeiras com um simples galho de árvore caído, ou ainda com uma pequena pedra que apareceu no seu caminho. Ela brinca pelo prazer que isso lhe proporciona.

FIGURA 27 – APRENDIZAGEM ATRAVÉS DO LÚDICO



FONTE: Acervo particular da autora

Ao proporcionamos um jogo ou uma brincadeira para nosso aluno, permitimos que ele vivencie sua autonomia, o entretenimento, o prazer e o convívio com fatores externos. De acordo com Huizinga (1996), através das atividades lúdicas a criança desenvolve seu senso de companheirismo, aprende a conviver em grupo, aprende a ganhar e/ou perder, a respeitar regras, esperar sua vez, aceitar o resultado, lidar com frustrações, viver personagens diferentes, amplia sua compreensão sobre os diferentes papéis e relacionamentos humanos e, sobretudo, se prepara para lidar com sua realidade.

LEITURA COMPLEMENTAR

O EDUCADOR QUE BRINCA

Roselene Crepaldi

A importância do brincar tem sido cada vez mais ressaltada como mediadora na aprendizagem. Mais do que organizar espaços de brincar em si, a nossa proposta tem uma estratégia maior, que transcende o espaço físico. Processa-se na transformação do indivíduo que utiliza o jogo ou o lúdico como elemento da cultura infantil, como facilitador das relações sociais entre crianças e adultos, como portador de conhecimento e valores que favorecem as relações interpessoais, e as dinâmicas de trabalho.

A partir destas constatações, observamos a necessidade de orientação na estruturação e manutenção de propostas lúdicas, visando à sua qualidade e continuidade. Para tanto, propomos investir na qualificação de profissionais.

Os educadores, cada vez mais, precisam encontrar-se para brincar, ampliar seu repertório de brincadeiras e jogos e transformar esses encontros em momentos de reflexão sobre a importância do uso de brinquedos e brincadeiras. Relembrar a infância, a alegria de escolher e recriar as brincadeiras, trazer essas experiências para a atualidade podem constituir eixos de trabalho.

Novos e velhos jogos, brinquedos e brincadeiras

Nossas infâncias foram recheadas de jogos e brincadeiras inventadas e reinventadas em conjunto com nossos colegas e familiares, na rua, no quintal, no sítio, no clube e na escola, enfim, nos lugares onde convivíamos, muitas vezes sem medo de violência ou do trânsito dos grandes centros urbanos.

Hoje, nossas crianças têm menos oportunidade de brincar livremente do que nós tivemos.

O progresso trouxe consigo a diminuição desses espaços, a individualidade e o consumo são muito mais divulgados e até estimulados pela sociedade e, sobretudo, pela televisão; esses fatores são repassados para as brincadeiras das crianças.

Gilles Brougere, estudioso francês sobre o tema, nos faz refletir sobre o assunto: “Dizer a uma criança para ir brincar não é algo neutro; é situar esse comportamento em uma lógica social, onde cada atividade tem um sentido preciso... associado ao papel da infância”. (1995, p. 30).

O jogo e a brincadeira aparecem de maneira privilegiada na infância, como comportamento social da criança, e até como contraposição à palavra “trabalho”. [...]

O papel do professor como facilitador e mediador nas brincadeiras

Frente a este cenário qual nosso papel?

As escolas e centros de lazer e recreação servem como substitutos aos quintais e terrenos baldios outrora disponíveis para as brincadeiras infantis.

Nesses lugares, a presença do adulto é uma constante necessidade, tanto para acompanhar as atividades como para facilitá-las, organizando espaços, disponibilizando objetos e atividades que possam enriquecer a brincadeira.

Para tanto, a escolha de brinquedos é um dos fatores que podem colaborar para a qualidade da brincadeira. O brinquedo estimula a representação e expressão das crianças e, por isso, podem ser construídos, adaptados ou estruturados.

Caixas, garrafas, embalagens em geral podem servir como matéria-prima para a construção de brinquedos; nesse caso, o adulto pode colaborar incentivando e auxiliando a construção, pode também providenciar algumas sugestões e ensiná-las àqueles que se interessarem.

Os brinquedos estruturados já trazem as propostas de brincadeiras. São carrinhos, bonecas, móveis e jogos cujas regras, muitas vezes previamente estabelecidas, precisam ser apreendidas e adaptadas aos interesses e necessidades dos participantes.

Nos dois casos, o educador precisa estar atento a possíveis problemas de fabricação; peças soltas ou podem se desatar facilmente ou ainda muito pequenas podem causar acidentes.

É importante conhecer as peças com antecedência, experimentar as regras e as dicas dadas pelos fabricantes para tornar o jogo mais emocionante e envolvente.

As escolhas destes jogos envolvem tanto o conhecimento da clientela, suas características, faixa etária e interesses, como seu tempo de concentração. Esse conhecimento prévio colabora sobremaneira para o sucesso da brincadeira.

Ao confeccionar brinquedos, a orientação sobre o uso de tesouras ou estiletes, bem como os cuidados para evitar desperdícios de cola, papel e demais materiais de suporte devem valorizar a brincadeira e não entediá-la.

Cabe também, ao educador, cuidados quanto à escolha e organização do espaço da brincadeira na sala de aula, escolher locais amplos ou desafiadores, estimular a limpeza e reorganização, após a construção de brinquedos e a manutenção do ambiente, também podem fazer parte da brincadeira.

O diálogo e a participação estimulam o envolvimento das crianças e facilitam a escolha das brincadeiras e jogos. O educador é parceiro na brincadeira. Essa é a ideia central.

Brincar envolve planejamento

Planejar brincadeiras e jogos considerando a realidade local contribui para o sucesso da brincadeira e até para a ampliação dessas atividades e do número de atendimentos.

Costumo dizer que o planejamento está em nossas mãos.

Vejamos: o dedo indicador aponta os objetivos, os resultados esperados com nossa ação. No dedo médio o conteúdo, do que brincar ou jogar. Qual o jogo? Qual a atividade? O dedo anular pressupõe o compromisso com a nossa população alvo. Quem são? Qual a faixa etária? O dedo mínimo representa os recursos materiais ou custos, que podem ser pequenos em contraposição à grandeza do conteúdo a ser compartilhado.

Ainda falta o cronograma representado pelo relógio no pulso, quanto tempo tenho, é compatível com a atividade proposta?

Esses cuidados podem fazer parte da brincadeira quando convidamos todos os participantes a planejar. Essa atividade demonstra a vontade de continuidade e o compromisso com a cultura da infância. [...]

FONTE: CREPALDI, R. O educador que brinca. **Revista Criar**, São Paulo, ano 1, n. 4, p.10-12, jul./ago. 2005.

RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico você aprendeu que:

- Para Piaget, a evolução do jogo na criança é dividida em três categorias: o jogo do exercício sensório-motor, o jogo-simbólico e o jogo de regras.
- Através das atividades lúdicas, as crianças aprendem a refletir suas ações, vivenciam situações novas e exploram soluções para os desafios do seu cotidiano.
- Aprender com prazer torna a criança criativa, ajuda na convivência com os colegas e favorece suas habilidades.
- O lúdico torna o momento de ensino algo agradável, prazeroso, divertido e ao mesmo tempo rico em conhecimento.
- Participar de jogos de regras: desenvolve a criação de estratégias, trabalha limites para viver em grupo, estimula a cooperação e a competição positiva.
- Brincar é uma forma de atividade complexa, combina o faz de conta com a realidade. Brincando a criança trabalha com informações e situações de sua vivência e consegue ter uma melhor percepção da realidade.

AUTOATIVIDADE



- 1 Procure planejar pelo menos duas atividades escolares para a Educação Infantil, nas quais você trabalhe com conteúdos programáticos convencionais através de brincadeiras. Descreva o desenvolvimento das atividades e os objetivos que você pretende alcançar.

O PAPEL DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO DA LUDICIDADE

1 INTRODUÇÃO

O universo infantil está presente em cada um de nós. As experiências que vivenciamos na infância deixam marcas para o resto de nossas vidas. Essas marcas podem ser positivas ou negativas, variando proporcionalmente de acordo com as vivências e estímulos recebidos.

Na escola estas experiências ganham uma amplitude maior, pois, dependendo da mediação proporcionada pelo professor, da valorização das ações lúdicas e do estímulo que o professor oferece, elas podem desenvolver o pensamento crítico e criativo da criança, tornando a aprendizagem agradável e tranquila.

Ensinar conteúdos convencionais de forma lúdica é possibilitar o aprender, pois permite o desenvolvimento da socialização: fazendo amigos, aprendendo a compartilhar, a escolher, a assumir lideranças e expressar opiniões.

Brincando e fazendo de conta, a criança entra em contato com o mundo que a cerca. Os educadores têm o dever de assegurar a sobrevivência dos sonhos e promover a construção do conhecimento alicerçado ao prazer de viver, à alegria de descobrir o novo. Portanto, é papel do professor proporcionar atividades lúdicas que contribuam para o desenvolvimento cognitivo da criança na Educação Infantil.

FIGURA 28 – APRENDIZAGEM ATRAVÉS DO LÚDICO



FONTE: Disponível em: <<http://www.escolagatoxadrez.com.br/galeria>>. Acesso em: 11 dez. 2010.

2 O PAPEL DO PROFESSOR E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A APRENDIZAGEM

Nos dias de hoje, o processo ensino-aprendizagem necessita cada vez mais de atenção. Não podemos mais ficar na situação: “o professor faz de conta que ensina e os alunos fingem que aprendem”.

Precisamos de professores que reflitam sobre as práticas e metodologias utilizadas em sala de aula. Não é possível que ainda existam profissionais da educação que continuem insistindo em práticas evasivas e que levam o aluno ao princípio da decoreba. A educação está carente de profissionais que chamem o aluno para a construção do conhecimento, que o instiguem a desbravar o mundo do saber, da curiosidade, estimulem a criatividade e a atenção. Profissionais comprometidos estão sempre em busca de novas metodologias de trabalho para melhorar a qualidade do ensino e deixá-lo atrativo, prazeroso, equilibrando a prática com a teoria.

FIGURA 29 – APRENDIZAGEM ATRAVÉS DO LÚDICO



FONTE: Disponível em: <<http://www.escolagatoxadrez.com.br/galeria>>. Acesso em: 11 dez. 2010.

O professor não pode ser uma peça estática na sala de aula, preocupado apenas com o repasse de informações, mas, sim, um mediador da aprendizagem, que está aberto a inovações, mostrando-se eficaz e comprometido, espontâneo e criativo no seu fazer educacional, fazendo a diferença no ensino.

As salas de aula dos dias de hoje diferenciam-se, em partes, dos tempos antigos. Com a tecnologia atual, nossos alunos têm à sua disposição uma infinidade de atrações e divertimentos. A escola não é mais levada a sério diante de tantos atrativos, o estudar é a última opção da maioria das crianças. Por isso, é necessário que a escola e o professor procurem adequar-se às novidades, inserir brincadeira e preparar aulas dinâmicas, resgatando as antigas brincadeiras e valorizando o

brinquedo como recurso pedagógico para o desenvolvimento da aprendizagem. Através dessas brincadeiras, é possível trabalhar de forma mais dinâmica e atrativa os conteúdos que fazem parte do cotidiano escolar. O aluno deve ser levado a investigar, a observar, a tirar conclusões em todas as situações de aprendizagem.

Como docentes, temos a tarefa de educar para a vida em sociedade e mediar conhecimentos. Não basta termos um ambiente adequado para a aprendizagem, com muita riqueza e diversidade de materiais, se não tivermos professores e educadores preparados para essa nova concepção de escola. Além de formação acadêmica, com o conhecimento e o domínio específico que a profissão requer, os professores devem ser líderes a fim de conduzir o processo de construção do conhecimento. Devem incentivar o gosto e a paixão pela busca do conhecimento, estar atentos a toda interferência externa e interna – como o relacionamento entre alunos –, buscando sempre novas possibilidades de crescimento e enriquecimento do processo de aprendizagem.

Assim o uso de jogos, brinquedos e brincadeiras, aliados ao ensino dos conteúdos escolares, e mediados por um professor preocupado com a transformação, compreensão e efetiva aprendizagem, além de tornar as aulas mais produtivas e divertidas, ainda contribui para o desenvolvimento da criticidade, concentração, criatividade e cooperação entre os alunos, atuando como estimulador do desenvolvimento do raciocínio. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 28):

As brincadeiras de faz de conta, os jogos de construção e aqueles que possuem regras, como os jogos de sociedade (também chamados de jogos de tabuleiro), jogos tradicionais, didáticos, corporais etc. propiciam a ampliação dos conhecimentos infantis por meio da atividade lúdica. É o adulto, na figura do professor, portanto, que, na instituição infantil, ajuda a estruturar o campo das brincadeiras na vida das crianças. Conseqüentemente é ele que organiza sua base estrutural, por meio da oferta de determinados objetos, fantasias, brinquedos ou jogos, da delimitação e arranjo dos espaços e do tempo para brincar. Por meio das brincadeiras os professores podem observar e constituir uma visão dos processos de desenvolvimento das crianças em conjunto e de cada uma em particular, registrando suas capacidades de uso das linguagens, assim como de suas capacidades sociais e dos recursos afetivos e emocionais de que dispõem.

FIGURA 30 – APRENDIZAGEM ATRAVÉS DO LÚDICO



FONTE: Disponível em: <<http://www.escolagatoadrez.com.br/galeria>>. Acesso em: 11 dez. 2010.

Quando nós, professores(as), nos aventuramos no mundo dos jogos e das brincadeiras e levamos esses recursos para a sala de aula, como aliados da aprendizagem, trazemos na bagagem uma série de benefícios para nossos alunos e contribuimos com um conhecimento para a vida, mais significativo, preciso e amplo.

Para Almeida (2011, p. 1):

Uma aula com características lúdicas não precisa ter jogos ou brinquedos. O que traz ludicidade para sala de aula é muito mais uma 'atitude' lúdica do educador e dos educandos. Assumir essa postura implica sensibilidade, envolvimento, uma mudança interna, e não apenas externa, implica não somente uma mudança cognitiva, mas principalmente uma mudança afetiva. A ludicidade exige uma predisposição interna, o que não se adquire apenas com a aquisição de conceitos, de conhecimentos, embora estes sejam muito importantes.



Professor, é importante ter clareza que escolher o brinquedo certo para cada fase do desenvolvimento infantil permite que os pequenos aprendam com vários modelos. Observe a seguir algumas sugestões de brinquedos educativos que podem ser explorados na sala de aula.



CARRINHOS DE EMPURRAR

O que são - versões em miniatura, feitas de plástico, de utensílios do cotidiano.

Etapa do desenvolvimento - para os que andam.

Como usar - com o brinquedo no chão, incline-se e mostre como empurrá-lo. Em seguida, coloque a criança em pé e convide-a a imitar a ação.

O que desenvolvem - estimulam a criança a ficar ereta e permitem que ela ande com mais autonomia.



LIVROS

O que são - feitos de papelão ou de pano, têm grandes ilustrações e texturas.

Etapa do desenvolvimento - para os que começam a falar.

Como usar - sente ao lado da criança ou coloque-a no colo. Leia as páginas e folheie uma a uma, apontando as ilustrações. Deixe-a virar as folhas à vontade. Caso amasse ou rasgue, conserte-o.

O que desenvolvem - a capacidade de virar as páginas e reconhecer figuras, como animais e personagens, o que é fundamental para desenvolver a linguagem.



FANTOCHES, MÁSCARAS E FANTASIAS

O que são – objetos e acessórios que possibilitam o faz de conta. Também entram nessa categoria as bonecas e miniaturas.

Etapa do desenvolvimento - para os que começam a falar.

Como usar – experimente alguma roupa ou adereço. Automaticamente, a criança vai querer fazer a mesma coisa. Mostre as funções dos objetos: máscara no rosto, fantoche na mão etc.

O que desenvolvem – o faz de conta, fundamental nessa fase por ajudar a compreender o mundo real e o imaginário. E também ajudam a desenvolver a linguagem.



CAIXAS, CUBOS E BLOCOS

O que são – objetos de papelão, plástico ou tecido que servem para empilhar e encaixar.

Etapa do desenvolvimento – para bebês que ficam sentados, com ou sem apoio.

Como usar – sente-se na frente da criança e mostre como encaixar uma peça na outra – ou montar uma pilha para ser derrubada. Repetir a brincadeira inúmeras vezes é o grande barato nessa fase.

O que desenvolvem – ao encaixar, empilhar e derrubar os objetos, o pequeno aprimora a preensão e o controle dos movimentos do braço.

FONTE: FARIA, F. O brinquedo certo para cada idade. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/0-a-3-anos/brinquedo-certo-para-cada-idade-mobile-fantoches-carrinhos-caixas-mordedo-res-creche-535400.shtml?>>. Acesso em: 6 jan. 2011.

Um fator que também deve ser observado é a competitividade, tão natural nas crianças e adolescentes. Pode ser utilizada como uma ferramenta muito favorável ao professor: quando bem elaborada em competições pedagógicas saudáveis, pode atuar na melhoria da aprendizagem dos alunos e até mesmo nos problemas de indisciplina, ou ainda nos problemas de relacionamento entre alunos. Jogos simples e ou brincadeiras bem aplicadas resultam no desenvolvimento dos alunos e no entendimento de vários conteúdos programáticos. Para que isso ocorra, é fundamental que os professores estejam comprometidos com o processo de formação de seus alunos. Essa atitude implica romper com paradigmas e padrões educacionais tradicionais já internalizados, o que não é uma atitude fácil, mas que, certamente, traz resultados mais significativos.

Isso ocorre porque a brincadeira, na visão do aluno, parece algo sem compromisso real, é natural e espontânea, lembra alegria. Cabe a nós, professores, propiciar situações motivadoras, desafiadoras e interessantes de ensino, nas quais a criança possa interagir com o objeto de estudo e, acima de tudo, possa construir significativamente o conhecimento.

FIGURA 31 – APRENDIZAGEM ATRAVÉS DO LÚDICO



FONTE: Acervo particular da autora

Aprender com prazer torna a criança criativa, ajuda na convivência com os colegas e testa suas habilidades, destrezas, inteligência e linguagem. Isto sem falar que na brincadeira a criança descarrega suas energias muitas vezes reprimidas no dia a dia da sala, onde ela permanece sentada em sua cadeira, ou ainda no seu lugar na fila.

Para o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 29):

A intervenção intencional baseada na observação das brincadeiras das crianças, oferecendo-lhes material adequado, assim como um espaço estruturado para brincar, permite o enriquecimento das competências imaginativas, criativas e organizacionais infantis. Cabe ao professor organizar situações para que as brincadeiras ocorram de maneira diversificada para propiciar às crianças a possibilidade de escolherem os temas, papéis, objetos e companheiros com quem brincar ou os jogos de regras e de construção, e assim elaborarem de forma pessoal e independente suas emoções, sentimentos, conhecimentos e regras sociais.

A brincadeira é também, de certa forma, uma maneira de aproximar o professor do aluno, afinal não é somente a criança que gosta de brincar, qualquer pessoa encontra no jogo uma diversão. Cabe ao professor preparar brincadeiras que, além de divertir os alunos, ajudem nas dificuldades de aprendizagem.

FIGURA 32 – APRENDIZAGEM ATRAVÉS DO LÚDICO



FONTE: Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/0-a-3-anos/importancia-rolar-pular-dancar-movimento-creche-educacao-infantil-bebes-criancas-conteudos-cuidados-535429.shtml?page=3>>. Acesso em: 6 jan. 2011.

TRABALHO-JOGO: TÉCNICAS E JOGOS PEDAGÓGICOS

[...] Os jogos de expressão, interpretação e interiorização de conteúdos, além de desenvolver a inteligência, enriquecem a linguagem oral, a escrita e a interiorização de conhecimentos, libertando o aluno do imobilismo para uma participação ativa, criativa e crítica no processo de aprendizagem.

Os jogos [...] possibilitam ao aluno o desenvolvimento de suas faculdades intelectuais bem como a flexibilidade para estabelecer relações com o seu meio, seu contexto e sua vida. Possibilitam aos alunos a superação do senso comum para uma adequação mais crítica e criativa no meio em que vivem. [...]

a) Preparo e Conhecimento

É muito importante que o professor não se atire a uma prática com insegurança e desconhecimento. É necessário investir na própria formação, lendo, conversando, pesquisando, buscando alternativas variadas, recriando. Quanto mais conhecimento tiver sobre o assunto, mais segurança terá na aplicação e execução do trabalho.

Dentre aspectos básicos, é importante:

1. Conhecer a natureza do lúdico, para não se deixar enganar pelo falso jogo e pelo modismo. Conhecer os fins mais abrangentes (educação como um todo), os fins mais específicos (concretizar a aprendizagem) e os meios para que isso ocorra.

2. Conhecer profundamente causas e efeitos para possíveis respostas e encaminhamentos.
3. Conhecer as formas adequadas de implementação, considerando: a adaptação na escola, a organização, o planejamento, a execução e a avaliação.

b) Organização e Planejamento

O professor, antes de colocar em prática qualquer atividade lúdica, deverá organizar-se e traçar um plano de trabalho, considerando para isso:

- Caracterização dos alunos e do ambiente [...]
- Adequação aos objetivos [...]

c) Preparo dos Alunos

Antes mesmo de sugerir qualquer tipo de atividade, é necessário que os alunos estejam conscientes e preparados para isso. Preparados no sentido de conhecer as regras e fazer bom uso delas. Nas atividades em que não se discutem as regras, há o risco de instigar a competição e com isso transformar a atividade numa espécie de antijogo, no qual predominam a violência, a transgressão e o subterfúgio.

Há situações em que os próprios alunos estabelecem as regras do jogo. Já em outros momentos cabe ao professor elaborar e discutir as regras com eles. Nos jogos em grupo, por exemplo, os alunos deverão estar devidamente preparados e imbuídos do espírito de cooperação, a fim de que as atividades lúdicas não se transformem em competição desenfreada e prejudicial. [...]

d) Execução das Atividades Lúdicas

Cabe ao professor certificar-se de que os participantes entenderam as regras, as metas e o funcionamento do jogo.

Mesmo que seja capaz de guardar mentalmente todo o funcionamento e as regras, o professor não deve dar-se ao luxo de confiar na memória. Assim, é interessante que elabore um roteiro, por escrito, para que se sinta mais seguro e não venha a decepcionar os alunos por falta de organização.

No desenvolvimento do jogo, o professor deve transmitir a todos os participantes a sensação de que sabe o que está fazendo. Cada palavra ou gesto deve representar entusiasmo e estímulo. É comum, apesar da prévia preparação, haver erros e confusões na primeira aplicação, mas, se isso acontecer, devem-se anotar as falhas, a fim de que em uma próxima aplicação não se cometam os mesmos erros.

Algumas atitudes recomendáveis ao professor na aplicação dos jogos:

1. Ser um “guia” (um dinamizador) enquanto orienta as atividades, e “juiz de fora”, quando dirige.
2. Ser um desafiador, um estimulador da inteligência.
3. Ser um problematizador, desafiando os alunos a encontrar soluções para problemas.
4. Discutir e analisar com os alunos o porquê e os efeitos do jogo, bem como as reações e atitudes dos participantes.
5. Colocar-se como irmão mais velho, com o qual os menores buscam segurança e novos conhecimentos.
6. Ter consciência do que faz e saber por que faz.
7. Ser um libertador – não temer os padrões rígidos e o julgamento dos outros (estar seguro).
8. Motivar-se com os alunos, trabalhar com eles, mostrar-se sempre firme e seguro, passando-lhes a confiança necessária.
9. Ter uma variedade de jogos e técnicas, descobrir, reinventar.
10. Adaptar-se à realidade, ter flexibilidade.
11. Trocar experiências com outros companheiros e buscar sempre novos conhecimentos.
12. Possibilitar aos alunos assumir lideranças, dando-lhes espaços para conduzir os jogos.
13. Preparar e conscientizar os alunos para os jogos em grupo, vivenciando os princípios básicos da dinâmica de grupo.
14. Relatar e publicar experiências para que outros possam conhecê-las e enriquecer-se.

O bom êxito de toda atividade lúdico-pedagógica depende exclusivamente do bom preparo e liderança do professor.

FIGURA 33 – APRENDIZAGEM ATRAVÉS DO LÚDICO



FONTE: Disponível em: <<http://www.jornallivre.com.br/26803/educacao-infantil-pre-escola.html>>. Acesso em: 11 dez. 2010.

Vimos, portanto, que brincar é gostoso, e que traz satisfação para a criança, independentemente do lugar onde ela esteja. É importante salientar que na escola as atividades lúdicas devem ter intencionalidade pedagógica, principalmente na Educação Infantil, considerada “a primeira etapa da educação básica” e que “tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”, de acordo com a LDB nº 9.394/96. Portanto, quando você, professor, planeja suas aulas, precisa estar atento aos objetivos que deseja atingir com sua ação pedagógica. Por isso, vale lembrar que, mesmo nos momentos de brincadeira no pátio da escola ou no parque, nos momentos das músicas cantadas antes das refeições e da higiene, nos atividades educativas, nas brincadeiras de roda, nas histórias contadas etc., a ação pedagógica está, ao mesmo tempo, divertindo e educando.

Segundo o Referencial Curricular Nacional a Educação Infantil (1998, p. 29):

É preciso que o professor tenha consciência que na brincadeira as crianças recriam e estabilizam aquilo que sabem sobre as mais diversas esferas do conhecimento, em uma atividade espontânea e imaginativa. Nessa perspectiva não se devem confundir situações nas quais se objetivam determinadas aprendizagens relativas a conceitos, procedimentos ou atitudes explícitas com aquelas nas quais os conhecimentos são experimentados de uma maneira espontânea e destituída de objetivos imediatos pelas crianças. Pode-se, entretanto, utilizar os jogos, especialmente aqueles que possuem regras, como atividades didáticas. É preciso, porém, que o professor tenha consciência que as crianças não estarão brincando livremente nestas situações, pois há objetivos didáticos em questão.

Ao educador cabe planejar e propor atividades de aprendizagem, tendo clareza dos fatos e intenção educacional, pois a ação do educador deve ser, antes de tudo, refletida, planejada e, uma vez executada, avaliada para perceber se os objetivos foram alcançados.

A brincadeira e o brinquedo, por mais simples que sejam, colaboram para a aprendizagem do aluno, principalmente porque não representam nenhuma obrigação imposta para o educando e, sim, atuam como desafiador, tornando-o habilidoso. É extremamente importante, por ajudar o aluno a lidar com momentos de tensão e estimular a cooperação.

AUTOATIVIDADE



Como já dissemos, o brinquedo colabora para a aprendizagem do aluno. Ele pode ser simples e confeccionado na própria aula. Para exemplificar esta questão, veremos algumas atividades que podem ser desenvolvidas e aplicadas em turmas da Educação Infantil, no texto a seguir. Para entender melhor o resultado, procure aplicá-las em seus alunos ou nos(as) seus(suas) filhos(as), sobrinhos(as), depois registre as informações do desenvolvimento das atividades e dos resultados alcançados, num pequeno texto, que poderá ser compartilhado com os colegas no encontro presencial.

LEITURA COMPLEMENTAR

ATIVIDADE 1

UM LITRO, QUATRO COPOS

- IDADE: 5 anos
- TEMPO: de uma hora a duas horas
- ESPAÇO: pátio ou quadra de esportes
- MATERIAL: dois copos de tamanhos diferentes, xícara de chá, embalagens de leite e garrafas plásticas vazias para cada grupo de quatro crianças.
- OBJETIVOS: explorar estimativas e comparar a capacidade de diferentes recipientes.

Com a classe dividida em grupos, proponha problemas que utilizem os diversos recipientes.

1- Quantos copos cabem em 1 litro de leite? Pegue um dos copos e a embalagem de leite vazia. Encha o copo de vidro com água e despeje na embalagem. Veja quantas vezes o procedimento é repetido até que a embalagem esteja cheia. Se você mudar de copo o que acontece?

2- Onde cabe mais leite: em uma xícara de chá ou em um copo?

3- Com 1 litro de leite, podemos encher mais xícaras ou mais copos? [...]

Outra sugestão é explorar receitas com a turma e planejar uma “tarde dos sucos”. As crianças escolhem os sucos que desejam fazer, planejam quem convidarão para saboreá-los, calculam o número de pessoas e a quantidade de suco que farão, bem como os ingredientes necessários para que todos os convidados se sirvam.

ATIVIDADE 2

NA MOSCA!

- IDADE: a partir de 4 anos
- TEMPO: uma hora
- ESPAÇO: pátio ou quadra de esportes
- MATERIAL: um quadro de formas geométricas para cada seis crianças e bolas de meia
- OBJETIVOS: reconhecer figuras; treinar noções de direção; e trabalhar o desenvolvimento corporal.

Desenhe várias figuras (um triângulo rosa, um círculo amarelo etc.) em uma cartolina ou papel kraft e coloque esse painel em algum lugar no pátio.

Ao seu comando, uma criança de cada vez atira a bola de meia em direção a uma figura geométrica indicada no painel. Se ele acertar, tem o direito de continuar, seguindo um novo comando seu para acertar outra figura. A criança continua até errar.

ATIVIDADE 3

TODOS SÃO AUTORES

- **IDADE:** a partir de 4 anos
- **TEMPO:** de 10 a 15 minutos
- **ESPAÇO:** sala de aula ou biblioteca
- **MATERIAL:** livros, fantasias, fantoches
- **OBJETIVOS:** desenvolver a criatividade; o respeito pela fala do outro; e o discurso narrativo.

Organize as crianças sentadas em roda e comece contando uma história que elas conheçam bem. Pode ser um conto ou fábula. Repentinamente, pare e peça a elas que continuem, sendo fiéis ao texto ou inventando. Deixe-as contar até um determinado trecho e retome lendo a história original. É possível também inverter a ordem, pedindo que os pequenos contem ou criem o início. Deixe fantoches e fantasias à disposição para a atividade se tornar mais interessante.

FONTE: EDUCAÇÃO Infantil. **Revista Nova Escola**, São Paulo, n. 9, p. 47-48, abr. 2009. Edição especial.

RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico você aprendeu que:

- É necessário que a escola e o professor procurem adequar-se às novidades, inserir brincadeiras no cotidiano escolar e preparar aulas dinâmicas.
- As atividades lúdicas promovidas na escola devem ter intenção de contribuir para o desenvolvimento da criança e precisam de conhecimento e preparo pedagógico.
- A brincadeira é uma maneira de aproximar o professor do aluno, afinal não é somente a criança que gosta de brincar, qualquer pessoa encontra no jogo uma diversão.
- Cabe ao professor preparar brincadeiras que, além de divertir os alunos, ajudem a superar as dificuldades de aprendizagem.
- Brincar é gostoso e traz uma satisfação muito grande para a criança, independentemente do lugar onde ela esteja. Na escola isso não pode ser diferente.
- Não basta termos um ambiente adequado para a aprendizagem, com muita riqueza e diversidade de materiais; é preciso haver professores e educadores preparados para essa nova concepção de escola.
- A brincadeira e o brinquedo, por mais simples que sejam, colaboram para a aprendizagem do aluno, principalmente porque não representam nenhuma obrigação imposta para o educando e, sim, atuam como desafios.

AUTOATIVIDADE



- 1 Faça uma relação dos brinquedos educativos que você conhece. Procure anotar ao lado de cada um os conteúdos que você pode explorar.

A LUDICIDADE E SUA RELAÇÃO COM A AFETIVIDADE

1 INTRODUÇÃO

Já refletimos sobre a importância das atividades lúdicas no desenvolvimento cognitivo da criança na Educação Infantil. No Tópico 4, estudaremos um pouco sobre a ludicidade como fator determinante nas relações afetivas, no desenvolvimento psicológico do ser humano.

Rossini (2001, p. 9) afirma que “[...] a afetividade acompanha o ser humano desde o nascimento até a morte. Ela ‘está’ em nós como uma fonte geradora de potência, de energia”.

Encontramos a expressão afetividade relacionada aos mais diversos termos: emoção, estados de humor, motivação, sentimento, paixão, atenção, personalidade, temperamento e outros tantos. A maior parte das vezes é confundida com emoção.

A afetividade pode ser considerada o elemento propulsor das emoções, dos sentimentos, das experiências sensíveis e, principalmente, da capacidade de entrar em contato com sensações, referindo-se às vivências dos indivíduos e às formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas.

FIGURA 34 – AFETIVIDADE X LUDICIDADE



FONTE: Acervo particular da autora

2 LUDICIDADE E AFETIVIDADE: ALIADAS NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

*Já brinquei de bola, já soltei balão,
mas tive que fugir da escola
para aprender esta lição.
(Chico Buarque, Meu Refrão)*

A escola é o ambiente em que os valores são vivenciados de maneira mais profunda. É um lugar onde crianças se encontram com educadores para conviver em clima de cooperação, amizade e afeto, participando de experiências que não encontram no seu ambiente familiar ou comunitário.

Para algumas crianças, é exclusivamente no ambiente escolar que elas conseguem relacionar-se com pares de idades semelhantes, tendo a oportunidade de trocar experiências e aprender através da convivência diária. Por ser um espaço tão privilegiado, a escola deve, continuamente, refletir sobre seu papel e rever seus procedimentos, objetivos, currículos e valores, tornando-se um lugar democrático, rico em estímulos, atraente e que possa proporcionar momentos de prazer e aprendizagem, tanto para alunos quanto para educadores.

Segundo Rossini (2001), as crianças que possuem uma boa relação afetiva são seguras, têm interesse pelo mundo que as cerca, compreendem melhor a realidade e apresentam melhor desenvolvimento intelectual.

FIGURA 35 – AFETIVIDADE X LUDICIDADE



FONTE: Disponível em: <<http://www.passionista.com.br/nossasenhoramemina/default.aspx?section=28&up=true>>. Acesso em: 18 dez. 2010.

Criador da Epistemologia Genética, Piaget reconheceu que a afetividade é o agente motivador da atividade cognitiva. Para Piaget (1973 apud LA TAILLE, 1992, p. 47), afetividade e a razão constituiriam termos complementares: “[...] a afetividade seria a energia, o que move a ação, enquanto a razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações”.

A afetividade também é concebida como o conhecimento construído através da vivência, não se restringindo ao contato físico, mas à interação que se estabelece entre as partes envolvidas, na qual todos os atos comunicativos, por demonstrarem comportamentos, intenções, crenças, valores, sentimentos e desejos, afetam as relações e, conseqüentemente, o processo de aprendizagem.

FIGURA 36 – AFETIVIDADE X LUDICIDADE



FONTE: Disponível em: <<http://www.colegiomonteararate.com.br/educacao-infantil.html>>. Acesso em: 11 dez. 2010.

Diretamente ligada à emoção, a afetividade consegue determinar o modo com que as pessoas visualizam o mundo e também a forma com que se manifesta dentro dele. Todos os fatos e acontecimentos que houve na vida de uma pessoa trazem recordações e experiências por toda a sua história. Dessa forma, a presença ou ausência do afeto determina a forma com que um indivíduo se desenvolverá. Também determina a autoestima das pessoas a partir da infância, pois quando uma criança recebe afeto consegue crescer e desenvolver-se com segurança e determinação.

Para Almeida (2011, p. 1):

A afetividade é estimulada por meio da vivência, na qual o educador estabelece um vínculo de afeto com o educando. A criança necessita de estabilidade emocional para se envolver com a aprendizagem. O afeto pode ser uma maneira eficaz de se chegar perto do sujeito e a ludicidade, em parceria, um caminho estimulador e enriquecedor para se atingir uma totalidade no processo de aprender.

Perceber o sujeito como um ser intelectual e afetivo, que pensa e sente simultaneamente, e reconhecer a afetividade como parte integrante do processo de construção do conhecimento implica um outro olhar sobre a prática pedagógica, não restringindo o processo ensino-aprendizagem apenas à dimensão cognitiva. A percepção, os valores, as atitudes, interesses, emoções, sentimentos, tendências e preferências são geradas a partir do potencial individual.



Para refletirmos melhor sobre a ludicidade e a afetividade como aliadas no processo ensino-aprendizagem, sugiro que você leia um trecho retirado do texto escrito por Lima (1999): “As atividades lúdicas na minha experiência de vida”.

AS ATIVIDADES LÚDICAS NA MINHA EXPERIÊNCIA DE VIDA

Passávamos por um caminho estreito, meu irmão e eu, o Gerivaldo (Geu), dos lados muito mato. Havia poucas casas perto da minha. A escola era numa garagem, uma mesa de madeira enorme, onde sentávamos ao redor da professora Carlota. De lá, lembro de inesquecíveis momentos. [...] Quando pintávamos, ah! como eu amava pintar aqueles lindos desenhos mimeografados! Já sabia o que fazer, recebia muitos elogios por isso, adorava o vermelho vinho, não gostava muito do vermelho claro, até hoje não gosto; quando a professora Carlota nos colocava em círculo, pedia para um aluno sair, com o objetivo de que ele descobrisse quem era o cacique escolhido pelo grupo. Assim dizíamos: “muda cacique”! E o cacique mudava os gestos e nós o acompanhávamos, até que ele fosse descoberto; quando cantávamos as músicas:

“O alface já nasceu, a chuva quebrou o galho, (bis)
rebola chuchu (bis)
rebola, se não eu caio (bis)”.

“Quem quiser aprender a dançar vai à casa de seu Juquinha, (bis)
ele pula, ele dança, ele faz requebradinha (bis)”.

[...] Só agora dou-me conta de que nossas brincadeiras eram sempre voltadas para a questão da guerra e da relação de poder: homem x mulher, branco x negro, patrão x empregado, pais x filhos, fortes x fracos. Estávamos tentando entender esses processos, sendo que, ao mesmo tempo, ensaiando nosso futuro. De qualquer modo, o mais significativo para mim é que eu pude ser criança, brinquei plenamente, fiz travessuras. Quantas não têm mais o direito garantido de serem crianças. [...]

FONTE: LIMA, Jilvania. As atividades lúdicas na minha experiência de vida. Bahia: UFBA, 1999. Disponível em: <http://www3.faced.ufba.br/rascunho_digital/textos/507.htm>. Acesso em: 5 jul. 2007.



Foi mantida a escrita original da canção! Na Língua Portuguesa padrão a palavra “alface” é um substantivo feminino (a alface).

De acordo com o texto “As atividades lúdicas na minha experiência de vida”, podemos perceber que as atividades lúdicas vividas em nossa infância influenciaram diretamente a formação do nosso caráter, da nossa personalidade, o comprometimento social e as escolhas que fizemos e faremos ao longo de nossa vida. O texto anterior nos faz refletir e compreender a respeito dos envolvimento reais que as atividades lúdicas podem realizar na formação do ser humano, pois é possível verificar que nas atividades lúdicas da infância da autora as relações de poder estavam implícitas, assim como as questões de gênero, raça, oprimidos e opressores etc. Possivelmente, essas características implícitas nas brincadeiras infantis que Lima (1999) apresentou no texto, influenciaram seu modo de pensar e agir, consequentemente, mudaram sua postura social e sua relação com o mundo.

Analisando estes fatos, fica evidente que o sucesso ou insucesso de certas experiências marcam a nossa vida, fazendo-nos sentir bem ou mal com determinados fatos e momentos vividos.

FIGURA 37 – AFETIVIDADE X LUDICIDADE



FONTE: Disponível em: <<http://www.saomiguel.p.gov.br/noticias/imprimenews.php>>. Acesso em: 11 dez. 2010.

Segundo Mutschelle (1994), a criança, ao entrar na escola pela primeira vez (geralmente isso ocorre na Educação Infantil), precisa ser muito bem recebida, porque nessa ocasião dá-se um rompimento de sua vida familiar para iniciar-se uma nova experiência, e esta deverá ser agradável para que haja um reforço da situação. Assim, quando a criança nota que a professora demonstra atitudes de carinho e afeto, ela entende que “a professora gosta dela”. Quando a professora apresenta certas qualidades como paciência, dedicação, vontade de ajudar e atitude democrática, a aprendizagem torna-se facilitada, pois a aproximação entre professor e aluno, seres até então desconhecidos, é mais fácil. Neste momento a primeira barreira, que pode ser aqui chamada de “barreira emocional”, é quebrada, abrem-se as portas para o início de uma aprendizagem sem traumas, tranquila e equilibrada. É o que muitas pessoas chamam de primeira impressão ou empatia.

Na escola a atitude do educador é fator preponderante de estímulo ou repressão tanto de sentimento ou de interesses, tendências e preferências. É importante que o educador não faça distinção, nem demonstre preferências entre os alunos. A atenção, o carinho e o incentivo devem ser iguais para todas as crianças, sem nenhum tipo de discriminação. É importante ter cuidado redobrado, pois as crianças percebem com muita facilidade se o professor está demonstrando um pouco mais de afeto com um ou outro do grupo. Portanto, se ao receber a turma, você tem o costume de esperá-los com um abraço ou um gesto de afeto, tenha o cuidado de não deixar nenhum aluno de fora, mesmo que por esquecimento ou descuido. A criança se sentirá excluída e pode até pensar que o(a) professor(a) não gosta dela, o que pode desencadear uma série de problemas de relacionamento e na aprendizagem.

A criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida, para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado. E o professor é quem prepara e organiza o pequeno universo da busca e do interesse das crianças.

Rossini (2001, p. 9) diz:

Alguém já viu criança feliz ir mal na escola? Por que existem crianças que, de uma série para outra, passam a gostar mais ou menos de determinada disciplina, modificando até seu desempenho? Tudo indica que é a troca de professor, e não do conteúdo da disciplina, a responsável pela mudança. Portanto, aprender deve estar ligado ao ato afetivo: deve ser gostoso, prazeroso [...].

FIGURA 38 – AFETIVIDADE X LUDICIDADE



FONTE: Acervo particular da autora

Ao perceber os gostos da criança, o professor deve aproveitar ao máximo suas aptidões e estimulá-la para o ensino. Ao contrário, o autoritarismo, inimizade e desinteresse podem levar o aluno a perder a motivação e o interesse por aprender, já que estes sentimentos são consequentes da antipatia por parte dos alunos que, por fim, associarão o professor à disciplina, e reagirão negativamente a ambos, criando um impedimento emocional com bloqueio de aprendizagem.

FIGURA 39 – AFETIVIDADE X LUDICIDADE



FONTE: Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/arte/pratica-pedagogica/personagens-palma-mao-429709.shtml>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

É preciso estar atento, também, que na idade pré-escolar os sentimentos imperam em todos os aspectos da vida da criança, dando cor e expressividade a essa vida. A criança não sabe dominar suas paixões, portanto a exteriorização dos sentimentos é muito mais impetuosa, sincera e involuntária do que no adulto. Demonstrações de agressividade, choro compulsivo (sem motivo aparente) devem ser observados e analisados, pois podem ser uma demonstração de sentimentos confusos, perturbadores e intrigantes, que acabam influenciando o relacionamento com os outros.

A serenidade e a paciência do educador, mesmo em situações difíceis, fazem parte da paz que a criança necessita. Observar a ansiedade, a perda de controle e a instabilidade de humor vai assegurar à criança ser o continente de seus próprios conflitos e raivas, sem explodir, elaborando-os sozinha ou em conjunto com o educador. A serenidade faz parte do conjunto de sensações e percepções que garantem a elaboração de nossas raivas e conflitos. Ela conduz ao conhecimento de si mesma, tanto do educador quanto da criança. (SALTINI, 1997, p. 91).

Quando ocorrem explosões de sentimentos – raiva, alegria, tristeza –, o professor precisa ter muita habilidade. Para tanto, faz-se necessário manter um diálogo com a criança, onde seja possível perceber o que está acontecendo, escutando-a, demonstrando carinho, abraçando-a quando ela assim o permitir, enfim, abrindo espaço para que a criança se manifeste e você, professor(a), possa ajudá-la.

Obviamente isso não significa fazer vistas grossas com relação aos erros da criança – se esse for o caso –, pois a advertência segura e equilibrada é uma manifestação de afetividade. De acordo com Zagury (2005), dar limites é necessário, pois a criança precisa compreender que seus direitos acabam onde começam os direitos dos outros, é importante dizer “sim” sempre que possível e “não” sempre que necessário. Mas vale ressaltar que dar limites não significa ser autoritário.

Mukhina (1998, p. 209) afirma: “Os sentimentos da criança brotam com força e brilho, para se apagarem em seguida: a alegria impetuosa é muitas vezes sucedida pelo choro”.

O desenvolvimento infantil é um processo dinâmico em que os níveis de desenvolvimento motor, afetivo e cognitivo não podem acontecer de forma isolada e, sim, integrada. A criança desenvolve sua capacidade afetiva, a sensibilidade, a autoestima, o raciocínio, o pensamento e também a linguagem, por meio do seu corpo, do meio em que vive e por meio da interação com outras crianças, educadores e familiares. Esse processo é contínuo e extremamente importante para o desenvolvimento cognitivo infantil.

Nesse sentido, é papel do educador no ensino infantil proporcionar às crianças experiências lúdicas, prazerosas, diversificadas e enriquecedoras para fortalecer a sua autoestima e desenvolver as suas capacidades.

Outro fator importante para o desenvolvimento da autoestima e que deve ser observado pelo(a) professor(a): não permitir que a criança seja exposta a situações constrangedoras nem alvo de chacotas ou de apelidos pejorativos. Isso pode deflagrar a insegurança e a sensação de desamparo, o que não é favorável para a sua aprendizagem e para o seu convívio social.

Para o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 28):

A brincadeira favorece a autoestima das crianças, auxiliando-as a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa. Brincar contribui, assim, para a interiorização de determinados modelos de adulto, no âmbito de grupos sociais diversos. Essas significações atribuídas ao brincar transformam-no em um espaço singular de constituição infantil. Nas brincadeiras, as crianças transformam os conhecimentos que já possuíam anteriormente em conceitos gerais com os quais brinca. Por exemplo, para assumir um determinado papel numa brincadeira, a criança deve conhecer alguma de suas características.

Se acreditamos numa prática pedagógica que faça a diferença na vida das pessoas, devemos pensar numa mudança de postura, na qual alunos e professores sejam os agentes de construção do conhecimento, tornando o respeito mútuo uma ponte que pode levar à afetividade, pois, desta forma, os alunos perceberão que são importantes no processo de aprendizagem e que sua opinião é respeitada pelos professores e colegas. Da mesma forma, o professor consegue ver em seus alunos uma fonte de conhecimento aberta, que não aceita mudanças, favorecendo o convívio afetivo, que, por sua vez, é um grande aliado para a educação lúdica e de qualidade.

Para Rossini (2001, p. 15), “[...] a afetividade é a única saída para a educação”. As crianças devem ter oportunidade de desenvolver sua afetividade. Cabe à escola e, principalmente, ao professor dar-lhes condições para que seu emocional floresça, se expanda, ganhe espaço.

As instituições de educação infantil devem favorecer um ambiente físico e social, onde as crianças se sintam protegidas e acolhidas e, ao mesmo tempo, seguras para se arriscar e vencer desafios. Quanto mais rico e desafiador for o ambiente, mais ele lhes possibilitará a ampliação de conhecimentos acerca de si mesmos, dos outros e do meio em que vivem.

Rossini (2001, p. 16) afirma que “[...] a afetividade é a base da vida. Se o ser humano não está bem afetivamente, sua ação como ser social estará comprometida, sem expressão, sem força, sem vitalidade”.

Acredita-se que a chave para o sucesso da escola, pensando numa perspectiva lúdica, inovadora e eficaz, é ensinar com afetividade e respeito ao indivíduo, é saber dosar, ter bom senso, pensar no aluno como um ser único que sente e age de acordo com o que está acontecendo ao seu redor. As atividades de classe não podem ser muito fáceis, nem impossíveis. A arte do bom professor está em apresentar tarefas diferenciadas, com níveis de dificuldade que contemplem toda a turma e que se transformem em desafio para que todos aprendam e se sintam felizes com isso, porque aprender tem que ser prazeroso e não um obstáculo que pode criar um bloqueio, trazendo transtornos para a criança pelo resto da vida.

FIGURA 40 – AFETIVIDADE X LUDICIDADE



FONTE: Acervo particular da autora

De acordo com Nicolau (2003), podem-se destacar alguns fatores do cotidiano escolar como elementos que auxiliam no resgate da autoestima, valorizando a participação efetiva e espontânea dos alunos, no processo ensino-aprendizagem:

A força do elogio: um elogio que valorize na medida certa os esforços da criança pode representar um estímulo para melhorar a imagem que ela faz de si mesma e seguir adiante na busca do conhecimento. Esse reforço positivo constitui um dos modos mais eficazes de melhorar o autoconceito. É importante

que o elogio seja personalizado, isto é, tarefas que poderiam ser fáceis para alguns são complicadas para outros e não pareça algo exagerado ou falso. Todo esforço merece elogio, mas os mais calorosos só devem ser concedidos a quem estiver realmente suando a camisa para fazer o melhor possível. Isso não significa fazer o melhor trabalho, mas dar o melhor de si.

O bom da conversa: a possibilidade de as crianças conversarem livremente em classe é outro meio eficaz para a geração de um autoconceito positivo. Os alunos devem se expressar sem barreiras. Se forem silenciados repetidas vezes, para evitar a “bagunça”, é provável que os mais tímidos se sintam tão reprimidos que não ousem mais falar. Ao deixá-los expressar-se, você alimenta a capacidade de participação, incentiva o espírito lúdico e forma seres críticos e conscientes de seu papel no mundo. Por isso, é importante ficar atento na maneira como se dá essa relação com a turma. Existem jeitos e jeitos de corrigir um estudante, certo? Como fazer com os alunos que não falam corretamente? Reprimir não funciona. No caso de crianças que provêm de um ambiente familiar mais pobre e menos escolarizado, tal atitude só serve para reforçar diferenças sociais – as crianças que têm um nível sociocultural superior, que frequentam ambientes melhores, passam a ridicularizar os coleguinhas. Reforçar o correto é importante e cria mecanismos de estímulo.

Estímulo à autonomia: incentivar o desenvolvimento das responsabilidades da criança. De uma maneira positiva, criar alguns compromissos e cobrá-los, num clima de interação e participação, dando oportunidade à criança tomar decisões e resolver alguns problemas. Reforçar com positivismo as condutas e as atitudes corretas, como, por exemplo, quando ele recolher seus brinquedos ou quando fizer suas atividades, dizer-lhe com carinho e de forma efusiva: “obrigado por ajudar”, “muito bem!”. É importante deixar de lado as críticas que não constroem e os insultos que não favorecem a autoestima.

FIGURA 41 – AFETIVIDADE X LUDICIDADE



FONTE: Disponível em: <<http://www.escolagatoxadrez.com.br/galeria>>. Acesso em: 11 dez. 2010.

Assim, sem abrir mão dos conteúdos tradicionais da escola, o(a) professor(a) pode e deve trabalhar conteúdos de natureza lúdica e afetiva, entendendo-os como objetivos de conhecimento para a vida dos alunos, da mesma forma que a matemática e a língua são vistas como objetos de conhecimento a serem aprendidos. Com esse tipo de proposta educacional, a escola/o professor entende que da mesma forma que os alunos aprendem a somar, a conhecer a natureza e a se apropriar da escrita, é fundamental para suas vidas que conheçam a si mesmos e a seus colegas, e as causas e consequências dos conflitos cotidianos. Trabalhando dessa maneira, por meio de situações lúdicas e que solicitem a resolução de conflitos, a educação atinge o duplo objetivo de preparar alunos para a vida cotidiana, ao mesmo tempo que não fragmenta as dimensões cognitivas e afetivas no trabalho com as disciplinas curriculares.

Na atividade lúdica, o que importa não é apenas o produto da atividade, o que dela resulta, mas a própria ação, o momento vivido. Possibilita, a quem a vivencia, momentos de encontro consigo e com o outro, momentos de fantasia e de realidade, de ressignificação e percepção, momentos de autoconhecimento e conhecimento do outro, de cuidar de si e olhar para o outro, momentos de vida.

O jogo e a brincadeira estão presentes em todas as fases da vida dos seres humanos, tornando especial a sua existência. De alguma forma o lúdico se faz presente e acrescenta um ingrediente indispensável no relacionamento entre as pessoas, possibilitando que a criatividade aflore. Por meio da brincadeira a criança envolve-se no jogo e sente a necessidade de partilhar com o outro. Esta relação expõe as potencialidades dos participantes, afeta as emoções e põe à prova as aptidões testando limites. Brincando e jogando a criança terá oportunidade de desenvolver capacidades indispensáveis à sua futura atuação profissional, tais como atenção, afetividade, o hábito de permanecer concentrado e outras habilidades perceptuais psicomotoras.

O ato de criar, imaginar, ver o outro, buscar, refletir, permite uma Pedagogia do Afeto na escola. Permite um ato de amor, de afetividade cujo território é o dos sentimentos, das paixões, das emoções, por onde transitam medos, sofrimentos, interesses e alegrias. Uma relação educativa que pressupõe o conhecimento de sentimentos próprios e alheios, que requerem do educador a disponibilidade, o envolvimento afetivo e cognitivo.

A afetividade é estimulada por meio da vivência, na qual o educador estabelece um vínculo de afeto com o educando. A criança necessita de estabilidade emocional para se envolver com a aprendizagem. O afeto pode ser uma maneira eficaz de se chegar perto do sujeito e a ludicidade, em parceria, um caminho estimulador e enriquecedor para se atingir uma totalidade no processo do aprender.

FIGURA 42 – AFETIVIDADE X LUDICIDADE



FONTE: Disponível em: <<http://www.fazerpedagogia2.webnode.com.br/news>>. Acesso em: 10 dez. 2010.

Quanto mais você, professor(a), vivenciar sua ludicidade de forma afetiva, maior será a chance de conseguir trabalhar com a criança de forma prazerosa, enquanto atitude de abertura às práticas inovadoras. Tal ação permite ao educador saber de suas possibilidades e limitações, desbloquear resistências e ter uma visão clara sobre a importância do jogo e do brincar para a vida da criança. A alegria, o entusiasmo, a beleza e o prazer das coisas estão dentro de cada criança. Cabe ao(à) professor(a) despertar esses sentimentos.

Lembre-se, a sala de aula também é um lugar de brincar, se você, professor(a), conseguir conciliar os objetivos pedagógicos com os desejos dos alunos a aprendizagem será significativa. Para isso é necessário encontrar equilíbrio entre o cumprimento de suas funções pedagógicas e a contribuição para o desenvolvimento da subjetividade. Desta forma estimulamos e participamos da construção do ser humano autônomo e criativo.

LEITURA COMPLEMENTAR

O AFETO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Isabel Parolin

Em uma de minhas viagens, o avião fez uma escala e entrou uma senhora com uma filha. Sentaram-se ao meu lado. Eu estava sentada na poltrona da janela e, sabendo que toda criança adora esse lugar, aguardei a mãe acomodar as bagagens e perguntei à criança se ela queria sentar na minha poltrona. Ela, prontamente, respondeu que sim encarando um largo sorriso que, aliás, eu já esperava. Levantei-me, dei o lugar para a menina e aguardei em pé que a mãe se levantasse e tomasse o lugar ao lado da sua filha (a famigerada poltrona do meio). A mãe olhou-me e foi logo afirmando: “Me desculpe, mas meio ninguém merece...” E nem se mexeu para me dar lugar no corredor. Eu olhei-a incrédula, sorri e já arrependida, insisti: “A senhora tem certeza...” Com o mesmo olhar decidido ela afirmou que, de jeito nenhum ela sentaria no meio. Ensaiei alguma defesa, porém olhei para a menina que já estava olhando animada para fora e decidi que não valeria a pena o desgaste. Sentei-me entre a mãe e a filha!

Quando iniciamos a viagem, acabei atendendo a colocação do cinto de segurança e dando pequenas explicações à criança. Vale a pena ressaltar que a aeromoça olhava e falava para mim ao se dirigir à criança. Logo que o avião subiu, e antes mesmo de a comissária avisar que seria servido o lanche, a menina chamou a mãe, que lia a revista da empresa aérea e disse, de forma bem desajeitada, que estava com MUUIIIITA fome. A criança falou mais alto do que o necessário. “Não seja malcriada! Espere a hora do lanche e a sua vez!”

A aeromoça, que andava pelo corredor, anunciou que serviria o lanche e, prontamente, antecipou o lanche dela. Quando a menina olhou para o lanche, falou alto e em bom tom: “Mas eu não gosto de nada disso!” Era amendoim e barra de cereais. A aeromoça, delicadamente, explicou que era a única coisa que ela tinha para servir, além da bebida. A menina armou-se de uma careta, inclinou-se para olhar para a mãe, que disfarçava, como se não fosse com ela, e disse (como quem cospel!): “Eu estou morrendo de fome”. A mãe não se acovardou, armou-se tal qual a sua filha tinha feito e retrucou: “É isso que tem... Se quiser, coma, senão comemos quando chegarmos!”. Eu, no meio das duas, ainda tentei negociar lugar ao lado da menina, ao que a mãe afirmou: “Deus me livre sentar no lado dessa malcriada!” A partir do momento que constatei que eu já fazia parte daquela situação, pois a aeromoça me olhava pedindo um desfecho, peguei o lanche da mão da aeromoça, virei para a menina, dando as costas para a mãe dela e perguntei o quanto ela estava com fome. “Tua fome é de não aguentar?” Ela me respondeu que era muita, era de morte! Retruquei com calma: “Então, coma o amendoim, é gostoso e engana a morte...” A menina achou graça e olhou para a mãe, com a clara intenção de fazer as devidas checagens do humor e temperatura emocional. A mãe estava dormindo.(?) Aproveitei e reafirmei: “Coma, é supergostoso e vai dar vontade de tomar refrigerante”. A menina vacilou e quando eu pensei que ela iria falar alto novamente, ela pegou o amendoim e começou a comer. Suspirei aliviada.

Repentinamente, ela debruçou-se sobre mim e disse, novamente mais alto do que o necessário: “Mãe, eu estou com muita sede!” A mãe fingindo acordar assustada e, da mesma forma que a criança, retrucou: “Você nunca está satisfeita, sempre te falta algo!” Quando a menina se armou para responder para a mãe, eu interfeiri: “Vamos combinar um melhor tratamento entre as duas? Já que eu estou entre vocês eu administro isso, ou você troca de lugar comigo?” Tentei mais uma vez. A mãe iluminou o olhar e me perguntou: “Não me diga que você é professora?” “Sou!” afirmei, já perdendo o que me restava de bom humor. E, olhando para a menina, continuei: “Todos estão olhando e pensando que você está viajando comigo, por isso nós vamos nos comportar sem chamar a atenção das outras pessoas”. A partir desse momento começamos a conversar. Ela me contou que tinha cinco anos, que estava no Jardim II. Contou-me, também, que ela gostava de andar de *skate*, que ela tinha ido visitar a avó. Quando nos cansamos da conversa, a mãe me perguntou por que a filha era tão mal-educada e de comportamento tão difícil. Tive a tentação de afirmar que era porque ela própria era mal-educada (pois nem sentar ao lado da filha ela quis, falava alto sem necessidade e, ainda por cima, desdenhou por eu estar sentada no meio). Consegui me controlar, porém, e, ao invés disso, eu expliquei para ela o quanto nossos filhos nos imitam e que eles aprendem a partir das nossas ações. A mãe me pareceu visivelmente admirada e me afirmou que ela se dedica totalmente à filha e, mesmo assim, ela era desobediente e de difícil trato. Continuamos a conversa, em tons amenos, a filha dela reproduz o tratamento e as informações dos adultos que a rodeiam.

Apesar de esse exemplo ser bem específico, muitos pais e professores acreditam que a criança deve aprender a partir do bom senso e da intuição. Não entendem que uma pessoa se constrói à medida que vive e convive em seu contexto socioafetivo. Uma criança não nasce com tendência a ser desobediente, mas ela aprende através de suas vivências a ser desobediente. Como queremos que as crianças aprendam a comportar-se adequadamente se os adultos que a rodeiam não dão o modelo, se eles mesmos não respeitam o espaço comum?

Ao não ser orientada, ouvida, atendida e entendida e, ainda por cima, recebendo constantes informações de que ela é malcriada, desobediente e difícil, essa criança tem toda a possibilidade de tornar-se tudo o que foi predito para ela.

A construção do sujeito acontecerá a partir da qualidade de vida afetiva que está disponível ao longo dos primeiros anos de vida. Vale afirmar que, a partir da temperatura do campo afetivo em que a criança vive, este será o propulsor das aprendizagens, ou não aprendizagens, produzidas por ela. Apesar disso, só recentemente é que a escola e os familiares procuraram entender a vida afetiva e suas repercussões no ato de aprender e de ensinar.

Quando uma criança entra na escola, ela passa a viver sob outros contratos, estabelece relações, submete-se a outras regras e convive a partir do que já construiu em sua vida afetiva. Reconhecer as emoções como parte do ato de aprender e identificar a reciprocidade entre afetividade e inteligência, como um agente interativo sob a atividade de construir conhecimento, é essencial para que nós, educadores, possamos planejar e administrar uma ação verdadeiramente educativa. (PAROLIN, 2000, p. 74).

O nosso sistema educativo, tanto o doméstico quanto o institucional, tem se preocupado principalmente com a transmissão de uma série de conhecimentos considerados fundamentais para que uma pessoa possa inserir-se no contexto social e cultural, contudo desconsideram que a informação não forma sujeitos competentes para viver e conviver.

Crianças em idade de Educação Infantil, muitas vezes não conseguem distinguir e entender os sentimentos que geram diante de um acontecimento. A mediação de um adulto competente e sensível é fundamental para que a criança desenvolva habilidades para conhecer melhor seus sentimentos e possam, a partir dessa tomada de consciência, ser mais competentes e assertivos em suas experiências.

Precisamos nos lembrar de que educar é um ato de amor e de dedicação que requer tempo e disponibilidade.

Nenhuma criança nasce sabendo e para saber é preciso que alguém se disponha a mediar o conhecimento da situação que a criança está vivendo, o seu desejo e entendimento da situação e o que é possível fazer de forma educativa adequada.

A menina do avião, além de não receber as informações necessárias para o seu desenvolvimento social, também não estava recebendo a formação necessária para o seu equilíbrio emocional, viabilizador tão importante das aprendizagens. Ao xingar a filha, a mãe desestabilizava a menina em seu campo afetivo e deixava de provocar aprendizagens.

Guardamos em nossa memória os fatos e os acontecimentos por nós vividos e essas experiências geram o conhecimento e o campo afetivo de uma pessoa. A afetividade e a inteligência constituem um par inseparável e uma evolui a partir da outra. Os fatos, as informações e os acontecimentos vividos geram lembranças e sentimentos, portanto lembraremos também se essas experiências foram agradáveis ou não. Podemos, inclusive, a partir dessas lembranças, não nos sentirmos estimulados a buscar novas experiências, caso elas tenham sido pouco prazerosas.

Cada pessoa é única e reage de forma particular diante de um mesmo estímulo. Portanto, cuidar da afetividade de uma criança é pensar em seu desenvolvimento de uma forma ampla.

Sem EU forte e diferenciado enfraquece-se o instrumento de conhecimento. Por conseguinte, é possível e necessário agir indiretamente sobre a inteligência, atuando sobre o sujeito, no plano afetivo. No primeiro ano de vida, estimulação da inteligência é rigorosamente sinônima de nutrição afetiva. Isso continuará a ser necessário, embora deixe de ser suficiente. Ao longo de toda a infância a temperatura afetiva desempenhará o papel catalizador da afetividade cognitiva. Sem vínculo afetivo não há aprendizagem. (DANTAS, 2002, p. 58).

Finalizo concordando com a mãe da menina que afirma que sua filha estava mal-educada, lembrando que nossas crianças se constroem em relação com seus adultos, com seus educadores.

Para que aquela mãe bem educasse aquela criança seria necessário que ela fizesse um trabalho pessoal para perceber-se como educadora da filha.

Aos educadores cabe questionar o quanto de importância têm dado ao desenvolvimento afetivo dos alunos e pensar: “Que crianças estamos formando?”

FONTE: PAROLIN, I. O afeto na Educação Infantil. **Revista Criar**, São Paulo, n. 5, p.18-19, set./out. 2005.

RESUMO DO TÓPICO 4

Neste tópico você aprendeu que:

- Piaget reconheceu que a afetividade é o agente motivador da atividade cognitiva.
- A afetividade pode ser conceituada como todo o domínio das emoções, dos sentimentos, das experiências sensíveis.
- As atividades lúdicas vividas em nossa infância influenciaram diretamente a formação do nosso caráter, da nossa personalidade, o comprometimento social e as escolhas que fizemos e faremos ao longo de nossa vida.
- A criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida, para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado.
- O papel do educador no ensino infantil é proporcionar às crianças experiências lúdicas, prazerosas, diversificadas e enriquecedoras para fortalecer a sua autoestima e desenvolver as suas capacidades.
- O jogo é, nas mãos do educador, um excelente meio de formar a criança.
- A afetividade é estimulada por meio da vivência, na qual o educador estabelece um vínculo de afeto com o educando. A criança necessita de estabilidade emocional para se envolver com a aprendizagem.

AUTOATIVIDADE



- 1 Por que trabalhar ludicidade e afetividade inseridas no contexto escolar pode ajudar no desenvolvimento cognitivo e psicológico da criança?
- 2 Descreva uma brincadeira ou jogo que pode ser trabalhado na sala de aula com o objetivo de estimular o afeto.

O CANTAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Nessa unidade vamos:

- compreender a voz como instrumento musical eficiente na Educação Infantil;
- refletir sobre as músicas folclóricas na formação cognitiva e afetiva da criança na Educação Infantil;
- compreender a musicalização reconhecendo a importância das atividades lúdicas de musicalização no desenvolvimento infantil;
- conhecer os elementos que compõem a música e as propriedades do som;
- compreender o papel do professor na musicalização da criança;
- identificar os instrumentos musicais possíveis de confeccionar na escola;
- identificar a Inteligência Musical como uma habilidade para entender e criar música.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em quatro tópicos. Ao final de cada um deles você encontrará atividades que o ajudarão a fixar os conhecimentos adquiridos.

TÓPICO 1 – A MUSICALIZAÇÃO COMO FORMA LÚDICA DE APRENDIZAGEM

TÓPICO 2 – A MUSICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

TÓPICO 3 – O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE MUSICALIZAÇÃO

TÓPICO 4 – INTELIGÊNCIA MUSICAL

A MUSICALIZAÇÃO COMO FORMA LÚDICA DE APRENDIZAGEM

1 INTRODUÇÃO

Acredito que você, acadêmico, já tenha ouvido falar e até mesmo já tenha utilizado a expressão “musicalização”. Mas afinal, o que é musicalização?

Musicalizar significa desenvolver o senso musical da criança, sua sensibilidade e expressão, ou seja, inserir a criança no mundo da música.

Bréscia (2003) diz que o trabalho com a musicalização desperta e aprimora o gosto musical, favorece o desenvolvimento da sensibilidade, o ritmo, o prazer de ouvir música, a imaginação, memória, atenção, autodisciplina, socialização e afetividade. Também contribui para a consciência corporal e a movimentação, permitindo desta forma que a criança conheça a si mesma melhor.

Ao trabalhar com os sons, a criança aguça sua audição, ao acompanhar gestos ou dançar ela está trabalhando a coordenação motora e a atenção, ao cantar ou imitar sons ela está estabelecendo relações com o ambiente em que vive. O aprendizado de música, além de favorecer o desenvolvimento afetivo da criança, amplia a atividade cerebral, melhora o desempenho escolar dos alunos e contribui para integrar socialmente o indivíduo. (BRÉSCIA, 2003, p. 81).

Como já estudamos na Unidade 1, a ludicidade é considerada a expressão natural da criança, isto é, faz parte do seu eu. É através da brincadeira que a criança aprende e constrói o seu universo social, cognitivo, afetivo e físico. Portanto, para despertarmos a musicalização na criança, é necessário apresentar a música em sua própria linguagem, ou seja, através de momentos e atividades lúdicas. Unindo o mundo da música e a magia da ludicidade criaremos um universo cheio de novas descobertas, fantasias e aprendizagem para as crianças da Educação Infantil.

FIGURA 43 – MUSICALIZAÇÃO



FONTE: Disponível em: <<http://promusicarosangela.files.wordpress.com/2010/06/figura-1.jpg>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

2 MUSICALIZAÇÃO E LUDICIDADE

A maioria das crianças recebe os primeiros estímulos musicais ainda no ventre materno, quando a mãe canta suavemente para acalantar o bebê: é neste momento que a memória sonora das crianças começa a ser formada. Portanto, é correto afirmar que o estímulo musical está presente no desenvolvimento da criança, desde o ventre materno. Nos primeiros meses de vida, é comum que os pais cantem cantigas de ninar, para “embalar o sono” dos bebês. Na maioria dos casos, sem perceber, eles estão introduzindo a criança na musicalização.

Jeandot (1993, p. 18) afirma que:

[...] quando a criança nasce, entra imediatamente em contato com o universo sonoro que a cerca. [...] Mesmo antes de nascer, ainda no útero materno, a criança já toma contato com um dos elementos fundamentais da música – o ritmo, através da pulsação do coração de sua mãe.

Segundo o mesmo autor, a criança recebe constantemente estímulos sonoros, seja pelo acalanto de sua mãe, seja pelos aparelhos de som de sua casa ou pelo canto das pessoas que a cercam. Alguns meses após seu nascimento, passa a interagir com o mundo sonoro, quando agita, mexe, balança, bate e faz vibrar os objetos à sua volta, transformando-os em um instrumento musical capaz de prender sua atenção por muito tempo. Dessa forma, a musicalidade está sendo construída na criança.

Leia atentamente o texto a seguir sobre a influência da música no desenvolvimento afetivo da criança.

A MÚSICA E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Em pesquisa realizada na Universidade de Toronto, Sandra Trehub (apud CAVALCANTE, 2004) comprovou algo que muitos pais e educadores já imaginavam: os bebês tendem a permanecer mais calmos quando expostos

a uma melodia serena e, dependendo da aceleração do andamento da música, ficam mais alertas.

Nossas avós também já sabiam que colocar um bebê do lado esquerdo, junto ao peito, o deixa mais calmo. A explicação científica é que nessa posição ele sente as batidas do coração de quem o está segurando, o que remete ao que ele ouvia ainda no útero, isto é, o coração da mãe. Além disso, a eficácia das canções de ninar é prova de que música e afeto se unem em uma mágica alquimia para a criança. Muitas vezes, mesmo já adultos, nossas melhores lembranças de situação de acolhimento e carinho dizem respeito às nossas memórias musicais. Já presenciamos vivências em grupos de professores que, a princípio, não apresentavam memórias de sua primeira infância. Ao ouvirem certos acalantos, contudo, emocionaram-se e passaram a relatar situações acontecidas há muito tempo, depois confirmadas por suas mães.

Por todas essas razões, a linguagem musical tem sido apontada como uma das áreas de conhecimentos mais importantes a serem trabalhadas na Educação Infantil, ao lado da linguagem oral e escrita, do movimento, das artes visuais, da matemática e das ciências humanas e naturais. Em países com mais tradição que o Brasil no campo da educação da criança pequena, a música recebe destaque nos currículos, como é o caso do Japão e dos países nórdicos. Nesses países, o educador tem, na sua graduação profissional, um espaço considerável dedicado à sua formação musical, inclusive com a prática de um instrumento, além do aprendizado de um grande número de canções. Este é, por sinal, um grande entrave para nós: o espaço destinado à música em grande parte dos currículos de formação de professores é ainda incipiente, quando existe. É preciso investir significativamente na formação estética (e musical, particularmente) de nossos professores, se realmente quisermos obter melhores resultados na educação básica.

Ainda abordando os efeitos da música no campo afetivo, estudos recentes ampliam ainda mais nosso conhecimento a respeito. Zatorre, da Universidade de McGill (Canadá) e Blood, do Massachusetts General Hospital (EUA), desenvolveram uma pesquisa que buscou analisar os efeitos no cérebro de pessoas que ouviam músicas, as quais, segundo as mesmas, lhes causavam profunda emoção. Verificou-se que, ao ouvir estas músicas, as pessoas acionaram exatamente as mesmas partes do cérebro que têm relação com estados de euforia. Segundo esses autores, isso confere à música uma grande relevância biológica, relacionando-a aos circuitos cerebrais ligados ao prazer (2001).

Há também inúmeras experiências na área de saúde, trabalhos em hospitais que utilizam a música como elemento fundamental para o controle da ansiedade dos pacientes. A origem deste trabalho remonta à Segunda Guerra Mundial, quando músicos foram contratados para auxiliar na recuperação de veteranos de guerra por hospitais norte-americanos. Pode-se afirmar que esse foi um grande impulso para a área de musicoterapia, hoje com reconhecimento

acadêmico consolidado. É cada vez mais comum a presença da música nestes locais, seja para diminuir a sensação de dor em pacientes depois de uma cirurgia, com mulheres em trabalho de parto (para estimular as contrações) ou na estimulação de pacientes com dano cerebral. Nesse sentido, não é exagero afirmar que os efeitos da música sobre os sentimentos humanos estão, cada vez mais, migrando da sabedoria popular para o reconhecimento científico.

FONTE: NOGUEIRA, M. A. A música e o desenvolvimento da criança. *Revista da UFG*, Goiânia, ano VI, n. 2, dez. 2004.

É importante que a criança seja inserida no mundo da música logo na primeira infância, criando-se um ambiente, em casa ou na escola, em que possa aprender a ouvir ou fazer música, identificando e brincando com os sons do meio ambiente. Segundo Weigel (1988), a musicalização permite que a criança conheça melhor a si mesma, desenvolvendo sua noção de esquema corporal, favorecendo a comunicação com o outro e contribuindo para o desenvolvimento cognitivo-linguístico, psicomotor e socioafetivo da criança.

FIGURA 44 – MUSICALIZAÇÃO INFANTIL



FONTE: Disponível em: <<http://musiclin.com.br/>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

Negrine (1997, p. 4), em estudos realizados sobre aprendizagem e desenvolvimento infantil, afirma que: “[...] quando a criança chega à escola, traz consigo toda uma pré-história, construída a partir de suas vivências, grande parte delas através da atividade lúdica”.

Brito (2003) afirma que os primeiros anos de aprendizagem de uma criança são favoráveis para iniciar o entendimento da linguagem musical, para aprender a ouvir sons e a reconhecer as diferenças entre eles. Entretanto, afirma também que na pré-escola a criança ainda não tem capacidade de concentrar-se para ouvir música, por isso é necessário que a apresentação da música seja feita de forma lúdica, isto é, por meio de histórias, dramatizações, jogos e brincadeiras, motivando sua participação. Dessa forma, o trabalho desenvolvido na Educação Infantil deve buscar a brincadeira musical, aproveitando a identificação natural da criança com a música.

A brincadeira musical na Educação Infantil deve focar ações como: a escuta de músicas e diferenciação de som e silêncio, a expressão corporal em diferentes ritmos musicais, o cantar diversas alturas e intensidades sonoras, a exploração dos sentimentos através da música, a criação musical livre e com regras etc. Se bem trabalhada, desenvolve o raciocínio, a criatividade e a possibilidade de descoberta de novos sons e aptidões, por isso se torna um relevante recurso didático, devendo estar presente cada vez mais nas salas de aula.

FIGURA 45 – RECONHECENDO INSTRUMENTOS MÚSICAIS DE FORMA LÚDICA



FONTE: Disponível em: <<http://ceiadolfoartmann.blogspot.com/2010/12/musicalizacao-o-que-conteceu-em-2010.html>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

Pensando assim, percebemos que a musicalização pode contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem, pois deixa o ambiente escolar mais alegre e, conseqüentemente, mais agradável, além de ajudar na socialização das crianças. A musicalização na sala de aula também pode ser usada como forma de relaxar os alunos depois de atividades físicas, ou para acalmá-los diante da tensão de novas e diferentes atividades, além de ser um poderoso recurso didático.

Conforme Mársico (1982, p. 148), uma das “[...] tarefas primordiais da escola é assegurar a igualdade de chances, para que toda criança possa ter acesso à música e possa educar-se musicalmente, qualquer que seja o ambiente sociocultural de que provenha”.

As atividades musicais realizadas na escola não visam à formação de músicos, e sim, através da vivência e compreensão da linguagem musical, propiciar a abertura de canais sensoriais, facilitando a expressão de emoções, ampliando a cultura geral e contribuindo para a formação integral do ser.

FIGURA 46 – MUSICALIZAÇÃO



FONTE: Disponível em: <<http://nostemposdadelicadeza.blogspot.com/2011/02/arte-estudio-b.html>>. Acesso em: 9 fev. 2011.

Gainza (1988) afirma que as atividades musicais na escola podem ter objetivos profiláticos, nos seguintes aspectos:

- **Físico:** oferecendo atividades capazes de promover o alívio de tensões devidas à instabilidade emocional e fadiga.
- **Psíquico:** promovendo processos de expressão, comunicação e descarga emocional através do estímulo musical e sonoro.
- **Mental:** proporcionando situações que possam contribuir para estimular e desenvolver o sentido da ordem, harmonia, organização e compreensão.

FIGURA 47 – MUSICALIZAÇÃO



FONTE: Disponível em: <<http://cosmocard.com.br/noticia/59256/2010-08-01/musicalizacao-precoce-traz-muitos-beneficios.html>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

Para Bréscia (2003, p. 81), “[...] o aprendizado de música, além de favorecer o desenvolvimento afetivo da criança, amplia a atividade cerebral, melhora o desempenho escolar dos alunos e contribui para integrar socialmente o indivíduo”. Portanto, quando trabalhada desde cedo no contexto escolar, a música ajuda de maneira lúdica e prazerosa o aprendizado e o trabalho em equipe, pois as crianças aprendem a ser mais sociáveis. Nesse sentido, faz-se necessária a sensibilização e a percepção dos educadores quanto às possibilidades de a música favorecer o bem-estar e o crescimento do saber dos alunos. Ela está ligada ao corpo, à mente e às emoções, afetando diretamente diferentes aspectos do desenvolvimento humano: físico, mental, social, emocional e espiritual, tornando-se assim um agente facilitador do processo educacional.

FIGURA 48 – CRIANÇAS DURANTE O PROCESSO DE MUSICALIZAÇÃO



FONTE: Disponível em: <<http://ceiadolfoartmann.blogspot.com/2010/12/musicalizacao-o-que-aconteceu-em-2010.html>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

Para que a aprendizagem da música possa ser fundamental na formação de cidadãos é necessário que todos tenham a oportunidade de participar ativamente como ouvintes, intérpretes, compositores e improvisadores, dentro e fora da sala de aula. Envolvendo pessoas de fora no enriquecimento do ensino e promovendo interação com os grupos musicais e artísticos das localidades, a escola pode contribuir para que os alunos se tornem ouvintes sensíveis, amadores talentosos ou músicos profissionais. (BRASIL, 1999, p. 77).

Bréscia (2003) diz que, ao trabalhar com diferentes sons, a criança aguça sua audição, ao acompanhar gestos ou dançar ela está trabalhando a coordenação motora e a atenção, ao cantar ou imitar sons ela está estabelecendo relações com o ambiente em que vive.

FIGURA 49 – TIRANDO SOM COM XILOFONES DE COPOS



FONTE: Disponível em: <<http://ceiadolfoartmann.blogspot.com/2010/12/musicalizacao-o-que-aconteceu-em-2010.html>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

Sendo assim, podemos dizer que cantar e acompanhar uma música com gestos, palmas e danças favorece o desenvolvimento do senso rítmico e da coordenação motora na criança. Ao se expressar musicalmente diante de outras crianças, ela afirma sua identidade, estabelece relações afetivas, desenvolve a autoestima, aceita suas capacidades e limitações, reconhece e valoriza a diferença.

FIGURA 50 – CONSTRUIR CONHECIMENTO MUSICAL E AMPLIAR A CULTURA DE MANEIRA ALEGRE NAS AULAS DE MUSICALIZAÇÃO



FONTE: Disponível em: <http://www.colegiomachadodeassis.com/?url=aulas_extras>. Acesso em: 17 jan. 2011.



Existem inúmeros autores que afirmam os benefícios da realização de atividades de musicalização para o desenvolvimento da criança. Se você quiser buscar mais informações a esse respeito, sugiro a seguinte leitura:

MÁRSICO, Leda Osório. **A criança e a música**: um estudo de como se processa o desenvolvimento musical da criança. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

MÚSICA E DESENVOLVIMENTO

A ideia de que música é saúde já circula desde o século VI a.C. Naquele tempo, Pitágoras já dizia que para o corpo e a mente ficarem sintonizados com a harmonia do universo a receita era simples e eficiente: música e dieta vegetariana. Quanto à dieta há discussão, mas até os médicos já sabem que música ajuda a curar. A isso chama-se musicoterapia. A definição oficial da Federação Mundial de Musicoterapia é longa.

É a utilização da música e/ou de seus elementos (som, ritmo, melodia e harmonia) por um profissional qualificado, com um cliente ou um grupo, em um processo destinado a facilitar e promover comunicação, relacionamento, aprendizado, mobilização, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos relevantes, a fim de atender às necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas. A musicoterapia busca desenvolver potenciais e/ou restaurar funções do indivíduo para que ele alcance uma melhor integração intrapessoal e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida, através de prevenção, reabilitação ou tratamento.

Ufa! Resumindo: o que será capaz de reunir crianças e adultos dançando em roda, completamente felizes e abandonados à brincadeira, senão a música?

Existem duas formas de proporcionar música a seu bebê: uma é ativa, em que você canta ou toca; a segunda utiliza músicas em sequências muito específicas, já gravadas – e atende àqueles que não se sentem aptos a tocar um instrumento. Em qualquer caso, o importante é que o bebê possa ser tocado enquanto ouve e tudo se transforme numa grande e prazerosa brincadeira, como convém às crianças.

Quanto à música para os bebês, as musicoterapeutas Coelho e Smith dizem que é preciso tomar cuidado com os efeitos “anestésicos”. A música pode ter um efeito calmante e isso, o tempo todo, pode ser ruim, porque priva a criança de descobrir o mundo no qual acabou de chegar. Esse efeito calmante acontece quando você usa o timbre agudo, com ritmo e altura bem marcados e persistentes.

Isso leva a um estado alterado de consciência – que pode ser muito gostoso para os adultos, mas confunde os bebês, que ainda não têm referências claras da realidade. É exatamente esse o efeito do som de caixinha de música. Segundo Coelho e Smith, o som deve ser “bem colocado”, ou seja, fazer parte da história sonora da pessoa. O que é isso? É tudo o que esse bebê, com sua pouca experiência, conhece de música desde que aprendeu a ouvir, no segundo mês de gestação. As musicoterapeutas preferem usar músicas que atendem à necessidade de cada indivíduo. No caso do bebê a coisa fica um pouquinho complicada, porque ele ainda não sabe falar do que gosta, nem tem independência suficiente para escolher o que quer. Nesse caso, a mãe tem uma saída muito interessante. Basta lembrar o que ouvia durante a gestação e lhe fazia bem (o que faz bem à mulher agrada ao bebê).

O mais importante, no entanto, é que a criança tenha oportunidade de experimentar estímulos diferentes. Se a mãe utiliza sempre a caixinha de música – e só ela –, acaba limitando as possibilidades, não abre um mundo para exploração. Devagar, você amplia o mundo visual. É importante que o mesmo aconteça com os estímulos sonoros, diz Coelho. Se você ficar tentada em usar músicas de efeito calmante em seu filho nas horas de aperto, esqueça. Condicionar seu bebê desde pequenino pode trazer dores de cabeça ainda maiores depois. O melhor mesmo é niná-lo e cantar as cantigas que você conhece.

Brincando de música. Pais de bem com a vida brincam de música com os bebês? Claro! Quem resiste a brincar com mãozinhas, pezinhos e rostinhos pequeninos? Desde rimas e brincadeiras simples, até mostrar os dedinhos, a partir dos quatro meses, valem todas as brincadeiras da época da vovó.

Quando a música encontra a brincadeira, os pequenos ficam felizes e vão se preparando para suas próximas fases de desenvolvimento. Ao longo dos anos que trabalha com bebês, Smith já viu bebês de nove ou onze meses, que nem mesmo falavam, acompanharem suas rimas, e os movimentos correspondentes. Quando ele começar a engatinhar, permita que brinque com os sons, mostre diferenças.

FONTE: CARVALHO, Mônica Fontanari de. Música e desenvolvimento. Disponível em: <http://www.indomus.com.br/musicaliza/artigos_e_textos.htm>. Acesso em: 25 jun. 2007.

FIGURA 51 – MUSICALIZAÇÃO



FONTE: JORNAL DE POMERODE. Disponível em: <<http://www.adjorisc.com.br/jornais/jornaldepomerode/noticias/n-27-abril-2010/a-musicalizac-o-na-educac-o-infantil-1.304080>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

3 O QUE É MÚSICA?

De acordo com a Enciclopédia *on-line* Wikipédia (2010), “[...] a música (do grego *μουσική τέχνη* - *musiké téchne*, a arte das musas) é uma forma de arte que se constitui basicamente em combinar sons e silêncio seguindo, ou não, uma pré-organização ao longo do tempo.”

Ainda conforme a mesma Enciclopédia (2010), a música:

É considerada por diversos autores como uma prática cultural e humana. Atualmente não se conhece nenhuma civilização ou agrupamento que não possua manifestações musicais próprias. Embora nem sempre seja feita com esse objetivo, a música pode ser considerada como uma forma de arte, considerada por muitos como sua principal função.

FIGURA 52 – PINTURA NUM VASO GREGO ANTIGO QUE REPRESENTA UMA LIÇÃO DE MÚSICA (510 A.C.)



FONTE: Disponível em: <<http://www.wikipédia.com.br>>. Acesso em: 28 dez. 2010.

Brécia (2003) nos diz que a música é uma linguagem universal, tendo participado da história da humanidade desde as primeiras civilizações. Conforme dados antropológicos, as primeiras músicas foram usadas em rituais, como: nascimento, casamento, morte, recuperação de doenças e fertilidade. Com o desenvolvimento das sociedades, a música também passou a ser utilizada em louvor a líderes, como a executada nas procissões reais do antigo Egito e na Suméria.

Existem inúmeras definições para música. Mas, de um modo geral, ela é considerada ciência e arte, à medida que as relações entre os elementos musicais são relações matemáticas e físicas; a arte manifesta-se pela escolha dos arranjos e combinações. Houaiss apud Brécia (2003, p. 25) conceitua a música como “[...] combinação harmoniosa e expressiva de sons e como a arte de se exprimir por meio de sons, seguindo regras variáveis conforme a época, a civilização etc.”.

FIGURA 53 – CONCERTO (1485-95), QUADRO A ÓLEO DE LORENZO COSTA



FONTE: Disponível em: <<http://www.wikipédia.com.br>>. Acesso em: 28 dez. 2010.

DEFINIÇÕES DE MÚSICA

Definir a música não é tarefa fácil porque, apesar de ser intuitivamente conhecida por qualquer pessoa, é difícil encontrar um conceito que abarque todos os significados dessa prática. Mais do que qualquer outra manifestação humana, a música contém e manipula o som e o organiza no tempo. Talvez por essa razão ela esteja sempre fugindo a qualquer definição, pois ao buscá-la, a música já se modificou, já evoluiu. Esse jogo do tempo é simultaneamente físico e emocional. Como “arte do efêmero”, a música não pode ser completamente conhecida e por isso é tão difícil enquadrá-la em um conceito simples.

A música também pode ser definida como uma forma de linguagem que se utiliza da voz, instrumentos musicais e outros artifícios, para expressar algo a alguém.



Recreação, desenho em mural por Charles Sprague Pearce

Um dos poucos consensos é que ela consiste em uma *combinação de sons e de silêncios, numa sequência simultânea ou em sequências sucessivas e simultâneas que se desenvolvem ao longo do tempo*. Neste sentido, engloba toda combinação de elementos sonoros destinados a serem percebidos pela audição. Isso inclui variações nas características do som (altura, duração, intensidade e timbre) que podem ocorrer sequencialmente (ritmo e melodia) ou simultaneamente (harmonia). Ritmo, melodia e harmonia são entendidos aqui apenas em seu sentido de organização temporal, pois a música pode conter propositalmente harmonias ruidosas (que contém ruídos ou sons externos ao tradicional) e arritmias (ausência de ritmo formal ou desvios rítmicos).

E é nesse ponto que o consenso deixa de existir. As perguntas que decorrem desta simples constatação encontram diferentes respostas, se encaradas do ponto de vista do criador (compositor), do executante (músico), do historiador, do filósofo, do antropólogo, do linguista ou do amador. E as perguntas são muitas:

- Toda combinação de sons e silêncios é música?
- Música é arte? Ou de outra forma, a música é *sempre* arte?

A música existe antes de ser ouvida? O que faz com que a música seja música é algum aspecto objetivo ou ela é uma construção da consciência e da percepção?



Cariocas jogam entrudo durante o Carnaval do Rio de Janeiro, em 1822, por Augustus Earle

Mesmo os adeptos da música aleatória, responsáveis pela mais recente desconstrução e reformulação da prática musical, reconhecem que a música se inspira sempre em uma “matéria sonora”, cujos dados perceptíveis podem ser reagrupados para construir uma “matéria musical”, que obedece a um

objetivo de representação próprio do compositor, mediado pela técnica. Em qualquer forma de percepção, os estímulos vindos dos órgãos dos sentidos precisam ser interpretados pela pessoa que os recebe. Assim também ocorre com a percepção musical, que se dá principalmente pelo sentido da audição. O ouvinte não pode alcançar a totalidade dos objetivos do compositor. Por isso reinterpreta o “material musical” de acordo com seus próprios critérios, que envolvem aquilo que ele conhece, sua cultura e seu estado emocional.

Da diversidade de interpretações e também das diferentes funções em que a música pode ser utilizada se conclui que a música não pode ter uma só definição precisa, que abarque todos os seus usos e gêneros. Todavia, é possível apresentar algumas definições e conceitos que fundamentam uma “história da música” em perpétua evolução, tanto no domínio do popular, do tradicional, do folclórico ou do erudito.

O campo das definições possíveis é na verdade muito grande. Há definições de vários músicos (como Mozart, Beethoven, Schönberg, Stravinsky, Varèse, Gould, Jean Guillou, Boulez, Berio e Harnoncourt), bem como de musicólogos como Carl Dalhaus, Jean Molino, Jean-Jacques Nattiez, Célestin Deliège, entre outros. Entretanto, quer sejam formuladas por músicos, musicólogos ou outras pessoas, elas se dividem em duas grandes classes: uma abordagem intrínseca, imanente e naturalista contra uma outra que a considera antes de tudo uma arte dos sons e se concentra na sua utilização e percepção.

– A abordagem naturalista

De acordo com a primeira abordagem, a música existe antes de ser ouvida; ela pode mesmo ter uma existência autônoma na natureza e pela natureza. Os adeptos desse conceito afirmam que, em si mesma, a música não constitui arte, mas criá-la e expressá-la sim. Enquanto ouvir música possa ser um lazer e aprendê-la e entendê-la seja fruto da disciplina, a música em si é um fenômeno natural e universal. A teoria da ressonância natural de Mersenne e Rameau vai neste sentido, pois ao afirmar a natureza matemática das relações harmônicas e sua influência na percepção auditiva da consonância e dissonância, ela estabelece a preponderância do natural sobre a prática formal. Consideram ainda que, por ser um fenômeno natural e intuitivo, os seres humanos podem executar e ouvir a música virtualmente em suas mentes sem mesmo aprendê-la ou compreendê-la. Compor, improvisar e executar são formas de arte que utilizam o fenômeno música.

Sob esse ponto de vista, não há a necessidade de comunicação ou mesmo da percepção para que haja música. Ela decorre de interações físicas e prescinde do humano.

– A abordagem funcional, artística e espiritual



Alegoria da Música, por Filippino Lippi

Para um outro grupo, a música não pode funcionar a não ser que seja percebida. Não há, portanto, música se não houver uma obra musical que estabeleça um diálogo entre o compositor e o ouvinte. Este diálogo funciona por intermédio de um *gesto* musical formante (dado pela notação) ou formalizado (por meio da interpretação). Neste grupo há quem defina música como sendo “a arte de manifestar os afetos da alma, através do som” (Bona). Esta expressão informa as seguintes características: 1) música é arte: manifestação estética, mas com especial intenção a uma mensagem emocional; 2) música é manifestação, isto é, meio de comunicação, uma das formas de linguagem a ser considerada, uma forma de transmitir e recepcionar uma certa mensagem, entre indivíduos considerados, ou entre a emoção e os sentidos do próprio indivíduo que entona uma música; 3) utiliza-se do som, é a ideia de que o som, ainda que sem o silêncio pode produzir música, o silêncio individualmente considerado não produz música.

Para os adeptos dessa abordagem, a música só existe como manifestação humana. É atividade artística por excelência e possibilita ao compositor ou executante compartilhar suas emoções e sentimentos. Sob essa óptica, a música não pode ser um fenômeno natural, pois decorre de um desejo humano de modificar o mundo, de torná-lo diferente do estado natural. Em cada ponta dessa cadeia, há o homem. A música é sempre concebida e recebida por um ser humano. Neste caso, a definição da música, como em todas as artes, passa também pela definição de uma certa forma de comunicação entre os homens. Como não pode haver diálogo ou comunicação sem troca de signos, para essa vertente a música é um fenômeno semiótico. [...]

– Definição social

Por trás da multiplicidade de definições, se encontra um verdadeiro fato social, que coloca em jogo tanto os critérios históricos, quanto os geográficos. A música passa tanto pelos símbolos de sua escritura (notação musical), como pelos sentidos que são atribuídos a seu valor afetivo ou emocional. É por isso que, no Ocidente, nunca parou de se estender o fosso entre as músicas do ouvido (próximas da terra e do folclore e dotadas de uma certa espiritualidade) e as músicas do olho (marcadas pela escritura, pelo discurso). Nossos valores ocidentais privilegiam a autenticidade autoral e procuram inscrever a música dentro de uma história que a liga, através da escrita, à memória de um passado idealizado. As músicas não ocidentais, como a africana, apelam mais ao imaginário, ao mito, à magia e fazem a ligação entre a potencialidade espiritual e corporal. O ouvinte desta música, bem como o da música folclórica ou popular ocidental participa diretamente da expressão do que ouve, através da dança ou do canto grupal, enquanto que um ouvinte de um concerto na tradição erudita assume uma atitude contemplativa que quase impede sua participação corporal, como se só a sua mente estivesse presente ao concerto. O desenvolvimento da notação musical e a constituição artificial do sistema de temperamentos consolidou, na música, o dualismo corpo-mente típico do racionalismo cartesiano. E de tal forma esse movimento se fortaleceu que mesmo a música popular ocidental, ainda que menos dualista, se rendeu à sistematização, na qual se mantém até hoje.

– Música: um fenômeno social



A ala de baianas da Imperatriz Leopoldinense no carnaval 2008, Rio de Janeiro.

As práticas musicais não podem ser dissociadas do contexto cultural. Cada cultura possui seus próprios tipos de música totalmente diferentes em seus estilos, abordagens e concepções do que é a música e do papel que ela deve exercer na sociedade. Entre as diferenças estão: a maior propensão ao

humano ou ao sagrado; a música funcional em oposição à música como arte; a concepção teatral do Concerto contra a participação festiva da música folclórica e muitas outras.

Falar da música de um ou outro grupo social, de uma região do globo ou de uma época, faz referência a um tipo específico de música que pode agrupar elementos totalmente diferentes (música tradicional, erudita, popular ou experimental). Esta diversidade estabelece um compromisso entre o músico (compositor ou intérprete) e o público que deve adaptar sua escuta a uma cultura que ele descobre ao mesmo tempo que percebe a obra musical. [...]

FONTE: Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%Basic>>. Acesso em: 18 dez. 2010.

Gainza (1988, p. 22) ressalta que: “A música e o som, enquanto energia, estimulam o movimento interno e externo no homem; impulsionam-no à ação e promovem nele uma multiplicidade de condutas de diferentes qualidade e grau”.

De acordo com Wilhems (apud GAINZA 1988, p. 36):

Cada um dos aspectos ou elementos da música corresponde a um aspecto humano específico, ao qual mobiliza com exclusividade ou mais intensamente: o ritmo musical induz ao movimento corporal, a melodia estimula a afetividade; a ordem ou a estrutura musical (na harmonia ou na forma musical) contribui ativamente para a afirmação ou para a restauração da ordem mental no homem.

Quando trabalhamos com a musicalização na Educação Infantil não significa que devemos ensinar à criança toda a teoria musical, mas, sim, aproximá-la, de forma lúdica, ao mundo da música, introduzindo alguns termos musicais ao cotidiano escolar. Portanto, é importante conhecermos os elementos que compõem a música.

De acordo com Weigel (1988, p. 10), toda música é composta basicamente por:

Som: são as vibrações audíveis e regulares de corpos elásticos, que se repetem com a mesma velocidade, como as do pêndulo do relógio. As vibrações irregulares são denominadas ruído.

Ritmo: é o efeito que se origina da duração de diferentes sons, longos ou curtos.

Melodia: é a sucessão rítmica e bem ordenada dos sons.

Harmonia: é a combinação simultânea, melódica e harmoniosa dos sons.

Quando uma música é executada, todos esses elementos – som, ritmo, melodia e harmonia – podem ser ouvidos simultaneamente e em algumas canções podemos encontrar ainda a **letra**, que é o texto ou a poesia dividida em sílabas musicais.

A arte de combinar os sons tem sido uma das definições para música na atualidade. Dessa forma, considero interessante apresentar a você as propriedades do som: altura, timbre, intensidade e duração. Segundo a Enciclopédia *on-line* Wikipédia (2010), esses elementos sonoros têm o seguinte significado:

Altura refere-se à forma como o ouvido humano percebe a frequência dos sons. As baixas frequências são percebidas como sons graves e as mais altas como sons agudos. Popularmente denominamos os sons graves como grossos, como, por exemplo, o som da voz do Cid Moreira ou das cantoras Ana Carolina, Zélia Duncan, Maria Bethânia; e os agudos como finos, como, por exemplo, a voz do cantor Ney Matogrosso ou das cantoras Gal Costa e Luíza Possi.

Chama-se **timbre** a característica sonora que nos permite diferenciar os sons. Quando ouvimos, por exemplo, uma nota tocada por um piano e a mesma nota (uma nota com a mesma altura) produzida por um violino, podemos identificar os dois sons como tendo a mesma altura, mas percebemos que possuem características sonoras muito distintas, próprias de cada instrumento (piano e violino).

Intensidade refere-se à percepção da amplitude da onda sonora. Frequentemente também é chamada de volume ou pressão sonora. Ou seja, quando nos referimos a um som forte ou fraco.

Em alguns momentos de nosso cotidiano, quando um som em volume muito intenso (ou forte) nos incomoda, normalmente dizemos: abaixe o som! Utilizar este termo para diminuir a intensidade do som é um equívoco, pois ele está associado à altura da frequência do som, ou seja, ao agudo e ao grave. Para fazer referência ao volume do som o correto seria dizer: **diminua a intensidade do som!** O mesmo equívoco ocorre quando solicitamos a alguém: Fale baixo! Se essa pessoa souber associar, corretamente, os adjetivos (alto e baixo) à altura do som, passará a falar com a voz mais grave do que estava falando antes e não com uma intensidade (volume) menor. Dessa forma, vale lembrar que “alto e baixo” estão associados à altura do som e não à sua intensidade.

Duração é a quantidade de tempo durante o qual determinado fenômeno persiste, ou simplesmente, um intervalo de tempo. É a propriedade que permite identificar e diferenciar sons longos e sons curtos, rápidos e lentos. As durações são os elementos constituintes do ritmo.

AUTOATIVIDADE



Agora que você já conhece os elementos que compõem a música e as propriedades do som, que tal exercitar um pouco? Escolha uma música (que seja cantada) que você aprecie. Ouça a música sem interrupções e com muita atenção. Perceba a altura da voz de quem está cantando. É uma voz aguda ou grave? Perceba ainda o ritmo da música. É uma música rápida ou lenta? (Acompanhar com palmas pode ajudar a definir o ritmo.) Não se esqueça de anotar suas conclusões.

4 AS MÚSICAS FAZEM PARTE DA NOSSA HISTÓRIA

Quem não se lembra das músicas que cantou/brincou na sua infância? Das festas populares de que participou? Das músicas que marcaram festas escolares e comunitárias?

Pois bem, a maioria das músicas que embalsamaram nossas brincadeiras fazia e faz até hoje parte do folclore brasileiro. A música está sempre associada à cultura e às tradições de um povo e de sua época. Desta forma o folclore pode ser traduzido como um gênero de cultura de origem popular, constituído pelos costumes, lendas, tradições e festas populares.

FIGURA 54 – CRIANÇAS BRINCANDO



FONTE: Disponível em: <<http://ceiadolfoartmann.blogspot.com/2010/12/musicalizacao-o-que-aconteceu-em-2010.html>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

O Brasil possui um folclore riquíssimo, graças ao entrosamento de costumes de povos diferentes que, ao se encontrarem em nosso país, construíram novas e únicas expressões de manifestação popular. Para a formação do nosso folclore colaboraram, além do elemento nativo (o índio), o português e o africano. Estes três povos constituíram as raízes de nossa cultura. Posteriormente, imigrantes de outros países, como Itália, Alemanha e outros, deram sua contribuição ao nosso folclore, tornando-o mais complexo e rico.

A Equipe Brasil Escola (2006), após pesquisa realizada em âmbito nacional, aponta como as mais importantes manifestações do folclore brasileiro as seguintes:

- Linguagem Popular: gíria, apelidos, legendas, linguagem especial ou cifrada, metáforas, frases feitas. Além da palavra há a mímica e os gestos. Assim, nós temos expressões utilizadas em todo o país (“tirar o pai da força”, “está se virando”), compreendidas por todos, e expressões regionais, somente entendidas pelos habitantes da região (“gineteando” - Rio Grande do Sul, “Fute” - dito na região Nordeste).

- Literatura Oral: poesia, história, fábulas, lendas, mitos, romances, parlandas, adivinhas, anedotas, provérbios, orações, pregões e literaturas de cordel, todos transmitidos oralmente.
- Lúdicos: são os folguedos populares tradicionais, os jogos, os brinquedos e brincos. Exemplos: Bumba meu boi (NE), Caboclinhas (PB e RN), Cavalhadas (RS, AL, PR e SP), Ciranda (PE), Congada (SP, ES, BA, MG, GO, PR, RS), Cordões de Bicho (AM), Fandango, conhecido em todo o Brasil e, ainda, Guerreiros, Mamulengo, Maracatu, Moçambique, Pastoril, Quilombo e Reisado.
- Crendice: (superstições) as de caráter ativo se manifestam em regiões, cultos dos santos, seitas, cultos de fetiches; e as de caráter passivo nos presságios, esconjuros, orações, tabus e totemismos. Contam com patuás, relíquias, amuletos, talismãs, bentinhos e santinhos.
- Usos e Costumes: ritos de passagens, usanças agrícolas, pastoris, medicina rústica e trajés.
- Artes Populares e Técnicas Tradicionais: culinárias, rendas e bordados, cerâmicas e trabalhos artesanais.
- Música: a música folclórica está presente em quase todas as manifestações populares. A serenata, coreto, cantigas de rixa, bendito, cantigas de cego, cantos de velório, cânticos para as almas e canções de ninar são formadas de músicas folclóricas. (FOLCLORE brasileiro. Disponível em: <www.brasilecola.com.br>. Acesso em: 24 maio 2006.)

As músicas folclóricas caracterizam-se pela simplicidade de sua composição. Possuem letras do vocabulário popular, melodias simples e fáceis de serem decoradas. Elas representam as histórias vividas pelos povos de uma comunidade ou nação.

A música cultural, oferecida através do folclore, nos remete a um eu social. Ela é capaz de nos inserir em um universo de significações e nos faz sentir parte de algo que vai além de nós. A partir das músicas folclóricas somos levados a conhecer como as coisas acontecem ao nosso redor, de forma descontraída e imperceptível.

FIGURA 55 – MÚSICA CULTURAL



FONTE: Disponível em: <<http://www.csrdf.com.br/Conteudo.aspx?A=12&C=1021>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

Para complementar nossa reflexão sobre a importância da música folclórica em nossa vida, leia com atenção o texto de Sakai (2004, p. 12):

CANTANDO AS HISTÓRIAS QUE CORPORIFICAMOS

Cante uma canção bonita falando da vida em ré maior, cante uma canção que aguarde esta paulada e a gente bate o pé no chão, canto que não silencia a intuição e nasce uma canção rimada da voz arrancada, nosso coração... (Intuição - Oswaldo Montenegro). Neste texto, assim como Oswaldo Montenegro, faço um convite para cantar as músicas/canções que contam a sua história. Quem não sabe uma cantiga de ninar? Ou se lembra de cantigas de roda, das brincadeiras cantadas feitas com os coleguinhas, como Lenço atrás corre mais? E para ajudar a lembrar e encorajar a cantar, inicio com as minhas lembranças. Talvez as letras das canções sejam diferentes, não se surpreenda, pois embora as cantigas folclóricas e brincadeiras sejam universais, elas adquirem características regionais. Lembro da cantiga “Nana nenê que a cuca vem pegar, papai foi à caça, mamãe foi trabalhar” (Folclore Infantil), que com certeza alguém cantou para mim e me acolheu em seus braços e me ninou para dormir; e com a mesma música, acolhi meus filhos em meus braços. Já maiorzinha, muito brinquei com meus primos e coleguinhas de “Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar, vamos dar a meia volta, volta e meia vamos dar, [...]”, de “A canoa virou por deixar ela virar, foi por causa de _____, que não soube remar, se eu fosse um peixinho e soubesse nadar [...], ou de “O galo e a galinha foram à festa em Portugal [...]” e também com esta outra bem conhecida: “Atirei o pau no gato, to, mas o gato, to, não morreu, reu, reu, [...]” (Cantigas do Folclore Infantil) e meu corpo correu, riu, pulou, festejou, pulsou, imaginou e fantasiou, me ensinando muitas vezes a lidar com sentimento e a resolver conflitos internos desta fase. Já adolescente ouvi muito Legião Urbana “Quando o sol bate na janela do meu quarto, lembra e vê, que o caminho é um só [...]”, Cazusa “Vida louca vida, vida breve [...]”, Marisa Monte “Ela só quer só pensa em namorar [...]”, Elis Regina “Alô, alô marcianos, aqui quem fala é da Terra, pra variar ainda estamos em guerra [...], Rita Lee “Que tal nós dois numa banheira de espuma [...]”, e aí meu gosto se misturou com o dos meus pais – rodas de samba “Não posso ficar nem mais um minuto com você [...]”, os amigos da mesma idade, prazeres, sonhos, angústias, revoltas, turbilhões de emoções percorriam meu corpo. Quando tocava “Não sei por que você se foi quantas saudades eu senti...” (Tim Maia), lembrava de meu pai e meu peito apertava e muitas vezes chorava. Já a música Espanhola, de Sá e Guarabira, “... Te amo espanhola, pra que chorar, te amo...”, lembro de quando meu marido, ainda namorado, me fez chorar e meu corpo vibrou... E assim, quando olho para minha história ela está repleta de muitos outros sons, músicas/canções e emoções que evocam eventos particulares, pessoas queridas, sentimentos, desejos, sensações... Enquanto você estava lendo a letra dessas músicas, talvez tenha se lembrado e cantado comigo, ou talvez tenha se lembrado de outras músicas/ canções de sua própria história, trazendo à tona lembranças, sensações, emoções. Se não lembrou, pode experimentar relembrar agora e cantá-las ou colocar para ouvir suas músicas e sentir suas reações.

Cantando nas mais diferentes situações as canções/músicas sempre nos acompanham interferindo no nosso comportamento consciente ou inconscientemente e a memória gravando indiscriminadamente nossas experiências dessa relação e que influencia nossa própria evolução, segundo Stralio (MARYNOWSKI, 2003). Quantas serão as canções que cantamos desde o início da nossa vida e o que elas revelam sobre nossa história? Desde o período embrionário somos atingidos pelos fenômenos sonoros, mesmo nosso aparelho auditivo não estando totalmente desenvolvido, pois vibramos, nosso corpo vibra, com as sonoridades do nosso próprio corpo (batimento cardíaco), do corpo da mãe (batimento cardíaco, circulação sanguínea, sons intestinais) e do mundo externo mesmo que distorcidos, filtrados pelo líquido amniótico, conhecemos o ritmo e a altura, sentimos os movimentos, as posturas, os prazeres e desprazeres da mãe. Já ao nascer ouvimos nossa primeira emissão vocal, através do choro, nosso primeiro grito, depois para satisfazer e expressar nossas necessidades internas vamos desenvolvendo formas de comunicação sonora, gestual e corporal (dos 0 aos 6 meses), utilizamos sons vocais e passamos a fazer jogos vocais; (dos 6 meses aos 2 anos), primeiro os balbucios, passamos às primeiras palavras e podemos cantarolar, estamos explorando o ritmo que se relaciona com o nosso falar, com o andar, com o brincar (acelerando, desacelerando) exploramos o mundo, podemos reconhecer melodias, cantá-las e associar movimentos a elas, aprendemos nossas primeiras canções; (dos 2 aos 12 anos) começamos a utilizar a palavra cantada, o canto, o movimento, conectando sons, palavras e movimentos ritmicamente, no início com sílabas e palavras sem sentido, depois com o desenvolvimento do pensar mais concreto utilizamos frases e situações que podem refletir como nos sentimos.

Descobrimos na música um excelente meio de expressão das emoções. Quando chegamos à adolescência, queremos ser ouvidos e buscamos força na música, como o *rock*, com temas que falam de amor e sexo. Já adultos,

[...] as principais necessidades musicais durante este período são: apreciação estética, recreação, prazer e suporte psicológico... como adultos podemos agora ser descritos como tendo um repertório musical, uma “personalidade musical”, que organiza, dirige e equilibra os vários hábitos e preferências musicais para satisfazer estas necessidades. (LELIS, 2001).

O que sugiro por “Personalidade Musical” é a soma dos traços característicos que inclui uma neurologia auditiva individual (estrutura potencial) somada à história musical (as experiências, contatos, aprendizados, repetições) (SAKAI, 2001). Os Traços/Estrutura de Caráter contém o como o corpo organiza a ação, o movimento, a forma e as sensações habituais que emergem do metabolismo tissular num constante processo somático de corporificação, ou seja, do como nos usamos e formamos nosso corpo constantemente. Esta estrutura corporal também tem inscrita o como nos relacionamos com a música, o como escutamos, o como as selecionamos, o como reagimos a elas, o como as significamos. Desta forma, cada música/canção é escutada e registrada sua

experiência de modo pessoal e singular; não se canta, toca, ouve, compõe da mesma forma. “Você nunca poderá falar da natureza de um som sem falar de si mesmo, pois você se encontra comprometido e “implicado” (D. Bohm) no mundo que percebe” (FREGTMAN, 1989, p. 14). E por sermos envolvidos de modo total (corpo – mente – espírito) pela música/som /canção, o escutar uma música/som/canção implica sempre nos escutarmos por dentro. Sendo esta uma razão pela qual o modo de uma pessoa ouvir, cantar [...], escolher uma música/canção é uma manifestação da singularidade da sua identidade enquanto ser humano, o que não impede de, como experiência arquetípica, refletir também experiências que são universais que emanam da psique herdada e coletiva da espécie, segundo Bruscia (2000, p. 155).

O relembrar as músicas/canções que compõem sua história, por uma lembrança exterior (intervalo musical, audição recente destas) ou por uma lembrança interior, desencadeada pela livre associação do fluxo de pensamentos, possibilita fazer uma “musicografia”, ou seja, uma história musical que descreve sua história de vida, trazendo lembranças e momentos através de músicas e canções. Essas abrem caminho para o corpo relembrar, resgatar, repensar e resolver o que não ficou resolvido... As músicas/canções, assim, não só revelam como também restabelecem a alma humana, a espiritualidade, que representa o sentido da própria existência.

Segundo Bruscia (2000), o cantar nos permite expressar nossos corpos através do som – vibrar e ressoar suas várias partes de forma a poderem ser ouvidas. Quando cantamos ou tocamos instrumentos, liberamos nossa energia interna para o mundo externo, fazemos o nosso corpo soar, damos formas aos nossos impulsos, vocalizamos o não dizível. Assim sendo, acessamos nossas histórias, que organizam a experiência dando permanência às experiências corporificadas. Se a sua história até agora não foi escrita, contada, hoje pode ser cantada pelo menos em parte. Ao cantar as canções descobrem-se, de forma metafórica, análoga com a vida, fatos, sentimentos, dificuldades, recursos, pensamentos, valores, conflitos, lembranças, crenças, energia, explorando as formas como nos relacionamos com o mundo. Como diz Milleco (2001, p. 11): Cantando, criamos ordenações no espaço/tempo, projetamo-nos combinando notas, expressamos o que sentimos e o que sabemos sobre o sentimento humano. Nossos sonhos, utopias e desventuras, são compartilhados. Através do canto, resgatamos a unidade, o território analógico, a intensidade do viver. A música e o cantar dentro do processo musicoterapêutico possibilitam fazer conexões entre corpo, mente e espírito; entre as várias partes do corpo e seus reservatórios energéticos – nuca, garganta e diafragma; entre consciência, inconsciente, pensamentos, sentimentos, imagens, memórias; entre pessoas, objetos, universo. Quando cantamos ou tocamos um instrumento, somos chamados a conectar nossos ouvidos com nossas mentes, nossos olhos com nossas mãos, nossos pensamentos com nossos sentimentos, nossas fantasias inconscientes com nossas intenções conscientes, nossas crenças com nossas ações, nossos mundos internos com o mundo externo e a nos conectarmos aos

outros. De forma semelhante, quando ouvimos música, sentimos as vibrações em diferentes partes do corpo, ouvimos a forma como ideias e pensamentos se casam, experimentamos o passado com o presente. (BRUSCIA, 2000, p. 73-74).

Para se dispor a olhar para o passado, para sua história, suas músicas e canções, é preciso coragem para explorar os territórios internos navegando pelos mares da emoção e acima de tudo é preciso amor para respeitar e acolher sem julgamentos a vida que habita em si. Cuidando da criança que fomos e retirando o melhor de cada momento para continuar a criar o futuro. Como coloca Lowen no texto “Evolução Sonora Musical Humana”, de Claudia Lelis (2001): Se [o adulto] perde contato com sua criança e com o espírito de aventura, ele será um indivíduo estéril, rígido, intratável. Um adulto saudável é um bebê, uma criança, um menino ou menina e um jovem [saudável]. Assim ele será um ser humano saudável e consciente. Quando utilizada clinicamente, a música [ou canção cantada] pode ser mais (ou menos) que uma experiência auditiva ou uma estimulação sonora... [por ser]... uma instituição humana na qual os indivíduos criam significação...” (BRUSCIA, 2000, p. 110-111), cantando-se novas canções ou ouvindo e cantando as mesmas canções e ressignificando, ou seja, “mudando a carga afetiva com que as fixamos. (COSTA apud MILLECO, 2001, p. X).

As canções assumem função clarificadora e integradora através do Canto Falho, do Canto como Prazer, do Canto como Expressão de vivências inconscientes, do Canto como Resgate, do Canto Desejante, do Canto Comunicativo ou do Canto Corporal. (MILLECO, 2001). Parafraseando Milleco (2001) em seus comentários no livro *É Preciso Cantar*, termino com o seguinte pensar: “O canto é a linha de costura que uniu os retalhos desta colcha que é a nossa vida”.

FONTE: SAKAI, F. A. Cantando as histórias que corporificamos. In: CONVENÇÃO BRASIL LATINO-AMÉRICA, CONGRESSO BRASILEIRO E ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. 1., 4., 9., Foz do Iguaçu. *Anais...* Centro Reichiano, 2004. CD-ROM.

As músicas folclóricas que nos foram transmitidas através de nossos antepassados e que são passadas de geração em geração são formas inteligentes de sabedoria humana. Tratam de temas complexos e belos, falam de amor, de disputa, de trabalho, de tristezas e de tudo que a criança enfrentará no futuro. São experiências de vida que nem o mais sofisticado brinquedo eletrônico pode proporcionar.

Segundo Nogueira (2004), a música folclórica tem sido importante para a maturação individual, isto é, do aprendizado das regras sociais por parte da criança. Quando uma criança brinca de roda, por exemplo, ela tem a oportunidade de vivenciar, de forma lúdica, situações de perda, de escolha, de decepção, de dúvida, de afirmação. Em seu artigo, Nogueira (2004, p. 6) afirma:

Ó ciranda-cirandinha, vamos todos cirandar, uma volta, meia volta, volta e meia vamos dar', quem não se lembra de quando era pequenino, de ter dado as mãos para muitas outras crianças, ter formado uma imensa roda e ter brincado, cantado e dançado por horas? Quem pode esquecer a hora do recreio na escola, do chamado da turma da rua ou do prédio, para cantarolar a Teresinha de Jesus, aquela que de uma queda foi ao chão e que acudiram três cavalheiros, todos eles com chapéu na mão? E a briga para saber quem seria o pai, o irmão e o terceiro, aquele para quem a disputada e amada Teresinha daria, afinal, a sua mão? E aquela emoção gostosa, aquele arrepio que dava em todos, quando no centro da roda, a menina cantava: "sozinha eu não fico, nem hei de ficar, porque quero o... (Sérgio? Paulo? Fernando? Alfredo?) para ser meu par". E aí, apontando o eleito, ele vinha ao meio para dançar junto com aquela que o havia escolhido... Quanta declaração de amor, quanto ciúminho, quanta inveja, passava na cabeça de todos.

Cantar músicas do folclore brasileiro para (e com) as crianças da Educação Infantil é proporcionar a elas o contato intrínseco com uma gama de sentimentos, atitudes e estruturas cognitivas que contribuirão para a sua formação integral.

5 O PROCESSO DE MUSICALIZAÇÃO

Musicalizar não se resume em ensinar a execução de um instrumento ou a teoria musical para a criança. Mas sim em inseri-la no mundo da música, fazendo-a experimentar diversas sensações através do ouvir e produzir música, levando-a ao conhecimento dos termos musicais corretos, possibilitando o manuseio de instrumentos musicais e permitindo a livre expressão musical. Em termos específicos, é tornar um indivíduo sensível e receptivo ao fenômeno sonoro, promovendo nele, ao mesmo tempo, respostas de índole musical. Em termos práticos, é a pré-escola da música.

FIGURA 56 – CRIANÇA BRINCANDO



FONTE: Disponível em: <<http://ceiadolfoartmann.blogspot.com/2010/12/musicalizacao-o-que-conteceu-em-2010.html>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

Ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos são atividades que despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de propiciar a vivência de elementos estruturais dessa linguagem.

FIGURA 57 – CRIANÇA BRINCANDO



FONTE: Disponível em: <<http://www.cidademusical.com.br/cursos.php?id=5>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

Bréscia (2003) ressalta que os jogos musicais podem ser de três tipos, correspondentes às fases do desenvolvimento infantil:

- **Sensório-Motor:** são atividades que relacionam o som e o gesto. A criança pode fazer gestos para produzir sons e expressar-se corporalmente para representar o que ouve ou canta. Favorecem o desenvolvimento da motricidade.
- **Simbólico:** aqui se busca representar o significado da música, o sentimento, a expressão. O som tem função de ilustração, de sonoplastia. Contribui para o desenvolvimento da linguagem.
- **Analítico ou de Regras:** São jogos que envolvem a estrutura da música, onde são necessárias a socialização e organização. Ela precisa escutar a si mesma e aos outros, esperando sua vez de cantar ou tocar. Ajudam no desenvolvimento do sentido de organização e disciplina.

FONTE: BRÉSCIA, V. L. P. **Educação musical:** bases psicológicas e ação preventiva. São Paulo: Átomo, 2003.

FIGURA 58 – CRIANÇA BRINCANDO



FONTE: Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/0-a-3-anos/criancas-muito-aprender-creche-educacao-infantil-aprendizagem-brincadeiras-linguagem-546791.shtml?page=7>>. Acesso em: 6 jan. 2011.

A seguir você poderá verificar um resumo de estudos realizados por Silva (2006, p. 4-6) sobre o que as crianças são musicalmente capazes de fazer em cada faixa etária.

CAPACIDADE MUSICAL DAS CRIANÇAS

4 MESES

Imita o canto, mesmo que não atenda à altura ou aos tempos dos sons. Consegue cantarolar sons únicos: como u-u-u-u-u, e-e-e-e, i-i-i-i, o-o-o-o etc. Responde à música com movimentos repetitivos (balanceamentos corporais ou agitação de membros), não correspondendo propriamente à música, pois trata-se única e simplesmente de ritmos próprios. Estes movimentos não estão ligados à música no essencial, mas sim no fato de eles começarem e acabarem, quando a música começa e quando ela acaba. As crianças nesta idade (4 a 6 meses) já conseguem, tenuemente, distinguir ou detectar as diferenças entre um tom em algumas frases melódicas apresentadas.

6 MESES

Fase em que já começam a entender e produzir os sons, embora não sejam ainda capazes de conseguir estabelecer uma relação de altura (tom) exata de uma nota.

9 MESES

Associa o canto ou a expressão vocal a tudo o que faz. Aparecem as primeiras expressões rítmico-musicais. Começa a acompanhar canções associadas aos batimentos corporais (bater pés, mãos, pernas, palmas etc.).

1 ANO

Consegue imitar sons de animais, transportes, pessoas e outros. Atrave-se normalmente a acompanhar ritmos com o corpo, assim como reage corporalmente à música que lhe é oferecida.

Procura uma ligação bem estabelecida (sincronização) entre os sons e o movimento corporal. Os ritmos mais fáceis de acompanhar são as canções de embalar. Pode a criança, nesta fase, cantar um pouco da canção, mesmo sem a perceber. Consegue ampliar o tempo, o tom e a intensidade da voz, assim como presta atenção a certos sons, como relógios, campainhas, despertadores etc.

2 ANOS

Imita sons de instrumentos e vários sons do cotidiano. Reage abundantemente com reações rítmico-corporais, assim como adora o ritmo, pois a estimula a cantar e reconhece algumas melodias. Tem desempenhos significativos em termos de execução de instrumentos rítmicos.

3 ANOS

É capaz de criar uma imagem mental dos sons dados por um instrumento, assim como consegue agrupar elementos sonoros idênticos. É detentora de um elevado desenvolvimento do senso rítmico e do ouvido melódico. Consegue cantar na altura correta, embora cante nos tons graves e grita nos agudos. Mesmo fora de tom, consegue cantar canções inteiras, assim como começa a coincidir tons simples. Não se inibe tanto quando canta em grupo, e salta, caminha, corre e pula em conformidade com a música e o seu ritmo. A sua capacidade torácica ainda não lhe permite cantar grandes frases musicais, sem que tenha que recorrer à respiração intermédia. Acompanha espontaneamente uma música, batendo regularmente uma cadência, ou acompanhando com o bater de um lápis na mesa, ou ainda marchando na sala de aula. Consegue também reproduzir estruturas rítmicas simples com mais de três elementos. Consegue ecoar vocalmente o ritmo em palavras, assim como bater palmas representando fielmente o ritmo padrão depois da sua vocalização etc.; 43% das crianças demonstram compreender o conceito de escala, enquanto 36% demonstram antes compreender melhor o contexto melódico.

4 ANOS

A criança ainda não tem uma noção consciente da simultaneidade sonora. Assim como ainda confunde a intensidade com velocidade, mas já consegue distinguir o mais lento do mais rápido, e apenas faz um acompanhamento intuitivo, ou seja, em perceber conscientemente os tempos nem os reproduzir intelectualmente. Adora explorar o universo sonoro e já consegue cantar canções comuns, assim como identifica melodias simples e dramatiza. Começa a ter um

maior controle da sua voz e tem prazer em participar de jogos cantados, se bem que simples. Começa a gostar de cantar para os outros, ao mesmo tempo em que aumenta o seu repertório, assim como já reconhece todos os sons de uma oitava e, muitas das vezes, já canta dentro do tom. Possui capacidades para que possa já praticar o canto coral monódico. A sua voz já alcança mais notas do que outrora. Uma vez que já possui uma sensibilidade musical bem formada, poderá, desta feita, reconhecer e imitar canções com alguma facilidade. Se a música for vivenciada e praticada ativamente, ou seja, cantada a uma só voz, acompanhada por palmas ou com instrumentos rítmicos, a criança se torna capaz de reconhecer a mesma num contexto musical diferente.

5 ANOS

Consegue reconhecer o Dó no meio dos restantes sons musicais, assim como notas executadas no piano. Consegue cantar a duas vozes e já é dona de uma sensibilidade musical própria. Gosta de ter um repertório extenso. Já consegue cantar dentro do tom. Está em condições de sincronizar corretamente movimentos, dançar e executar batimentos corporais em conformidade com a música e o ritmo que lhe são expostos. Com instrumentos rítmicos e melódicos para efetuarem experiências a nível de composição, as crianças de 5 anos de idade conseguem executar sequências diatônicas e tonalidades cromáticas nos xilofones (compreendendo os conceitos de escala).

6 ANOS

Consegue coordenar o tempo, para que possa relacionar nas devidas proporções com outros sons e outras unidades de tempo. É capaz de manter frases longas de algumas canções, sem usar a respiração intermédia – devido à sua capacidade torácica. É possuidor de uma capacidade de apreensão de um ritmo de 5 a 6 sons. É possuidor de um alto nível de percepção rítmica. Discrimina com alguma facilidade os sons em termos temporais.

7 ANOS

Já coordena sons simultâneos. Interessa-se pelas aulas de música e gosta de instrumentos de percussão. Já é capaz de cantar temas com frases longas. É capaz de reconhecer um simples esquema de tonalidade, assim como demonstra capacidades de percepção claras sobre as músicas polifônicas (melhor nos graves). Começa a despertar para uma atitude de imaginação musical importante, gostando de interpretar em termos visuais e dramáticos as obras musicais que vai entendendo. Consegue sem dificuldade seguir os batimentos do metrônomo (aparelho utilizado para marcar um tempo musical).

8 ANOS

Tem prazer em tocar em duplas, assim como fazer criações musicais e principalmente de ter assistência enquanto executa musicalmente algo. Adquire uma noção individual de tempo. Está capaz de perceber melhor os significados das variações de modo (ritmo) e das variações de tonalidade (tom).

9 ANOS

Adora ter o seu próprio instrumento. Está dedicado à prática musical, onde executa com prazer vários tipos de músicas, assim como se interessa cada vez mais por compositores e pela música convencional. Com facilidade domina as variações de tempo, assim como explora a música polifônica com mais precisão e tem agora uma maior percepção melódica. Identifica e discrimina imediatamente uma mudança no sistema tonal ou de uma mudança melódica.

10 ANOS

Torna-se muito mais sensível à melodia e à multiplicidade das estruturas da mensagem musical, mas ao mesmo tempo torna-se mais inseguro no seu comportamento musical e é relutante nas respostas. Progride a olhos vistos no que diz respeito à discriminação perceptiva das variações de tonalidade. Assim como melhora a percepção dos graves, agudos e do tema na polifonia. Já estabelece uma perfeita distinção entre ritmos.

12 ANOS

Nesta fase consegue reproduzir estruturas rítmicas de 7 a 8 elementos.

FONTE: SILVA, L. L. F. da. Música na Infância. *Revista de Música culta: FILO Música*, Lisboa, n. 78, nov. 2006.

É importante salientar que cada criança possui um ritmo próprio de aprendizagem que deve ser respeitado. Por isso, as informações contidas no texto de Silva (2006), apesar de serem fruto de pesquisas sobre a capacidade das crianças em cada faixa etária, não devem ser aplicadas e cobradas indistintamente, lembre-se, cada criança tem o seu tempo.

Mársico (1982) orienta que a iniciação musical infantil deverá desenvolver na criança a criatividade individual dentro do desenvolvimento da criatividade coletiva, isto é, ela irá se descobrir. Por isso na idade pré-escolar a música deve fazer parte do dia a dia das crianças.

FIGURA 59 – MUSICALIZAÇÃO



FONTE: Disponível em: <<http://www.portal.clubepaineiras.com.br/site/cultural/musica/musicalizacao-infantil/>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

AUTOATIVIDADE



Antes de passar para o próximo tópico, sugiro que você observe uma criança em um momento de musicalização (ouvindo, dramatizando, interpretando ou produzindo música). Como essa criança se comporta em relação à música? Quais são suas atitudes durante o momento de musicalização? Anote o que você pode observar e compare com o quadro das capacidades musicais das crianças descrito acima.

Quando trabalhamos com a musicalização é importante ensinar corretamente as propriedades da música, como já vimos anteriormente: altura, intensidade, tempo, ritmo e timbre. Mas essa não é a única tarefa das aulas de musicalização. Nesses momentos, o(a) professor(a) deve estimular a criança a perceber a música, os sentimentos gerados por ela e a reflexão que se pode fazer através dela. Musicalizar de forma lúdica é uma forma de despertar o senso crítico nas crianças, tornando-as capazes de pensar, sem preconceitos, sem alienação, mas de forma crítica e reflexiva.

Além dos elementos musicais, a letra das músicas deve ser interpretada, refletida e discutida com as crianças, lembrando sempre que a linguagem natural da criança é o lúdico. Para isso, existem várias atividades que podem ser exploradas na sala de aula, como, por exemplo: jogos rítmicos, ou que contenham som como as bandinhas, movimentos corporais diversos como a dança etc.

FIGURA 60 – CRIANÇA BRINCANDO



FONTE: Disponível em: <<http://ceiadolfoartmann.blogspot.com/2010/12/musicalizacao-o-que-aconteceu-em-2010.html>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

Observe a atividade a seguir:

BRINCOS E PARLENDAS

IDADE: De 6 meses a 3 anos

TEMPO: 30 minutos

ESPAÇO: Sala de atividades, pátio ou jardim

MATERIAL: Letras de músicas, brincos e parlendas

OBJETIVO: Divertir-se com a música

Parlendas são brincadeiras com rima e sem música.

Brincos são geralmente cantadas e envolvem movimentos corporais, como cavalinho ou balanço.

Exemplo de brinco:

Serra, Serra, Serrador

(Sente a criança em suas pernas, de frente para você e fique de mãos dadas com ela, fazendo movimentos de balanceio para frente e para trás.)

Serra, serra, serrador
Serra o papo do vovô
O vovô está cansado
Deixa a serra descansar

Exemplo de parlenda:

Lá em Cima do Piano

(Pode ser usado para escolher quem vai começar a brincadeira.)

Lá em cima do piano
Tem um copo de veneno
Quem bebeu morreu
O azar foi seu

FONTE: FRUET, H. Descobrir sons. **Revista Nova Escola**, São Paulo, p. 25, abr. 2006. Edição especial.

Através dessa brincadeira musical é possível despertar na criança a descoberta de conceitos como: em cima e embaixo, sorte e azar, cansado e descansado etc. Além disso, pode-se perceber a rima com palavras diversificadas, o que favorece a ampliação do vocabulário infantil, além, é claro, de divertir.

6 A VOZ COMO INSTRUMENTO MUSICAL NA PRÁTICA DA SALA DE AULA

Quem nunca cantou suas canções favoritas no chuveiro?

Pois bem, a nossa voz é um instrumento vivo. Cada pessoa tem uma voz única e especial. Para cada voz uma personalidade diferente. Cada pessoa carrega consigo seu próprio instrumento inserido no seu corpo com características fisiológicas e psicológicas singulares.

A voz é o som produzido a partir do ar que sai dos pulmões, passa pela laringe, onde estão localizadas as pregas vocais que, no momento da expiração, aproximam-se e vibram, produzindo assim o som. Este som, que de início é baixo e fraco, será amplificado pelas cavidades de ressonância (que são a faringe, boca e nariz). Após amplificado, o som será articulado na cavidade oral, por meio dos lábios, bochechas, língua, palato e mandíbula.

De acordo com a Enciclopédia *on-line* Wikipédia:

A voz é uma característica humana intimamente relacionada com a necessidade do homem de se agrupar e se comunicar. Ela é produto da nossa evolução, um trabalho em conjunto do sistema nervoso, respiratório e digestivo, de músculos, ligamentos e ossos, harmoniosamente atuando para que se possa obter uma emissão eficiente. É importante sabermos que as *pregas vocais* (ou cordas vocais), que são dois pares de músculos (formando o tíreo-aritenoideo) que, primordialmente, não foram feitos para o uso da voz. Esta foi uma função na qual a laringe (local onde se encontram as pregas vocais) se especializou. Mas estes músculos foram desenvolvidos, em primeiro lugar, para as funções de respiração, alimentação e esfinteriana. (WIKIPÉDIA, 2011a).

É através da nossa voz que expressamos nossos sentimentos, emoções, ideias e pensamentos. Ela também mostra quem nós somos, além de conseguirmos nos comunicar com outras pessoas só utilizando a voz, como, por exemplo, numa conversa ao telefone, e sermos compreendidos perfeitamente.

Nunca devemos esquecer de que falamos para o outro. A comunicação, a linguagem verbal, o uso da voz, isso só tem sentido quando temos o outro e quando nos fazemos entender para este outro. A voz é um recurso importante para esse entendimento. Ela pode dizer quando estamos interessados em alguém, quando estamos cansados, quando estamos tristes, alegres, nervosos, quando acabamos de acordar, quando estamos em um ambiente ruidoso, quando estamos calmos ou quando estamos exercendo uma atividade em que a voz é o diferencial. (WIKIPÉDIA, 2011a).

Ao nascer, a criança já emite som, simbolizado pelo choro, o primeiro dentre tantos outros que produzirá ao longo de sua vida. É a partir desse som que começamos a conhecer o instrumento musical natural que temos dentro de nós, o som próprio de cada ser humano.

Através de atividades de sonorização é possível despertar a musicalização, principalmente, na infância. Não que na idade adulta isso não seja possível. É possível! Entretanto, na infância o processo de musicalizar é, geralmente, muito mais prazeroso, eficaz e duradouro.

Quando falamos em musicalizar, imediatamente nos vem à mente “o cantar”, que é uma atividade que faz parte do cotidiano infantil e que tem uma importância muito grande para o desenvolvimento da Educação Infantil, pois cantar pode significar muito mais que um modo de comunicação. Pode ser a expressão mais íntima de seus sentimentos, afetos e aspirações. Além disso, o canto pode ser utilizado para alcançar o divino, o celestial e o imortal. Mas, será que qualquer pessoa (dentre os ouvintes) pode cantar?

Cantar é bom, acalma e agita, traz sensação de euforia, alegria e até nostalgia e, normalmente, todas as pessoas ouvintes, com raras exceções (como as que apresentam algum tipo de deficiência no aparelho fonador ou dificuldades na fala), podem desenvolver a habilidade de cantar. Mesmo aquelas pessoas que apresentam a voz desafinada ou sem ritmo podem transformar suas canções em momentos agradáveis. Entretanto, para que isso seja possível, um intenso trabalho de musicalização deve ser feito com tais pessoas, para despertar nelas o ouvir musical, que difere do simples ouvir.

O ato de **ouvir** é involuntário e nos acompanha em todos os momentos do dia; mesmo quando estamos dormindo, ouvimos tudo que se passa à nossa volta. O ato de **escutar** nos remete à ideia de maior interesse em algo que estamos ouvindo e que acabamos dedicando a devida atenção. Quando estamos ao telefone com alguém, por exemplo, estamos escutando atentamente o que nos falam, e nem por isso deixamos de ouvir o ruído da rua ou a campainha de casa.

Para transformar uma voz desafinada em som harmonioso é preciso aprender a escutar. Escutar os sons de forma a perceber toda sua riqueza dos detalhes e sentir toda a emoção que ele possa nos trazer. Não estamos falando de escutar apenas músicas! Estamos falando de aprender a escutar os sons.

AUTOATIVIDADE



Para você exercitar sua escuta sensível, proponho que permaneça um tempo em silêncio, escutando atentamente os sons à sua volta. Em seguida relacione os sons que você conseguiu escutar.

A NATUREZA FALA

IDADE: De 2 a 3 anos

TEMPO: 30 minutos

ESPAÇO: Sala de atividades, pátio ou jardim

MATERIAL: Desenhos, recortes ou vídeos mostrando animais e cenas da natureza

OBJETIVOS: Brincar com a voz e trabalhar as possibilidades de sons que podemos emitir; estimular a criatividade e a imaginação; e aumentar o repertório.

Com base nas imagens, faça perguntas como: “Que som faz esse animal?”, “Como é o barulho do trovão?” ou “Como esse pássaro canta?” e deixe as crianças brincarem livremente.

FONTE: FRUET, H. Descobrir sons. **Revista Nova Escola**, São Paulo, p. 25, abr. 2006. Edição especial.

Uma variação da atividade “A Natureza Fala” consiste em reproduzir ruídos de objetos, eletrodomésticos e meios de transporte conhecidos pelas crianças como: o som de um veículo qualquer (trem, avião, barco, carro, motocicleta etc.), ou ainda ruídos produzidos por objetos: sapatos, telefone, liquidificador, campainha etc. São brincadeiras vocais que, além de alegrar, ensinam.

FIGURA 61 – CRIANÇA BRINCANDO



FONTE: Disponível em: <<http://ceiadolfoartmann.blogspot.com/2010/12/musicalizacao-o-que-aconteceu-em-2010.html>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

LEITURA COMPLEMENTAR

MAGIA DA VOZ

Eunice Mendes

Que som é este que sai de mim, ora como murmúrio ora como risada?

Que som é este que passa pelas veias da minha pele e se espalha pelo meu corpo como música em noite de festa?

Que som é este que sabe de mim mais do que eu mesmo e conta ao mundo os meus desejos mais secretos?

Que som é este que sendo a minha voz imprime em cada fala o meu traço, o meu riso, a minha dor e o meu compasso?

Que esta voz, que sou eu, me represente com a sensibilidade dos poetas e a alegria das crianças que brincam de roda nas calçadas do mundo!

Que esta voz, tão particular e tão minha, seja a ponte certa até a mente e o coração das pessoas!

A voz é o espelho vocal da personalidade humana. É o símbolo que nos apresenta ao mundo por meio dos sons. É a nossa carteira de identidade vocal. Ela é única em suas vibrações, cor, tons, sabor, textura e musicalidade.

Por meio da voz traduzimos quem somos, o que sentimos e como enxergamos o mundo. Por meio dela é possível detectar as sombras e a luminosidade de cada um. A voz é uma arma poderosa.

Ela é um dos instrumentos de influência mais eficaz nas comunicações humanas, junto com os gestos. É muito poder para ser desperdiçado. Qualquer deslize e as pessoas já percebem alguma característica negativa no apresentador. Uma das mais notadas é a falta de convicção quando o comunicador fala. Perceba que há uma diferença entre asserção e imposição. A primeira é positiva e traduz a certeza baseada no estudo, na reflexão e na comprovação. A segunda, apenas autoritarismo.

Conhecer a própria voz é conhecer um pouquinho da própria alma. A voz desnuda nossas angústias, sonhos, alegrias e intenções. Ela imprime publicamente uma parte do território das características individuais. Quem busca o autoconhecimento tem na voz que o integra ao mundo uma ferramenta especial que mostra traços importantes de seu ser.

Utilizando a voz como instrumento, construímos a nossa fala com todos os matizes que nos distinguem como personagens únicos da nossa história.

Nossa melhor voz, nossa melhor comunicação

Não precisamos permanecer com as vozes que sempre tivemos. Às vezes, por imitação e hábitos nocivos vamos incorporando formas errôneas de falar,

pronúncias defeituosas, muletas verbais, que servem de obstáculos às nossas comunicações interpessoais e, conseqüentemente, às nossas vidas.

Reconhecer a voz que temos, identificar seus pontos fortes e frágeis, aperfeiçoá-la em sua expressividade, faz parte da estruturação mais positiva da autoimagem.

Se a voz que temos hoje não nos agrada por estar desvitalizada e insegura, isso não precisa ser eterno. Somos julgados e avaliados a cada instante da nossa vida, também pelos sons que emitimos. Precisamos buscar uma voz que agrade nossos ouvidos e os ouvidos alheios.

O que falamos é importante, mas o que dá credibilidade à mensagem é a harmonia e a coerência entre o que se diz e a forma como a voz transmite a informação. A qualquer deslize entre conteúdo e forma, o “como” dizemos ganhará muito mais espaço na avaliação do receptor.

A mudança começa, é claro, em nós mesmos, no trabalho voltado à autoimagem e à autoestima e isso terá uma conexão direta com a voz. Muda o homem, muda a sua voz! Não temos uma voz. Somos uma voz! E a nossa imagem social é muito afetada de forma positiva ou negativa pelo som de nossa voz.

Resgatar a voz verdadeira, com todo o potencial que ampliará as habilidades de comunicação, é realizar um inventário pessoal que pode nos fornecer trilhas altamente significativas para o encontro de uma imagem vencedora.

A Voz: um instrumento musical

Pense na voz como um instrumento musical: você já percebeu o que ocorre quando ouvimos uma boa música?

É difícil traduzir, pois aquele conjunto harmonioso nos toca e nos sensibiliza a ponto de mudarmos nosso estado emocional, e até mesmo o ambiente em que estamos adquire outras características.

Guardadas as devidas proporções, a voz pode conter alguns dos elementos que caracterizam a boa música. Em primeiro lugar, é necessário a pessoa saber o que vai ser dito, pelo menos em ocasiões formais. É uma obra que precisa ser construída por partes, tal como a música. Além disso, essas partes não podem ser ditas de uma mesma maneira. Como os refrões, há trechos que merecem algum destaque e, em muitos casos, devem ser repetidos.

Em seus discursos procure identificar quais são os momentos que pedem maior ou menor intensidade. Utilize-os para quebrar a monotonia e destacar, por meio da voz, os pontos que considera principais.

Procure interpretar o que você diz, do mesmo modo que ocorre com uma música. Ela nunca é igual quando executada por artistas diferentes. Sempre há um traço que os personaliza. Procure fazer o mesmo com sua voz em seus discursos. Ache um estilo próprio que o destaque no meio da multidão.

Faça uso do silêncio. Coloque ritmo no que você disser, distribuindo pausas em momentos estratégicos. Aproveite-as para não perder o domínio sobre a voz. Pelo contrário, o uso correto desse mecanismo possibilita o controle das ações e a reflexão constante sobre o que está sendo dito.

E, por último, tente deixar sua voz o mais harmoniosa possível. Como na música, harmonia significa dispor de forma adequada as partes de um todo.

Por que cuidar da voz?

Para o profissional que deseja falar em público, muitos são os cuidados que se devem ter para tornar a apresentação agradável.

Muitas vezes, não temos consciência de como a voz é produzida e do que podemos fazer para melhorá-la. Cuidar da voz significa utilizá-la de forma adequada, servindo-se corretamente dos órgãos que produzem o som. Devemos conhecer melhor o processo de criação da voz para podermos corrigir possíveis deslizos.

Cuidar da voz é ir ao encontro do que a natureza quer, é respeitar e seguir o máximo possível a respiração correta e a emissão dos sons, obtendo o melhor rendimento com o mínimo de esforço possível. E isso requer domínio progressivo das emoções, já que estas interferem diretamente na fabricação da voz.

O uso adequado da voz permite que se chame a atenção naturalmente das pessoas ao nosso redor. É um dos elementos que contribuem para facilitar a interação e até mesmo a empatia. Juntamente com o conteúdo e a linguagem corporal, a voz é importante para que a mensagem seja compreendida.

No ambiente profissional, a voz pode nos ajudar em inúmeras situações. Em qualquer circunstância é possível transmitir confiança, liderança, credibilidade, assertividade. Não são raros os profissionais com inúmeras qualidades que não conseguem demonstrá-las por motivos associados à voz.

A excelência na transmissão dos sons propicia o fortalecimento positivo da autoimagem. Falando bem, percebe-se que as pessoas dão mais atenção ao que dizemos, e conseqüentemente o conteúdo poderá ser avaliado e julgado. Ou seja, estaremos mais presentes nos acontecimentos.

A capacidade de persuasão aumenta consideravelmente quando a voz é clara e bem definida e isso intensifica a compreensão da mensagem.

Cuidemos da voz como quem afina um instrumento precioso, pois investindo no aprimoramento vocal teremos maiores condições de sucesso profissional!

FONTE: MENDES, E. Magia da voz. Disponível em: <http://www.institutomvc.com.br/costacurta/arteu01_magiavoz.htm>. Acesso em: 18 jan. 2011.

RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico você estudou que:

- Musicalizar significa desenvolver o senso musical da criança, sua sensibilidade e expressão, ou seja, inseri-la no mundo da música.
- No trabalho de musicalização é importante ensinar corretamente as propriedades da música: altura, intensidade, tempo, ritmo e timbre.
- Musicalizar pode ser uma forma de despertar o senso crítico nas crianças.
- Além dos elementos musicais, a letra das músicas deve ser apreciada, refletida e discutida com as crianças, sem esquecer que o lúdico é a linguagem natural da criança.
- Músicas folclóricas, músicas populares, músicas regionais e até mesmo músicas internacionais podem contribuir para o desenvolvimento da criança.
- Folclore pode ser traduzido como um gênero de cultura de origem popular, constituído pelos costumes, lendas, tradições e festas populares.
- O Brasil possui um dos mais ricos folclores do mundo. Para sua formação colaboraram, além do elemento nativo (o índio), o português e o africano.
- A música folclórica possui letras do vocabulário popular, melodias simples e fáceis de serem decoradas e representa as histórias vividas pelos povos de uma comunidade ou nação.
- A música cultural, oferecida através do folclore, nos remete a um eu social, nos insere em um universo de significações e nos faz sentir parte de algo que vai além de nós.

AUTOATIVIDADE



- 1 Como a musicalização, desenvolvida na infância, contribui para o desenvolvimento integral do ser humano? Por quê?
- 2 Faça uma relação de atividades de musicalização folclórica e cultural da sua região. Não se esqueça de anotar a letra das músicas e de explicar como estas tradições são, comumente, transmitidas às crianças.

A MUSICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

1 INTRODUÇÃO

Pontuar música na educação é defender a necessidade de sua prática em nossas escolas, é auxiliar o educando a concretizar sentimentos em formas expressivas; é auxiliá-lo a interpretar sua posição no mundo; é possibilitar-lhe a compreensão de suas vivências, é conferir sentido e significado à sua nova condição de indivíduo e cidadão. (ZAMPRONHA, 2002, p. 120)

Já estudamos que a música deve ser considerada uma linguagem de expressão, parte integrante da formação global da criança. Ela deve colaborar para a aquisição do conhecimento, da sensibilidade, criatividade, sociabilidade e gosto artístico. Para tanto a música deve ser dinâmica e envolver movimentos que expressem esses sentimentos, colaborando com a prática pedagógica na sala de aula.

Neste tópico dialogaremos sobre a importância do movimento no processo de musicalização e exploraremos a confecção e a descoberta de instrumentos musicais como material didático para as aulas de música.

2 MUSICALIZAÇÃO E PSICOMOTRICIDADE

Unir a música e o movimento, utilizando a dança ou a expressão corporal, contribui para transformar a escola num ambiente alegre e favorável ao desenvolvimento cognitivo e motor.

Desenvolver a musicalidade e a expressão corporal na Educação Infantil é muito importante não só para trabalhar atividades que envolvam música e dança, mas também para o reconhecimento de seu corpo, de suas possibilidades e limitações espaciais, temporais e laterais.

As crianças sabem que se dança música, isto é, que a dança está associada à música, e geralmente sentem grande prazer em dançar. Se os professores levarem isso em conta e considerarem como ponto de partida o repertório atual de sua classe e puderem expandir este repertório comum com o repertório do seu grupo cultural e de outros grupos, criando situações em que as crianças possam dançar, certamente estarão contribuindo significativamente para a formação das crianças. (ESTEVÃO, 2002, p. 33 apud ONGARO; SILVA; RICCI, 2006, p. 78).

Cunha (1992, p. 13 apud GARIBA, 2005, p. 39) também ressalta a importância do processo de escolarização da dança: “Acreditamos que somente a escola, através do emprego de trabalho consciente de dança, terá condições de fazer emergir e formar um indivíduo com conhecimentos de suas possibilidades corporal-expressivas”.

As atividades que envolvem música e a corporeidade representam um importante meio de inserção de cultura e ludicidade, pois a criança percebe a atividade como uma possibilidade de brincar e não há nada mais gratificante do que aprender brincando.

FIGURA 62 – APRENDER BRINCANDO



FONTE: Disponível em: <<http://www.brinquedoseducativos.net/conheca-os-beneficios-da-musica-para-a-fala-leitura-e-escrita.html>>. Acesso em: 9 fev. 2011.

É difícil imaginar uma criança que ao ouvir uma música não comece a balançar o corpo e, à sua maneira, acabe dançando. Isso ocorre porque desde muito cedo ela vivencia diferentes situações, nas quais os adultos, sem perceber, acabam passando essa ideia de que música foi feita para dançar e expressar diferentes emoções. A própria mídia divulga essa imagem de que música e dança são inseparáveis.

O trabalho com a música e corporeidade pode favorecer o desenvolvimento corporal da criança tendo o objetivo de combinar movimento e ritmo adequado de acordo com a estrutura rítmica da música, contribuindo para o relaxamento muscular e psicológico.

FIGURA 63 – ENSINAR MÚSICA



FONTE: Disponível em: <<http://www.coisasparacrianças.com/qual-a-melhor-maneira-de-ensinar-musica-para-crianca/>>. Acesso em: 9 fev. 2011.

A música tem que ser entendida como uma linguagem e não como uma forma de estratégia para banalizá-la. Tem que mostrar um amplo universo de sons para o aluno. Isso vai ajudá-lo a ampliar seus sentidos, como a visão, o tato e, principalmente, a audição. Nosso propósito com essas aulas não é o de formar músicos profissionais, mas, como música é cultura, ela vai despertar nessa pessoa também o senso crítico, fazendo com que esse indivíduo não aceite passivamente todo esse material cultural descartável. (LIMA apud LAGINSKI, 2008).

A música não deve ser utilizada apenas como fonte de recreação para os alunos, ignorando sua riqueza cultural e social. É necessário que ela seja utilizada de forma a ampliar a linguagem oral e corporal das crianças, de forma socializadora e não discriminadora, como fonte de conhecimento.

FIGURA 64 – CRIANÇAS BRINCANDO



FONTE: Disponível em: <<http://ceiadolfoartmann.blogspot.com/2010/12/musicalizacao-o-que-aconteceu-em-2010.html>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

A atividade a seguir é um exemplo de como trabalhar a música e a corporeidade na Educação Infantil:

ATIVIDADE PERMANENTE
É dançando que a gente aprende

Faixa etária – 0 a 3 anos

Conteúdo – Linguagem musical e expressão corporal

Introdução

Não há dúvida que as crianças pequenas adoram se movimentar. Elas vivem e demonstram seus estados afetivos com o corpo inteiro: se estão alegres, pulam, correm e brincam ruidosamente. Se estão tímidas ou tristes, encolhem-se e sua expressão corporal é reveladora do que sentem. Henri Wallon nos lembra que a criança pequena utiliza seus gestos e movimentos para apoiar seu pensamento, como se este se projetasse em suas posturas. O movimento é uma linguagem, que comunica estados, sensações, ideias: o corpo fala. Assim, é importante que na Educação Infantil o professor possa organizar situações e atividades em que as crianças possam conhecer e valorizar as possibilidades expressivas do próprio corpo.

Atividade - Primeiras acrobacias

Objetivos

- Conhecer e valorizar as possibilidades expressivas do próprio corpo.
- Comunicar, através do movimento, emoções e estados afetivos.

Conteúdos específicos – Expressividade/Dança

Ano - As atividades aqui propostas podem ser adaptadas para a pré-escola.

Tempo estimado – 20 a 30 minutos

Material necessário

- Pedacos de tecido leve (quadrados de 50 x 50 cm)
- Aparelho de som

Espaço

Uma sala grande. Se não houver um espaço sem móveis, prepare a sala antes, afastando mesas e cadeiras, privilegiando o espaço central. A música é muito importante e a cada momento da atividade vamos apresentar uma sugestão.

Desenvolvimento da atividade

As crianças (e você também) devem estar descalças e usando roupas confortáveis!

1 Comece reunindo as crianças. A música pode ser alegre, como A Canoa Virou (Palavra Cantada, CD Cantigas de Roda). Sentados no chão numa grande roda, com as pernas estendidas, proponha que brinquem de massa de pés: todos devem chegar para a frente arrastando o bumbum até que os pés de todos se toquem. Os pés se agitam, se acariciam, ora mais lentamente, ora mais rapidamente. Você pode enriquecer a brincadeira, sugerindo:

- O meio da roda é uma piscina!
- O meio da roda é uma grande gelatina!
- O meio da roda é um tapete de grama!

2 Peça que todos se deitem no chão. Coloque uma música no aparelho de som. É importante que seja uma música alegre, que estimule as crianças a se movimentar, porém sem excitá-las demais. Sugestão: Loro (Egberto Gismonti, CD Circense).

Não se esqueça de que, para as crianças pequenas, o entorno simbólico é muito importante para a atividade. Diga a eles que a sala vai se transformar numa grande floresta e todos serão habitantes dela...

Todos os bichos estão dormindo. Aos poucos, vão acordar.

Primeiro todos serão aranhas, que andarão com o apoio dos pés e das mãos no chão...

Depois se transformarão em minhocas, arrastando-se pelo chão com a lateral do corpo...

Logo serão cobras, arrastando-se pelo chão com o apoio da barriga...

Tatus-bola que, com um movimento de abrir e fechar sua casca, percorrerão a floresta...

Leões, tigres, leopardos, de quatro patas pelo chão...

Coelhos que andam pelo espaço com pulos pequenos e cangurus que percorrem a floresta com pulos grandes e largos...

Passarinhos que batem suas asas bem pequeninas e águias que voam lá do alto com suas asas enormes e bem abertas...

3 Distribua para as crianças os pedaços de tecido coloridos, um para cada um. É importante que eles sejam leves e que produzam movimento ao serem agitados pelas crianças. Deixe que elas explorem a sala manipulando os pedaços de tecido. Sugira que as crianças pintem a sala com os tecidos, como se fossem pincéis. A sala toda tem que ficar pintada o chão, as paredes, o teto. Diga às crianças que nenhum pedaço da sala pode ficar sem pintar. Sugestão de música: Peixinhos do Mar (Milton Nascimento, CD Sentinela).

4 Sempre ao som de uma música (por exemplo: Fome Come, da Palavra Cantada, CD Canções de Brincar), sugira uma brincadeira que as crianças adoram: peça que joguem os tecidos para cima e a os peguem, a cada vez, com uma parte diferente do corpo:

- com a cabeça
- com a barriga
- com o braço
- com o cotovelo
- com os pés
- com as costas
- com o bumbum
- com as palmas das mãos etc.

5 Para terminar, um gostoso relaxamento. Sugestão de música: Palhaço (Egberto Gismonti, CD Circense).

Organize as crianças em duplas e ofereça a elas uma bolinha de algodão ou mesmo um rolinho de pintura, como os usados nas atividades de Artes Visuais.

Enquanto uma criança fica deitada, a outra deve acariciar seu rosto e partes do seu corpo com o algodão ou o rolinho. Isso deve ser feito com suavidade e cuidado, e possibilita uma interação muito especial das crianças, que, assim, cuidam umas das outras após uma atividade movimentada.

Avaliação

O recém-publicado documento Orientações Curriculares Expectativas de Aprendizagens e Orientações Didáticas para a Educação Infantil, da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, observa que a avaliação que mais deve interessar o professor não é aquela que compara diferentes crianças, mas a que compara uma criança com ela mesma, dentro de certo período de tempo. Assim, o professor tem na observação o melhor instrumento para avaliar a aprendizagem dos pequenos: eles participaram da atividade? Em qual momento se envolveram mais? O que foi mais desafiador para cada criança? E para o grupo? Essas e outras perguntas ajudam inclusive o professor a planejar as próximas atividades, mantendo ou modificando suas propostas dentro do campo de experiências do movimento para as crianças.

FIGURA 65 – MUSICALIZAÇÃO INFANTIL



FONTE: Disponível em: <<http://www.cpt.com.br/noticias/musicalizacao-infantil-ajuda-no-raciocinio-da-crianca>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

Brincadeiras bem conhecidas e que agradam as crianças podem ser utilizadas como forma de explorar a corporeidade e a musicalização. Veja esses exemplos:

PASSA, PASSA TRÊS VEZES

Essa brincadeira é pura adivinhação. Mas, quem conhece o gosto dos colegas pode levar vantagem nessa hora.

IDADE: A partir de 5 anos

LOCAL: Pátio

PARTICIPANTES: No mínimo cinco

COMO BRINCAR: Em segredo, duas crianças definem um tema – frutas, por exemplo. Depois, escolhem qual fruta cada uma irá representar. Uma pode ser a uva e a outra a pera. Elas dão as mãos formando um túnel por onde os colegas passam, um atrás do outro, cantando: “Passa, passa três vezes / O último que ficar / Tem mulher e filhos / Que não pode sustentar”. Quando a música acaba, as duas crianças que formam o túnel abaixam os braços prendendo o colega que está passando naquele momento. Sem que os outros escutem, o que foi preso responde à pergunta: “Pera ou uva?” Depois, ele sai da fila e vai para trás do colega que representa a sua escolha. Ganha a brincadeira quem tiver mais participantes atrás de si.

LEMBRETE As crianças podem escolher, além de frutas, temas como brinquedos, cidades, cores e flores.

CABRA-CEGA

Quem está de olhos vendados aprimora a audição. As outras crianças aprendem a cooperar quando alertam o amigo sobre os obstáculos que estão pelo caminho.

IDADE: A partir de 6 anos

LOCAL: Pátio pequeno e livre de objetos (para evitar acidentes)

MATERIAL: Uma venda para os olhos

PARTICIPANTES: No mínimo três

COMO BRINCAR: A criança escolhida para ser a cabra-cega tem os olhos vendados. Os colegas, que dão as mãos formando um círculo ao redor dela, começam um diálogo com a cabra: “Cabra-cega, de onde vieste?” / “Do moinho de vento.” / “Que trouxeste?” / “Fubá e melado.” / “Dá-nos um pouquinho?” / “Não.” / “Então afasta-te.” Assim que dizem isso, as crianças da roda se espalham pelo pátio, desafiando a cabra-cega a encontrá-las. Quando a cabra consegue tocar um dos fugitivos, tira a venda e elege outro para ficar em seu lugar. A brincadeira também é chamada de pata-cega.

FONTE: Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/4-a-6-anos/diversao-antigamente-ainda-hoje-encanta-422969.shtml>>. Acesso em: 6 jan. 2011.

A LINGUAGEM DO CORPO

Passos e gestos se transformam em instrumentos de comunicação e expressão

Paulo Araújo



Carmen orienta as pequenas bailarinas: movimentos inspirados em brincadeiras. Foto: Alexandre Battibugli

Durante as aulas da professora Carmen Orofino, na Escola Viva, em São Paulo, as crianças soltam a imaginação: derretem-se no chão como um sorvete, flutuam imitando um floco de algodão, correm como um rio e até voam feito uma borboleta. Isso porque, todos os anos, elas são convidadas a se envolver num projeto de expressão corporal baseado no uso intencional de movimentos inspirados em brincadeiras e histórias recorrentes na vida dos pequenos. Seguindo a metodologia bem planejada pela professora, eles acabam descobrindo que o corpo fala e chegam à 1ª série com os membros mais flexíveis, praticando Educação Física com mais prazer.

A apresentação para os pais no fim do ano é sempre muito esperada, mas ela não deve ser o único objetivo do trabalho. Outra coisa que se evita é focar o projeto no estudo sistematizado de uma técnica de dança específica. “Isso até pode acontecer com alunos que já passaram dos 7 anos”, aconselha Carmen. “O mais importante, ao longo do calendário de atividades, é a sala virar um laboratório de experimentos e que o corpo das crianças se transforme de fato num instrumento de comunicação e expressão”, resume a coordenadora pedagógica Leila Bohn. As estratégias utilizadas na escola paulistana deixam todo mundo falando pelos cotovelos e pelos pés, mãos, braços, cabeça...

Sequência de atividades

1. A CONQUISTA DA TURMA

Um bom projeto de expressão corporal começa com estratégias que atraiam todos os alunos, inclusive os meninos, que algumas vezes demoram mais para se envolver. Na Escola Viva, Carmen fala para a garotada sobre os benefícios da dança e promove uma apresentação dos alunos mais velhos. Turma formada, ela convida todos a ficar de frente para o espelho, executar movimentos livres e depois fazer um desenho que mostre a relação entre o tamanho do corpo e o da sala de aula. Alguns se imaginam bem pequenos nela, mas depois descobrem que o corpo ocupa um grande espaço.

2. APRECIAR DIFERENTES ESTILOS

Para mostrar formas diversas de dançar à garotada, a professora exhibe obras de arte, fotografias e vídeos de balé clássico e contemporâneo, danças de rua como o *break* e o *street dance*, variações do *hip-hop*, e promove pequenas discussões sobre as maneiras de o corpo se expressar. Todos são convidados a falar sobre as principais características de cada tipo de dança. A aula de 50 minutos é ministrada duas vezes por semana, no turno inverso.

3. IMAGINAÇÃO VIRA MOVIMENTO

É importante sistematizar as atividades. As aulas sempre começam com alongamento, passam para o aquecimento e terminam com a realização de

passos que expressem determinada mensagem, previamente combinada entre a professora e a garotada. É nesse momento que entra em cena a imaginação. Voar, derreter, correr e balançar são imagens que se concretizam em frente ao espelho. Alguns movimentos são feitos com o auxílio de cordas e bolinhas que são jogadas por cima da cabeça dos colegas. O ritmo é dado pela música e por marcas coloridas feitas no chão. Algumas coreografias surgem da imitação de desenhos animados, como *Barbie*, o *Quebra-Nozes*, em que a personagem se imagina dançando o famoso balé.

4. AVALIAÇÃO E APRESENTAÇÃO

Carmen planeja e desenvolve o projeto em nove meses. Nesse prazo, ela avalia os erros e os acertos e faz os alunos perceberem o que eles aprenderam: a capacidade de falar com o corpo. Somente depois disso é feita a apresentação para os colegas e para os pais.

FONTE: Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/arte/pratica-pedagogica/linguagem-corp-o-429693.shtml>>. Acesso em: 14 jan. 2011.

3 FAZENDO MÚSICA

Como já vimos no Tópico 1, a criança que brinca na escola sente-se integrada ao meio e age de forma criativa, consequentemente manifesta um interesse maior pela aprendizagem, pois isso lhe dá prazer.

Existem muitas maneiras de o professor incentivar seus alunos no processo de musicalização de forma lúdica: uma delas é possibilitar e incentivar a construção dos próprios instrumentos musicais. Quando a criança constrói o seu próprio instrumento, ela sente-se como parte integrante do processo de aprendizagem, o que torna o trabalho de musicalização mais significativo, além de proporcionar os recursos necessários à musicalização sem ter que gastar muito. Na construção dos instrumentos musicais, podemos explorar o uso de materiais simples e até mesmo recicláveis como: garrafa PET, restos de papel colorido, rolinho de papel higiênico, latinhas vazias etc.

FIGURA 66 – MUSICALIZAÇÃO INFANTIL



FONTE: KASMIRSKI, L. A música e as crianças. Disponível em: <<http://laizek.com/2009/11/a-musica-e-as-criancas/>>. Acesso em: 9 fev. 2011.

FIGURA 67 – MUSICALIZAÇÃO INFANTIL



FONTE: Disponível em: <<http://ceiadolfoartmann.blogspot.com/2010/12/musicalizacao-o-que-aconteceu-em-2010.html>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

Veamos, a seguir, dez instrumentos de fácil confecção para você fazer com seus alunos e utilizar nas aulas de musicalização.

CHOCALHO

Material – latas pequenas ou recipientes de metal redondos; sementes, grãos, pedaços de madeira, objetos pequenos que façam ruído ao entrar em contato com o metal.

Como fazer – colocar no interior da lata as sementes, os grãos, os pedacinhos de madeira ou qualquer coisa que não faça ruído muito estridente.

Para fechar utilize a tampa do próprio recipiente, colando-a de forma que não abra mais. Caso o recipiente não possua tampa, adapte uma tampa de metal ou plástico duro e cole-a da mesma forma.

FONTE: Brinquedos e brincadeiras. **Revista trocando ideias**: educação de crianças, São Paulo, n. 57, 2002.

COQUINHOS

Material – cascas de coco divididas ao meio (em metades)

Como fazer – lixar e pintar a gosto. O coquinho é utilizado como instrumento de percussão, para marcação rítmica.

FONTE: Brinquedos e brincadeiras. **Revista trocando ideias**: educação de crianças, n. 57, 2002.

RECO-RECO

Material – um pedaço de 30 cm de cabo de vassoura ou de madeira. Um pedaço de madeira roliço.

Como fazer – fazer uns talhos no cabo de vassoura à pequena distância um do outro.

FONTE: Brinquedos e brincadeiras. **Revista trocando ideias**: educação de crianças, n. 57, 2002.

GUIZOS

Material – um pedaço de arame grosso, tampinhas, botões ou sementes grandes, tubo de madeira ou borracha.

Como fazer – furar as tampinhas e introduzi-las no arame. Unir as pontas do arame e prendê-las em um pedaço de madeira revestida com pano.

FONTE: Brinquedos e brincadeiras. **Revista trocando ideias**: educação de crianças, n. 57, 2002.

SAX

Material – 40 cm de cano fino de PVC, fita-crepe, uma garrafa de plástico.

Como fazer – com uma régua, meça 3,5 cm da ponta do cano e faça uma marca. Faça um corte em diagonal a partir da ponta do cano até a sua marca. Use um pedacinho de garrafa de plástico no formato da ponta cortada do cano e fixe-o com fita-crepe. Quando for tocar, cubra a parte de fita-crepe com a boca e assopre devagar até sair som.

FONTE: Projeto eco-viver. Disponível em: <www.ecoviver.com.br>. Acesso em: 16 jul. 2007.

PANDEIRO

Material – 1 prato de vaso, 8 tampinhas achatadas, arame.

Como fazer – abrir quatro fendas nas laterais do prato de vaso, usando uma serrinha manual (dando um espaço de 8 a 10 cm entre uma fenda e outra). Com um prego, faça um furo acima e um abaixo de cada fenda. Fixe um pedaço de arame nos furos de cima e perfure o meio das tampinhas achatadas de garrafa. Prenda o arame nos buracos de baixo, fixando bem as tampinhas. Quando for tocar bata primeiro o dedão (1), depois a ponta do dedo-médio (2), o punho (3) e a palma da mão (4) nos lugares indicados na figura acima.

FONTE: Projeto eco-viver. Disponível em: <www.ecoviver.com.br>. Acesso em: 16 jul. 2007.

ZAMPONHA

Material – cano fino de PVC, fita-crepe.

Como fazer – corte dois pedaços de cano PVC, um com 30 cm, outro com 20 cm, usando uma serrinha manual. Tampe um buraco de cada cano usando a fita-crepe. Com os buracos tampados virados para baixo, alinhe os canos por cima e grude-os com fita-crepe. Quando for tocar esse instrumento assopre a parte aberta do cano, buscando a embocadura ideal, e produza um som de cada vez.

FONTE: Projeto eco-viver. Disponível em: <www.ecoviver.com.br>. Acesso em: 25 jul. 2007.

MARACA

Material – caixas de papelão cilíndricas; fita adesiva; dois bastões; tinta plástica; grãos de cereais ou pedrinhas.

Como fazer – coloque grãos de cereais ou pedrinhas nas caixas. Coloque a tampa e prenda com fita adesiva. Faça um buraco no centro das tampas e do fundo das caixas e enfie por eles um bastão. Prenda os bastões às caixas com fita adesiva para não escorregar. Nas extremidades dos dois bastões, coloque uma borda (tufo redondo composto de fitas). Pinte as maracas com tinta plástica. Quando for tocar as maracas, agite-as no ritmo da música.

FONTE: Brinquedos musicais. **Revista trocando ideias**: educação de crianças, n. 55, 2000.

FLAUTAS DE PÃ

Material – 4 ou 5 pedacinhos de tubo PVC; 2 pedacinhos de cartolina; 1 ou 2 rolhas de cortiça; cola e fita-cola; canivete.

Como fazer – com o canivete corte as rolhas de cortiça com o diâmetro do interior do tubo. Coloque uma rolha em cada pedacinho de tubo e os pedacinhos de tubo ao lado uns dos outros. Ponha cola num dos lados das cartolinas. Cole os tubos na cartolina. Passe a fita adesiva em volta das cartolinas e dos tubos para fixá-los bem.

FONTE: Brinquedos musicais. **Revista trocando ideias**: educação de crianças, nº 55, 2000.

TAMBOR COM BANQUETAS

Material – 1 copo (frasco) de vidro; 1 balão; 2 palitos de espetinho; 1 pedacinho de pano de veludo ou lã; cola e fita isolante; 1 tesoura.

Como fazer – para fazer o tambor, lave e seque o copo. Corte o balão ao meio e coloque a parte que enche na boca do copo. Passe a fita isolante na

extremidade do balão para o fixar aos lados do copo. Para fazer as baquetas, corte duas tiras de pano em forma de triângulo, coloque cola num dos lados das tiras de pano, enrole a tira de pano na ponta do palito de espetinho. Faça o mesmo procedimento nos dois palitos.

FONTE: Brinquedos musicais. **Revista trocando ideias**: educação de crianças, n. 55, 2000.

É importante deixar claro que os instrumentos musicais confeccionados pelas crianças não ficam com a mesma sonorização dos instrumentos formais, geralmente existe uma deficiência na qualidade do som. Por isso é aconselhável que, além da prática da confecção de instrumentos musicais com materiais alternativos, também sejam apresentados à criança os instrumentos musicais formais, para que ela perceba a diferença do material e do som entre os mesmos, isto é, o instrumento de brinquedo não emite o som com a mesma qualidade e nitidez do instrumento industrializado.

FIGURA 68 – ALUNOS NUM MOMENTO DE INTERAÇÃO E RITMO COM O USO DA BANDINHA NAS AULAS DE MUSICALIZAÇÃO



FONTE: Disponível em: <http://www.colegiomachadodeassis.com/?url=aulas_extras>. Acesso em: 17 jan. 2011.

A criança consegue perceber sons e se expressar por meio deles. Portanto, estimular atividades onde a descoberta de novos sons ocorra pela integração de instrumentos musicais e brinquedos comuns do cotidiano da criança desenvolvem capacidades como sensibilidade, criatividade, dicção e ritmo. A atividade a seguir amplia esta questão:

QUE SOM É ESSE?

IDADE: De 6 meses 2 anos

TEMPO: 30 minutos

ESPAÇO: Sala de atividades

MATERIAL: Objetos que emitam sons – chocalhos, sinos, matracas –, instrumentos musicais e brinquedos próprios para a idade.

OBJETIVO: Descobrir e produzir diferentes sons.

A criança é estimulada a descobrir os sons que um objeto emite. Espalhe diversos brinquedos por perto da criança e estimule-a a descobrir cada som movimentando o objeto. É importante estimular a pesquisa de possibilidades para produzir sons em vez de ensinar um único modo de tocar um instrumento, por exemplo.

FONTE: FRUET, H. Descobrir sons. **Revista Nova Escola**, São Paulo, p. 25, abr. 2006. Edição especial.

O corpo humano também pode ser considerado um instrumento de tirar som, pois quando batemos as mãos ou os dedos nas pernas, no peito e em tudo o que há por perto, é possível perceber que existe um som. Conforme o local e a força exercida no momento da batida, o som emitido muda, portanto, o nosso corpo emite diferentes tipos de sons. Na sala de aula podemos explorar brincadeiras com o som do nosso corpo, bater palmas, ou pés no chão, girar no lugar, sentar, engatinhar, identificar partes do corpo, ao som de músicas alegres, são atividades que favorecem o desenvolvimento intelectual da criança pequena.

Leia o texto a seguir para entender melhor como trabalhar o corpo como um instrumento musical:

LEITURA COMPLEMENTAR**O CORPO COMO UM INSTRUMENTO MUSICAL**

Batendo os dedos nas pernas, no peito e em tudo o que há por perto, é possível perceber a diferença entre os sons

Thais Gurgel



Sons tirados do corpo e das carteiras: preparação para a banda de lata.

Foto: Delmar Corrêa

Para aprender música, não basta estudar a teoria. Colocar os olhos ou, nesse caso, os ouvidos no processo vivido pelos alunos pode ser tão ou mais importante que o resultado. O professor Elias Batista, da EM José Celestino Aranha, em Ubatuba, a 234 quilômetros da capital paulista, uniu as duas coisas sem a necessidade de comprar instrumentos musicais. Em aulas de percussão, a garotada de 3ª e 4ª séries explorou as possibilidades do próprio corpo batendo os dedos no antebraço, na boca, nas coxas. Depois, o batuque se estendeu para as carteiras e paredes da sala, propiciando à meninada uma percepção mais aguçada da diferença entre os timbres. A atividade foi aliada à leitura de partituras. Assim, a turma tinha dois desafios: descobrir a melodia de uma música com base nas notas escritas no pentagrama (pauta musical de cinco linhas) e encontrar sons graves e agudos que pudessem ser usados na execução dela. Além de refinar o ouvido dos estudantes, o “maestro” Elias trabalhou a independência rítmica, ou seja, a adequação motora a diferentes pulsações musicais. “Com a criatividade e os recursos que estão à nossa volta, fazemos música”, diz Elias. “Dá para tirar som de tudo. É só trabalhar a percepção.” A classe de Elias é tão bem “treinada” que arrasa em uma banda de percussão de instrumentos de sucata: a Escolata.

Sequência de atividades

1. PARTITURA E MELODIA

Para ler uma partitura, é preciso conhecer escala e notação. Uma forma de ensinar isso é escolher uma música e escrever as notas dela em um pentagrama no quadro. É fundamental ainda saber a divisão musical. Reconhecendo o compasso de uma cantiga de roda (4/4), por exemplo, fica mais fácil marcar o ritmo. Para os alunos trabalharem os timbres, Elias escolheu uma melodia conhecida, *Saudosa Maloca*.

2. AS BATIDAS E SEUS TIMBRES

Reconhecida a melodia, é possível explorar o corpo e o que estiver por perto. Depois dessa sinfonia caótica, todos sugerem batidas e a classe avalia o som emitido. A meninada, orientada pelo professor Elias, batucou com as mãos nas coxas, no peito e nas carteiras, além de bater os pés no chão.

3. SONS GRAVES E AGUDOS

O aprendizado avança com a diferenciação dos timbres. Quais são graves e quais são agudos? Os alunos de Elias perceberam que a batida dos pés no chão produzia um dos timbres mais graves, e as palmas, um dos mais agudos. E mais: bater a mão na carteira emite um médio agudo, e no peito, médio grave.

4. ARRANJO BEM MONTADO

Para juntar todos esses sons em um arranjo que se encaixe à melodia, o professor deve separar os alunos em grupos responsáveis por determinados sons. Todos devem manter o compasso, marcando o ritmo segundo o tempo da batida. No fim, a turma de Elias já tinha uma visão geral da estrutura musical, o que levou ao interesse maior pelas partituras e ao bom desempenho à frente da banda de percussão.

FONTE: Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/arte/pratica-pedagogica/corpo-musical-429664.shtml>>. Acesso em: 12 jan. 2011.

RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico você estudou sobre:

- Unir a música e o movimento, utilizando a dança ou a expressão corporal, contribui para transformar a escola num ambiente alegre e favorável ao desenvolvimento cognitivo e motor.
- O estímulo musical interfere no desenvolvimento integral da criança.
- É necessário que a música seja utilizada de forma a ampliar a linguagem oral e corporal das crianças, de forma socializadora e não discriminadora, como fonte de conhecimento.
- Desenvolver a musicalidade e a expressão corporal na Educação Infantil é muito importante para o reconhecimento de seu corpo, de suas possibilidades e limitações espaciais, temporais e laterais.
- O corpo humano também pode ser considerado um instrumento de tirar som.
- Na construção dos instrumentos musicais podemos explorar o uso de materiais simples e até mesmo recicláveis.
- Os instrumentos musicais confeccionados pelas crianças não ficam com a mesma sonorização dos instrumentos formais, mas criam uma cumplicidade entre a criança e a música.

AUTOATIVIDADE



Que tal despertar sua musicalidade? Para isso, sugiro que faça uma paródia (criar uma nova letra para uma melodia já existente). Construa uma nova letra para a música “Atirei o pau no gato”, utilize os mesmos tempos para as sílabas musicais que a música original apresenta, mas o tema e a letra podem ser de sua escolha. Mãos à obra!

O PAPEL DO PROFESSOR NO PROCESSO DE MUSICALIZAÇÃO

1 INTRODUÇÃO

[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a produção ou a construção.
Paulo Freire

A criança tem sua expressão, seu espaço, suas vivências e experiências, isto é, ela possui um universo próprio e, para fazer parte do mesmo, é necessário que o professor conheça esse mundo cheio de imaginação e possibilidades, buscando um equilíbrio entre o desenvolvimento cognitivo e psicológico, respeitando o ritmo de cada um.

Por meio das atividades lúdicas de musicalização a criança pode compreender o mundo e a si própria. Cabe ao professor estimular seus alunos inicializando a criança de forma lúdica na musicalização. É o que estudaremos neste tópico.

FIGURA 69 – ALUNOS EM AULA DE MUSICALIZAÇÃO



FONTE: Disponível em: <<http://www.csrdf.com.br/Conteudo.aspx?A=12&C=1021>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

2 O PAPEL DO PROFESSOR

A musicalização na Educação Infantil é, acima de tudo, um momento lúdico e não visa à formação de músicos, mas à vivência e compreensão da linguagem musical, à abertura de canais sensoriais, à expressão de emoções, à ampliação da cultura geral e à formação integral do ser. Para tornar esse processo eficaz é necessário que o(a) professor(a) realize atividades objetivas, de caráter lúdico e formativo.

O professor precisa ter a clareza de que trabalhar com a musicalização de crianças vai além de utilizar algumas músicas para alegrar o ambiente, prepará-las para o lanche/higiene ou apresentar numa comemoração da escola.

A musicalização das crianças depende do(a) professor(a) criar, conduzir e aproveitar os momentos lúdicos. Dessa forma, Mársico (1982, p. 87) apresenta alguns aspectos que devem ser observados pelo professor, para que a musicalização na Educação Infantil seja eficiente:

- as atividades devem ser diárias, com duração de 20 minutos;
- as canções são importantes no processo de musicalização porque reúnem ritmo, melodia, forma, harmonia, tempo, dinâmica e, principalmente, ação, pois as crianças, ao ouvirem as canções, logo se põem a balançar e inventar gestos;
- a música deve ser diferenciada de instrumento musical. Não é só o tocar instrumento que é música: o cantar, o cantarolar, o assobiar, o estalar de dedos, entre outros, devem ser considerados também como música;
- o desenvolvimento do senso rítmico musical e a audição compreendem os níveis sensorial e rítmico-melódico;
- deve-se proporcionar a valorização do silêncio como forma até de criar o hábito de ouvir;
- proporcionar a identificação dos sons: de onde vêm, quais suas direções. A percepção musical está muito ligada ao desenvolvimento da percepção também no que se refere à identificação de qual som se está ouvindo, se é voz, instrumento, ruído etc.;
- referenciar os atributos do som: altura, intensidade, duração, timbre.

É importante também que o(a) professor(a) aprenda música para ensiná-la, isto é, é necessário despertar sua própria musicalidade para estimular a de seus alunos. Ter contato com instrumentos musicais e explorá-los, para instruir seus alunos a utilizá-los é fundamental. Ao contrário do que muitos professores acham, trabalhar com a música não é complicado, mas é trabalhoso, pois exige uma preparação maior por parte do profissional e um planejamento com a preocupação constante em estabelecer uma linguagem musical adequada e agradável às crianças.

FIGURA 70 – CRIANÇAS E MUSICALIZAÇÃO



FONTE: Disponível em: <<http://ceiadolfoartmann.blogspot.com/2010/12/musicalizacao-o-que-aconteceu-em-2010.html>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

Outro fator importante é apresentar aos alunos diferentes ritmos musicais, variar o som dos instrumentos, fazer cantar e ouvir são maneiras de ampliar o repertório na pré-escola. Moramos num país onde existem diversos ritmos musicais. Levar essas músicas para dentro da sala de aula é fundamental, a criança pode ouvir de tudo: do erudito ao *jazz*, do samba ao *funk*, do *rock* ao xote, do folclore à MPB etc.

Para exemplificar a afirmação acima observe a atividade proposta:

NOVO REPERTÓRIO

IDADE: de 6 meses 3 anos

TEMPO: 30 minutos

ESPAÇO: sala de atividades

MATERIAL: aparelho de som e fitas cassete ou CDs variados

OBJETIVO: estimular o contato com a música e aprender a ouvi-la

A música deixa de ser trilha sonora ou pano de fundo de outras atividades e passa a ser o foco. Além de estimular o ouvir, mostre à criança como acompanhar o som – batendo palmas, por exemplo, ou até mesmo cantando. É importante que ela tenha contato com um repertório musical variado – de música clássica a ritmos regionais brasileiros. Se você souber, toque um instrumento musical e cante, estimulando a criança a prestar atenção aos sons.

FONTE: FRUET, H. Descobrir sons. **Revista Nova Escola**, São Paulo, p. 25, abr. 2006. Edição especial.

Ouvir, interpretar (com desenhos ou figuras) e dramatizar (com o corpo) todo tipo de música é imprescindível para as crianças, pois em atividades como essas há o incentivo da expressão criadora e da capacidade de observação. Já com crianças menores de dois anos de idade é possível vivenciar momentos agradáveis no momento da amamentação, da troca de fralda, do banho e do sono, transformando a experiência musical num laço afetivo, visto que nesses momentos, ao escutar a música, a criança estará sendo tocada de forma carinhosa e cuidadosa pelo adulto.

A seguir acompanhe a música “Aquarela”, de Toquinho e Vinicius de Moraes, e analise o quanto você pode explorar a letra, com a interpretação dos versos através de desenhos, dobraduras, dramatizações entre outras atividades e transformá-los em aprendizagem.

AQUARELA

Numa folha qualquer
Eu desenho um sol amarelo
E com cinco ou seis retas
É fácil fazer um castelo...

Corro o lápis em torno
Da mão e me dou uma luva
E se faço chover
Com dois riscos
Tenho um guarda-chuva...

Se um pinguinho de tinta
Cai num pedacinho
Azul do papel
Num instante imagino
Uma linda gaivota
A voar no céu...

Vai voando
Contornando a imensa
Curva Norte e Sul

Vou com ela
Viajando o Havaí
Pequim ou Istambul
Pinto um barco à vela
Branco navegando
É tanto céu e mar
Num beijo azul...

Entre as nuvens
Vem surgindo um lindo
Avião rosa e grená
Tudo em volta colorindo
Com suas luzes a piscar...

Basta imaginar e ele está
Partindo, sereno e lindo
Se a gente quiser
Ele vai pousar...

Numa folha qualquer
Eu desenho um navio
De partida
Com alguns bons amigos
Bebendo de bem com a vida...

De uma América a outra
Eu consigo passar num segundo
Giro um simples compasso
E num círculo eu faço o mundo...

Um menino caminha
E caminhando chega no muro
E ali logo em frente
A esperar pela gente
O futuro está...

E o futuro é uma astronave
Que tentamos pilotar
Não tem tempo, nem piedade
Nem tem hora de chegar
Sem pedir licença
Muda a nossa vida
E depois convida
A rir ou chorar...

Nessa estrada não nos cabe
Conhecer ou ver o que virá
O fim dela ninguém sabe
Bem ao certo onde vai dar
Vamos todos
Numa linda passarela
De uma aquarela
Que um dia enfim
Descolorirá...

Numa folha qualquer
Eu desenho um sol amarelo
(Que descolorirá!)
E com cinco ou seis retas
É fácil fazer um castelo
(Que descolorirá!)
Giro um simples compasso
Num círculo eu faço
O mundo
(Que descolorirá!)

FONTE: Disponível em: <<http://toquinho.musicas.mus.br/letras/>>. Acesso em: 18 jan. 2011.

FIGURA 71 – CRIANÇAS DURANTE O PROCESSO DE MUSICALIZAÇÃO



FONTE: Disponível em: <<http://ceiadolfoartmann.blogspot.com/2010/12/musicalizacao-o-que-aconteceu-em-2010.html>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

Observe, a seguir, um projeto sobre as músicas da MPB, que pode ser aplicado em sala de aula:

Projeto

AS DEZ MAIS DA MPB

Faixa etária - 4 e 5 anos

Conteúdo - linguagem musical

Objetivos

- Ampliar o repertório musical das crianças.
- Estimular a reflexão sobre a linguagem musical com base em um repertório significativo.

Tempo estimado - quatro meses

Material necessário - CDs e DVDs de MPB

Desenvolvimento

1ª ETAPA

Selecione músicas do gênero MPB que contagiem as crianças pelo ritmo e pela sonoridade da letra. Em momentos de atividade livre, coloque na sala para que eles ouçam. Algumas sugestões: A Banda, de Nara Leão, João e Maria, de Chico Buarque de Holanda, Leãozinho, de Caetano Veloso, e Garota de Ipanema, de Vinicius de Moraes.

2ª ETAPA

Converse sobre as músicas ouvidas ao longo das atividades, perguntando às crianças quais são as canções preferidas. Escreva os títulos no quadro e organize uma votação para estabelecer as cinco favoritas.

3ª ETAPA

Proponha que perguntem aos pais quais são suas cinco músicas preferidas da MPB. Redija um bilhete para levarem para casa explicando seus objetivos. Compartilhe a escrita com as crianças: é fundamental que elas estejam motivadas para envolver os familiares na atividade.

4ª ETAPA

Depois de um levantamento das canções escolhidas pelos pais, reúna as cinco mais votadas e promova uma audição das músicas. Analise cada uma, verificando se possui qualidades adequadas para ser tocada em sala. Grave um CD e apresente à garotada. Proponha que eles cantem e decorem as letras.

5ª ETAPA

Promova situações de escrita dos títulos - ou das letras das canções, dependendo do nível da turma - para produção de um livro ilustrado. Textos memorizados, rimas, repetições e a melodia facilitam a escrita por crianças em fase de alfabetização inicial. Peça uma ilustração sobre cada canção.

6ª ETAPA

Grave um CD com dez canções - cinco escolhidas pelas crianças, outras cinco pelos pais. Encaminhe a escrita espontânea dos títulos na ordem em que aparecem na gravação para compor a capa.

Produto final

CD gravado com “As dez mais da MPB”, acompanhado de livrinho ilustrado com títulos e letras.

Avaliação

Compare o conhecimento musical da turma antes e depois do projeto didático. O que mudou? As crianças demonstram maior atenção às características rítmicas? E quanto às letras? Houve memorização das canções preferidas? Verifique, ainda, em que medida as hipóteses de leitura e escrita também evoluíram.

Consultora: Denise Maria Milan Tonello

Pedagoga e orientadora pedagógica e educacional da Educação Infantil e do 1º ano do Colégio Miguel de Cervantes, em São Paulo.

FONTE: Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/gestao/dez-mais-mpb-428188.shtml>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

FIGURA 72 – CRIANÇAS DURANTE O PROCESSO DE MUSICALIZAÇÃO



FONTE: Disponível em: <<http://www.csrdf.com.br/Conteudo.aspx?A=12&C=1021>>. Acesso em: 17 jan. 2011.



O papel e a postura do professor são fundamentais na iniciação musical. Para exemplificar melhor essa afirmação, sugiro que você assista ao filme: "A VOZ DO CORAÇÃO". Observe o trabalho de musicalização apresentado no filme e perceba como ele interferiu na vida das crianças envolvidas no processo de musicalização.

FIGURA 73 – CRIANÇAS DURANTE O PROCESSO DE MUSICALIZAÇÃO



FONTE: Disponível em: <http://www.graccho.com.br/site/noticias_ver.php?id=241>. Acesso em: 17 jan. 2011.

RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico você estudou sobre:

- O papel do(a) professor(a) é aprender música para ensinar música.
- Trabalhar com a musicalização de crianças vai muito além de utilizar algumas músicas para alegrar o ambiente, prepará-las para o lanche ou enfeitar uma comemoração na escola.
- Ouvir, interpretar e dramatizar todo tipo de música é imprescindível para as crianças, pois em atividades como essas há o incentivo da expressão criadora e da capacidade de observação.
- O professor deve apresentar aos alunos diferentes ritmos musicais e variar o som dos instrumentos.
- A musicalização na Educação Infantil é, acima de tudo, um momento lúdico e não visa à formação de músicos, mas à vivência e compreensão da linguagem musical, à abertura de canais sensoriais, à expressão de emoções, à ampliação da cultura geral e à formação integral do ser.

AUTOATIVIDADE



- 1 Sobre o papel do professor no processo de musicalização da criança, responda: você está preparado para despertar a musicalidade da criança da Educação Infantil? O que você pode fazer para melhorar sua musicalidade?
- 2 Como trabalhar diferentes estilos musicais na Educação Infantil?

INTELIGÊNCIA MUSICAL

1 INTRODUÇÃO

Falar sobre inteligência é uma tarefa que exige conhecimento e um esforço muito grande, pois, de certa forma, todas as pessoas, mesmo sabendo de suas limitações, se reconhecem como um ser inteligente, capaz de pensar e agir diante de fatos variados.

Segundo Pinker (1998, p. 77), “[...] a inteligência não provém de um tipo especial de espírito, matéria ou energia, mas de um produto diferente, a informação”.

Gardner (1995, p. 78) define a inteligência “[...] como a capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos que sejam valorizados em um ou em mais ambientes culturais”.

Neste tópico estudaremos o que é a Teoria das Inteligências Múltiplas e, principalmente, como a inteligência musical se manifesta nas crianças.

FIGURA 74 – CRIANÇAS DURANTE O PROCESSO DE MUSICALIZAÇÃO



FONTE: Disponível em: <http://www.graccho.com.br/site/noticias_ver.php?id=241>. Acesso em: 17 jan. 2011.

2 O QUE É INTELIGÊNCIA MUSICAL

As inteligências dormem. Inúteis são todas as tentativas de acordá-las por meio da força e das ameaças. As inteligências só entendem os argumentos do desejo: elas são ferramentas e brinquedos do desejo.
Rubem Alves, em *Cenas da Vida*

A teoria das Inteligências Múltiplas foi estudada e proposta pela equipe de Gardner. Pode-se dizer que esta teoria teve início na Harvard Graduate School of Education, com o Harvard Project Zero, fundado em 1967 pelo filósofo Nelson Goodman, que estudou e formulou a “taxonomia dos principais sistemas simbólicos” utilizados pelos seres humanos. Na década de setenta, este projeto começou a dedicar-se a questões psicológicas, com a direção de David Perkins e Howard Gardner, assumindo uma tendência educacional. Aproximadamente na década de 80, passou-se a constatar e verificar os estudos relacionados com a pluralidade do intelecto humano, isto é, criou-se a teoria das Inteligências Múltiplas.

Com essa nova visão de inteligência proposta e estudada por Gardner, admite-se a pluralidade do intelecto, que faz muitas coisas além de computar e memorizar informações: inventa, cria, avalia, pensa, interage e desmistifica padrões convencionais. “[...] a inteligência não é algo ‘que se tem’ ou ‘não tem’, nem é alguma coisa que uma pessoa possa ter ‘mais’ ou ‘menos’, mas, sobretudo, algo que se vai fazendo e desfazendo em situações individuais e sociais, sem as quais ela se resumiria a uma ‘propriedade virtual’”. (BRASIL, 1999, p. 8).

Howard Gardner, em 1983, apoiando-se nas novas descobertas neurológicas procedidas em Harvard, defendeu a ideia de uma visão pluralista da cognição, sugerindo que a mente está organizada em domínios relativamente distintos de funcionamento. Desafiando o que se conhecia sobre inteligências, apontou a princípio a existência de sete inteligências: inteligência musical, cinestésico-corporal, lógico-matemática, linguística, espacial, interpessoal e intrapessoal. Posteriormente, outras inteligências foram agrupadas às que já existiam, naturalista e existencial, aumentando assim o leque de inteligências defendidas. Vale também ressaltar que nos estudos realizados nunca se pensou em uma quantidade exata e imutável de inteligências, podendo estas, de acordo com estudos que continuam sendo realizados, aumentar ou quem sabe fundir-se, isto é, esta lista pode ser reorganizada ou subdividida com outras, para melhor determinar a capacidade intelectual do indivíduo. Mas o que deve ficar claro neste caso é a ideia da pluralidade do intelecto.

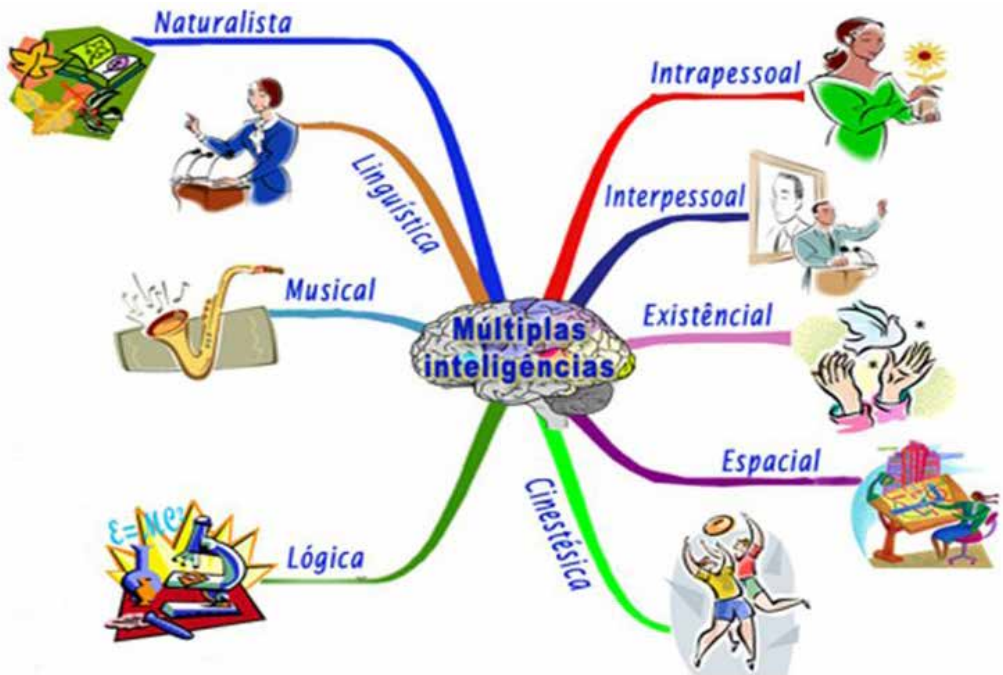
A teoria das inteligências múltiplas sugere, portanto, que existe um conjunto de habilidades, chamadas de inteligências, e que cada indivíduo as possui em grau e em combinações diferentes. Segundo Gardner (1995, p. 21): “Uma inteligência implica a capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos que são importantes num determinado ambiente ou comunidade cultural”.

Segundo Gardner (1995, p. 20),

Conforme o nome indica, acreditamos que a competência cognitiva humana é melhor descrita em termos de um conjunto de capacidades, talentos ou habilidades mentais que chamamos de 'inteligência'. Todos os indivíduos normais possuem cada uma dessas capacidades em certa medida, os indivíduos diferem no grau de capacidade e na natureza de sua combinação. Acreditamos que essa teoria da inteligência é mais humana e mais verídica que as visões alternativas da inteligência e reflete mais adequadamente os dados do comportamento humano 'inteligente'. Essa teoria tem importantes implicações educacionais, inclusive para o desenvolvimento de currículo.

Gardner (1995) destaca que as inteligências são parte da herança genética humana, todas se manifestam em algum grau em todas as crianças, independentemente da educação ou apoio cultural. Assim, todo ser humano possui certas capacidades essenciais em cada uma das inteligências, mas, mesmo que um indivíduo possua grande potencial biológico para determinada habilidade, ele precisa de oportunidades para explorar e desenvolvê-la. "Em resumo, a cultura circundante desempenha um papel predominante na determinação do grau em que o potencial intelectual de um indivíduo é realizado". (GARDNER, 1995, p. 47). Sendo assim, a escola deve respeitar as habilidades de cada um e também propiciar o contato com atividades que trabalhem as outras inteligências, mesmo porque, segundo o autor, todas as atividades que realizamos utilizam mais do que uma inteligência.

FIGURA 75 – AS MÚLTIPLAS INTELIGÊNCIAS



FONTE: Disponível em: <<http://www.monicaconsultoria.com.br/cursos.htm>>. Acesso em: 18 jan. 2011.

Ao considerar as diferentes habilidades, a escola está dando oportunidade para que o aluno se destaque em pelo menos uma delas, ao contrário do que acontece quando se privilegiam apenas as capacidades lógico-matemática e linguística. Além disso, na avaliação é preciso considerar a forma de expressão em que a criança melhor se adapte.

Cada inteligência é extremamente importante e nenhuma delas pode ser considerada mais ou menos importante do que a outra pelo fato de ser mais comum ou mais aplicável, ou ainda pelo fato de trazer melhor poder econômico às pessoas que delas estão impregnadas. Todavia, neste tópico iremos nos aprofundar mais sobre a “Inteligência Musical”.

A inteligência musical é considerada a habilidade para entender e criar música, reconhecer sons e ritmos, pelo gosto em cantar ou tocar um instrumento musical. Caracteriza-se pela capacidade de apreciar, identificar, expressar sons de um modo geral.

Músicos, compositores, dançarinos mostram elevado grau de inteligência musical. Mozart e outros grandes nomes da música internacional, presumivelmente, possuíam esta inteligência em alto grau.

É comum observarmos pessoas que possuem uma forte inteligência musical: estão sempre cantarolando, assobiando, movimentando as mãos como se estivessem tocando um instrumento musical, isto é, fazem do próprio corpo um instrumento musical. Estão sempre batendo nas pernas, nas mãos, no peito e em tudo que as cerca, para perceber diferentes tipos de sons, o que é muito agradável para seu ouvido afinado musicalmente. Conseguem fazer com que pequenos objetos, muitas vezes banais, como uma simples caixinha de fósforo ou uma tampinha de garrafa, transformem-se em instrumentos para tirar sons e impor ritmos.

FIGURA 76 – ALUNOS DO CURSO DE MUSICALIZAÇÃO



FONTE: Disponível em: <http://www.artemusica.com.br/infantil_cursos.html>. Acesso em: 17 jan. 2011.

Na maioria dos casos, tocam algum tipo de instrumento musical formal, como violão, flauta, gaita, teclado etc. Quem de nós já não ouviu falar ou já conheceu alguém que aprendeu a tocar um determinado tipo de instrumento musical “de ouvido”, isto é, aprendeu a tocar sozinho, apenas escutando os diferentes sons, sem nunca ter frequentado uma aula de música formal.



A TEORIA DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS E SUAS IMPLICAÇÕES PARA EDUCAÇÃO

Maria Clara S. Salgado Gama

Doutora em Educação Especial pela Universidade de Colúmbia, Nova Iorque

O desenvolvimento das inteligências

Na sua teoria, Gardner propõe que todos os indivíduos, em princípio, têm a habilidade de questionar e procurar respostas usando todas as inteligências. Todos os indivíduos possuem, como parte de sua bagagem genética, certas habilidades básicas em todas as inteligências. A linha de desenvolvimento de cada inteligência, no entanto, será determinada tanto por fatores genéticos e neurobiológicos quanto por condições ambientais. Ele propõe, ainda, que cada uma destas inteligências tem sua forma própria de pensamento, ou de processamento de informações, além de seu sistema simbólico. Estes sistemas simbólicos estabelecem o contato entre os aspectos básicos da cognição e a variedade de papéis e funções culturais.

A noção de cultura é básica para a Teoria das Inteligências Múltiplas. Com a sua definição de inteligência como a habilidade para resolver problemas ou criar produtos que são significativos em um ou mais ambientes culturais, Gardner sugere que alguns talentos só se desenvolvem porque são valorizados pelo ambiente. Ele afirma que cada cultura valoriza certos talentos, que devem ser dominados por uma quantidade de indivíduos e, depois, passados para a geração seguinte.

Segundo Gardner, cada domínio, ou inteligência, pode ser visto em termos de uma sequência de estágios: enquanto todos os indivíduos normais possuem os estágios mais básicos em todas as inteligências, os estágios mais sofisticados dependem de maior trabalho ou aprendizado.

A sequência de estágios se inicia com o que Gardner chama de habilidade de padrão cru. O aparecimento da competência simbólica é visto em bebês quando eles começam a perceber o mundo ao seu redor. Nesta fase, os bebês apresentam capacidade de processar diferentes informações. Eles já possuem, no entanto, o potencial para desenvolver sistemas de símbolos, ou simbólicos.

O segundo estágio, de simbolizações básicas, ocorre aproximadamente dos dois aos cinco anos de idade. Neste estágio as inteligências se revelam através dos sistemas simbólicos. Aqui, a criança demonstra sua habilidade em cada inteligência através da compreensão e uso de símbolos: a música através de sons, a linguagem através de conversas ou histórias, a inteligência espacial através de desenhos etc.

No estágio seguinte, a criança, depois de ter adquirido alguma competência no uso das simbolizações básicas, prossegue para adquirir níveis mais altos de destreza em domínios valorizados em sua cultura. À medida que as crianças progredem na sua compreensão dos sistemas simbólicos, elas aprendem os sistemas que Gardner chama de sistemas de segunda ordem, ou seja, a grafia dos sistemas (a escrita, os símbolos matemáticos, a música escrita etc.). Nesta fase, os vários aspectos da cultura têm impacto considerável sobre o desenvolvimento da criança, uma vez que ela aprimorará os sistemas simbólicos que demonstrem ter maior eficácia no desempenho de atividades valorizadas pelo grupo cultural. Assim, uma cultura que valoriza a música terá um maior número de pessoas que atingirão uma produção musical de alto nível.

Finalmente, durante a adolescência e a idade adulta, as inteligências se revelam através de ocupações vocacionais ou não vocacionais. Nesta fase, o indivíduo adota um campo específico e focalizado, e se realiza em papéis que são significativos em sua cultura.

FONTE: Disponível em: <<http://proavirtualg62.pbworks.com/w/page/18677566/A-Teoria>>. Acesso em: 18 jan. 2011.

3 DESENVOLVENDO A INTELIGÊNCIA MUSICAL

A tarefa do professor: mostrar a frutinha. Comê-las diante dos olhos dos alunos. Provocar a fome. Erotizar os olhos, fazê-los babar de desejo. Acordar a inteligência adormecida. Aí a cabeça fica grávida: engordar com ideias. E quando a cabeça engravida não há nada que segure o corpo.

Rubem Alves

Já estudamos que inteligência musical se manifesta pela habilidade de reconhecimento do ritmo, da melodia e reprodução do tom. A criança com habilidade musical especial percebe desde cedo diferentes sons no seu ambiente e, frequentemente, canta para si mesma.

A música tem forte potencial para transformar o comportamento do ser humano, mas, como podem os professores/educadores ajudar os alunos/crianças no desenvolvimento desta inteligência?. Leia o texto a seguir:

- Criando um ambiente musical.
- Dando-lhes oportunidade de aprender a tocar um instrumento.
- Utilizando canções adequadas na apresentação de matéria nova em diferentes disciplinas.
- Criando canções, *raps* ou poemas para a aprendizagem dos conteúdos e ensinando-os a criar eles próprios esses tipos de textos para o seu estudo autônomo.
- Levando-os a verbalizar em voz alta diferentes atividades que realizam, por exemplo: leitura, pensamento durante a resolução de um problema, raciocínio acerca de informação nova.
- Sugerindo-lhes e proporcionando-lhes a audição de música como forma de relaxamento.
- Permitindo que ouçam música enquanto estudam.

FONTE: Disponível em: <<http://www.educare.pt/educare/Opinioao.Artigo>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

FIGURA 77 – CRIANÇAS E MUSICALIZAÇÃO



FONTE: Disponível em: <<http://www.csrdf.com.br/Conteudo.aspx?A=12&C=1021>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

Campbell, Campbell e Dickinson (2000, p. 147), ao comentarem sobre a inteligência musical, resumem os motivos pelos quais ela deve ser valorizada na escola:

- Conhecer música é importante.
- A música transmite nossa herança cultural. É tão importante conhecer Beethoven e Louis Armstrong quanto conhecer Newton e Einstein.
- A música é uma aptidão inerente a todas as pessoas e merece ser desenvolvida.
- A música é criativa e autoexpressiva, permitindo a expressão de nossos pensamentos e sentimentos mais nobres.
- A música ensina os alunos sobre seus relacionamentos com os outros, tanto em sua própria cultura quanto em culturas estrangeiras.
- A música oferece aos alunos rotas de sucesso que eles podem não encontrar em parte alguma do currículo.
- A música melhora a aprendizagem de todas as matérias.
- A música ajuda os alunos a aprenderem que nem tudo na vida é quantificável.
- A música exalta o espírito humano.

FIGURA 78 – CRIANÇAS RECONHECENDO INSTRUMENTOS MÚSICAIS



FONTE: Disponível em: <<http://ceiadolfoartmann.blogspot.com/2010/12/musicalizacao-o-que-aconteceu-em-2010.html>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

Analise o quadro a seguir que descreve algumas atividades que ajudam a desenvolver a inteligência musical:

QUADRO 1 – DESENVOLVENDO A INTELIGÊNCIA MUSICAL

INTELIGÊNCIA	ALGUMAS ATIVIDADES	MATERIAIS DE ENSINO	AÇÃO DOCENTE
MUSICAL	Aprendizagem rítmica, apresentação de corais abordando temas escolares, seleção e criação de músicas envolvendo os conteúdos disciplinares. Dramatizações e concertos. Visitas a apresentações musicais. Vinculação de conceitos à música.	Gravador, coleção de fitas, instrumentos musicais, coleção de CDs. Aparelhos de reprodução sonora.	Sugestão para a criação de paródias, organização de grupos para apresentação de temas escolares com ritmos diversos e uso de fundo musical.

FONTE: Adaptação do material de Celso Antunes. Disponível em: <<http://revistaeducacao.uol.com.br/textos.asp?codigo=10624>>. Acesso em: 17 jan. 2010.

A BAILARINA

Um, dois, três e quatro,
 Dobro a perna e dou um salto,
 Viro e me viro ao revés
 e se eu caio conto até dez.

Depois, essa lenga-lenga
 Toda recomeça.
 Puxa vida, ora essa!
 Vivo na ponta dos pés.

Quando sou criança
 Viro orgulho da família:
 Giro em meia ponta
 Sobre minha sapatilha.

Quando sou brinquedo
 Me dão corda sem parar.
 Se a corda não acaba
 Eu não paro de dançar.

Sem querer esnobar
 Sei bem fazer um *grand écart*.
 E pra um bom salto acontecer
 Me abaixo num *demi plié*.

Sinto de repente
Uma sensação de orgulho
Se ao contrário de um mergulho
Pulo no ar num *gran jeté*.

Quando estou num palco
Entre luzes a brilhar,
Eu me sinto um pássaro
A voar, voar, voar.

Toda bailarina pela vida vai levar
Sua doce sina de dançar, dançar, dançar...

A BOLA

Pulo, pulo, pulo, vou de pé em pé.
Da chuteira do menino na vidraça da mulher.

Salto, salto, salto mais que perereca.
Pulo o muro e caio em cima da cabeça de um careca.

Corro, corro, corro na praia de manhã
E quando eu balanço a rede é festa no Maracanã.

Rolo, rolo, rolo rápido e rasteiro
E sou muito maltratada pelos pés de peladeiro.

Pulo, pulo, pulo, vou com quem vier.
Joguei com Nilton Santos, com Garrincha e com Pelé.

Salto, salto, salto com todo carinho.
Joguei com Rivelino, com Tostão e Jairzinho.

Rolo, rolo, rolo com satisfação.
Hoje jogo com Romário, Ronaldinho e Luizão.

Corro, corro, corro do começo ao fim.
Depois que acaba o jogo, ninguém mais lembra de mim.

A FOCA

Quer ver a foca
Ficar feliz?
É pôr uma bola
No seu nariz.

Quer ver a foca
 Bater palminha?
 É dar a ela
 Uma sardinha.

Quer ver a foca
 Fazer uma briga?
 É espetar ela
 Bem na barriga!

Lá vai a foca
 Toda arrumada
 Dançar no circo
 Pra garotada.

Lá vai a foca
 Subindo a escada
 Depois descendo
 Desengonçada.

Quanto trabalha
 A coitadinha
 Pra garantir
 Sua sardinha.

FONTE: Disponível em: <<http://toquinho.musicas.mus.br/letras/>>. Acesso em: 18 jan. 2011.

Através dessas e de outras músicas é possível despertar a criança para uma série de atividades musicais lúdicas e corporais, que levam ao desenvolvimento cognitivo e psicológico. Na música “A balarina”, é possível trabalhar passos e termos específicos da dança, sentimentos. Já na música “A bola” percebemos um forte apelo corporal e esportivo, podendo trabalhar com nomes – ídolos do futebol – objetos do cotidiano infantil e diferentes ambientes como a praia, o Maracanã etc. Na música “A foca” é possível perceber a valorização dos animais, a expressão e identificação corporal etc. além da melodia e ritmo que pode ser trabalhado em todas as músicas. Além disso, pode-se perceber que a melodia e o ritmo estão presentes, assim como a rima com palavras diversificadas que favorece a ampliação do vocabulário infantil.

Portanto, com a música é possível trabalhar diversas situações lúdicas que podem contribuir para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e físico das crianças.

FIGURA 79 – CRIANÇAS RECONHECENDO AS NOTAS MUSICAIS



FONTE: Disponível em: <<http://ceiadolfoartmann.blogspot.com/2010/12/musicalizacao-o-que-aconteceu-em-2010.html>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

LEITURA COMPLEMENTAR

[...] INTELIGÊNCIA MUSICAL

[...] entre as múltiplas inteligências está a musical. Aquilo que se teorizou como inteligência musical é descrito como “habilidade para apreciar, compor ou reproduzir uma peça musical. Inclui discriminação de sons, habilidade para perceber temas musicais, sensibilidade para ritmos, texturas e timbre, e habilidade para produzir e/ou reproduzir música” (GAMA, 2008). Entretanto nossa proposta é que, além de considerarmos essa capacidade, olhemos também para o produto da atividade musical: a música mesma ou, mais especificamente, as letras das músicas.

Com esta perspectiva podemos dizer que a inteligência musical pode nos ajudar não só a entender, apreciar e aprender sobre música e de música, mas a partir da inteligência musical também podemos analisar o mundo que nos cerca. As várias dimensões do mundo e da sociedade que nos circundam podem ser analisadas e explicadas a partir da inteligência musical ou podem ser comentadas mediante letras de músicas. Ou seja, os músicos não se fartam de comentar o cotidiano a partir da arte musical. A música pode ser vista como canal interpretativo do real.

FONTE: Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/6198/1/As-Multiplas-Inteligencias-E-Inteligencia-Musical/pagina1.html#ixzz1BQKHDSXF>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

RESUMO DO TÓPICO 4

Neste tópico você aprendeu que:

- Na visão de inteligência, proposta e estudada por Gardner, admite-se a pluralidade do intelecto.
- As inteligências são parte da herança genética humana, todas se manifestam em algum grau em todas as crianças, independentemente da educação ou apoio cultural.
- Gardner defende a ideia de uma visão pluralista da cognição, sugerindo que a mente está organizada em domínios relativamente distintos de funcionamento.
- Pessoas que possuem uma forte inteligência musical estão sempre cantarolando, assobiando.
- Músicos, compositores, dançarinos mostram elevado grau de inteligência musical.



Crie um projeto escolar para trabalhar com “As Inteligências Múltiplas”. Esse projeto deverá ser feito para aplicar numa turma de Educação Infantil: você precisará despertar o interesse das crianças através da valorização da inteligência musical, utilizando esta inteligência para estimular as outras habilidades que as crianças têm, mas que muitas vezes estão adormecidas ou esquecidas temporariamente. Registre todos os passos do projeto, não esqueça que você precisa ter os objetivos bem definidos.

A MUSICALIZAÇÃO E O LÚDICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

A partir desta unidade você será capaz de:

- compreender a importância das cantigas para o desenvolvimento da musicalização de forma lúdica na criança;
- refletir sobre a importância da brinquedoteca e das oficinas ludopedagógicas para o desenvolvimento infantil;
- identificar as diferentes formas de verbalização lúdica infantil;
- conhecer diferentes cantigas, parlendas e trava-línguas;
- identificar as brincadeiras antigas que ainda estão presentes no contexto infantil e sua importância.

PLANO DE ESTUDOS

Esta unidade está dividida em três tópicos. Ao final de cada um deles você encontrará atividades que o ajudarão a fixar os conhecimentos adquiridos.

TÓPICO 1 – QUE ESPAÇO É ESSE?

TÓPICO 2 – QUEM CANTA SEUS MALES ESPANTA!

TOPICO 3 – BRINCADEIRAS ANTIGAS

QUE ESPAÇO É ESSE?

1 INTRODUÇÃO

Você já ouviu falar em brinquedoteca?

Brinquedoteca é um espaço de alegria, de liberdade, um resgate ao brincar. É um espaço organizado com brinquedos e materiais variados.

Neste tópico vamos conhecer melhor a organização de espaços destinados ao brincar e identificaremos a contribuição da brinquedoteca e dos cantos ludopedagógicos, no desenvolvimento e aprendizagem da criança na Educação Infantil.

2 BRINQUEDOTECA

De origem europeia, as brinquedotecas surgiram na década de 60, com o objetivo de assegurar à criança o direito de brincar e a valorização do empréstimo de brinquedos e materiais lúdicos. Em alguns países como Estados Unidos e Canadá é chamada de biblioteca de brinquedos ou “*toy libraries*”.

No Brasil, as brinquedotecas surgiram na década de 1980; podemos dizer que são relativamente recentes e carregam o objetivo de estimular as crianças a brincar livremente. As atividades são supervisionadas e orientadas pelo ludoeducador, também conhecido como ludotecário, brinquedista ou recreacionista.

De acordo com Cunha (2002, p. 13):

Por ser um local onde as crianças permanecem por algumas horas, é um espaço onde acontece uma interação educacional. As pessoas que trabalham na brinquedoteca, os brinquedistas, têm formação profissional, são educadores preocupados com a felicidade e com o desenvolvimento emocional, social e intelectual das crianças.

FIGURA 80 – BRINQUEDOTECA



FONTE: Disponível em: <http://umaeducadora.blogspot.com/2010_11_21_archive.html>. Acesso em: 29 mar. 2011.

Ao se referir à brinquedoteca, Santos (2000, p. 58) diz que:

Falar sobre brinquedoteca é [...] falar sobre os mais diversos espaços que se destinam à ludicidade, ao prazer, às emoções, às vivências corporais, ao desenvolvimento da imaginação, da criatividade, da autoestima, do autoconceito positivo, da resiliência, do desenvolvimento do pensamento, da ação, da sensibilidade, da construção do conhecimento e das habilidades.

Portanto, é possível definir brinquedoteca como uma instituição recreativa, cultural e pública que pode ser implantada em escolas ou em outros locais como, por exemplo, em hospitais, nos centros comunitários, em supermercados, em lojas, em instituições públicas etc. As brinquedotecas resgatam o espaço de brincar, que está sendo invadido pelos efeitos da escolarização precoce que cresce cada vez mais, pelas cobranças cada vez mais comuns, de inúmeros compromissos que são disponibilizados às crianças – escolinha de inglês, de natação, de futebol, de artes marciais, de balé etc., esquecendo que ela precisa brincar livremente.

Por ser um local que permite à criança entrar em contato com os mais variados materiais lúdicos – jogos, sucatas, fantasias, brinquedos, livros etc. –, é capaz de lhe proporcionar todo tipo de atividade: artes plásticas, ciências, jogos, recreação, música, folclore etc.

Nascimento (2006, p. 28) nos diz:

Quando falamos de brinquedoteca estamos falando de magia, de um convite ao brincar, de desafios a vencer, de estruturas cognitivas a se organizar e se desenvolver. Estamos falando de um 'mundo' que proporciona não apenas brincadeiras divertidas, mas o desenvolvimento físico, cognitivo, social e moral.

FIGURA 81 – BRINQUEDOTECA



FONTE: Disponível em: <<http://cidadesaopaulo.olx.com.br/pictures/vendo-escola-educacao-infantil-e-bercario-iid-133075694>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

A importância do jogo na vida da criança, conforme vimos na Unidade 1, justifica a criação de uma brinquedoteca. Mas, vale lembrar que, para o seu bom funcionamento, é necessário estar fundamentada em objetivos e ações bem definidas que ajudem a promover o desenvolvimento infantil.

Para Cunha (2002, p. 37-38), esses objetivos são:

1. favorecer o brincar e criar oportunidades para que maior número de crianças possa usufruí-lo;
2. resgatar a alegria de poder experimentar, descobrir e criar, tirada pela escola dia após dia;
3. assegurar a integração entre adultos, jovens, crianças e objetos em busca da comunicação, expressão, criatividade, conhecimento e prazer;
4. proporcionar aos pais e familiares mais um espaço para a discussão sobre desenvolvimento, aprendizagem e educação infantil.

FIGURA 82 – BRINQUEDOTECA



FONTE: Disponível em: <<http://www.muck.com.br/baviera/lazer.php>>. Acesso em: 29 mar. 2011.

Ao entendermos a importância das brinquedotecas no desenvolvimento da criança, é fundamental que os educadores busquem criar esses espaços nas escolas, aproximando-as do mundo da brincadeira livre (que é uma atividade natural na criança). A convivência e a socialização com seus semelhantes devem oportunizar a utilização de objetos com cores e formatos variados, organizando e desorganizando da sua maneira, para compreender o mundo que a cerca através do brincar e aprender com essas experiências.

Portanto, o que está sendo proposto é a necessidade de uma ação pedagógica voltada para a criação de espaços e cenários lúdicos dentro da escola, que estimulem a imaginação e a criatividade da criança. Para isso, o educador deve reconhecer e valorizar o brinquedo como fonte de desenvolvimento da personalidade e equilíbrio infantis.

Wajskop (1999, p. 25) acredita que:

A pré-escola organizada em torno da brincadeira infantil pode cumprir sua função pedagógica, ampliando o repertório vivencial e de conhecimentos da criança em direção à autonomia e à cooperação. A definição de brincadeira como atividade social específica e fundamental que garante a interação e a construção de conhecimentos da realidade pela criança é que nos permite estabelecer um vínculo com a função pedagógica da pré-escola.

FIGURA 83 – DEIXE A CRIANÇA BRINCAR



FONTE: Disponível em: <<http://www.saudebeleza.org/saude-crianca/jogos-e-brincadeiras-deixe-seus-filhos-se-divertirem/>>. Acesso em: 8 fev. 2011.

É fundamental que os educadores tenham claro que a brinquedoteca não pode ser apenas um local com muitos brinquedos, mas, sim, um espaço lúdico baseado numa proposta educacional. Para assegurarmos a sobrevivência e ampliação dos espaços lúdicos, é preciso ocorrer uma tomada de consciência por

parte dos educadores e uma revisão de conceitos por parte dos pais e da sociedade no geral. As pessoas ainda veem com muito receio, às vezes com preconceito, a utilização de brinquedos e brincadeira dentro das escolas, não percebendo a brincadeira como forma pela qual a criança aprende.

Sendo assim, “[...] a garantia de um espaço da brincadeira na pré-escola é a garantia de uma possibilidade de educação da criança em uma perspectiva criadora, voluntária e consciente”. (WAJSKOP, 1999, p. 31).

A brinquedoteca e a Educação Infantil devem andar lado a lado, uma não substitui a outra. Tanto uma quanto a outra devem provocar reflexões e despertar uma nova maneira de considerar experiências e conhecimentos infantis, aliadas numa proposta educacional inovadora.

[...] BRINQUEDOTECA BRASILEIRA

As brinquedotecas brasileiras começaram a surgir nos anos 80. Como toda ideia nova, apesar do encantamento que desperta, tem que enfrentar dificuldades não somente para conseguir sobreviver economicamente, mas também para se impor como instituição reconhecida e valorizada a nível educacional.

A brinquedoteca brasileira difere das chamadas *Toy Libraries* porque não tem como atividade principal o empréstimo de brinquedos. A brinquedoteca é o espaço criado com o objetivo de proporcionar estímulos para que a criança possa brincar livremente.

Por ser um local onde as crianças permanecem por algumas horas, é um espaço onde acontece uma interação educacional. As pessoas que trabalham na brinquedoteca, os brinquedistas, têm formação profissional, são educadores preocupados com a felicidade e com o desenvolvimento emocional, social e intelectual das crianças.

Dentro do contexto social brasileiro, a oportunização do brincar assumiu, através da brinquedoteca, características próprias, voltadas para necessidade de melhor atender as crianças e as famílias brasileiras. Como consequência deste fato, seu papel dentro do campo da educação cresceu e hoje podemos afirmar, com segurança, que ela é uma agente de mudança do ponto de vista educacional.

A brinquedoteca provoca reflexões e, por despertar pais e educadores para uma nova maneira de considerar a atividade infantil, provoca também em escalas de valores. Pelo simples fato de existir, a brinquedoteca é um testemunho de valorização da atividade lúdica das crianças.

Na elaboração dos objetivos de uma brinquedoteca, são enumeradas como principais finalidades do trabalho nela desenvolvido:

- proporcionar um espaço onde a criança possa brincar sossegada, sem cobranças e sem sentir que está atrapalhando ou perdendo tempo;
- estimular o desenvolvimento de uma vida interior rica e da capacidade de concentrar a atenção;
- estimular a operatividade das crianças;
- favorecer o equilíbrio emocional;
- dar oportunidade à expansão de potencialidades;
- desenvolver a inteligência, criatividade e sociabilidade;
- proporcionar acesso a um número maior de brinquedos, de experiências e de descobertas;
- dar oportunidade para que aprenda a jogar e a praticar;
- incentivar a valorização do brinquedo como atividade geradora de desenvolvimento intelectual, emocional e social;
- enriquecer o relacionamento entre as crianças e suas famílias;
- valorizar os sentimentos afetivos e cultivar a sensibilidade.

A principal implicação educacional da brinquedoteca é a valorização da atividade lúdica, que tem como consequência o respeito às necessidades afetivas da criança. Promovendo o respeito à criança, contribui para diminuir a opressão dos sistemas educacionais extremamente rígidos.

Alem de resgatar o direito à infância, a brinquedoteca tenta salvar a criatividade e a espontaneidade das crianças tão ameaçadas pela tecnologia educacional de massa. Embora com uma proposta realmente alternativa, a brinquedoteca vem exercendo influência dentro dos sistemas sociais nos quais se insere.

Dentro de uma cultura primitiva, os valores tradicionais têm um peso tão grande que a educação segue normas bem definidas, as quais não poderão ser transgredidas sem que um preço alto seja pago. Arrancar uma pessoa do contexto de uma forte tradição é muito perigoso, é como arrancar uma árvore com raízes fortes; é preciso muito cuidado e conhecimento a respeito para transplantá-la, caso contrário ela morrerá.

O processo criativo é uma tentativa de encontrar um sentido maior. Ele pode nascer de uma situação desafiadora ou de uma inspiração, mas é, certamente, um fenômeno de sensibilidade. Embora havendo motivação para a criação de uma obra de arte, uma preparação é indispensável para sua concretização.

FONTE: BEZERRA, E. A. Por que trabalhar o lúdico na Educação Infantil. Publicado em 7 dez. 2007. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/2985/1/Porque-Trabalhar-O-Ludico-Na-Educacao-Infantil/pagina1.html>>. Acesso em: 11 jan. 2011.

FIGURA 84 – BRINQUEDOTECA



FONTE: Disponível em: <<http://www.mouranegociosimobiliarios.com.br/ecovitalis.html>>. Acesso em: 29 mar. 2011.

3 OFICINAS LUDOPEDAGÓGICAS E ESPAÇOS LÚDICOS

Se pararmos para analisar as salas de aula, infelizmente ainda existem espaços que não chamam muita atenção, com mesas e cadeiras convencionais, um quadro, armário, mais algum tipo de material de uso do professor e só. Geralmente um espaço simples e que não chama a atenção de ninguém, muito menos de crianças. Isso ocorre principalmente nas salas de Ensino Fundamental. Será que tem que ser assim? Quem disse que a sala de aula precisa ser um lugar sombrio... cinza...?

Qual o sentimento de uma criança que precisa ficar algumas horas do dia dentro de um espaço desses?

Pensando nisso, vamos fazer uma reflexão sobre o espaço escolar nas salas de aula da Educação Infantil.

Nós, adultos, quando entramos num local desconhecido, a primeira coisa que nos chama atenção é a estética, a beleza, a organização, enfim, tudo aquilo que enche os nossos olhos, tanto positivamente, quando negativamente, é o que chamamos de primeira impressão. Pois bem, a criança quando chega à escola, principalmente na sala de aula, tem a mesma sensação.

Na Educação Infantil, a organização do espaço físico, as cores, os materiais didáticos disponíveis aos alunos são importantes, servem como o primeiro passo para estimular a aprendizagem.

FIGURA 85 – BRINQUEDOTECA



FONTE: Disponível em: <http://bahia.globo.com/recursos/Bancolmagens/%7BB7081EB4-EFCC-480F-B54B-253E3ADB1F51%7D_crianças.jpg>. Acesso em: 8 fev. 2011.

Para Cardoso (2005, p. 15):

O educador que trabalha dentro da perspectiva lúdica procura transformar a sua sala de aula em um ambiente cuidadosamente planejado para propiciar atividades lúdicas. Um espaço importante em sala de aula são os chamados cantinhos pedagógicos ou cenários lúdicos.

Os “cantinhos” são espaços especiais, remetem à ideia da aprendizagem que estimula a interação da criança, as brincadeiras e as linguagens estabelecidas nestas atividades, em espaços diferenciados “dentro” e “fora” da sala de aula, como propõem os documentos do MEC. Na Educação Infantil, estes espaços pedagógicos fazem e devem fazer cada vez mais parte da realidade das salas de aula, tornando o ambiente acolhedor, agradável, desafiador e estimulante.

Ainda de acordo com Cardoso (2005), o canto pedagógico foi uma das propostas desenvolvidas por Celéstin Freinet, educador francês que durante seu trabalho demonstrou o interesse de transformar a escola de sua época em uma escola popular, ativa e dinâmica, mas estas transformações deveriam começar pelo professor em sua prática diária. Portanto, criar espaços lúdicos e dinamizar a sala de aula é fundamental, mas a postura profissional do professor é que vai determinar um desenvolvimento cognitivo significativo na criança.

[...] ao planejar a construção dos cantinhos o professor deve possibilitar que as crianças o utilizem de forma autônoma. A organização destes espaços deve fazer parte integrante da ação pedagógica do professor e, portanto, precisam ser cuidadosamente planejados, isso significa não somente ter cuidado na escolha dos materiais que irão integrar os espaços lúdicos, mas também de ter consciência que ao falarmos de espaços lúdicos estamos nos referindo mais do que à simples organização do espaço. Referimo-nos a trabalhar as questões do brincar na sala de aula compreendendo que as crianças marcam o seu espaço principalmente pelo brincar e devem participar desse planejamento e construção como coautoras. (CARDOSO, 2005, p. 16).

Não basta ter uma sala de aula cheia de recursos, materiais, brinquedos coloridos etc. se o professor continuar agindo de forma tradicional e sem intencionalidade nas atividades propostas. O professor deve ser claro com os objetivos pedagógicos e pode fazer com que os momentos de brincadeiras nos espaços lúdicos se transformem em ocasiões para pesquisa e aprendizagem.

Mas como organizar o espaço físico da Educação Infantil para que ele se torne um lugar de convivência e um estímulo para a aprendizagem?

FIGURA 86 – BRINCAR E ESTIMULAR A APRENDIZAGEM



FONTE: Disponível em: <<http://itodas.uol.com.br/casa/63-ideias-de-brincadeiras-para-cada-fase-do-seu-filho/>>. Acesso em: 8 fev. 2011.

Uma das primeiras coisas a fazer é mudar o aspecto de sala de aula convencional: mudar a disposição das mesas e cadeiras, reformular a mobilidade da sala, mas não podemos parar por aí. Como sugestão e para deixar a sala de aula com a cara de seus alunos, isto é, com aquilo que eles gostam, é produtivo criar espaços específicos para brincadeiras, o que podemos chamar de cantos ludopedagógicos ou cenários lúdicos. Para isso, é interessante que as crianças participem do processo, assim elas vivenciarão momentos de percepções e sensações a respeito do ambiente e de si mesmas.

De acordo com Coelho, Woida e Fraga (2007), para iniciar esse projeto dos cantos ludopedagógicos, você pode sugerir às crianças a criação ou reformulação dos espaços de brincar na sala e fora dela (caso a escola permita). Ouça e registre ideias, opiniões e sugestões e em seguida promova uma circulação pelos espaços indicados pelas crianças. Proponha a confecção de uma planta – desenho da sala – para fixar no quadro e visualizar o projeto. A execução do projeto poderá estender-se por semanas e agregar novas propostas. Uma vez instalados os cantos (lugares de brincar), assim permanecerão por todo o ano ou até que as crianças manifestem o desejo de reformulá-los. Também é importante envolver os familiares, com uma campanha de recolhimento de objetos como roupas, sapatos, acessórios, bijuterias, panos (lenços, lençóis, mantas), cabides etc. para comporem alguns cantos. Confeccione brinquedos com sucata para integrar os cantos. E depois de tudo pronto, é interessante apresentar a nova configuração da sala para os familiares, alunos de outras turmas e funcionários da escola (pode ser uma maneira de incentivar outras turmas a criar os seus cantos).

FIGURA 87 – BRINQUEDOS CRIADOS COM SUCATA



FONTE: Disponível em: <<http://www.rostinhosbonitos.com/2009/09 /crianca-brincando-feito-crianca.html>>. Acesso em: 7 fev. 2011.

Você pode criar qualquer tipo de canto, não existe uma regra padrão, portanto use a sua imaginação, mas lembre-se, é importante que seus alunos se identifiquem com eles. Veja o exemplo de alguns cantos que você pode criar na sua sala de aula:

- **Canto dos espelhos:** dispor vários espelhos de tamanhos e formatos variados, para que a criança possa observar-se e reconhecer o próprio corpo. É interessante ter pelo menos um espelho grande para que a criança possa visualizar-se por inteiro.

- **Canto da fantasia:** você pode usar uma caixa grande forrada ou até mesmo um baú, com fantasias antigas, pedaços de tecidos, maquiagem, bolsas, sapatos e acessórios variados, para que a criança possa incorporar um personagem, fazer teatro etc.
- **Canto das artes:** com espaço para que eles possam utilizar tintas, lápis de cor, giz de cera e folhas A4 ou A3 (ou outro material similar), para que possam pintar usando objetos como pincel ou até mesmo o dedo. É importante que os trabalhos confeccionados pela criança sejam expostos, assim ela poderá ver as diferenças entre o seu trabalho e o dos colegas aprimorando cada vez mais seus dons artísticos.
- **Canto da leitura:** deve ser um espaço aconchegante com livros, tapete, almofadas, uma pequena estante ou prateleiras que fiquem na altura das crianças e que sejam convidativas à leitura. Você também pode disponibilizar fantoches ou dedoches, para que eles possam narrar ou dramatizar as histórias contadas pelas próprias crianças ou pela professora.
- **Canto da música:** neste canto deve haver um espaço (que pode ser caixa, prateleiras etc.) para guardar os instrumentos musicais, que podem ser industrializados, artesanais ou até mesmo confeccionados pelas crianças. Também é interessante ter um aparelho de som com um repertório variado de CDs.

FIGURA 88 – CANTO DA MÚSICA



FONTE: Disponível em: <http://besademiranda.blogspot.com/2009_11_01_archive.html>. Acesso em: 18 dez. 2010.

- **Canto da casinha:** você pode dispor brinquedos típicos das brincadeiras de casinha, como fogão, berço, boneca, carrinho etc. Para dar um aspecto de casinha, você pode montar uma tenda, com restos de tecido, ou ainda utilizar caixas de papelão grande, fazer as portas, janelas, telhado, as próprias crianças podem pintar a casinha e os utensílios domésticos também podem ser confeccionados com sucatas.

Além dos cantos ludopedagógicos, podemos destacar a importância das oficinas ludopedagógicas.

Por oficinas ludopedagógicas consideramos as atividades semiestruturadas e não conclusivas que, pela dinamização do(a) educador(a), proporcionam ao educando alcançar um alto grau de autonomia física e intelectual diante da resolução de situações-problemas desencadeadas por temáticas relacionadas a unidades de ensino e/ou componentes curriculares, temas transversais e acontecimentos do cotidiano. (COELHO; WOIDA; FRAGA, 2007, p. 14).

Uma oficina ludopedagógica se caracteriza por ser uma ação espontânea e por promover momentos singulares de vivência, despertando a autonomia. Quando a criança brinca sozinha, com outra criança, com um objeto ou com o meio, ela manifesta desejos, cria desafios, reformula ideias e conceitos já incorporados. É interessante que o professor estimule estas atividades porque nelas é possível perceber e analisar conflitos que a criança vive.

FIGURA 89 – BRINCAR É IMPORTANTE



FONTE: Disponível em: <<http://www.saudebeleza.org/sem-categoria/por-que-brincar-e-importante-para-as-criancas/>>. Acesso em: 8 fev. 2011.

Para Ander-Egg (1991, p. 10 apud COELHO, WOIDA; FRAGA, 2007, p. 15), uma oficina:

- a. é um aprender fazendo;
- b. é uma metodologia participativa;
- c. é uma pedagogia da pergunta, contraposta à pedagogia da resposta própria da educação tradicional;
- d. é uma atividade que tende ao trabalho interdisciplinar e ao enfoque sistêmico;
- e. é a realização de uma tarefa comum;
- f. tem caráter globalizante e integrador;
- g. implica e exige um trabalho grupal e o emprego de técnicas adequadas;
- h. permite integrar em um só processo três instâncias do saber: o ensino, a investigação e a prática.

Tendo em vista a maneira dinâmica do trabalho com as oficinas ludopedagógicas, é possível afirmar que elas promovem uma humanização nos conteúdos escolares, pois eles acontecem naturalmente, num ambiente de criatividade e estímulos constantes.

FIGURA 90 – JOGOS INFANTIS



FONTE: Disponível em: <<http://www.gandaiabr.net/2009/09/jogos-infantis-estimulam-raciociodas-criancas.html>>. Acesso em: 8 fev. 2011.

Veja algumas sugestões dos autores Coelho, Woida e Fraga para trabalhar com as oficinas ludopedagógicas:

[...]
OFICINA DE RITMOS
“COMPONDO E CANTANDO COM AS FRUTAS”

Eixo temático: invenções e estripulias

Faixa etária: 5 anos de idade

Objetivo didático: proporcionar às crianças, desde a perspectiva lúdica, a vivência de situações-problema envolvendo noções elementares de grandeza, intensidade, velocidade, direção, situação, orientação e relação nas áreas da matemática, linguagem e ciências.

Elemento desencadeador: frutas

Material:

- frutas naturais inteiras (laranja, maçã, banana, limão, mamão, morango, ameixa etc.);

- papel sulfite A3 ou cartolina ou similares (em tamanho), hidrocor, giz de cera ou tinta guache com pincel;
- sucata: latas, tampinhas de metal, garrafas plásticas etc. (para construir instrumentos musicais caso já não os tenham);
- baú de roupas e acessórios de teatro;
- máquina fotográfica e filmadora.

Vivência: produção e encenação de textos musicais

Sugestões de desenvolvimento: Aproveitando um momento em que o lanche tenha sido feito com frutas ou outra situação cujo foco tenham sido as frutas, sugerir às crianças a montagem de um espetáculo musical para homenageá-las produzindo e apresentando músicas de autoria das próprias crianças. Promover brincadeira com palavras relativas às frutas (formas, tamanhos, volumes, cores, cheiros e benefícios à saúde) dinamizando a composição de letras, a experimentação de melodias (podendo usar melodias conhecidas do universo infantil), a confecção de instrumentos para tocá-las e a produção de um roteiro para a apresentação do musical.

Duração: aproximadamente 60 min.

Situação-problema: produzir um ou mais textos musicais, comparando, rimando, ritmando e formando versos num exercício de memória auditivo-musical e de enriquecimento do repertório linguístico.

Outros encaminhamentos: após a vivência com a produção e apresentação do espetáculo das frutas, sugerir às crianças:

- Confeccionar coletivamente um ou mais livros contando sobre a aventura de ser compositor(a), comentando os passos da criação, apresentando os personagens (as frutas) desta produção artística, registrando as letras, referindo as melodias conhecidas e adaptadas, relatando a experiência com os instrumentos e avaliando o espetáculo musical.
- No dia seguinte, durante a rodinha, explorar junto às crianças questões pertinentes à oficina, alavancando conteúdos e temas diretamente relacionados a vivências desencadeadas antes, durante e depois. Mas, atenção: recomenda-se que a exploração se faça somente quando o assunto for trazido à tona pelas próprias crianças.
- Promover, com a participação direta e efetiva das crianças, uma exposição pública com todos os registros gráficos, plásticos, fotográficos e filmográficos das atividades.

- Confeccionar um portfólio. (COELHO; WOIDA; FRAGA, 2007, p. 43-45).

[...]
OFICINA DE MÁSCARAS
“BAILE DAS 1001 MÁSCARAS”



“Máscaras meia face”

FONTE: Disponível em: <<http://www.elo7.com.br/mascaras-meia-face/dp/CBEE9>>.
 Acesso em: 8 fev. 2011.

Eixo temático: artistas e artesãos

Faixa etária: 5 anos de idade

Objetivo didático: proporcionar às crianças, desde a perspectiva lúdica, a vivência de situações-problema envolvendo noções elementares de grandeza, intensidade, velocidade, direção, situação, orientação e relação nas áreas da matemática, linguagem e ciências.

Elemento desencadeador: máscaras

Material:

- jornal, cola, balão nº 9, tinta guache, pincel, esponja, escova de dentes ou rolo de pintar para artesanato, fitas, lãs, linhas, cordas e cordões (coloridos), botões, sementes, ramos secos e cascas de árvores, areia, confete, retalhos de tecido, papéis (cores e texturas) etc.;
- tesoura e elástico;
- máquina fotográfica e filmadora.

Vivência: confecção de máscaras

Sugestão de desenvolvimento: após uma aula de Educação Física com circuitos historiados em que o elemento máscara tenha sido introduzido para dinamizar a atividade ou ainda por ocasião da organização de uma Noite do Pijama, sugerir às crianças a confecção de máscaras para animar uma festa. Uma vez aceita a proposta, proceder aos preparativos, ouvindo atentamente e registrando ideias, opiniões e sugestões das crianças sobre como realizar a festa e como produzir as máscaras. Acertados os detalhes, sugerir-lhes uma forma de confecção das máscaras com balões cheios, jornal e cola (colar em torno do balão cheio várias camadas de jornal recortado em tiras de aproximadamente 2 cm). Estando disponível esse primeiro material, iniciar o trabalho. Dois dias após a secagem, remover o balão, dividir as estruturas ao meio e na vertical na parte mais extensa, escolher os personagens para as máscaras e dar asas à imaginação.

Duração: aproximadamente 60 min.

Situação-problema: criar, expressar, recombinar elementos a partir de material diverso moldando rostos e figuras de imaginário curioso, intuitivo e inquieto.

Outros encaminhamentos: após a vivência artística com a confecção das máscaras do baile, sugerir às crianças:

- Desenhar, primeiramente com lápis preto, a(s) máscara(s) com que cada criança se ocupou procurando fazer o mais parecido possível com a sua obra. Num segundo momento, repetir o procedimento, porém agora com lápis ou giz colorido. Uma vez prontos, fixar os desenhos em um varal ou mural, de forma que possam ser vistos e apreciados por todas as crianças e, numa rodinha, conversar sobre os detalhes dos desenhos que mais chamam a atenção, suas representações, os sentimentos que causam, nomes que atribuem, que personagens lembram, se conhecem seus autores e assim por diante.
- No dia seguinte, durante a rodinha, explorar com as crianças questões pertinentes à oficina alavancando conteúdos e temas de matemática, natureza e linguagem diretamente relacionados a vivências desencadeadas antes, durante e depois.
- Por ocasião do baile, confeccionar cartazes, programas e convites divulgando festa na comunidade escolar.
- Promover, com a participação direta e efetiva da criança, uma exposição com todos os registros gráficos, plásticos, fotos e filmográficos das atividades. (COELHO; WOIDA; FRAGA, 2007, p. 46-48).



“MÁSCARAS”

FONTE: Disponível em: <<http://educacaodeinfancia.com/fazer-mascaras-de-carnaval/>>. Acesso em: 8 de fev. 2011.

[...]

OFICINA DE CULTIVO

“FLORES: CORES E AROMAS DO NOSSO JARDIM”



FONTE: Disponível em: <<http://eebsadonato.blogspot.com/>>. Acesso em: 7 fev. 2011.

Eixo temático: cuidados e convívios

Faixa etária: 4 anos de idade

Objetivo didático: proporcionar às crianças, desde a perspectiva lúdica, a vivência de situações-problema envolvendo noções elementares de grandeza, intensidade, velocidade, direção, situação, orientação e relação nas áreas da matemática, linguagem e ciências.

Elemento desencadeador: flores

Material:

- mudas e/ou sementes de flores (são preferíveis as mudas, numa primeira experiência para dar à criança uma noção imediata dos arranjos e composições);
- floreiras plásticas ou uma área de terra disponível na escola onde as crianças possam compor o jardim da turma;
- terra e composto orgânico; pás e espátulas para realizar o plantio; mangueira ou regador.

Sugestão de desenvolvimento: concluída uma sessão de curiosidades sobre plantas com destaque às flores – suas cores e perfumes –, propor às crianças a criação de um jardim para embelezar, dando mais vida, à escola e/ou à própria sala de aula durante o ano. Ouvir e registrar as ideias, opiniões e sugestões das crianças e em seguida combinar com elas e com seus familiares uma visita a uma floricultura, com dia e hora marcados, para conhecer as flores e comprar algumas mudas para compor o futuro jardim. Não esquecer a terra, o adubo e os vasos, se necessários. No dia da floricultura e no retorno desta, retomar com as crianças os passos para montar o jardim e a responsabilidade de cada grupo em cada etapa da confecção.

Duração: aproximadamente 60 min.

Situação-problema: identificar, selecionar e compor arranjos com flores em vasos e jardins levando em conta características como: cor, formato, tamanho, textura etc.

Outros encaminhamentos: após a vivência com a jardinagem (visita à floricultura, contato com a terra, composição e plantio dos arranjos), sugerir às crianças:

- Reproduzirem de próprio punho cada uma das variedades de flores adquiridas para a confecção do jardim. Nesta atividade poder-se-á aplicar técnicas de desenho, pintura e bricolagem conforme a proposta de arte-educação adotada para a turma em questão.
- No dia seguinte, durante a rodinha, explorar com as crianças questões pertinentes à oficina alavancando conteúdos e temas diretamente relacionados a vivências desencadeadas antes, durante e depois. Mas, atenção: recomenda-se que a exploração se faça somente quando o assunto for trazido à tona pelas próprias crianças.
- Se, em algum momento, antes ou durante a vivência, ocorrer a confecção de projetos e/ou maquetes do jardim, promover com a participação direta e efetiva das crianças uma exposição pública com todos os registros gráficos, plásticos, fotos e filmográficos das atividades. [...] (COELHO; WOIDA; FRAGA, 2007, p. 34-36).



Caso você queira saber mais sobre as Oficinas Ludopedagógicas, pesquise em: COELHO, M. T. de; WOIDA, R. de C. T. C.; FRAGA, V. B. de. **Brincando e aprendendo com oficinas ludopedagógicas**. São Paulo: Papirus, 2007.

FIGURA 91 – BRINQUEDOTECA



FONTE: Disponível em: <<http://www.arrobcasa.com.br/imoveis/imobiliaria/apartamento/imobiliarias/imoveis-santo-andre-sp/weekend-santo-andre.php>>. Acesso em: 29 mar. 2011.

Leia também um trecho do texto de Jussara de Barros, que traz algumas sugestões de atividades que você pode desenvolver em sala de aula com seus alunos, explorando espaços e materiais diversos.

LEITURA COMPLEMENTAR

[...]

Desenvolver atividades em Educação Infantil não é nada fácil, em razão de os alunos serem muito pequenos e ainda por não corresponderem de forma motora a muitas atividades. Assim, seguem algumas sugestões que poderão auxiliar o professor no cotidiano da sala de aula, bem como fora dela.

Caixa de Sensações: o professor pode encapar uma caixa de tênis fazendo um furo em forma de círculo, com dez centímetros de diâmetro. O professor deverá organizar materiais como retalhos, flocos de algodão, pedaços de lixa, tampinhas, caixinhas e outros objetos e ir colocando-os por uma das extremidades, a fim de que a criança, com a mão do outro lado, identifique o material.

Caminho Colorido: com folhas de papel pardo, faça um caminho para que as crianças carimbem os pés, com tintas coloridas. É uma atividade que envolve muito as crianças, e as deixa muito felizes.



Atividades que desenvolvem a psicomotricidade

Toca do Coelho: dispor bambolês no pátio da escola de forma que fiquem duas crianças em cada um e que sobre uma fora do bambolê. Ao sinal do professor, as crianças deverão trocar de toca, entrando duas em cada um. Sempre sobrar uma criança fora da toca.

De onde vem o cheiro? A professora irá passar perfume em um paninho e o esconderá na sala, num lugar fácil, onde os alunos deverão descobrir de onde vem o cheiro.

Dentro e Fora: fazer uma forma geométrica bem grande no chão e pedir que as crianças entrem na delimitação desse espaço. Se quiser, o professor poderá fazer outra forma dentro da que já fez onde irá pedir que os alunos adentrem também, explorando ainda que, se a forma for pequena, eles irão ficar apertados.

Arremesso: o professor fará uma linha no chão, usando fita crepe, e as crianças deverão arremessar garrafinhas plásticas cheias de areia, para frente. O professor irá medir as distâncias e verificar quem conseguiu arremessar mais longe. Depois, em sala de aula, poderá fazer um gráfico explicativo.

Pneus: esses podem ser usados para várias brincadeiras, como pular dentro e fora, se equilibrar andando sobre a parte de sua lateral ou ainda quem consegue rolar o pneu de um determinado lugar até outro sem deixá-lo cair.

Que som é esse? Com faixas de TNT preto, vendar os olhos dos alunos e fazer diferentes barulhos usando instrumentos musicais, latas, brinquedos, etc., a fim de que as crianças identifiquem os mesmos.

Caixa Surpresa: com uma caixa de papelão encapada, o professor irá mandar para a casa de um aluno a fim de que os pais enviem algum material que possa ser descoberto pelas crianças. O professor vai fazendo descrições do material, até que as crianças descubram o que é.

Pega-Pega diferente: dividir a turma em dois grupos e identificá-los com lenços ou fitas de cores diferentes. Após o sinal do professor os grupos deverão pegar uns aos outros e a criança pega deverá ficar num espaço delimitado pelo professor. Vence o grupo que tiver mais pessoas que não foram pegadas.

FONTE: BARROS, J. de. Disponível em: <<http://www.educador.brasilecola.com/orientacoes/dez-jogos-brincadeiras-para-educacao-infantil.htm>>. Acesso em: 18 dez. 2010.

RESUMO DO TÓPICO 1

Neste tópico você estudou que:

- As brinquedotecas brasileiras começaram a surgir nos anos 80.
- Brinquedoteca é um espaço de alegria, de liberdade, um resgate ao brincar. É um espaço organizado com brinquedos e materiais variados.
- Brinquedoteca pode ser definida como uma instituição recreativa, cultural e pública que pode ser implantada em escolas ou em outros locais.
- É fundamental que os educadores busquem criar brinquedotecas nas escolas, aproximando-as do mundo da brincadeira livre, que é uma atividade natural na criança.
- A brinquedoteca e a Educação Infantil devem andar lado a lado, uma não substitui a outra.
- Criar espaços lúdicos e dinamizar a sala de aula é fundamental, mas a postura do professor é que vai determinar um desenvolvimento cognitivo da criança.
- As oficinas ludopedagógicas se caracterizam por sua ação espontânea e por promover momentos singulares de vivência, despertando a autonomia da criança.
- As oficinas ludopedagógicas promovem uma humanização nos conteúdos escolares.

AUTOATIVIDADE



- 1 Crie uma oficina ludopedagógica. Escreva passo a passo como você irá organizar a atividade, quais os objetivos você pretende alcançar, materiais utilizados etc.
- 2 O que é a brinquedoteca?
- 3 Como se organiza uma brinquedoteca na escola?

QUEM CANTA SEUS MALES ESPANTA!

1 INTRODUÇÃO

Caro acadêmico, no Tópico 2 iniciaremos uma viagem ao mundo lúdico das cantigas, relembrando músicas que muito provavelmente fizeram parte da sua infância.

Será uma viagem encantadora ao folclore popular brasileiro, onde reencontraremos “O Boi da Cara Preta”, “A Cuca”, o “Peixe Vivo” e as mais variadas cirandas, além de parlendas e trava-línguas, todos transmitidos de geração em geração há centenas de anos.

Em um passado remoto guardamos em nossa memória as brincadeiras e atividades verbais, que nos permitiam explorar as cantigas e os jogos de linguagem. Preparem-se para fazer parte desta aventura!

2 CANTIGAS

Quem não conhece ou nunca ouviu cantigas?

A maioria das pessoas já ouviu e cantou diversas cantigas na sua infância, algumas com certeza marcaram mais, pela brincadeira que elas proporcionavam, pelo espaço lúdico que envolviam, ou ainda pela companhia que tínhamos.

De acordo com Rocha e Pires (2000, p. 117), cantiga é “poesia cantada dividida em estrofes iguais, música de cunho popular, narração ou conversa sagaz para iludir”.

De acordo com esse conceito percebemos o apelo poético, lúdico e cultural das cantigas, que são capazes de sobreviver a várias gerações.

FIGURA 92 – CANTIGAS



FONTE: Disponível em: <<http://www.brinquedoseducativos.net/wpcontent/uploads/2010/02/brincadeiras.jpg>>. Acesso em: 8 fev. 2011.

2.1 CANTIGAS DE RODA

Acredita-se que as cantigas de roda existem há bastante tempo e podem ser consideradas como uma herança dos escravos, índios, africanos e colonizadores.

As cantigas de roda também são conhecidas como cirandas. São brincadeiras que, normalmente, envolvem a formação de uma roda, onde as crianças de mãos dadas cantam músicas que fazem parte do folclore e embalam o corpo executando, ou não, coreografias. É considerada uma prática cultural que promove a socialização, além de estimular a musicalização, pois exercita a oralidade, o ritmo, a entonação e vários aspectos da língua.

De acordo com a Enciclopédia *on-line* Wikipédia:

Cantigas de roda, cirandas ou brincadeiras de roda são brincadeiras infantis, onde tipicamente as crianças formam uma roda de mãos dadas e cantam melodias folclóricas, podendo executar ou não coreografias acerca da letra da música. São uma grande expressão folclórica, e acredita-se que pode ter origem em músicas modificadas de um autor popular ou nascido anonimamente na população. (WIKIPÉDIA, 2011c).

FIGURA 93 – CANTIGAS



FONTE: OBRA de Ivan Cruz. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=9110>>. Acesso em: 6 fev. 2011.

Portanto, é possível afirmar que cantiga de roda é um tipo de canção infantil popular relacionada às brincadeiras de roda. Pelo fato de serem passadas oralmente, de geração a geração, acredita-se que tenham origens antigas, com versões de letras diferentes de acordo com a adaptação regional. É bem provável que crianças dos séculos passados brincassem de roda, pelo fato de ser uma atividade simples, agradável e que atrai a atenção de crianças. Essas brincadeiras provavelmente aconteciam porque os pais ensinavam a seus filhos brincadeiras e cantigas que aprenderam com seus antepassados e assim acontece até hoje. Por isso, as cantigas de roda são de extrema importância para a cultura de um país, pois demonstram os costumes, as festas típicas, as crenças e o cotidiano singular de um povo.

Nas brincadeiras de roda onde se utilizam cantigas populares variadas, é possível explorar a corporeidade, pois utilizamos movimentos diferenciados, de acordo com o ritmo e a melodia de cada cantiga, despertando, desta forma, o conhecimento e a noção do próprio corpo, trabalhando com conceitos de lateralidade, sequência, agilidade e movimento.

FIGURA 94 – BRINCADEIRAS DE RODA



FONTE: Disponível em: <http://colinaemfamilia.blogspot.com/2008_06_01_archive.html>. Acesso em: 29 mar. 2011.

Antigamente era comum vermos crianças brincando de roda. Hoje em dia esta prática está meio esquecida, talvez pelo fato de muitos pais não deixarem seus filhos brincar fora de casa – o que pode ser explicado pela violência urbana – ou ainda pela variedade de brinquedos tecnológicos que o mercado oferece diariamente, deixando as crianças bitoladas pelo excesso de tecnologia e com falta de criatividade. Mesmo assim, com uma ênfase menor do que se espera, as brincadeiras de roda continuam sendo executadas em escolas, em festas populares, grupos de danças, entre outros espaços frequentados por crianças. Mas é bom salientar que nem todas as cantigas são praticadas na forma de roda convencional – onde as crianças dançam em círculo – algumas crianças formam fileiras, ou ainda se movimentam de maneira diferente da roda tradicional, isto é, não existe uma única formação para desenvolver a brincadeira.

É importante termos claro que, ao resgatarmos as cantigas de roda na Educação Infantil, estamos valorizando a cultura popular. É uma maneira lúdica de aproximar a criança de valores e sentimentos que podem estar se perdendo no tempo, além de estimular a expressão corporal e incentivar a musicalização infantil.

FIGURA 95 – BRINCADEIRAS DE RODA



FONTE: Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/folclorebrasileiro/cantigas_de_roda.htm>. Acesso em: 10 jan. 2011.

Observe o texto a seguir: ele faz parte das pesquisas e do trabalho artístico da escultora Sandra Guinle, que é uma especialista em brincadeiras infantis.



CIRANDA

Número de participantes: 5 a 20

Faixa etária: todas

Material: opcional dependendo da modalidade. Ex.: uma cestinha de flores para linda rosa juvenil.

Espaço físico: médio

Tempo de duração: 30 minutos

A imagem que ilustra a brincadeira ciranda é uma escultura de bronze da artista plástica Sandra Guinle.

Curiosidades:

É quase impossível localizar o surgimento dos brinquedos cantados, existiram em quase todas as culturas, através do cancionário folclórico infantil. No Brasil, esses brinquedos e brincadeiras sofreram influência das culturas europeia, africana e indígena e passaram por várias transformações ao longo dos séculos. A Cirandinha é também denominada de ronda. As crianças, de mãos dadas, rodam e cantam. Algumas vezes, a movimentação é enriquecida

com pulos, rodopios, cumprimentos e salamaleques. Dependendo da região podemos encontrar adaptações de letras ou mesmo acréscimos de letras novas em cantigas tradicionais, o que é característico do folclore infantil.

Descrição:

As brincadeiras de roda oferecem várias modalidades abrangendo temas relacionados à vida social; temas da natureza; temas instrutivos, temas do romanceiro etc. Existem vários tipos de andamento, execução musical, movimentação e formação. Quanto à formação daremos alguns exemplos:

- a) Roda simples: “atirei o pau no gato”
- b) Roda com um figurante no centro: “ciranda”
- c) Roda com dois ou mais figurantes no centro: “o cravo brigou com a rosa”
- d) Roda com figurante fora: “a mão direita tem uma roseira”
- e) Roda com figurante fora e dentro: “a linda rosa juvenil”
- f) Roda assentada: “escravos de Jó”
- g) Rodas concêntricas: “onde está margarida”

Letras das músicas citadas:

a) Atirei o pau no gato

Atirei o pau no ga-to-to
 Mas o ga-to-to
 Não morreu, -reu, -reu,
 Dona Chi-ca-ca
 Admirou-se, -se
 Do berro, do berro
 Que o gato deu, miau!

b) Ciranda Cirandinha

Ciranda, cirandinha,
 Vamos todos cirandar,
 Vamos dar a meia-volta,
 Volta e meia vamos dar.
 O anel que tu me deste
 Era vidro e se quebrou,
 O amor que tu me tinhas
 Era pouco e se acabou
 Senhora dona Clara,
 Entre dentro desta roda,
 Diga um verso bem bonito,
 Diga adeus e vá-se embora.
 Caranguejo não é peixe,

Caranguejo peixe é,
Caranguejo só é peixe
Na enchente da maré

Da abóbora faz melão,
Do melão faz melancia,
Faz doce Sinhá, faz doce Sinhá,
Faz doce de maracujá.

c) O cravo brigou com a rosa

O cravo brigou com a rosa
Debaixo de uma sacada
O cravo saiu ferido,
E a rosa, despedaçada.
O cravo ficou doente,
A rosa foi visitá-lo.
O cravo teve um desmaio
E a rosa pôs-se a chorar.
[...]

d) A linda rosa juvenil

A linda rosa juvenil,
Juvenil, juvenil.
Vivia alegre no seu lar,
No seu lar, no seu lar.
E um dia veio a bruxa má,
Muito má, muito má.
E adormeceu a rosa assim,
Bem assim, bem assim.
E o mato cresceu ao redor
Ao redor, ao redor.
E o tempo passou a correr,
A correr, a correr.
Um dia veio um belo rei
Belo rei, belo rei.
E despertou a rosa assim,
Bem assim, bem assim.
E os dois puseram-se a dançar,
A dançar, a dançar.
E batam palmas para o rei
Para o rei, para o rei.
[...]

FONTE: GUINLE, S. Disponível em: <<http://www.sandraguinle.com.br/brincadeiras.php?sessao=B rincadeiras>>. Acesso em: 7 jan. 2010.

Confira, a seguir, algumas cantigas de roda que selecionei. A maioria delas é bem conhecida e você pode trabalhar com seus alunos durante as aulas de forma alegre e dinâmica, explorando os ritmos e a corporeidade. Como são cantigas populares, podem sofrer variação na letra, ou até no ritmo, de uma região para outra. Portanto, se você conhece a mesma cantiga com letra diferente, anote as diferenças para ampliar o leque de opções que você pode trabalhar com as crianças.

Aproveite a oportunidade para relembrar os tempos de criança!

A BARATA

A barata diz que tem
Sete saias de filó
É mentira da barata
Que ela tem é uma só

Rá, rá, ra
Ró, ró, ró
Ela tem é uma só

A barata diz que tem
Um sapato de fivela
É mentira da barata
O sapato é da irmã dela

Rá, rá, ra
Ró, ró, ró
Ela tem é uma só

A barata diz que tem um anel de formatura
É mentira da barata
Ela tem é casca dura

Rá, rá, ra
Ró, ró, ró
Ela tem é uma só

A barata diz que usa
Um perfume muito bom
É mentira da barata
Ela usa é detefon

A CANOA VIROU

A canoa virou,
Fui deixar ela virar,
Foi por causa da(o) (nome da criança)

Que não soube remar.

Se eu fosse um peixinho
E soubesse nadar,
Eu tirava a(o) (nome da criança)
Do fundo do mar.

BALAIIO

Eu queria ser balaio,
Balaio eu queria ser,
Pra ficar dependurado,
Na cintura de você.

Balaio meu bem,
Balaio sinhá,
Balaio do coração,
Moça que não tem balaio, sinhá
Bota costura no chão.

Eu mandei fazer balaio,
Pra guardar meu algodão,
Balaio saiu pequeno,
Não quero balaio não.

Balaio meu bem,
Balaio sinhá,
Balaio do coração,
Moça que não tem balaio, sinhá
Bota costura no chão.

Eu queria ser balaio,
Na colheita da mandioca,
Para andar dependurado,
Na cintura da chinoca.

Balaio meu bem,
Balaio sinhá,
Balaio do coração,
Moça que não tem balaio, sinhá
Bota costura no chão.

ADOLETÁ

Adoletá
Lepeti
Peti

Polá
 Lê café com chocolá
 Adoletá
 Puxa o rabo do tatu
 Quem saiu foi tu
 Puxa o rabo da cutia
 Quem sai é a sua tia
 Quando um ganha o outro perde
 Não adianta disfarçar
 E tem que ficar ligado
 Quando a música parar.

(Bate palma e depois bate a mão direita com a direita do companheiro à sua frente, bate palma novamente e bate a mão esquerda com a esquerda do colega).

FIGURA 96 – ADOLETÁ



FONTE: Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/_cPEVv5nXjS4/TOLjeNdiaKI/AAAAAAAAAg0/bUqpSmzK2KI/s1600/elastico.jpg>. Acesso em: 8 fev. 2011.

PEZINHO

Ai bota aqui ai bota ali o seu pezinho
 O seu pezinho bem juntinho com o meu (bis)

E depois não vá dizer
 Que você já me esqueceu (bis)

Ai bota aqui ai bota ali o seu pezinho
 O seu pezinho bem juntinho com o meu (bis)

E vou chegar nesse seu corpo
 Um abraço quero eu (bis)

Ai bota aqui ai bota ali o seu pezinho
O seu pezinho bem juntinho com o meu (bis)

Agora que estamos juntinhos
Me dá um abraço e um beijinho.

ALECRIM

Alecrim, alecrim dourado
Que nasceu no campo
Sem ser semeado

Alecrim, alecrim dourado
Que nasceu no campo
Sem ser semeado

Foi meu amor
Que me disse assim
Que a flor do campo
É o alecrim

Foi meu amor
Que me disse assim
Que a flor do campo
É o alecrim

CAPELINHA DE MELÃO

Capelinha de Melão
É de São João,
É de cravo é de rosa
É de manjericão.
São João está dormindo,
Não acordo não!
Acordai, acordai, acordai, João!

NESTA RUA

Nesta rua, nesta rua, tem um bosque
Que se chama, que se chama, Solidão
Dentro dele, dentro dele mora um anjo
Que roubou, que roubou meu coração.

Se eu roubei, se eu roubei seu coração
É porque tu roubaste o meu também
Se eu roubei, se eu roubei teu coração
É porque, é porque te quero em.

Se esta rua, se esta rua fosse minha
 Eu mandava, eu mandava ladrilhar
 Com pedrinhas, com pedrinhas de brilhante
 Para o meu, para o meu amor passar.

PEIXE VIVO

Como pode o peixe vivo
 Viver fora da água fria (bis)

Como poderei viver,
 Como poderei viver,
 Sem a tua, sem a tua
 Sem a tua companhia.

Os pastores desta aldeia
 Já me fazem zombaria (bis)

Como poderei viver,
 Como poderei viver,
 Sem a tua, sem a tua
 Sem a tua companhia.

BOI BARROSO

Eu mandei fazer um laço
 De couro de jacaré
 Pra laçar meu boi barroso
 Num cavalo pangaré

Refrão: Meu boi barroso, meu boi pitanga,
 O teu lugar, ai, é lá na cana
 Adeus Rosinha, que eu vou-me embora,
 Não sou daqui, ai, sou lá de fora.

BORBOLETINHA

Borboletinha,
 Tá na cozinha,
 Fazendo chocolate,
 Para a madrinha.

Poti, poti,
 Perna de pau,
 Olho de vidro,
 Nariz de pica-pau, pau, pau.

Borboletinha,
Tá no jardim,
Fazendo cambalhotas,
Só para mim.

Poti, poti,
Perna de pau,
Olho de vidro,
Nariz de pica-pau, pau, pau.

CAI, CAI, BALÃO

Cai, cai, balão! Cai, cai, balão!
Na rua do sabão.
Não cai, não! Não cai, não! Não cai, não!
Cai aqui na minha mão!

CARNEIRINHO – CARNEIRÃO

Carneirinho, carneirão, neirão, neirão,
Olhai pro céu, olhai pro chão, pro chão, pro chão.
Manda el-rei, nosso senhor, senhor, senhor,
Para todos se ajoelharem.

Carneirinho, carneirão, neirão, neirão,
Olhai pro céu, olhai pro chão, pro chão, pro chão.
Manda ao rei, nosso senhor, senhor, senhor,
Para todos se levantarem.

O SAPO NÃO LAVA O PÉ

O sapo não lava o pé
Não lava porque não quer
Ele mora lá na lagoa
Não lava o pé
Porque não quer
Mas que chulé!

SAPO JURURU

Sapo Jururu, na beira do rio,
Quando sapo canta, ó maninha,
É porque tem frio.

A mulher do sapo é quem está lá dentro,
Fazendo rendinha, ó maninha, para o casamento.

FIGURA 97 – O SAPO



FONTE: Disponível em: <<http://www.cantinhodameiga.com/sapinho.jpg>>.
Acesso em: 12 out. 2009.

CACHORRINHO

Cachorrinho está latindo
Lá no fundo do quintal
Cala a boca cachorrinho
Deixa o meu benzinho entrar

Refrão: Criola, lá
Criola, lá, lá, lá
Criola, lá
Não sou eu que caio lá

Meu potinho de melado
Meu cestinho de cará
Quem quiser comer comigo
Fecha a porta e venha cá.

EU ENTREI NA RODA

Refrão: Ai, eu entrei na roda
Ai, eu entrei na roda dança
Ai, eu não sei como se dança
Ai, eu não sei dançar.

Sete e sete são quatorze, com mais sete, vinte e um
Tenho sete namorados só posso casar com um.

Namorei um garotinho da escola militar
O danado do garoto só queria me beijar.
Lá vai uma, lá vai duas, lá vão três pela terceira
Lá se vai o meu benzinho, no vapor da cachoeira.

Essa noite eu tive um sonho, que chupava picolé,
Acordei de madrugada, chupando dedo do pé.

MEU LIMÃO

Meu limão, meu limoeiro,
Meu pé de jacarandá,
Uma vez, tindolelé
Outra vez, o timdolalá.

POBRE E RICA

Eu sou pobre, pobre, pobre
de marré, marré, marré
Eu sou pobre, pobre, pobre
de marré, deci

Eu sou rica, rica, rica
de marré, marré, marré
Eu sou rica, rica, rica
de marré, deci
Quero uma de vossas filhas
de marré, marré, marré
Quero uma de vossas filhas
de marré, deci
Escolha a que quiser
de marré, marré, marré
Escolha a que quiser
de marré, deci
Eu sou pobre, pobre, pobre
de marré, marré, marré
Eu sou pobre, pobre, pobre
de marré, deci

Eu sou rica, rica, rica
de marré, marré, marré
Eu sou rica, rica, rica
de marré, deci
Eu quero a(o) (nome da criança)
de marré, marré, marré
Eu quero a(o) (nome da criança)
de marré, deci

Que ofício darás a ela
de marré, marré, marré
Que ofício darás a ela
de marré, deci

Dou ofício de chapeleira
de marré, marré, marré
Dou ofício de chapeleira
de marré, deci

Este ofício não me agrada
de marré, marré, marré
Este ofício não me agrada
de marré, deci

Dou ofício de costureira
de marré, marré, marré
Dou ofício de costureira
de marré, deci

Este ofício já me serve
de marré, marré, marré
Este ofício já me serve
de marré, deci

Eu de pobre fiquei rica
de marré, marré, marré
Eu de pobre fiquei rica
de marré, deci

Eu de rica fiquei pobre
de marré, marré, marré
Eu de rica fiquei pobre
de marré, deci

DONA ARANHA

Dona aranha
Subiu pela parede
Veio a chuva forte
E a derrubou

Já passou a chuva
E o sol já vem surgindo
E a dona aranha
Na parede vai subindo

Ela é teimosa
E desobediente
Sobe, sobe, sobe
Nunca está contente.

A CASA

Era uma casa
muito engraçada,
não tinha teto,
não tinha nada.
Ninguém podia,
entrar nela não,
porque na casa,
não tinha chão.
Ninguém podia
dormir na rede,
porque na casa,
não tinha parede.
Ninguém podia
fazer pipi
porque penico,
não tinha ali.
Mas era feita
com muito esmero,
na Rua dos Bobos,
número zero.

ESCRAVOS DE JÔ

Escravos de Jô
Jogavam caxangá.
Tira, bota
Deixa o Zambelê ficar.
Guerreiros com guerreiros
Fazem zigue, zigue, zá
Guerreiros com guerreiros
Fazem zigue, zigue, zá.

INDIOZINHOS

1,2,3 indiozinhos
4,5,6 indiozinhos
7,8,9 indiozinhos
10 num pequeno bote.

Foram navegando pelo rio abaixo
 Quando um jacaré se aproximou
 E o pequeno bote dos indiozinhos
 Quase, quase virou.

MARCHA SOLDADO

Marcha soldado cabeça de papel
 Se não marchar direito
 Vai preso no quartel

O quartel pegou fogo
 O bombeiro deu sinal
 Acode, acode, acode,
 A bandeira nacional

MINHA VIOLA

Eu tirei um dó da minha viola
 Da minha viola eu tirei um dó
 Dormir é muito bom, é muito bom
 Dormir é muito bom, é muito bom

É bom camarada
 É bom camarada, é bom, é bom, é bom

Eu tirei um ré da minha viola
 Da minha viola eu tirei um ré
 Remar é muito bom, é muito bom
 Remar é muito bom, é muito bom

É bom camarada
 É bom camarada, é bom, é bom, é bom

Eu tirei um mi da minha viola,
 Da minha viola eu tirei um mi,
 Mingau é muito bom, é muito bom
 Mingau é muito bom, é muito bom

É bom camarada
 É bom camarada, é bom, é bom, é bom

Eu tirei um fá da minha viola
 Da minha viola eu tirei um fá
 Falar é muito bom, é muito bom
 Falar é muito bom, é muito bom

É bom camarada
É bom camarada, é bom, é bom, é bom

Eu tirei um sol da minha viola
Da minha viola eu tirei um sol
Sorrir é muito bom, muito bom
Sorrir é muito bom, muito bom

É bom camarada
É bom camarada, é bom, é bom, é bom

Eu tirei um lá da minha viola
Da minha eu tirei um lá
Lavar é muito bom
Lá é alto é muito difícil, é muito difícil

É bom camarada
É bom camarada, é bom, é bom, é bom

Eu tirei um si da minha viola
Da minha viola eu tirei um si
Silêncio é muito bom, é muito bom
Silêncio é muito bom, é bom demais

É bom camarada
É bom camarada, é bom, é bom, é bom.

CARANGUEJO

Caranguejo não é peixe,
Caranguejo peixe é,
Caranguejo só é peixe
na enchente da maré.

Palma, palma, palma!
Pé, pé, pé!
Roda, roda, roda
Caranguejo peixe é

A mulher do caranguejo
tinha um caranguejinho:
Deu no Ouro, deu na Prata,
Ficou todo douradinho!

Palma, palma, palma!
Pé, pé, pé!

façam roda minha gente
Caranguejo peixe é!

PAI FRANCISCO

Pai Francisco entrou na roda
Tocando seu violão,
Ba-lã-lão, bão-bão
Vem de lá seu delegado,
Pai Francisco foi pra prisão.
E como ele vem todo requebrado,
Parece um boneco desengonçado.
E como ele vem todo requebrado,
Parece um boneco desengonçado.

PERDI MEU GALINHO

Há três noites eu não durmo, ô Lalá
Pois perdi o meu galinho, ô Lalá.

Pobrezinho, Lalá, coitadinho, Lalá,
Eu o perdi lá no jardim.

Ele é branco e amarelo, Lalá,
Tem a crista vermelhinha, Lalá.

Bate as asas, Lalá, abre o bico, Lalá,
Ele faz qui, ri, qui, qui...

PIRULITO QUE BATE... BATE...

Pirulito que bate, bate
Pirulito que já bateu,
Quem gosta de mim é ela
Quem gosta dela sou eu.

SAMBA LÊ LÊ

Samba lê lê tá doente
Tá com a cabeça quebrada
Samba lê lê precisava
É de umas boas palmadas

Samba, samba, samba ô lê, lê
Samba, samba, samba ô lá, lá

Olhe morena bonita
Como é que se namora
Põe-se um lencinho no bolso
Com as pontinhas de fora

Samba, samba, samba ô lê, lê
Samba, samba, samba ô lá, lá

TEREZINHA DE JESUS

Terezinha de Jesus
De uma queda foi ao chão
Acudiram três cavalheiros
Todos três, de chapéu na mão

O primeiro foi seu pai
O segundo seu irmão
O terceiro foi aquele
Que a Tereza deu a mão

Da laranja quero um gomo
Do limão quero um pedaço
Da morena mais bonita
Quero um beijo e um abraço
(as crianças abraçam seus coleguinhas)

TORORÓ

Fui no Tororó
Beber água e não achei
Achei bela morena
Que no Tororó deixei
Aproveita minha gente
Que uma noite não é nada
Se não dormir agora
Dormirá de madrugada
Oh! Mariazinha
Oh! Mariazinha
Entrará na roda
Ficará sozinha

(A criança escolhida responde):
Sozinha eu não fico
Nem hei de ficar
Porque tenho (diz o nome de outra criança)
Para ser meu par.

TREM DE FERRO

O trem de ferro
Quando sai de Pernambuco
Vai fazendo fuco-fuco
Até chegar no Ceará

Rebola pai,
Rebola mãe,
Rebola filho
Eu também sou da família,
Também quero rebolar.

UM, DOIS, FEIJÃO COM ARROZ

Um, dois,
Feijão com arroz.

Três, quatro,
Tenho um prato.

Cinco, seis,
Pulo uma vez.

Sete, oito,
Como um biscoito.

Nove, dez,
Olho meus pés.

FIGURA 98 – BRINCADEIRAS DE RODA



FONTE: Disponível em: <<http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/montecristo/biblio/2008/leitura/ imagem/jovens.jpg>>. Acesso em: 12 out. 2009.

Com os diferentes ritmos e letras fáceis de gravar, as cantigas de roda possibilitam a criação e a reinvenção de novas e variadas coreografias, brincadeiras e jogos para divertir e ensinar. É importante que a criança consiga se expressar através da música e dos movimentos que a mesma provoca voluntária e involuntariamente. Por esses motivos, as cantigas de roda fortalecem os elos afetivos e culturais, estimulam a imaginação, a memória e a corporeidade.



Existem inúmeros sites na internet para você ampliar seu repertório de cantigas de roda e pesquisar mais sobre a cultura do nosso país. Sugiro que você visite os seguintes: <<http://www.mingaudigital.com.br/Musicas/>>, http://portaldoprofessor.mec.gov.br/recursos/18047/prof_gente_brasileira_p03_folguedos_dancas_e_musicas_samba_de_coco_siria_ecururu.mp3>, <<http://www.folclore.adm.br/cantigas.html>>.

FIGURA 99 – BRINCADEIRAS



FONTE: Disponível em: <<http://www.abckids.com.br/parlendas.php>>. Acesso em: 19 jan. 2011.

EM BUSCA DA RODA QUASE PERDIDA

As cantigas de roda fortalecem elos afetivos e culturais (e são uma gostosa diversão em casa). “Ciranda, cirandinha, vamos todos...” É pena, mas, cada dia menos, as crianças conjugam, cantam e dançam o verbo cirandar – desta e de qualquer outra cantiga de roda. A lista de motivos que distanciaram a cantiga e a roda das brincadeiras infantis é grande. Os edifícios e suas minúsculas áreas de lazer engoliram, literalmente, os quintais amplos nas grandes cidades. A insegurança afugentou das ruas as crianças. Ao mesmo

tempo, com velocidade espantosa, a mídia transforma em modismo musical e comportamental a dança da garrafa e outras, que, no máximo, exigem da meninada capacidade de imitação. Longe do círculo, das lendas e das cantigas de roda, os baixinhos deixam de ganhar uma grande contribuição para seu desenvolvimento social, cultural e emocional.

Ao longo da História, esse passatempo transmitiu histórias, lendas, cultura. E consolidou o vínculo afetivo de muitas gerações, que se deram as mãos, cantaram e dançaram juntas, falando a mesma linguagem, apesar da mudança dos tempos. A cantiga e a roda sempre representaram uma das sólidas pontes entre as avós e seus netos, por exemplo. Senhoras e crianças recitaram o mesmo verso, cada uma em seu tempo e, mais tarde, na mesma roda – cúmplices uma da outra. Brincando com símbolos, assumindo papéis diferentes na representação, ou simplesmente recitando um verso no centro da roda, os baixinhos “vestem” diferentes personalidades e experimentam distintas emoções – vivências que os ajudam a construir a própria identidade. No vaivém da roda, a criança vai descobrindo a harmonia dos movimentos do próprio corpo e a musicalidade de sua voz.

Arcas encantadas. De mãos dadas no círculo, ou dentro dele, as crianças têm a oportunidade de exercitar sua desenvoltura, de compartilhar alegria, afeto e aprovação dos amiguinhos. Também têm a chance de se projetar no grupo. Brincando, elas exercitam sua capacidade de socialização, habilidade necessária em qualquer ambiente que exija convivência e traquejo social. Ao longo da vida, a “roda” terá cenários bem mais amplos: a escola, o trabalho, a cidade, o país e a família que o adulto vier a formar. E embora não seja o remédio para todos os males, as cantigas de roda podem até favorecer, nessa idade, a convivência dos clubes do Bolinha e da Luluzinha, sem maiores desavenças.

De verso em verso, as músicas e as danças também mantêm vivas a história e a cultura de um determinado país ou região. É o que se vê, por exemplo, em o Peixe Vivo, canção que relata a lenda amazônica do boto, que seduzia as jovens solteiras dos povoados ribeirinhos.

Engana-se quem imaginar que as qualidades dessas ricas musiquinhas terminam por aí. Elas são fortes aliadas também na hora de ensinar a meninada a ler e a escrever. Os especialistas afirmam que a familiaridade com textos conhecidos e apreciados pelos baixinhos facilita a alfabetização. Perceber que a combinação de determinadas letrinhas resulta em cada uma das palavras do refrão de uma cantiga conhecida é muito mais gostoso e interessante do que aprender a ler e escrever palavras isoladas. Isso, dizem esses profissionais, aumenta a capacidade de compreensão da criança que, assim, tem mais possibilidades de interpretar e conhecer o mundo em que vive. As cantigas podem ser comparadas a baús que guardam diferentes tesouros. Por isso tem crescido o número de educadores e músicos que procuram recuperar a força e o brilho dessas arcas encantadas.

Renascimento. Livros que contam histórias das rodas e do folclore estão sendo reeditados e músicos como Paulo Tatit e Sandra Peres coordenam um projeto que reúne vários artistas com o objetivo de dar um ar novo às antigas cantigas. A dupla também está lançando canções inéditas na tentativa de fazer com que os pais voltem a intermediar o contato da criança com a música – algo que as cantigas de roda sempre fizeram. E que rende uma gostosa diversão em casa. Aproveite reuniões de família para lembrar velhas cantigas. Da vovó ao netinho, todos vão curtir muito.

Ensine novas músicas ao seu filho. Nas brincadeiras com os amiguinhos, ele terá prazer em ampliar o repertório da turminha – e, de quebra, terá mais facilidade para se integrar a qualquer grupo.

Estimule a criança a recontar as cenas das cantigas ou representá-las com os amiguinhos. É uma ótima maneira de ampliar sua capacidade de expressão.

As livrarias e casas de disco têm boas obras originais e composições mais modernas. Boas pedidas são os livros da coleção Lua Nova, da Editora Ática, e Arco-Íris, da Mazza Editores. Entre as gravações, vale a pena procurar pelos discos Brincadeiras de Roda, Estórias e Canções de Ninar, do selo Eldorado, e a coleção Palavra Cantada, do selo Salamandra.

Nesta rua tem um bosque – A cantiga é uma versão urbana da lenda indígena em que o chefe de uma tribo é enfeitiçado e enlouquece de paixão pelo canto do uirapuru – na verdade, a ave é uma índia que havia sido rejeitada por ele em seu amor e transformada em pássaro pelos deuses.

Peixe vivo – A cantiga se relaciona à lenda amazônica do boto que, ao cair da tarde, sai do rio e toma forma humana para beber, dançar, conversar – e seduzir – as jovens solteiras dos povoados ribeirinhos. Ao final da noite, ele retorna ao rio e à sua forma original. Assim, os filhos de mães solteiras dessas regiões são chamados de “filhos do boto”.

Pai Francisco – É o personagem central do bumba meu boi. Ele corta a língua do boi predileto do coronel para satisfazer o desejo da mulher grávida. Em seguida, é preso e só não é morto pelo milagre do boi, que volta a viver para que ele possa ganhar a liberdade.

FONTE: Revista Crescer, São Paulo, p. 80, jan. 98.

FIGURA 100 – BRINCADEIRAS



FONTE: Disponível em: <<http://www.escolaconstruir.com.br/noticia-detalle.php?id=60>>. Acesso em: 29 mar. 2011.

2.2 CANTIGAS DE NINAR

As cantigas de ninar são utilizadas para acalmar e relaxar as crianças deixando-as tranquilas, seguras, amparadas e protegidas, principalmente na hora do sono. Curtas, repetitivas e fáceis de lembrar, possuem versos rimados e melodia suave. Seus temas estão ligados ao folclore brasileiro, à cultura popular, podendo estar relacionados a fatores religiosos, ou podem representar o imaginário assustador das crianças como o papão, a bruxa, a cuca, ou ainda embaladas por questões familiares, como, por exemplo, o trabalho.

Conforme Rocha e Pires (2000, p. 152), ninar significa “fazer adormecer, acalantar”. Portanto, podemos entender que as cantigas de ninar são canções suaves, cantadas num ritmo lento para fazer dormir.

Você se lembra das cantigas de ninar que seus pais cantavam suavemente para você dormir? E você, já cantou músicas de acalanto para seus filhos ou alunos?

Essas canções foram e são muito importantes para formação musical, pois são grandes estímulos para o envolvimento da criança com a música. Na Educação Infantil, elas ajudam a estabelecer um laço afetivo entre o educador e as crianças, elas aproximam a escola do repertório familiar.

Nana, neném
Que a cuca vem pegar
Papai tá na roça
Mamãe foi cozinhar.

Tutu marambá,
Não venhas mais cá,

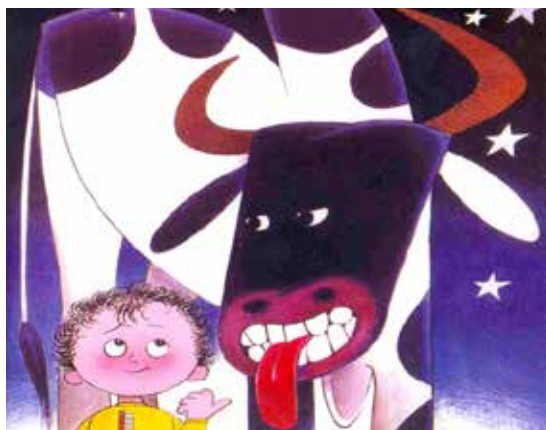
Que o pai do menino
Te manda matar.

Dorme neném,
Que a cuca logo vem
Papai está na roça,
Mamãe foi cozinhar.

Bão balalão
Senhor capitão
Espada na cinta
Ginete na mão.

Boi, boi, boi
Boi da cara preta
Pega esse menino
Que tem medo de careta.

FIGURA 101 – CANTIGAS DE NINAR



FONTE: Disponível em: <http://culturanoordestina.blogspot.com/2008/09/cantigas-de-ninar_8963.html>. Acesso em: 10 jan. 2011.

AS CANTIGAS DE NINAR

Lenise Resende

“O acalanto, canção ingênua, sobre uma melodia muito simples, com que as mães ninam os filhos, é uma das formas mais rudimentares do canto, não raro com uma letra onomatopaica (com palavras cujo som tenta imitar o que significa), de forma a favorecer a necessária monotonia, que leva a criança a adormecer.” (Renato Almeida, História da Música Brasileira).

Os acalantos ou cantigas de ninar, conhecidos em Portugal como canções de berço ou de embalar, são cantados pelas mães do mundo todo para adormecer seus filhos. Nomes das cantigas de ninar em outros países: Estados Unidos e Inglaterra (*lullaby*); Suécia (*lula*); Dinamarca (*lulle*); Holanda (*lullen*); Polônia (*kalebka*); França (*berceuse*); Itália (cantilena ou *nane*); Alemanha (*wiegezung*); Bulgária (*iulkova piesen*); Rússia (*kolybethnaia piecnh*); Japão (*komoriuta*); Chile (*rurruptas*); Espanha (*cancion de cuña*); Romênia (*cantec de legan*).

Em “Cantigas de ninar: origens remotas”, Mário Souto Maior relata: “Muito embora não se tenha conhecimento de como, quando e onde surgiu a primeira cantiga de ninar, sabemos que o poeta romano Pérsio, no primeiro século da era em que vivemos, já falava de sua existência; o mesmo acontecendo com outro poeta, Ausônio, também romano, que viveu no século IV depois de Cristo, que chegou a recomendar a Sexto Petrônio, que acostumassem seu filho a ouvir as estórias contadas por sua ama, bem como os acalantos.”

1) **Origem** - A maioria das cantigas de ninar conhecidas no Brasil tem origem portuguesa. E, em muitas delas, o menino Jesus e seus pais são citados.

- a) Calai-vos, meu menino, / que a Sra. logo vem / foi lavar os cueirinhos / à fontinha de Belém
- b) Cala, cala, meu menino, / que a mãezinha logo vem / foi lavar os cueirinhos / à fontinha de Belém.
- c) Dorme, dorme, meu menino, / que a mãezinha logo vem / foi lavar os teus paninhos, / à fontinha de Belém.
- d) Dorme filhinho, / que mãezinha logo vem, / foi lavar sua roupinha / na pocinha de Belém.
- e) Dorme filhinho, / dorme meu amor, / que a faca que corta / dá talho sem dor.
- f) Nanai, meu menino, / nanai, meu amor, / que a faca que corta / dá talho sem dor.
- g) Não chore, meu menino, / não chore, meu amor / que a faca que corta / dá golpes sem dor.
- h) O menino tem soninho, / e o seu sono não quer vir / venham os anjinhos do céu / ajudá-lo a dormir.
- i) Sra. Santana / Senhor São Joaquim / acalentai esse menino / que o sono não quer “vim”.
- j) Sra. Santana / na beira do rio / lavava os paninhos / do seu bento filho.
- k) Estava Maria / na beira do rio / lavando os paninhos / do seu bento filho.
- l) Maria lavava, / José estendia, / chorava o Menino / do frio que sentia. (in O Natal e as cantigas de ninar, Guilherme S. Neves, 1950)
- m) A Sra. lavava, / São José estendia, / o Menino chorava / do frio que fazia.
- n) Embala, José, embala / que a Sra. logo vem / foi lavar um cueirinho / no riacho de Belém.
- o) Maria e José / vão para Belém / levando o Menino / que eles querem bem.
- p) Sra. Santana / ninai minha filha / vede que lindeza / e que maravilha.

q) Sra. Santana / ninai vossa filha / enquanto ela dorme / não faz maravilha // Esta menina não / dorme na cama / dorme nos braços / de Sra. Santana. (in *Cantigas de minha infância*, Alberto Silva, 1957)

r) Menino pequeno / que dorme na cama/ dorme no regaço/ de Sra. Santana.

s) Dorme, dorme, meu filhinho / é noite, papai já veio / Teu maninho também dorme / embalado no meu seio. // Dorme, dorme, meu filhinho / que as aves já estão dormindo / E as estrelas cintilantes / lá no céu estão luzindo // Anunciando que horas / o galo cucaricou / E lá na torre da igreja / a mesma hora soou. (in *Cantigas de minha infância*, Alberto Silva, 1957)

2) **Acordei de madrugada** (*I woke up very early*) - Segundo Câmara Cascudo, é um antigo canto laudatório (que louva) português, ainda cantado no norte de Portugal, que é cantado como letra de ronda infantil no Nordeste do Brasil e Minas Gerais. Variantes da letra:

a) Acordei de madrugada, / Fui varrer a Conceição, / Encontrei Nossa Sra. / Com seu raminho na mão. // Eu lhe pedi um raminho, / Ela me disse que não, / Eu lhe tornei a pedir, / Ela me deu seu cordão. // Numa ponta Sto. Antônio, / Noutra ponta São João, / No meio Nossa Sra. / Com seu lencinho na mão. (in *Os meus brinquedos*, Figueiredo Pimentel, 1959)

b) Levantei de madrugada / Fui varrer a Conceição, / Encontrei Nossa Sra. / Com ramo d'ouro na mão. // Eu pedi-lhe o seu raminho, / Ela me disse que não, / Eu tornei a lhe pedir, / E ela me deu o seu cordão. // Sto. Antônio e São João / Desatei esse cordão / Que me deu Nossa Sra. / Com a sua branca mão. (in *Música na Escola Primária*, MEC, 1962)

c) Acordei de madrugada, / Fui varrer a Conceição, / Encontrei Nossa Sra. / Com seu raminho na mão. // Eu pedi-lhe o seu raminho, / Ela me disse que não, / Eu tornei a lhe pedir, / E ela me deu o seu cordão. // O cordão de sete voltas / Que transpassa o coração / Numa ponta tem São Pedro / Noutra ponta São João // Sto. Antônio, S. Francisco / Desatai este cordão / Que me deu Nossa Sra. / Com a sua santa mão. (in *Música na Escola Primária*, MEC, 1962)

d) Acordei de madrugada, / Fui varrer a Conceição, / Encontrei Nossa Sra. / Com seu raminho na mão. // Eu pedi-lhe o seu raminho, / Ela me disse que não, / Eu tornei a lhe pedir, / E ela me deu o seu cordão. // O cordão de sete voltas / Que trespassa o coração / O cordão de sete voltas / Que trespassa o coração // Sto. Antônio, S. Francisco, / Desatai este cordão, / Que me deu Nossa Sra. / Com a sua benta mão! (in *Villa-Lobos: Piano Music*, vol. 5, *Guia Prático I-IX*)

e) I woke up very early / to sweep the Conceição church, / and there I found Our Lady / with a little sprig in Her hand. // I asked Her for the sprig, / but She said "no"; / I asked for it again / and She gave me a cord instead. // The seven-turned cord / that binds Her heart; / the seven-turned cord / that binds Her heart. // St. Anthony, St. Francis, / please untie this cord, / which Our Lady gave me / with Her blessed hand! (in *Villa-Lobos: Piano Music*, vol. 5, *Guia Prático I-IX*)

- f) Acordei de manhã cedo, / Fui varrer a Conceição, / Encontrei Nossa Sra. / Com um raminho na mão. // Eu lhe pedi um galhinho, / Ela me disse que não / Eu lhe tornei a pedir, / Ela me deu seu cordão // Minha velha tecedeira, / Destecei este cordão / Que me deu Nossa Sra., / Virgem Mãe da Conceição. // Ela me deu um lencinho / Bordado por sua mão, / Numa ponta tem São Pedro, / Na outra tem São João, / No meio tem um letreiro / Da Virgem da Conceição. (in Acordei de manhã cedo, fui varrer a Conceição, Guilherme S. Neves, A Gazeta, Vitória, 1957)
- g) Levantei de madrugada / Fui varrer a Conceição / Encontrei Nossa Sra. / Com ramo d'ouro na mão. // Eu lhe pedi um galhinho, / Ela me disse que não; / Eu tornei a lhe pedir / Ela me deu seu cordão // Um cordão de quatro voltas / Ao redor do coração. / Lá vai ela, lá vai ela / Por detrás daquela serra. / Com sua capa amarela / Que lhe deu a Madalena, // Madalena escreveu / Uma carta a Jesus Cristo, / O portador que a levou / Foi o padre São Francisco. // Ele vai vestidinho, / Vestidinho de burel*; / Vai arreceber as chagas / Do Divino Manuel". (in Acordei de manhã cedo, fui varrer a Conceição, Guilherme S. Neves, A Gazeta, Vitória, 1957) * burel - hábito de religioso
- h) Pus-me a pé de madrugada / Fui varrer a Conceição, / Encontrei Nossa Sra. / Co'um ramo d'ouro na mão. / Eu pedi-lhe uma folhinha / Ela disse-me que não / Eu tornei-lhe a repetir ... / Ela deu-me o seu coração, / Que me dava doze voltas / Ao redor do coração, / Que me dava outras tantas / Até me chegar ao chão. // Em louvor de São Francisco / Aceitai-me este cordão. / Que me deu Nossa Sra. / Sexta-feira da Paixão, / Sábado de Aleluia, Domingo da Ressureição. (in Tradições populares de Entre-Douro-Minho, Joaquim e Fernando P. de Lima, Barcelos, 1938).
- i) Pus-me a pé de madrugada / E fui ver a Conceição / Encontrei Nossa Sra. / Com um ramo d'ouro na mão. // Eu pedi-lhe um bocadinho / E ela disse-me que não. / Eu tornei-lhe a pedir / E ela deu-me o seu cordão. // Ó Senhor Padre Francisco, / Aceite-me este cordão, / Que me deu Nossa Sra. / Sexta-feira da Paixão; / Ainda me deu mais um lenço / Bordado por sua mão; // Numa ponta tem Sta. Ana, / Noutra ponta São João, / No meio do retrato Da Virgem da Conceição. (in Tradições populares de Entre-Douro-Minho, Joaquim e Fernando P. de Lima, Barcelos, 1938).

MIDI DA CANTIGA - Acordei de madrugada

- 3) **Brasil Colônia** - No Brasil colonial, cantigas de ninar brasileiras eram cantadas pelas escravas que criavam e amamentavam as crianças.
- a) Cala a boca, iaiazinha, / que seu pai já vem já, já / foi buscar timão* de seda, / forrado de tafetá. (* timão - camisola comprida).
- b) Tutu vá s'embora / pra cima do telhado, / deixa o nhonhô / dormir sossegado. (in Achegas ao estudo do folclore brasileiro, Alfredo do V. Cabral, MEC, 1950).
- c) Boi, boi, boi / boi da cara preta / pega este menino / que tem medo de careta // Não, não, não / não coitadinho / ele está chorando / mas é tão bonitinho.

- d) Boi, boi, boi / boi da cara preta / pega este menino / que tem medo de careta
// Ele não, ele não / ele não coitadinho / ainda que chore / mas é bonitinho.
(in Cantigas de minha infância, Alberto Silva, 1957).
- e) Boi, boi, boi / boi da cara preta / vem pegá o neném / que tem medo de careta
// Não, não, não pega ele não / ele é bonitinho / ele chora coitadinho.
- f) Boi, boi, boi / boi da cara malhada / nina essa menina / que não tem medo de nada.
- g) Boi, boi, boi / boi do meu sertão / pega este menino / pra levar no teu surrão*.
(* surrão - bolsa ou saco de couro usado para guardar o farnel de pastores).
- h) Boi, boi, boi / boi do Piauí / pega este menino / que não quer dormir.

MIDI DA CANTIGA - Boi da cara preta

- 4) **Tutu** - Gerações seguidas de brasileiros foram embaladas com cantigas sobre o Tutu ou Bicho-papão, que é idêntico ao Papão e a Coca de Portugal. O Papão é um ser imaginário com que se mete medo nas crianças. A Cuca, Coca ou Coco é uma mulher feia e velha, uma bruxa, um jacaré ou coruja que assombra crianças do Brasil, Portugal, Espanha e alguns países africanos.
- a) Tutu sossegue, / vá dormir seu sono / está com medo diga / qué dinheiro tome.
- b) Ei seu, sossegue, / vá dormir seu sono / está com medo diga / qué dinheiro tome. (in Cantigas de minha infância, Alberto Silva, 1957).
- c) Tutu marambá / não venhas mais cá / que o pai do menino / te manda matar. (in Música na Escola Primária, MEC, 1962).
- d) Tutu maramabaia vai-te embora / sai de cima do telhado / deixa o menino dormir / seu soninho sossegado.
- e) Tu-tu-ru-tu-tu / lá detrás do murundu * / teu pai e tua mãe / que te comam com angu. (in Cantos populares do Brasil, Sílvio Romero) * murundu - pequeno monte, montículo.
- f) João Curutú / detrás do murundu / levai este menino / pra comer angu. (in Os meus brinquedos, Figueiredo Pimentel, 1959).
- g) Xô, xô, pavão / sai de cima do telhado / deixe meu filho dormir / seu soninho sossegado. (in Cantigas de ninar: origens remotas, Mário Souto Maior)
- h) Bicho-papão / sai de cima do telhado / deixa o menino / dormir sossegado. (in Música na Escola Primária, MEC, 1962).
- i) Vai-te papão, vai-te embora / de cima desse telhado, / deixa dormir o menino / um soninho descansado.
- j) Vai-te, coca, sai daqui / para cima do telhado / deixa o menino / dormir sossegado.
- k) Nana, neném / que a cuca vem pegar / papai tá na roça / mamãe foi cozinhar.
- l) Dorme, neném / se não a cuca vem / papai foi pra roça / mamãe logo vem. (in Geografia dos mitos do Brasil, Luís da Câmara Cascudo).

5) Caiumba

Vamos atrás da Sé / Caiumba / Em casa de sinhá Tetá / Ó, Caiumba / Ver a mulatinha / Ó, Caiumba / Da cara queimada / Ó, Caiumba / Quem foi que a queimou / Ó, Caiumba / Foi sua senhora / Ó, Caiumba / Pelos peixinhos fritos / Ó, Caiumba / Que estavam na cantareira / Ó, Caiumba / Que o gato comeu / Ó, Caiumba / Q'ê do gato? / Ó, Caiumba / Fugiu pro mato / Ó, Caiumba / Cadê o mato? / Ó, Caiumba / O fogo queimou / Ó, Caiumba / Cadê o fogo? / Ó, Caiumba / Água apagou / Ó, Caiumba / Cadê a água? / Ó, Caiumba / O boi bebeu / Ó, Caiumba / Cadê o boi? / Ó, Caiumba / Está garreando milho / Ó, Caiumba / Cadê o milho? / Ó, Caiumba / A galinha comeu / Ó, Caiumba / Cadê a galinha? / Ó, Caiumba / Está pondo ovo / Ó, Caiumba / Cadê os ovos? / Ó, Caiumba / O frade bebeu / Ó, Caiumba / Cadê o frade? / Ó, Caiumba / Está dizendo missa / Cadê a missa? / Ó, Caiumba (in *Achegas ao estudo do folclore brasileiro*, Alfredo do V. Cabral, MEC, 1950).

FONTES: DICIONÁRIO de Folclore para Estudantes. Disponível em: <<http://www.soutomaior.eti.br/mario/paginas/diconario.htm>>. Acesso em: 24 maio 2011. JANGADA Brasil. Disponível em: <<http://www.jangadabrasil.com.br/index.asp>>. Acesso em: 24 maio 2011.

ACALANTO (Dorival Caymmi)

É tão tarde, a manhã já vem / Todos dormem, a noite também
Só eu velo por você meu bem / Dorme anjo, o boi pega neném.

Lá no céu deixam de cantar / Os anjinhos foram se deitar
Mamãezinha precisa descansar / Dorme, anjo, papai vai lhe ninar.

Boi, boi, boi, boi da cara preta / Pega essa menina que tem medo de careta.

FONTE: Disponível em: <http://www.lendorelendogabi.com/musica/as_cantigas_de_ninar.htm>. Acesso em: 10 jan. 2011.

3 PARLENDAS E TRAVA-LÍNGUAS

As parlendas e os trava-línguas são vertentes do folclore brasileiro que favorecem o relacionamento social entre as **crianças**, ajudam a aumentar a concentração e a associação de palavras e frases, estimulando a criatividade, além de serem divertidas **brincadeiras**.

Os trava-línguas são parlendas que ajudam na dicção. Tanto um quanto o outro requerem habilidade ao falar, são considerados jogos verbais que fazem parte do folclore brasileiro.

FIGURA 102 – TRAVA-LÍNGUAS



FONTE: Disponível em: <<http://www.cultura.rj.gov.br/evento/a-aranha-arranha-a-jarra-a-jarra-arranha-o-trava-lingua>>. Acesso em: 29 mar. 2011.

3.1 PARLENDAS

As parlendas são versos rimados que são declamados, ao invés de cantados como as cantigas. São versos curtos e com ritmo sonoro cadenciado, que divertem, acalmam e estimulam a memória de forma divertida e lúdica. Também são conhecidas como lengalengas.

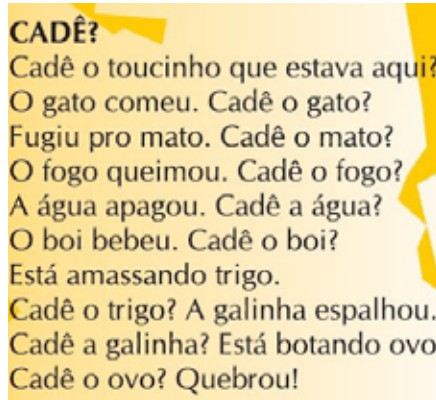
Como fazem parte da cultura popular, variam de uma região para outra, e não têm uma regra clara ou específica para serem recitadas. Por isso, é comum ouvirmos uma parlenda começar a ser recitada por uma pessoa, e no decorrer da brincadeira haver a participação de outras pessoas, ou ainda ser recitada em grupo (como um coro) ou até mesmo individualmente.

Pelo fato de terem uma sonoridade rítmica própria, o que torna a brincadeira divertida, geralmente, as crianças querem participar de forma espontânea, o que transforma a atividade num desafio pessoal, que pode ser ampliado pelo professor para trabalhar conceitos, emoções, representações populares etc. Ainda existem algumas que são acompanhadas por coreografias e incorporadas pelas crianças, o que não significa que as coreografias precisam ser sempre as mesmas, isto é, elas podem ser criadas e recriadas pelas crianças, conforme os versos da parlenda e o ritmo aplicado.

Assim como as cantigas, as parlendas são atividades lúdicas tradicionais e são passadas pelos pais, ou avós, para seus filhos ou netos – que por sua vez farão o mesmo quando tiverem seus próprios filhos.

Vejam agora alguns **exemplos de parlendas**, que provavelmente você já ouviu ou declamou, em algum momento de sua vida. Lembre-se de que você pode conhecer uma versão diferente da exposta aqui; isso servirá para ampliar seu conhecimento.

FIGURA 103 – PARLENDA



FONTE: Disponível em: <<http://mundinhodacrianca.blogspot.com/2009/08/parlendas-trava-linguas-e-versos.html>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

FIGURA 104 – PARLENDA



FONTE: Disponível em: <<http://www.diretoriodeartigos.com.br/crianças/folclore-brasileiro-que-sao-parlendas>>. Acesso em: 19 jan. 2011.

FIGURA 105 – PARLENDA



FONTE: Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/_Z6lVvGOXol/S_vVLCbcQZI/AAAAAAAADsk/NnhTLbc2zDg/s1600/Parlendas11.jpg>. Acesso em: 19 jan. 2011.

Ao trabalharmos com as parlendas estamos valorizando a tradição cultural brasileira, além de melhorar a socialização entre as crianças e ampliar o vocabulário é uma forma lúdica de aprender.

3.2 TRAVA-LÍNGUAS

Os trava-línguas são versos ou frases bem articuladas, que devem ser pronunciadas de forma rápida e em alguns casos, repetidamente, tornando quase impossível pronunciá-los sem atrapalhar-se ou sem, literalmente, travar a língua.

De acordo com a Enciclopédia *on-line* Wikipédia:

Trava-línguas é um conjunto de palavras formando uma frase que seja de difícil articulação em virtude da existência de sons que exijam movimentos seguidos da língua que não são usualmente utilizados. Os trava-línguas, além de aperfeiçoadores da pronúncia, servem para divertir e provocar disputa entre amigos. São embaraçosos, provocam risos e caçadas. (WIKIPÉDIA, 2011c).

É comum escutarmos dos participantes, nas brincadeiras de trava-línguas, o pedido de “fale bem depressa” ou “diga correndo, sem parar” ou ainda, “repita três vezes seguidas”. Esses estímulos trazem mais energia à brincadeira, pois eles precisam se manter atentos para não tropeçar nas palavras, o que de certa forma é o objetivo da brincadeira, confundir os participantes e alegrar os ouvintes.

Os trava-línguas fazem parte das manifestações orais da cultura popular, são elementos do nosso folclore, como as lendas, os acalantos, as parlendas, as adivinhas e os contos. O que faz as crianças repeti-los é o desafio de reproduzi-los sem errar. Entra aqui também a questão do ritmo, pois elas começam a perceber que, quanto mais rápido tentam dizer, maior é a chance de não concluir o trava-línguas. Esse tipo de poema pode ser um bom recurso para trabalhar a leitura oral, com o cuidado de não expor alunos com mais dificuldades. É nessa leitura que melhor se observa o efeito do trava-línguas e, dependendo da atividade, passa a ser uma brincadeira que agrada sempre. Os trava-línguas podem ainda ser escritos para criar uma coletânea de elementos do folclore e pesquisados em diferentes fontes: livros, *sites* na internet ou revistas de passatempos. (WIKIPÉDIA, 2011c).

Em sala de aula, os trava-línguas podem ser trabalhados de forma interdisciplinar, envolvendo os alunos num ambiente de alegria e aprendizagem descontraída. Os professores podem utilizá-los como recurso pedagógico com o objetivo de estimular a dicção e a oralidade, trabalhando a consciência e a intenção fonológica.

FIGURA 106 – TRAVA-LÍNGUA



FONTE: Disponível em: <<http://atividadespedagogicasprokeila.blogspot.com/2010/07/travas-linguas.html>>. Acesso em: 29 mar. 2011.

É importante, durante as atividades com trava-línguas, respeitar o ritmo de cada criança, além de ter o cuidado de não expor quem possui dificuldades na fala, como gagueira ou outro problema.

- Com a língua portuguesa, pode-se trabalhar a cultura popular coletando informações sobre folclore em *sites*, livros, revistas podendo inclusive pensar na elaboração de um livro da turma.
- As diferenças entre r e rr podem ser discutidas a partir de trava-línguas como: A aranha arranha a rã. A rã arranha a aranha. Nem a aranha arranha a rã. Nem a rã arranha a aranha., bem como trabalhar outros fonemas ajudando na consciência fonológica.
- Desenvolvimento da linguagem através dos fonemas, ritmo, pausa, gestos, entonação de voz.
- Trabalhar a criatividade criando novos trava-línguas.
- Na geografia, certos trava-línguas permitem discutir as diferenças regionais e raciais.
- Numa aula de ciências a importância de cuidar da boca e da garganta. A importância da voz, como ela nos faz falta quando estamos roucos, como o cigarro prejudica a voz, o tom de voz que usamos com o outro, como gritar pode tornar uma pessoa afônica, a importância da higiene bucal etc. Chamar um fonoaudiólogo, otorrinolaringologista e dentista para palestras, cada um com suas finalidades, seria interessante.

[...] FONTE: Disponível em: <www.psicopedagogiabrasil.com.br>. Acesso em: 24 maio 2011.

Veja a seguir alguns trava-línguas conhecidos em todo o país. É importante ressaltar que eles podem sofrer pequenas variações regionais e adaptações culturais.



Pesquise mais sobre parlendas e trava-línguas. Como sugestão para sua pesquisa visite os seguintes *sites*:

<<http://www.qdivertido.com.br/verfolclore.php?codigo=21>>

<<http://folcloreportaldoprofessor.wordpress.com/>>

<<http://www.suapesquisa.com/folclorebrasileiro/parlendas.htm>>.

LEITURA COMPLEMENTAR



A aranha arranha a rã.
A rã arranha a aranha.
Nem a aranha arranha a rã.
Nem a rã arranha a aranha.



[...]
Cinco bicas, cinco pipas, cinco bombas.
Tira da boca da bica, bota na boca da bomba.



Enquanto Orsine bala dava, o sino badalava

Se cada um vai a casa de cada um
é porque cada um quer que cada um lá vá.
Porque se cada um não fosse a casa de cada um
é porque cada um não queria que cada um fosse lá.



[...]
O rio Capibaribe foi capibarizado,
Quem capibarizou, foi o capibarizador



[...]
O doce perguntou pro doce
Qual é o doce mais doce
Que o doce de batata-doce
O doce respondeu pro doce
Que o doce mais doce que
O doce de batata-doce
É o doce de batata-doce



[...]

Farofa feita com muita farinha fofa faz uma fofoca feia



Fia, fio a fio, fino fio, frio a frio.



Não sei se é fato ou se é fita,
Não sei se é fita ou fato.
O fato é que você me fita
E fita mesmo de fato.



[...]

O café está fraco, frio, com formiga no fundo, fazendo fofoca



Gato escondido com rabo de fora
tá mais escondido que rabo escondido
com gato de fora



[...]

Nas jaulas o jaguar girando,
javalis selvagens, jararacas e jiboias gigantes.
Girafa gigantes gingando com jeito de gente.
Jacarés, jucuruxus e jabotis jejuando.



[...]

Maria-Mole é molenga, se não é molenga,
Não é Maria-Mole. É coisa malemolenta,
Nem mala, nem mola, nem Maria, nem mole.



[...]

Um ninho de mafagafos, com cinco mafagafinhos,
quem desmafagafizar os mafagafos, bom desmafagafizador será.



Um ninho de carrapatos, cheio de carrapatinhos,
qual o bom carrapateador, que o descarrapateará?



[...]

Atrás da pia tem um prato
Um pinto e um gato
Pinga a pia, apara o prato
Pia o pinto e mia o gato



[...]

O peito do pé de Pedro é preto.
Quem disser que o peito do pé de Pedro é preto,
tem o peito do pé mais preto do que o peito do pé de Pedro.



[...]

Perto daquele ripado está parlando um pardal pardo.
Pardal pardo, por que parlas?
Parlo porque sempre parlei, porque sou pardal pardo, parlador del-rei.



[...]

Num prato de prata, o padre Pedro papa o pato. Num prato de prata papa pato
o padre Pedro. O padre Pedro papa pato num prato de prata.



Um trapo num prato, um prato num trapo.
Um papo de pato num prato de prata.
Tire o papo do pato de dentro do prato.



[...]
Atrás da porta torta tem uma porca morta.



Quem a paca cara compra, paca cara pagará.



A lontra prendeu a
tromba do monstro de pedra
E a prenda de prata
de Pedro, o pedreiro.



Há quatro quadros três e três quadros quatro.
Sendo que quatro destes quadros são quadrados,
um dos quadros quatro e três dos quadros três.
Os três quadros que não são quadrados,
são dois dos quadros quatro e um dos quadros três.



[...]
Sabia que a mãe do sabiá não sabia que o sabiá sabia assobiar?



[...]
“Tem uma tatu-peba, com sete tatu-pebinha. Quem
destatupebá ela, bom destatupebador será.”



[...]

Três tigres tristes para três pratos de trigo.
Três pratos de trigo para três tigres tristes.



O tagarela tagarelador tagarelava na sua tagarelice. Se o tagarela tagarelador
não tagarelasse, não seria tagarelice.



[...]

Para ouvir o tique-taque, tique-taque, tique-taque, depois que um tique toca e
que se toca um taque.



[...]

O vento perguntou ao tempo qual é o tempo que o tempo tem. O tempo
respondeu ao vento que não tem tempo pra dizer ao vento que o tempo do
tempo é o tempo que o tempo tem.



Esta burra torta trota
Trota, trota, a burra torta.
Trinca a murta, a murta brota
Brota a murta ao pé da porta.



FONTE: Disponível em: <<http://www.psicopedagogiabrasil.com.br/travalingua.htm>>. Acesso em:
20 jan. 2011.

RESUMO DO TÓPICO 2

Neste tópico você aprendeu que:

- Ao resgatarmos as cantigas de roda na Educação Infantil, estamos valorizando a cultura popular.
- As cantigas de roda também são conhecidas como cirandas. São brincadeiras que envolvem a formação de uma roda ou outras formações.
- As cantigas de ninar são utilizadas para acalmar e relaxar as crianças deixando-as tranquilas, seguras, amparadas e protegidas, na hora do sono.
- As parlendas e os trava-línguas são vertentes do folclore brasileiro que favorecem o relacionamento social entre as **crianças**.
- As parlendas são versos rimados que são declamados pelos participantes da brincadeira.
- As parlendas são atividades lúdicas tradicionais e são passadas de geração em geração.
- Os trava-línguas são versos ou frases bem articuladas, que devem ser pronunciadas de forma rápida e repetidamente.

AUTOATIVIDADE



- 1 Como trabalhar com as cantigas na Educação Infantil?
- 2 O que são as parlendas folclóricas?

BRINCADEIRAS ANTIGAS

1 INTRODUÇÃO

Quem não se lembra das brincadeiras dos tempos de criança?

Bons tempos!, não é mesmo?

Neste tópico vamos resgatar velhas brincadeiras de infância, muitas delas ainda são conhecidas das crianças, outras já não são tão populares assim, talvez pelo excesso de brinquedos industrializados que cercam o mundo infantil, ou pela dificuldade de encontrar espaços adequados para estas atividades.

Você está convidado para viajar no tempo. Vamos!

FIGURA 107 – BRINCADEIRAS DE INFÂNCIA



FONTE: Disponível em: <<http://www.eao.org.br/>>. Acesso em: 29 mar. 2011.

2 DIVERSÃO DE ANTIGAMENTE QUE AINDA HOJE ENCANTA

Brincadeiras que divertiam antigamente e que divertem hoje fazem parte da cultura popular. As brincadeiras populares estão presentes em todos os lugares e são transmitidas de geração em geração.

Além da diversão que elas proporcionam, as brincadeiras desenvolvem a noção de espaço, de lateralidade, coordenação motora, interação com o grupo, entre outras habilidades.

Apesar de terem sido mais comuns no passado, ou em cidades do interior onde a modernidade ainda não tomou conta de todas as casas e escolas, são brincadeiras muito simples, com regras fáceis de assimilar. Essas brincadeiras trabalham conceitos e valores importantes como derrotas e vitórias, seguir regras simples e complexas, respeito pelo outro.

De acordo com Barros (2011, p. 1), “Antigamente, as crianças não tinham tantos brinquedos, com as de hoje e, por isso, tinham que usar mais a criatividade para criá-los. Usavam tocos de madeira, pedrinhas, legumes e palitos para fazer animais [...]”.

FIGURA 108 – BRINCADEIRAS ANTIGAS



FONTE: Disponível em: <<http://www.bigmae.com/brincadeiras-antigas-para-criancas/>>. Acesso em: 7 jan. 2011.

FIGURA 109 – BRINCADEIRAS ANTIGAS



FONTE: Disponível em: <<http://www.guiagratisbrasil.com/brincadeiras-antigas-para-educacao-enfantil/>>. Acesso em: 29 mar. 2011.

Melhor do que falar é brincar, então, eu dou a dica e você a coloca em prática. Vamos relembrar os velhos tempos.

AGACHA-AGACHA

Nessa brincadeira de perseguição, a criançada corre, agacha e levanta, aperfeiçoando os movimentos.

IDADE A partir de 4 anos

LOCAL Pátio ou outro espaço amplo

PARTICIPANTES No mínimo três

COMO BRINCAR Uma criança é eleita o pegador. Para não serem apanhadas, as demais fogem e se agacham. Quando o pegador consegue tocar um colega que está em pé, passa sua função a ele. Não há um vencedor. A brincadeira acaba quando as crianças se cansam.

BALANÇA-CAIXÃO

Aqui entra corrida, agacha e levanta e até um esconde-esconde. A garotada ganha agilidade e capacidade de desenvolver os movimentos.

IDADE A partir de 4 anos

LOCAL Pátio ou outro espaço amplo com lugares para servir de esconderijo

PARTICIPANTES No mínimo três

COMO BRINCAR Um integrante do grupo é escolhido o rei e se senta em uma cadeira ou em um muro baixo. Outro participante é eleito o servo. Ele se ajoelha de frente para o rei e apoia o rosto em seu colo. Os demais formam uma

fila atrás do servo, cada um apoiando a cara nas costas do companheiro da frente. Todos recitam: “Balança, caixão / Balança você / Dá um tapa nas costas / E vai se esconder”. O último da fila dá um tapa nas costas do que está na sua frente e se esconde. Uma a uma, as crianças vão repetindo essa ação até que todas estejam escondidas. É a vez, então, do servo sair à procura dos colegas. Ganha quem for pego por último. A brincadeira recomeça com a escolha de outras crianças para representar os personagens.

LEMBRETE Se o pátio da escola não oferece cantinhos para a garotada se esconder, improvise montando “trincheiras” com panos estendidos sobre cadeiras.

ELEFANTINHO COLORIDO

Azul, vermelho, verde, amarelo... Qualquer objeto com essas cores se transforma em pique. A atividade exige atenção e agilidade para correr e não ser pego.

IDADE A partir de 4 anos

LOCAL Ambiente espaçoso e colorido

PARTICIPANTES No mínimo três

COMO BRINCAR Uma criança é escolhida para comandar. Ela fica na frente das demais e diz: “Elefantinho colorido!” O grupo responde: “Que cor?” O comandante escolhe uma cor e os demais saem correndo para tocar em algo que tenha aquela tonalidade. Sorte de quem tiver a cor na roupa: já está no pique! Se o pegador encostar em uma criança antes de ela chegar à cor, é capturada. O comandante tem de escolher uma cor que não está num local de fácil acesso para dificultar o trabalho dos demais. Vence a brincadeira quem ficar por último.

ESTÁTUA

Vale fazer micagens e até cócegas em quem vira estátua. Vence quem ficar imóvel mesmo com tamanha provocação.

IDADE A partir de 4 anos

LOCAL Pátio

PARTICIPANTES No mínimo três

COMO BRINCAR Uma criança é eleita o líder. As demais andam livremente pelo pátio até que ela diga: “1, 2, 3, estátua!” Nesse momento,

elas param no lugar fazendo uma pose. O líder escolhe um colega e faz de tudo para que ele se mexa. Só não vale empurrar. Quem resistir às caretas e cócegas ficando imóvel é declarado o vencedor e assume a posição de líder.

BARRA-MANTEIGA

A molecada vai correr a valer e trabalhar com um novo conceito de equipe, já que durante a brincadeira todo mundo pode passar de um time para o outro.

IDADE A partir de 5 anos

LOCAL Pátio ou área com mais de 17 metros de comprimento

PARTICIPANTES No mínimo quatro

COMO BRINCAR Trace duas linhas paralelas distantes 15 metros (ou 15 passos) uma da outra. Atrás dessas marcações ficam as crianças, divididas em dois grupos com o mesmo número de integrantes, umas de frente para as outras. Dado o sinal, um aluno do grupo escolhido para começar vai até o limite do outro time, onde estão todos com os braços estendidos e com a palma da mão virada para cima, e recita: “Barra-manteiga / Na fuça da nega / Minha mãe / Mandou bater / Nesta daqui / Um, dois, três.” Ele bate na palma da mão de um dos colegas e foge para o seu território. O adversário tem de correr atrás dele e tentar pegá-lo. Se isso acontecer, o desafiante é incorporado à equipe adversária. Caso contrário, é a vez do desafiado fazer o mesmo com alguém do outro time. A linha nunca deve ser invadida pelo perseguidor. Caso aconteça, ele é capturado. Vence o time que ficar com mais gente.

LEMBRETE Se o número de crianças for ímpar, participe você também da atividade.

BATATA QUENTE

Para não “morrer” com a bola na mão, as crianças precisam se concentrar e coordenar os movimentos ao ritmo da fala.

IDADE A partir de 5 anos

LOCAL Pátio

MATERIAL Bola

PARTICIPANTES No mínimo três

COMO BRINCAR O grupo fica em círculo, sentado ou em pé. Uma criança fica fora da roda, de costas ou com os olhos vendados, dizendo a frase: “Batata quente, quente, quente... queimou!” Enquanto isso, os demais vão passando a bola de mão em mão até ouvirem a palavra “queimou”. Quem estiver com a bola nesse momento sai da roda. Ganha o último que sobrar.

LEMBRETE Uma opção é pedir para as crianças mudarem o ritmo com que dizem a frase. As que estão na roda têm de passar a bola de mão em mão mais rápido ou devagar, conforme a fala.

CARACOL

Essa atividade é um ensaio para a amarelinha. A meninada desenvolve o equilíbrio fazendo todo o percurso pulando com um pé só.

IDADE A partir de 5 anos

LOCAL Pátio

MATERIAL Giz para riscar o chão e pedrinhas

PARTICIPANTES No mínimo dois

COMO BRINCAR Depois de desenhado o diagrama (ao lado) no chão, as crianças determinam uma ordem entre elas. A primeira joga a sua pedrinha no número 1. O objetivo é percorrer todo o caracol pulando com um pé só em todas as casas – só não pode pisar naquela em que está a pedrinha. Quando chega ao “céu”, ela descansa e retorna da mesma maneira: pulando em cada casa até o número 1. Ela agacha, apanha a pedrinha e pula para fora do caracol. Para continuar a brincadeira, ela joga a pedrinha no número 2 e assim por diante. Ela não pode pisar ou jogar a pedrinha na risca nem atirá-la fora do diagrama. Se isso acontecer, perde a vez. Vence quem completar o percurso primeiro.

PASSA, PASSA TRÊS VEZES

Essa brincadeira é pura adivinhação. Mas, quem conhece o gosto dos legões, pode levar vantagem nessa hora.

IDADE A partir de 5 anos

LOCAL Pátio

PARTICIPANTES No mínimo cinco

COMO BRINCAR Em segredo, duas crianças definem um tema – frutas, por exemplo. Depois, escolhem qual fruta cada uma irá representar. Uma pode ser a uva e a outra a pera. Elas dão as mãos formando um túnel por onde os colegas passam, um atrás do outro, cantando: “Passa, passa três vezes / O último que ficar / Tem mulher e filhos / Que não pode sustentar”. Quando a música acaba, as duas crianças que formam o túnel abaixam os braços prendendo o colega que está passando naquele momento. Sem que os outros escutem, o que foi preso responde à pergunta: “Pera ou uva?” Depois, ele sai da fila e vai para trás do colega que representa a sua escolha. Ganha a brincadeira quem tiver mais participantes atrás de si.

LEMBRETE As crianças podem escolher, além de frutas, temas como brinquedos, cidades, cores e flores.

CABRA-CEGA*

Quem está de olhos vendados aprimora a audição. As outras crianças aprendem a cooperar quando alertam o amigo sobre os obstáculos que estão pelo caminho.

IDADE A partir de 6 anos

LOCAL Pátio pequeno e livre de objetos (para evitar acidentes)

MATERIAL Uma venda para os olhos

PARTICIPANTES No mínimo três

COMO BRINCAR A criança escolhida para ser a cabra-cega tem os olhos vendados. Os colegas, que dão as mãos formando um círculo ao redor dela, começam um diálogo com a cabra: “Cabra-cega, de onde vieste?” / “Do moinho de vento.” / “Que trouxeste?” / “Fubá e melado.” / “Dá-nos um pouquinho?” / “Não.” / “Então afasta-te.” Assim que dizem isso, as crianças da roda se espalham pelo pátio, desafiando a cabra-cega a encontrá-las. Quando a cabra consegue tocar um dos fugitivos, tira a venda e elege outro para ficar em seu lugar.

* A brincadeira também é chamada de pata-cega.

ELÁSTICO

Na altura do tornozelo, até que é fácil. Craque mesmo é quem consegue dar seus pulos quando o elástico está bem alto.

IDADE A partir de 6 anos

LOCAL Pátio

MATERIAL Um elástico de 4 metros com as pontas unidas

PARTICIPANTES No mínimo três

COMO BRINCAR Duas crianças são escaladas para segurar o elástico. Elas ficam aproximadamente 2 metros de distância uma da outra, com o elástico na altura do tornozelo e com as pernas afastadas. A criança que fica no centro do elástico tem de fazer todos os movimentos combinados com os colegas antes de iniciar a brincadeira. Pode ser pular com os dois pés em cima do elástico, com os dois pés fora dele, saltar com um pé só e depois com o outro etc. Se conseguir, ela passa para a próxima fase: executar a mesma sequência de movimentos com o elástico colocado em uma altura maior. Do tornozelo passa para a canela, depois para o joelho até chegar à coxa. Se a criança errar, troca de posição com um dos colegas que estão segurando o elástico. Ganha quem chegar mais alto sem errar.

FIGURA 110 – BRINCADEIRAS ANTIGAS



FONTE: Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/_cPEVv5nXjS4/TOLjeNdiaKI/Ag0/bUqpSmzK2KI/s1600/elastico.jpg>. Acesso em: 8 fev. 2011.

PASSA-ANEL

Uma boa capacidade de observação aliada a um palpite certo são fundamentais para se sair bem nessa divertida brincadeira.

IDADE A partir de 6 anos

LOCAL Pátio

MATERIAL Um anel

PARTICIPANTES No mínimo quatro

COMO BRINCAR Uma criança fica com o anel. As outras se sentam em um banco, uma ao lado da outra, com os braços apoiados no colo e com a palma das mãos unidas. A “dona” do anel passa suas mãos unidas entre as de seus companheiros escolhendo um deles para receber o anel. Ela repete esse movimento algumas vezes – pode até fingir que colocou nas mãos de alguém. Quando resolve parar, abre as mãos mostrando que estão vazias e pergunta para um dos participantes: “Com quem está o anel?” Se o escolhido acertar a resposta, tem direito de passar o anel. Se não, a brincadeira recomeça com o mesmo passador.

ARRANCA-RABO

Não tem nada a ver com briga, não! A turma desenvolve a agilidade e o espírito de equipe tentando puxar a fita presa na calça dos adversários.

IDADE A partir de 7 anos

LOCAL Pátio

MATERIAL Fitas de tecido ou de papel

PARTICIPANTES No mínimo quatro

COMO BRINCAR O grupo é dividido em dois. Os integrantes de um dos times penduram um pedaço de fita na parte de trás da calça ou da bermuda. Eles serão os fugitivos. Ao sinal do professor, os fugitivos correm tentando impedir que as crianças do time adversário peguem suas fitas. Quando todos os “rabos” forem arrancados, as equipes trocam de papel. Quem era pegador vira fugitivo. Ganha a equipe que demorar menos tempo para arrancar todos os “rabos”.

BANDEIRINHA*

No corre-corre para perseguir e pegar, as crianças desenvolvem a agilidade e a rapidez. E mais: se tornam ótimas estrategistas.

IDADE A partir de 7 anos

LOCAL Pátio ou quadra de voleibol

MATERIAL Duas bandeiras de cores diferentes, que podem ser garrafas PET, por exemplo.

PARTICIPANTES No mínimo quatro

COMO BRINCAR O grupo é dividido em duas equipes. Cada uma escolhe um campo e coloca a sua “bandeira” no centro da linha de fundo do campo adversário. O objetivo é recuperar a bandeira sem ser tocado. Quem for pego fica parado no lugar até que um colega de equipe se arrisque a salvá-lo. Para isso, basta tocá-lo. Assim, ele fica livre para voltar ao campo de origem ou investir mais uma vez na recuperação da bandeira. O time precisa decidir a melhor estratégia, já que se avançar no campo adversário com muitos jogadores ficará com poucos para defender o seu. * A brincadeira também é chamada de pique-bandeira, bandeira, rouba-bandeira e bimbarra.

BEIJO, ABRAÇO, APERTO DE MÃO

Surpresa total. As crianças escolhem de olhos fechados quem vão beijar ou abraçar ou de quem vão apertar a mão.

IDADE A partir de 7 anos

LOCAL Pátio

PARTICIPANTES No mínimo quatro

COMO BRINCAR As crianças ficam sentadas, uma ao lado da outra. Duas delas, eleitas para iniciar a brincadeira, ficam em frente às demais – uma delas com os olhos tapados. A que está vendo aponta para os que estão sentados e pergunta para a colega: “É esse? É esse?” Quando ela responde “sim”, vem a segunda pergunta: “O que você quer dele? Beijo, abraço ou aperto de mão?” A criança interrogada faz a sua escolha, olha para o grupo e descobre quem é. Aí é só beijar ou abraçar o colega ou apertar a mão dele.

BOCA DE FORNO

A turma tem de fazer tudo o que o mestre mandar. Quanto mais criativa a tarefa, mais divertido fica.

IDADE A partir de 7 anos

LOCAL Pátio

PARTICIPANTES No mínimo três

COMO BRINCAR Uma das crianças é escolhida para representar o mestre. A brincadeira inicia com ela dizendo: “Boca de forno”. E a turma responde: “Forno”. Ela continua: “Tirando o bolo”. E o resto diz: “Bolo”. Ela novamente: “Fareis tudo o que seu mestre mandar?” O grupo fala: “Faremos!” Nesse momento, o mestre dá uma ordem e cada um dos participantes tem de cumprir-

la. Ele pode, por exemplo, pedir aos colegas que andem até um determinado ponto e voltem pulando em um pé só ou que busquem algum objeto. O primeiro que chegar se torna o chefe e o último recebe um castigo.

CINCO-MARIAS*

De olho nos saquinhos que estão no chão e nos que são jogados para cima, a molecada ganha em concentração e trabalha a coordenação motora.

IDADE A partir de 7 anos

LOCAL Pátio

MATERIAL Cinco saquinhos recheados com areia ou arroz

PARTICIPANTES Um ou mais

COMO BRINCAR Determine a ordem dos participantes. O primeiro joga os cinco saquinhos para cima deixando-os cair aleatoriamente no chão. Na primeira fase, ele escolhe um dos saquinhos e o joga para cima. Antes de pegá-lo de volta, recolhe com a mesma mão um outro que está no chão. Em seguida, joga um dos que estão em sua mão para cima e pega um terceiro, segurando todos juntos na mesma mão. Se o saquinho que está no ar cair, a criança dá a vez para outra. O participante passa para a próxima fase se conseguir segurar todos os saquinhos. Na segunda fase, os saquinhos que estão no chão são pegos de dois em dois. O desafio aumenta na terceira fase. Agora, é preciso lançar um saquinho e pegar três. Depois, jogar um que está na mão e pegar o restante. Na quarta fase, a criança forma com o polegar e o indicador de uma das mãos uma trave de futebol. Com a outra, joga um saquinho para o alto e empurra outro para dentro desse gol antes de pegar o que está no ar. A criança tem de fazer quatro gols em quatro tentativas. A última fase determina os pontos de cada criança. Ela lança os cinco saquinhos ao ar e tenta pegar o máximo possível com as costas da mão. Quantos ficarem em sua mão será o número de pontos.

* A brincadeira também é chamada de jogo das pedrinhas.

FIGURA 111 – SAQUINHOS COM CINCO MARIAS



FONTE: MEDEIROS, A. disponível em: <<http://www.clubedeartesanato.com.br/trabalhos-amigo.aspx?id=16737>>. Acesso em: 7 fev. 2011.

QUEIMADA*

A atividade desenvolve a agilidade corporal. Afinal, é preciso se safar das boladas para não sair do jogo. De quebra, a garotada fica boa de mira para acertar o adversário.

IDADE A partir de 7 anos

LOCAL Pátio ou quadra de voleibol

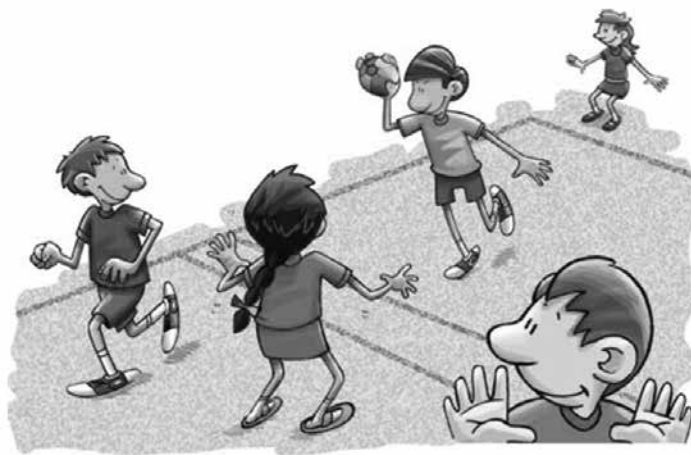
MATERIAL Bola

PARTICIPANTES No mínimo quatro

COMO BRINCAR O grupo é dividido em duas equipes, cada uma com o seu campo. Decide-se quem começa com a bola. O objetivo é acertar um participante do time adversário e eliminá-lo. Se a criança conseguir pegar a bola, tem o direito de atirá-la em um jogador da outra equipe. Ganha o time que eliminar todos os participantes da equipe concorrente.

* A brincadeira também é chamada de queima.

FIGURA 112 – QUEIMADA



FONTE: JOGOS e brincadeiras antigas. Disponível em: <<http://multiplicandosaberessatravesdaticas.pbworks.com/w/page/21918699/PROJETO:JOGOS-e-BRINCADEIRAS-de-ANTIGAMENTE>>. Acesso em: 8 jan. 2011.

CORRIDA DE SACO*

Ganha quem chegar mais rápido, mas nessa corrida ninguém estica as pernas em grandes passadas. A garotada sua mesmo, dando pulos feito canguru.

IDADE A partir de 7 anos

LOCAL Pátio ou área livre com cerca de 20 metros

MATERIAL Sacos de farinha ou de batatas

PARTICIPANTES No mínimo quatro

COMO BRINCAR A turma é dividida em equipes. São traçadas duas linhas paralelas com cerca de 18 metros de distância uma da outra. Uma será a marca da partida e a outra da chegada. Cada time recebe um saco. O primeiro corredor “veste” o saco e o segura com as mãos na altura da cintura. Ao sinal de partida, ele sai pulando até a marcação oposta e volta, também pulando. Em seguida, tira o saco e o entrega ao segundo participante. O jogo prossegue assim até que todos os integrantes de uma das equipes completem o percurso e vençam a competição.

* A brincadeira também é chamada de corrida do canguru.

FIGURA 113 – CORRIDA DE SACO



FONTE: Disponível em: <<http://batuquedogato.sites.uol.com.br/brincadeiras/roteiro.htm>>. Acesso em: 7 jan. 2011.

PEGA-PEGA

A meninada vai precisar de fôlego e agilidade para correr do pegador. Para variar, quem for pego também começa a correr atrás dos colegas.

IDADE A partir de 7 anos

LOCAL Pátio

PARTICIPANTES No mínimo três

COMO BRINCAR Uma criança é escolhida para ser o pegador. A turma se dispersa e ela corre atrás dos colegas tentando tocá-los. Se encostar a mão em alguém, esse será o novo pegador. Há algumas variações possíveis. Exemplos: a criança tocada tem de dizer o nome de um colega, que será o novo pegador; e as crianças pegas passam a pegar os colegas também, só que mantendo uma mão no lugar onde foram tocadas.

FIGURA 114 – PEGA-PEGA



FONTE: Disponível em: <<http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://2.bp.caag.blogspot.com>>. Acesso em: 8 fev. 2011.

QUENTE OU FRIO*

Atenção e concentração nas pistas. Só assim a criança encontra o local que os colegas transformaram em esconderijo.

IDADE A partir de 7 anos

LOCAL Pátio

MATERIAL Qualquer objeto

PARTICIPANTES No mínimo dois

COMO BRINCAR Os alunos escolhem um colega que se afasta enquanto eles escondem um objeto. A criança é chamada de volta e a turma começa a dar pistas sobre onde está ele. Quando ela se afasta do esconderijo, o grupo diz: “Está frio” ou “Está gelado” (se ela estiver bem longe). Quando se aproxima, a criança sinaliza falando: “Está quente” ou “Está pelando” (caso esteja muito perto). Quando ela encontra o objeto, o grupo grita: “Pegou!”

* A brincadeira também é chamada de peia-quente.

MÃE DA RUA

Nessa brincadeira de perseguição, a turma desenvolve o equilíbrio e ganha rapidez, fugindo do pegador com uma perna só.

IDADE A partir de 8 anos

LOCAL Pátio ou área com cerca de 6 metros

MATERIAL Giz

PARTICIPANTES No mínimo três

COMO BRINCAR São traçadas no chão duas linhas paralelas e distantes uma da outra cerca de 4 metros (ou 4 passos). O grupo se divide em dois lados, deixando na área central apenas uma criança, a “mãe da rua”. As demais devem atravessar a “rua” pulando em uma perna. Nesse momento, a “mãe da rua”, que corre com as duas pernas, deve pegá-la. Se ela conseguir, essa criança passa a ajudá-la a capturar os outros que tentam passar de um lado para o outro. Vence quem ficar por último sem ser pego.

CORDA

As crianças não param com os pés no chão com essa série de brincadeiras que desenvolve o ritmo e a capacidade aeróbica.

IDADE A partir de 8 anos

LOCAL Pátio

MATERIAL Corda de sisal, náilon ou elástico com aproximadamente 4 metros de comprimento

PARTICIPANTES No mínimo dois (se uma ponta da corda ficar amarrada).

COMO BRINCAR **Aumenta-aumenta:** duas crianças seguram a corda pelas pontas bem próxima ao chão e as outras pulam. A altura da corda vai aumentando aos poucos. A brincadeira termina quando resta apenas um participante capaz de pular a corda àquela altura. **Chicotinho queimado:** o grupo se organiza em um círculo e uma criança fica no centro segurando a corda por uma das pontas. Ela gira a corda rente ao chão e as outras pulam. Vence quem nunca for tocado pela corda. **Zerinho:** duas crianças batem a corda. O objetivo dos outros participantes é passar pela corda sem esbarrar nela calculando a altura e a velocidade ideais. **Foguinho:** duas crianças começam batendo corda em um ritmo e, aos poucos, aumentam a velocidade. Termina quando a criança esbarrar na corda. **Pular corda:** se a criança não sabe começar a pular com a corda já em movimento, peça para ela se posicionar ao lado da corda, rente ao chão, e só então os colegas começam a bater. Para entrar na brincadeira com a corda em movimento, é preciso esperar que ela fique no alto. A brincadeira fica mais divertida se a garotada marcar o ritmo e o tempo com ladainhas como essas: “Salada, saladinha / Bem temperadinha / Sal, pimenta, salsa e cebolinha / É um, é dois, é três”; “Abacaxi-xi-xi / Quem não entra / É um saci / Beterraba-raba-raba / Quem não sai é uma diaba”; “Um homem bateu à minha porta / E eu abri / Senhoras e senhores / Dá uma voltinha (e a criança, dentro da corda, dá uma volta) / Senhoras e senhores / Pule num pé só (e a criança, dentro da corda, pula com um pé só) / Senhoras e senhores / Põe a mão no chão (e a criança, dentro da corda, põe a mão no chão) / E vai para o olho da rua” (e a criança tem de “sair” da corda).

FONTE: REVISTA Nova Escola. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/4-a-6-anos/diversao-antigamente-ainda-hoje-encanta-422969.shtml>>. Acesso em: 6 jan. 2011.

FIGURA 115 – CORDA



FONTE: Disponível em: <http://www.wallstreetfitness.com.br/imgs/Fotos/pular_corda_exercicio_simples_que_motiva_as_crianças.jpg>. Acesso em: 19 jan. 2011.

Com a correria do dia a dia, as pessoas estão esquecendo coisas simples e que podem lhes proporcionar muito alegria e diversão, “BRINCAR”. Os pais não encontram tempo para brincar com os(as) filhos(as), já os adultos entendem que brincar é coisa de criança e acabam deixando de lado esse hábito e, nas escolas, com a preocupação constante em vencer currículos quantitativos, perdem a oportunidade de resgatar momentos de vivências únicas, onde o principal objetivo deve ser o “prazer de brincar”. Veja um exemplo claro disso em reportagem a seguir do Click RBS, postada em 23 de maio de 2009.

FIGURA 116 – BRINCADEIRAS



FONTE: OBRA de Ivan Cruz. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=9110>>. Acesso em: 6 fev. 2011.

LEITURA COMPLEMENTAR

BRINCADEIRAS ANTIGAS PARA INTEGRAR

23 Maio 2009



(Fotos: divulgação Feevale)

Taco, bilboquê, bola de gude, pipa, cama de gato, cinco-marias, cabo de guerra, além de carrinhos de lomba são brincadeiras antigas que podem unir pais e filhos.

No mês passado, durante o Circuito Esportivo da Escola de Aplicação famílias se juntaram para relembrar a diversão de brinquedos que eram usados há mais de 20 anos.

Taco, bilboquê, bola de gude, pipa, cama de gato, cinco-marias, cabo de guerra, além de carrinhos de lomba são brincadeiras antigas que podem unir pais e filhos.

No mês passado, durante o Circuito Esportivo da Escola de Aplicação famílias se juntaram para relembrar a diversão de brinquedos que eram usados há mais de 20 anos.



Renan Koche, 35 anos, gerente de operações, se divertiu muito com suas duas filhas, Ana Clara, sete anos, e Beatriz, quatro anos.

- Acho fantástico aproximar das crianças coisas que elas nem imaginavam que existissem. É bacana a iniciativa – disse o pai das meninas que, quando criança, gostava de andar de perna de pau, jogar futebol e bola de gude. A filha Ana gostou muito da cama elástica e, segundo ela, achou “muito legal brincar com o pai”.

Teve até filho grande que veio com o pai para brincar. Raquel Reckziegel, 19 anos, estudante de Jornalismo, não perdeu a oportunidade de jogar taco com o pai, o contador Sérgio Reckziegel, de 50 anos.

- Fiquei sabendo das brincadeiras porque minha irmã estuda aqui na escola. Como não tenho tempo de fazer atividades físicas, quis vir para matar a saudade, lembrar o que eu gostava de brincar – contou a jovem, entre uma partida de taco e outra.

O pai estava tão animado quanto a filha, pois, segundo ele, “essas brincadeiras são muito divertidas, especialmente para os pais se mexerem um pouco”.

Para o professor Tiago de Carvalho Leite, um dos organizadores do evento, o objetivo foi alcançado.

- Hoje vemos o filho sentado na frente do computador, em fins de semana, e os pais em casa, perdendo a oportunidade de se aproximar mais das crianças – afirma e acrescenta que os pais têm condições de resgatar essas brincadeiras antigas, valorizando sua própria infância e fazendo uma troca com seus filhos. [...]





RESUMO DO TÓPICO 3

Neste tópico você estudou que:

- As brincadeiras do passado estão sendo resgatadas atualmente.
- As brincadeiras que divertiam antigamente e que divertem ainda hoje fazem parte da cultura popular.
- As brincadeiras desenvolvem a noção de espaço, de lateralidade, coordenação motora, interação com o grupo, entre outras habilidades.

AUTOATIVIDADE



Descreva duas brincadeiras que você brincava quando pequeno(a). A primeira deve ser uma brincadeira que atualmente ainda esteja presente entre as opções das crianças; a segunda deve ser uma brincadeira que era comum antigamente, mas que hoje é desconhecida. Importante: deve ser uma brincadeira que não foi citada no Tópico 3.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. Ludicidade como instrumento pedagógico. Disponível em: <<http://www.cdof.com.br/recrea22.htm>>. Acesso em: 19 fev. 2006.

_____. Ludicidade como instrumento pedagógico. Disponível em: <<http://www.legadoludico.com/artigos/lip.htm>>. Acesso em: 4 jan. 2011.

ALMEIDA, P. N. de. **Educação lúdica: técnicas e jogos**. São Paulo: Loyola, 1990.

_____. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

BALDUS, H. **Ensaio de etnologia brasileira**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

BARROS, J. de. Disponível em: <<http://www/educador.brasilecola.com/orientacoes/dez-jogos-brincadeiras-para-educacao-infantil.htm>>. Acesso em: 18 dez. 2010.

_____. Resgatando brincadeiras antigas. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/dia-das-criancas/resgatando-brincadeiras-antigas.htm>>. Acesso em: 7 jan. 2011.

BEZERRA, E. A. **Por que trabalhar o lúdico na Educação Infantil**. Publicado em 7 dez. 2007. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/2985/1/Porque-Trabalhar-O-Ludico-Na-Educacao-Infantil/pagina1.html>>. Acesso em: 11 jan. 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. v.1.

_____. Ministério da Educação. **Múltiplas inteligências na prática escolar**. Brasília: MEC, 1999. Cadernos da TV Escola.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. 3. ed. 1997. Brasília: MEC/SEF, 2001. v. 6.

BRÉSCIA, V. L. P. **Educação musical: bases psicológicas e ação preventiva**. São Paulo: Átomo, 2003.

BRINQUEDOS musicais. Revista trocando idéias: educação de crianças, n. 55, 2000.

BRITO, T. A. de. **Música na Educação Infantil**: propostas para a formação integral da criança. São Paulo: Fundação Petrópolis, 2003.

BROUGERE, G. **Brinquedo e Cultura**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

CAMPBELL, L.; CAMPBELL, B.; DICKINSON, D. **Ensino e aprendizagem por meio das Inteligências Múltiplas**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CARDOSO, E. S. Espaços lúdicos: criatividade para organizar sua sala de aula. **Revista Criar**, São Paulo, ano 1, n. 4, p. 14-17, jul./ago. 2005.

CHAPARÈDE, E. **Psicologia da criança e pedagogia experimental**. São Paulo: Do Brasil, 1956.

COELHO, M. T. de; WOIDA R. de C. T. C.; FRAGA, V. B. de. **Brincando e aprendendo com oficinas ludopedagógicas**. São Paulo: Papirus, 2007.

CREPALDI, R. O educador que brinca. **Revista Criar**, São Paulo, ano 1, n. 4, p.10-12, jul./ago. 2005.

CUNHA, S. R. V. da. **Cor, som e movimento**: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2002.

CURY, A. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DIVERSÃO de antigamente que ainda hoje encanta. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/4-a-6-anos/diversao-antigamente-ainda-hoje-encanta-422969.shtml>>. Acesso em: 06 Janeiro 2011>. Acesso em: 24 maio 2011.

FARIA, F. O brinquedo certo para cada idade. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/0-a-3-anos/brinquedo-certo-para-cada-idade-mobile-fantoches-carrinhos-caixas-mordedores-creche-535400.shtml?>>>. Acesso em: 6 jan. 2011.

FRIEDERICHS, L. L. O brincar através dos tempos. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/tramse/tridi/2006/08/o-brncar-atravs-dos-tempos.html>>. Acesso em: 15 dez. 2010.

FRUET, H. Descobrir sons. **Revista Nova Escola**, São Paulo, abr. 2006. Edição especial.

GAINZA, V. H. de. **Estudos de psicopedagogia musical**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1988.

GAMA, M. C. S. S. A teoria das inteligências e suas implicações para a educação. Disponível em: <[http://proa virtualg62.pbworks.com/w/page/18677566/A-Teoria](http://proa.virtualg62.pbworks.com/w/page/18677566/A-Teoria)>. Acesso em: 18 jan. 2011.

GARDNER, H. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

GARIBA, C. M. S. Dança escolar: uma linguagem possível na educação física. **Revista Digital**, Buenos Aires, ano 10, n. 85, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd85/danca.htm>>. Acesso em: 5 dez. 2010.

GUINLE, S. Disponível em: <<http://www.sandraguinle.com.br/brincadeiras.php?sessao=Brincadeiras>>. Acesso em: 7 jan. 2010.

GURGEL, T. Brincando com regras. **Revista Nova Escola**, São Paulo, ano XXI, n.198, p.72-73, abr./ago. 2006.

_____. O corpo como um instrumento musical. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/arte/pratica-pedagogica/corpo-musical-429664.shtml>>. Acesso em: 12 jan. 2011.

HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

INTELIGÊNCIA musical. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/6198/1/As-Multiplas-Inteligencias-E-Inteligencia-Musical/pagina1.html#ixzz1BQKHDsXF>>. Acesso em: 17 jan. 2011.

JACQUIM, Guy. **A educação pelo jogo**. São Paulo: Flamboyant, 1963.

JEANDOT, N. **Explorando o universo da música**. São Paulo: Scipione, 1993.

JOGOS para aprender a ganhar e perder. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/educacao-infantil/4-a-6-anos/jogos-criancas-aprendem-ganhar-perder-faz-parte-vida-613001.shtml>>. Acesso em: 6 jan. 2011.

KISHIMOTO, T. M. **Jogos tradicionais infantis: o jogo, a criança e a educação**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

LA TAILLE, Y. de (org.). **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. 17. ed. São Paulo: Summus, 1992.

LAGINSKI, F. A importância da música na educação. Disponível em: <<http://www.parana-online.com.br/editoria/almanaque/news/320514/>>. Acesso em: 15 out. 2008.

LIMA, E.C. de A. S. **A utilização do jogo na pré-escola**. São Paulo: FDE, 1992.

LIMA, J. **As atividades lúdicas na minha experiência de vida**. Bahia: UFBA, 1999. Disponível em: <http://www3.faced.ufba.br/rascunho_digital/textos/507.htm>. Acesso em: 5 jul. 2007.

LINGUAGEM do corpo. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/arte/praticapedagogica/linguagem-corpo-429693.shtml>>. Acesso em: 14 jan. 2011.

MÁRSICO, L. O. **A criança e a música: um estudo de como se processa o desenvolvimento musical da criança**. Porto Alegre; Rio de Janeiro: Globo, 1982.

MENDES, E. Magia da voz. Disponível em: <http://www.institutomvc.com.br/costacurta/arteu01_magiavoz.htm>. Acesso em: 18 jan. 2011.

MUKHINA, V. **Psicologia da idade pré-escolar**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MUTSCHELE, M. S. **Problemas de aprendizagem da criança: causas físicas, sensoriais, neurológicas, emocionais, sociais e ambientais**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

NASCIMENTO, S. K. do. Brinquedoteca na escola especial. **Revista Criar**, São Paulo, ano 2, n.11, p. 28-29, set./out. 2006.

NEGRINE, A. S. Aprendizagem e desenvolvimento infantil a partir da perspectiva lúdica. **Revista Perfil**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 4-12, 1997.

NICOLAU, M. L. M. **A educação pré-escolar: fundamentos e didática**. São Paulo: Ática, 2003.

NOGUEIRA, M. A. A música e o desenvolvimento da criança. **Revista da UFG**, Goiânia, ano VI, n. 2, dez. 2004.

ONGARO, C. F.; SILVA, C. S.; RICCI, S. M. **A importância da música na aprendizagem**. São Paulo: UNIMEO/CETESOP, 2006.

- PAROLIN, I. O afeto na Educação Infantil. **Revista Criar**, São Paulo, ano 1, n. 5, p.18-19, set./out. 2005.
- PIAGET, J. **Formação do símbolo na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- PINKER, S. **Como a mente funciona**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- RIZZI, L.; HAYDT, R. C. **Atividades lúdicas na educação da criança**. São Paulo: Ática, 2001.
- ROCHA, R.; PIRES, H. da S. **Minidicionário Enciclopédico Escolar Ruth Rocha**. São Paulo: Scipione, 2000.
- ROSSINI, M. A. S. **Pedagogia afetiva**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- SALTINI, C. J. P. **Afetividade e inteligência**. Rio de Janeiro: DPA, 1997.
- SAKAI, F. A. Cantando as histórias que corporificamos. In: Convenção Brasil Latino-América, Congresso Brasileiro e Encontro Paranaense de Psicoterapias Corporais. 1, 4., 9., Foz do Iguaçu. **Anais...** Centro Reichiano, 2004. CD-ROM.
- SANTOS, S. M. P. dos (org.). **Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SILVA, L. L. F. da. Música na Infância. **Revista de Música culta: FILO Música**, Lisboa, n. 78, nov. 2006.
- TOQUINHO. Disponível em: <<http://toquinho.musicas.mus.br/letras/>>. Acesso em: 10 jan. 2011.
- TUNES, S. Grandes talentos. **Revista Nova Escola**, São Paulo, n. 9, p. 22-23, abr. 2006. Edição especial.
- WAJSKOP, G. **Brincar na pré-escola**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.
- WEIGEL, A. M. G. **Brincando de música: experiências com sons, ritmos, música e movimentos na Pré-Escola**. Porto Alegre: Kuarup, 1988.
- WIKIPÉDIA. Música. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%BAsica>>. Acesso em: 28 dez. 2010.
- _____. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Voz_humana>. Acesso em: 10 jan. 2011a.

_____. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cantiga_de_roda>. Acesso em: 24 jan. 2011b.

_____. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Trava-l%C3%ADnguas>>. Acesso em: 20 jan. 2011c.

ZAGURY, T. **Limites sem trauma**. 72. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

ZAMPRONHA, M. de L. S. **Da música, seus usos e recursos**. São Paulo: UNESP, 2002.